Valérie Ganem
(Org)

EM BUSCA DA LIBERDADE

Estudo de ligações entre herança da escravidão, família e trabalho no Brasil

Emilli Azevedo
Evaldo Cesar Cavalcante Rodrigues
Lúcia Helena de Oliveira Neves
Ivete de Souza Yavo
Everton Santana de Souza
Lucineide Santiago de Souza
André Santiago de Jesus
Martha Veras Rodrigues

Editora Poisson

Valérie Ganem (Organizadora)
Emilli Azevedo
Evaldo Cesar Cavalcante Rodrigues
Lúcia Helena de Oliveira Neves
Ivete de Souza Yavo
Everton Santana de Souza
Lucineide Santiago de Souza
André Santiago de Jesus
Martha Veras Rodrigues

Em busca da liberdade

Estudo de ligações entre herança da escravidão, família e trabalho no Brasil

1ª Edição

Belo Horizonte
Editora Poisson
2024

Editor Chefe: Dr. Darly Fernando Andrade

Conselho Editorial

Dr. Antônio Artur de Souza – Universidade Federal de Minas Gerais
Ms. Davilson Eduardo Andrade
Dra. Elizângela de Jesus Oliveira – Universidade Federal do Amazonas
Msc. Fabiane dos Santos
Dr. José Eduardo Ferreira Lopes – Universidade Federal de Uberlândia
Dr. Otaviano Francisco Neves – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Dr. Luiz Cláudio de Lima – Universidade FUMEC
Dr. Nelson Ferreira Filho – Faculdades Kennedy
Ms. Valdiney Alves de Oliveira – Universidade Federal de Uberlândia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E82
Em busca da liberdade: Estudo de ligações entre herança da escravidão, família e trabalho no Brasil / Organização: Valérie Ganem et al. – Belo Horizonte – MG: Editora Poisson,2024

Formato: PDF
ISBN: 978-65-5866-359-1
DOI: 10.36229/978-65-5866-359-1
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia

1.Ciências Sociais 2. Sociedade 3. Ciências Humanas I. GANEM, Valérie et. al II.Título

CDD-300

Sônia Márcia Soares de Moura – CRB 6/1896

Tradução: Hélio da Costa

CO-AUTORES:

"Os coautores desse livro podem ser participantes da pesquisa ou ter contribuído duma forma ou de outra para a realização dessa pesquisa, indicando pessoas, fazendo transcrição, discutindo seus resultados. Por isso, foi utilizado a terceira pessoa do singular."

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos seus respectivos autores.

O conteúdo deste livro está licenciado sob a Licença de Atribuição Creative Commons 4.0.
Com ela é permitido compartilhar o livro, devendo ser dado o devido crédito, não podendo ser utilizado para fins comerciais e nem ser alterada.

www.poisson.com.br
contato@poisson.com.br

Organizadora

Valerie Ganem

Mestre em sociologia e psicologia do trabalho. Doutoranda em psicologia, orientada por Christophe Dejours. Está habilitada à orientar teses e atualmente é Mestra de conferência titular à Universidade Sorbonne Paris Nord, Unidade Transversal de Pesquisa em Psicogênese e Psicopatologia (UTRPP), (EA 4403), F- 93430, Villetaneuse, France. Associada à Universidade Paris 5-Descartes, Sorbonne Paris Cité, Psicologia Clinica, Psicopatologia, Psicanalise (PCPP), (EA 4056) THEMA " Sociedade, Violência, Trabalho " - 92774 Boulogne - Billancourt, France. No âmbito de suas pesquisas sobre a relação subjetiva ao trabalho em Guadeloupe-Caribe, pode colocar em evidência uma estratégia de defesa coletiva, jamais descrita até o dia de hoje, que passa pela resistência e pela desobediência ao trabalho assalariado. A particularidade desta estratégia coletiva de defesa é que se mostra transversal às profissões e ao gênero, contrariamente às estratégias analisadas previamente por sua equipe no Laboratorio de Psicologia do Trabalho e da atuação do C.N.A.M dirigido por C. Dejours. Foi, deste modo, levada à estudar as relações entre adultos e crianças, no seio das famílias daqueles que tinham participado de suas primeiras enquetes coletivas sobre o trabalho. Esta investigação lhe permitiu propor um novo conceito que qualificou pelos termos de Atribuição da cor da pele. O processo psicológico assim descrito possui similaridade com aquele da atribuição do Gênero, descrito precedentemente por J. Laplanche. Esse processo de atribuição se mostraria polimórfico: ele abrangeria tanto o gênero quanto a cor da pele e poderia exercer um papel determinante na percepção e na experiência de uma "condição", no sentido Gestalt social, e de maneira geral, ele não seria sem consequência para as experiências de relações de dominação, no trabalho em particular. Através desse processo, os adultos contribuiriam, na verdade, para a reprodução das relações de dominações presentes na sociedade. Hoje, Ganem, acabou uma pesquisa comparativa entre Guadeloupe e Brasil afim de estabelecer que há uma ligação entre uma situação histórica como aqui a escravidão, " A situação antropológica fundamental " no sentido de Jean Laplanche e a relação subjetiva atual ao trabalho e a dominação. Por isso ela criou uma metodologia especifica chamada “histórico-clínica”. Paralelamente a isso, ela perseguiu, desde o início, pesquisas em psicopatologia e psicodinâmica do trabalho, as quais ela procura colocar à serviço da ciência da gestão e medicina do trabalho. Desde 2016, ela empreende também uma pesquisa comparativa entre França e Brasil sobre o tema da saúde, do trabalho e da migração. Ministra aulas de psicologia do trabalho aos estudantes de Gestão de Recursos Humanos, aos estudantes de psicologia em nível master da Sorbonne Paris Nord e aos estudantes em psicologia do trabalho em nível master no Conservatoire National des Arts et Métiers. No Brasil, ensinou também para estudantes da faculdade de tecnologia da UnB, para estudantes de pós-graduação em educação e psicologia da UCB e para estudantes de graduação e pós-graduação em ciências da saúde da UnB. Ela estará como professora visitante na UNB durante o ano 2024.

Prefácio

A escravidão como um dos fenômenos que marcaram a história da humanidade deixou marcas nas condutas dos descendentes de suas vítimas, que de uma maneira ou de outra se refletem inconscientemente em suas vidas atuais. Sabemos que na antiguidade clássica, os gregos e os romanos escravizavam seus prisioneiros de guerra; os árabes escravizaram os eslavos antes de se lançarem no tráfico humano dos negros africanos que foram escravizados nos países asiáticos como a Índia, Sri Lanka, China, entre outros, dando origem a uma escravidão racial (cf.Lewis, Bernad. Race et couleur en pays d´Islam. Paris: Payot, 1982). Algumas sociedades africanas praticaram também outras formas de escravidão que nada ou pouco tinham a ver com a exploração capitalista do trabalho humano acompanhado de violência e desumanização (Cf. Meillassoux, Claude. L´esclavage en Afrique Pré-Coloniale. Paris: Maspero, 1975. – Lovejoy, Paul. A escravidão na África: uma história de suas transformações. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.) Somadas, todas essas formas de escravidão marcaram durante muitos séculos as condutas e os comportamentos das vítimas e de seus descendentes, cujas memórias se apagaram na noite dos tempos.

No entanto, as memórias do tráfico transatlântico e consequentemente da escravização dos negros africanos nas Américas e no Caribe ainda estão vivas, tanto nas historiografias coloniais e pós-coloniais, como nas narrativas orais cada vez mais escavadas nos trabalhos etnohistóricos e antropológicos que utilizam a oralidade e a memória coletiva como fonte histórica. Em alguns países da América dita Latina como o Brasil, se fala ainda da resistência da Casa Grande e Senzala e da luta para a segunda e verdadeira abolição da escravatura. Em muitos desses países, se travaram debates nacionais desde o encerramento dos trabalhos da terceira conferência mundial da ONU contra o racismo, a discriminação, a xenofobia e as formas correlatas da intolerância, organizada em Durban, África do Sul, em agosto/setembro de 2001, para implementar políticas afirmativas de inclusão das populações negras e originárias no ensino superior visando a erradicação das desigualdades raciais entre brancos e não brancos.

O livro “Em busca da Liberdade” de autoria de Valérie Ganem, como o próprio título o sugere, discorre sobre a luta dos negros e das negras para se libertarem das amarras inconscientes da escravidão em seus comportamentos. Numa perspectiva comparativa entre Guadalupe e o Brasil, dois países da diáspora negra, resultantes de dois modelos de escravidão e colonização diferentes, o francês e o português, ela parte da observação de que “existem incidências de herança da escravatura transatlântica nas condutas atuais dos(as) trabalhadore(a)s em Guadalupe e no Brasil. Essas condutas se configuram como estratégias de defesa coletivas que se manifestam, em

Guadalupe, de resiliência traduzidas pela desobediência e resistência ao trabalho assalariado. A tese defendida pela pesquisadora Valérie é a de que “esse comportamento de insubordinação teria sido herdado de seus ancestrais escravizados”.

Os exemplos pululam que mostram que essa resistência começou a bordo dos tumbeiros, onde já existiam capelas para convertê-los ao cristianismo de acordo com as recomendações do Vaticano. Fala-se de algumas formas de revolta, de afogamentos voluntários de alguns e algumas na travessia do Atlântico para não aceitar os tratamentos de violência e de humilhação aos quais foram submetidos. Uma vez chegado à terra de destino, continuaram a cultuar clandestinamente seus deuses e suas deusas; houve envenenamentos dos mestres e casos de outros que morreram de “Banzo” (tristeza). Mais tarde vieram as grandes revoltas e rebeliões organizadas em várias colônias que minaram os regimes escravistas e desembocaram na abolição dos regimes escravistas, alguns mais cedo e outros mais tarde como o caso do Brasil que foi o último país das Américas a abolir a escravidão. Foram formas de comportamentos diferentes em defesa da liberdade e da dignidade humana ao custo de perdas de milhares de vidas humanas.

Depois da abolição da escravatura, as relações entre “Mestre” e “Escravo” se metamorfosearam e ambos foram hierarquizados em "Superior " e "inferior". Os proprietários das terras, fazendas, empresas, indústria, setores bancários e outros que dominam o mercado de trabalho continuaram os mesmos mestres brancos de ontem. No baixo escalão operário, explorado, vítima das práticas racistas e das desigualdades decorrentes se encontra o escravizado de ontem e o negro de hoje. Isso explicaria por que em Guadalupe há resistência ao trabalho assalariado que seria um trabalho escravizado com novas roupagens. Mas no Brasil, essa resistência adotou uma nova estratégia de acordo com o modelo do racismo à brasileira que nega sua própria existência sob o manto da democracia racial e da meritocracia. Segundo esse mito, um negro de “alma branca”, obediente, bem-educado, terá todas as portas abertas para a sua ascenção social. Daí a importância da educação escolar assimilacionista, que explica porque todos querem que seus filhos estudem e se comportem como se fossem brancos que é para facilitar sua mobilidade no mercado de trabalho. O movimento social negro levou muitos anos para começar a questionar esse modelo de educação que seus filhos recebem nessa escola e que de fato é racista.

Em alguns Estados do Nordeste do Brasil, a exemplo do Estado da Bahia onde os negros, isto é, pretos e pardos constituem cerca de 80% da população, cultivou-se o mito da “preguiça baiana” por natureza, que já foi objeto de uma grande tese de doutorado defendida sob minha orientação no Departamento de Antropologia da USP por Elisete Zenlorenzi, em 1998.

Trata-se de um mito, pois sem o trabalho assalariado executado pela maioria da população negra mal paga, os milhares de turistas que transitam por Salvador, capital do Estado, não teriam comida suficiente e serviços hoteleiros de qualidade. Mas acontece que os descendentes de africanos na Bahia resistem a alguns tipos de trabalhos que destroem sua cultura tradicional ao criar falsa oposição entre o trabalho e o lazer e ao desrespeitar o tempo consagrado a seus ritos religiosos que não se adequam ao tempo capitalista (the time is money). A respeito me lembro da confissão do intelectual Octávio Ianni, grande sociólogo brasileiro que quando visitou Salvador pela primeira vez, ele achou que a cultura dominante naquela cidade era uma cultura contra o capitalismo, justamente pelo conceito de tempo que acompanha mais o ritmo da natureza e da vida social e religiosa do que o ritmo do relógio.

Com base no método que denominou "histórico-clínica", a profa. Valérie chega à conclusão de que os comportamentos adotados no Brasil no contexto do trabalho assalariado sugeriam mais submissão que em Guadalupe. No entanto, ela vê nessa forma de submissão uma relação entre crianças e adultos na hierarquia familial.

Segundo ela, da mesma maneira que as crianças receberam de seus pais, uma certa herança em termos de resistência ao trabalho assalariado, as crianças desenvolveram individualmente uma estratégia de desobediência diante da dominação e arbitrariedades dos adultos.

Para fortalecer essa hipótese chegar a essa conclusão, ela entrevistou em 2020, treze pessoas entre homens e mulheres, a maioria de classe média negra (pretos e pardos), cujos relatos revelaram, apesar das diferenças entre suas histórias de vida, grandes convergências no que concerne as hierarquias ligadas ao gênero, sexo e à cor da pele existentes na sociedade. Todas as famílias das pessoas entrevistadas enfatizaram a importância da educação escolar de seus filhos e suas filhas como caminho apropriado no processo de inclusão numa sociedade de classes. Essa educação é acompanhada de obediência que tem a ver com a hierarquia social numa sociedade capitalista. Nenhuma família criticou esse modelo de educação assimilacionista que não questiona as práticas racistas e as desigualdades decorrentes. Muitos e muitas entre entrevistados(as) não parecem ter a clareza do racismo estrutural, mas apenas do racismo corriqueiro que existe entre indivíduos na vida cotidiana. Na educação recebida em seus lares, seus pais não tocaram na questão do racismo na sociedade, não sei se era para proteger seus filhos pelo silêncio ou eles acreditavam que bastaria uma boa educação instrumental para que seus filhos pudessem ser incluídos igualmente na sociedade. O que seria uma inércia do mito de democracia racial brasileira.

Eliane Cavaleiro, em seu livro “O silencio do lar ao silêncio escolar” (São Paulo: Editora Contexto, 2000), explica melhor as atitudes que silenciam a existência do racismo tanto na educação infantil familial como na escolar. Alguns e não todos sofreram os preconceitos de cor, sobretudo as mulheres que não souberam alisar seus cabelos crespos. Outros descobriram sua negritude que começaram a assumir só quando ingressaram no ensino superior, graças aos contatos com o movimento negro e à leitura de alguns livros, entre outros. Tudo isso tem a ver com as características do racismo brasileiro cujas expressões são diferentes do racismo praticado no sistema Jim Crow no sul dos Estados Unidos, no regime do Apartheid na África do Sul e no regime nazista, onde o racismo era explícito, institucionalizado pelas leis e fazia parte do aparelho do Estado. O racismo brasileiro se expressa pelo silêncio, o não dito, a negação de sua própria existência, a ambiguidade entre o sim e o não. Como um carrasco, o racismo brasileiro mata sempre duas vezes, a segunda pelo silêncio. Mata fisicamente as vítimas, mata sua consciência e a consciências de seus discriminadores.

Sem deixar de lado as ricas discussões, intepretações e análises que a profa. Valérie trava com seus/suas entrevistad(a)s que ela transformou em coautore(a)s do livro, o que é um raro exemplo da ética, as narrativas em si que considero como um escrevivência no sentido que a grande escritora Conceição Evaristo atribui a este tipo de narrativas, dispensaria qualquer interpretação, deixando ao leitor e à leitora a liberdade de perceber entre as linhas o modelo do racismo à brasileira e suas ambiguidades. O não e o sim que se articulam nessas narrativas mostram, do meu ponto de vista, as dificuldades que muitos e muitas brasileiras têm para decodificar com clareza a existência do racismo em sua sociedade. A subjetividade explorada pela pesquisadora Valérie neste livro, me coloca a questão de repensar os conteúdos do racismo na sociedade brasileiras e os caminhos a trilhar para erradicá-lo definitivamente. Nessa busca e construção dos caminhos, a sociedade brasileira está experimentando há cerca de 20 anos, as políticas afirmativas de inclusão e a construção de uma educação multicultural antirracista que já está dando alguns resultados positivos.

O “Em busca da liberdade” de Valérie Ganem vem enriquecer as reflexões sobre a importância dos mecanismos inconscientes em todas as estratégias de resiliência contra os racismos e tantos outros ”ismos” que atormentam a convivência entre os diversos e os diferentes numa sociedade plural.

Kabengele Munanga

SUMÁRIO

1. Introdução 10

2. Situação antropológica fundamental e relação de dominação 17

3. Método da investigação clínica individual realizada no Brasil 21

3.1. Resultado das investigações clínicas sobre a relação subjetiva no trabalho dos afrodescendentes pobres 21

3.2. Método utilizado para investigação sob a forma de entrevistas individuais 25

4. Narrativas de afrodescendentes: "translugares" 31

4.1. Marieta: uma ilustração da complexidade do processo de atribuição descrito por Jean Laplanche 31

4.2. Romana Emiliana: ilustração de um legado carregado de escravidão 35

4.3. Arnaldo: tornar-se professor tendo nascido na periferia 44

4.4. Filipa: superando a objetificação dos homens pela afrocentralidade e o cuidado com as mulheres violentada 49

4.5. Jose Carlos dos Santos (Kérubyn): nascido na periferia, ele se construiu graças à música 58

4.6. Daniel Luís Alexandrino: nascido na periferia, ele cresceu no mundo artístico 61

4.7. Eliete: tornar-se professora, nascida na periferia 66

4.8. Janaína: uma menina sozinha, sofrendo racismo dentro da classe média 72

4.9. Ailton: jovem, homossexual, bem-sucedido, filho de policial, nativo de um bairro periférico 79

4.10. Kehinde: a irmã de João, da classe média, criada pela mesma família na qual a mãe é empregada doméstica 86

4.11. João: o irmão de Kehinde, da classe média criado, pela mesma família na qual a mãe é empregada doméstica 96

4.12. Gabriel: o irmão de Gabriela, da classe média, que navega entre a periferia e o Congresso 99

4.13. Gabriela: a irmã de Gabriel, da classe média, procurando um trabalho certo 104

5. Discussão baseada nos relatos das 13 pessoas entrevistadas 110

6. Conclusão 122

Referências 124

CAPÍTULO

01 Introdução

O estudo apresentado neste livro se insere numa pesquisa comparativa mais ampla, conduzida por Valérie Ganem, sobre as incidências da herança da escravatura transatlântica nas condutas atuais de trabalhadores e trabalhadoras em Guadalupe e no Brasil (Ganem, 2021).

Esta pesquisa foi motivada pela necessidade de explicar comportamentos de resistência e desobediência ao trabalho assalariado observados em Guadalupe. Esses comportamentos foram objeto de um preconceito naturalizante e pejorativo em relação aos trabalhadores guadalupenses, o qual desempenha um papel na ocultação das desigualdades decorrentes do período escravocrata e colonial que essa ilha experimentou.

Foi na busca de compreender esses comportamentos – fiel ao princípio freudiano segundo o qual "toda conduta tem um sentido" – que Valérie Ganem descobriu que eles assumiam um caráter defensivo. Tratava-se de uma defesa contra o sofrimento ligado a experiência de exploração inerente ao trabalho assalariado. Os trabalhadores e as trabalhadoras que adotaram essa estratégia se opuseram a qualquer desejo de dominação que pudesse ser gerado por essa experiência. Diante de qualquer coisa que pudesse ser interpretada como desejo de dominação, no contexto de seu emprego, os trabalhadores e as trabalhadoras adotaram uma linha de ação que procurou evitar se alinhar com as relações desiguais entre eles e seu interlocutor – um chefe, um colega ou um cliente.

Em razão do vínculo de subordinação inerente ao contrato salarial, essa defesa provocou, nos sujeitos que a adotaram, uma limitação de seu comprometimento subjetivo em relação ao trabalho prescrito (horários, objetivos, pressão de tempo etc.) e ao fato de nele fazer carreira. Entre os colegas engajados nessa estratégia de defesa, circulavam fórmulas prontas como "*En pé ké tuyé mwen pou blan la*" (Não vou me matar pelo branco), ou mesmo quando um deles julgasse o trabalho do colega, seria retrucado: "*ou kompwend sè lotel a ou?*" (Você acha que o hotel é seu?), para dizer: "Você é um funcionário como eu, você não tem nada para me dizer".

Essa estratégia de defesa coletiva, que envolvia desobediência e resistência ao trabalho assalariado, foi adotada tanto por homens quanto por mulheres e rompeu com o que havia sido relatado até então pelo laboratório de Christophe Dejours no CNAM de Paris, onde Valérie Ganem estava fazendo sua tese.

Então, ela decidiu, inicialmente, realizar um estudo documental sobre as práticas de trabalho na época da escravidão sentindo que esse caráter insuportável de subordinação poderia ter sido herdado dessa experiência de escravidão pelos ancestrais desses trabalhadores e trabalhadoras.

Esse acervo histórico mostrou que o engajamento no trabalho para si próprio (cultivo da terra, pecuária, trabalho independente), por um lado, e o desengajamento no

trabalho para os outros (para o proprietário, depois para o patrão), por outro lado, constituem uma característica da relação subjetiva com o trabalho em Guadalupe, desde a escravidão. Essa dicotomia se manifestava, então, pelo engajamento dos escravos no trabalho da roça, que lhes era permitido pelo senhor, e pelo desengajamento no trabalho para esse último. Essa relação subjetiva com o trabalho teria se mantido em resposta à exploração e à dominação a que os herdeiros das pessoas escravizadas continuam sendo submetidos desde então (Sainton, 2018). A análise histórica mostra que a herança mais concreta da escravidão transatlântica é a manutenção de uma hierarquia social ligada à cor da pele na atual sociedade guadalupense (Régent, 2021). Para se defenderem disso, os herdeiros dos indivíduos escravizados teriam mantido, dentro de si, essa memória da escravidão para motivar uma resistência consciente à exploração e à dominação a que foram submetidos ao longo da história. A prática de trabalhar por conta própria teria, assim, sido mantida para possibilitar a resistência dentro do trabalho, primeiro para o mestre e depois para o patrão.

Essa herança consciente poderia ser um primeiro elemento explicativo da transversalidade da estratégia de defesa coletiva de gênero e profissão, que nunca havia sido observada até então pela equipe de pesquisa de Christophe Dejours. Tanto homens como mulheres compartilhavam essa herança.

Nessa fase, porém, permanecia difícil argumentar a ligação entre os atuais comportamentos defensivos anteriormente analisados e aqueles que vinham sendo adotados pelos trabalhadores desde a escravidão, pois o trabalho e sua organização mudaram muito desde então, apesar da manutenção de uma hierarquia ligada à cor da pele na sociedade.

O que também intrigava era a observação, no âmbito familiar, de que os adultos, muitas vezes, exerciam uma dominação infalível sobre as crianças, às vezes acompanhada de violência. Tendo em vista o trabalho de A. Miller (1981), no entanto, por exemplo, essa educação reservada às crianças deveria ter gerado nelas comportamentos de obediência. Contudo, nesse contexto educacional, os adultos frequentemente adotavam comportamentos de resistência e desobediência nos locais de trabalho assalariado, como vimos.

Assim, surgiu a necessidade de estudar as relações entre adultos e crianças para melhor compreender seu papel no impacto da herança da escravidão na relação subjetiva atual com o trabalho, dando a palavra, individualmente, aos participantes das investigações coletivas que se dispuseram a falar.

Logo no início das pesquisas conduzidas nesse contexto, em Guadalupe, as relações entre as crianças e os adultos se impuseram, então, como um elo indispensável para compreender as incidências da herança da escravidão sobre as condutas atuais no trabalho. Para colocar tais incidências em evidência, Ganem qualificou o método empregado por ela de método histórico-clínico. Esse método consistia em conduzir paralelamente, em um primeiro momento, investigações coletivas, enquadradas nos princípios da psicodinâmica do trabalho (Ganem, 2019), junto aos trabalhadores e trabalhadoras afrodescendentes, e um estudo documentário histórico sobre a escravatura tal qual fora praticada nos campos estudados. Em um segundo momento, com participantes voluntários das investigações coletivas, ela conduziu entrevistas individuais, do tipo clínicas, sobre as relações mantidas entre essas pessoas e os adultos com os quais conviveram quando ainda eram crianças.

O resultado dessa investigação, sob a forma de entrevistas individuais em Guadalupe, levou a autora a acreditar no impacto da violência à qual foram submetidos esses indivíduos, quando crianças, revelado assim que se tornaram adultos. Tal impacto dependia do sentido concedido a essa violência: de uma parte, pelos adultos que a infligiam e, de uma outra, pelo modo como era interpretada pelas crianças que a ela se submetiam. Isso levou-a a se interessar por essa problemática da violência infligida às crianças pelos adultos encarregados de educá-las.

A revista médica *The Lancet* avaliou em 10%, em média, a proporção de crianças maltratadas ou negligenciadas em diferentes países desenvolvidos (*Le Monde,* 14/06/2013, Gaëlle Dupon). Os maus-tratos são julgados como "um fenômeno massivo de saúde pública" por Anne Tursz, diretora de pesquisa do Instituto Nacional de Saúde e da Pesquisa Médica (Inserm). As consequências são graves, pois muitas crianças sofrerão deficiências, distúrbios psicológicos, ou poderão se lançar na violência. Com esses números relatados pelo *The Lancet*, a definição do perigo implícito é "extensivo", segundo Agnès Tursz. Ainda segundo Gilles Seraphin (citado no mesmo artigo), diretor do Observatório Nacional da Infância em Perigo (ONED), a depender do contexto cultural, a fronteira de uma educação "à moda antiga" e os maus-tratos pode ser tênue.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (pesquisa sobre vitimização em 133 países, em 2014), 22,04% dos adultos sofreram violência física na infância, 36,3% sofreram violência psicológica e 16,3% sofreram negligência grave. Um outro relatório de 2014 mostra, a partir de dados de 190 países, que 6 crianças em 10, entre 2 e 14 anos (ou seja, perto de um bilhão) são submetidas a punição corporal infligida regularmente pelas pessoas encarregadas de protegê-las (UNICEF 2014).

Os estudos quantitativos sobre a violência são necessários para descrever a amplitude desse fenômeno, que se mostra enorme. Os números sobre a violência descarregada nas crianças são, além de tudo, largamente subestimados, essencialmente porque eles repousam sobre declarações de adultos que nem sempre têm o ímpeto de declarar, em um questionário, todas as violências às quais foram submetidos na infância, ou podem, em parte, tê-las reprimido. Um estudo feito junto a crianças submetidas a violências sexuais fartamente documentadas mostrou que, posteriormente, a maioria delas negou ou minimizou a violência sofrida (Sjoberg & Lindblad, 2002). Parecia evidente, para a pesquisadora, que o método de questionário era impróprio, posto que jamais é fácil falar de um assunto assim “pesado” imediatamente, espontaneamente e de maneira insuspeita, como é requerido por esse método. Ela, portanto, não estava surpresa com o fato de os participantes serem reticentes, ao invés de responderem de maneira autêntica, dentro do esquema desse tipo de investigação. Além do fato de os números produzidos serem subestimados, o inconveniente dessas aproximações exclusivamente quantitativas é que elas não entram na “caixa preta” dos processos que provocaram a violência e não esclarecem, de verdade, o impacto que ela terá sobre a o indivíduo, quando adulto.

Para fazer isso, o método clínico que Valérie Ganem empregou em Guadalupe lhe pareceu pertinente, posto que ele consistia em dar a palavra individualmente ao adulto para falar de sua infância. Os participantes foram colocados em situação de poder investir no esquema proposto da entrevista, para analisar o sentido que davam à violência que lhes fora infligida e para analisar seu impacto sobre eles. Essas pessoas dispunham, para isso, de tempo necessário e de ouvidos que não portavam o julgamento sobre a conduta dos adultos descrita por eles.

Ao fim desses trabalhos em Guadalupe, Valérie Ganem pôde defender a ideia de que existia um fenômeno de atribuição da cor de pele (Ganem, 2006, 2012), baseando-se, para isso, nas descrições da atribuição do gênero que foram propostas por Jean Laplanche (2003). Jean Laplanche defendeu a ideia de que existia, entre os adultos e as crianças, uma sedução generalizada (1987).

Dentro dessa teoria, a situação levada em conta é a "situação antropológica fundamental", caracterizada por uma relação desigual entre a criança e os adultos. Essa desigualdade é colocada por Jean Laplanche unicamente pelo fato de que os adultos possuem um inconsciente, ao contrário da criança quando nasce. Assim, os adultos transmitem à criança uma infinidade de mensagens cujo código ou linguagem de base, é pré-consciente e consciente. A criança que, para sobreviver, necessita do adulto a seu lado, não dispõe dos códigos que permitem compreender as mensagens desse adulto. Essas mensagens são comprometidas, sobretudo, pelo inconsciente desse adulto. Elas são, portanto, enigmáticas para a criança, e ela não pode mais do que tentar traduzi-las. Mas essa tradução é sempre imperfeita, por seu caráter comprometido e pela ausência de domínio da linguagem. O que não é traduzido virá a constituir o inconsciente do sujeito, que perdura ao longo de toda sua vida. Eis como Jean Laplanche definiu a atribuição do gênero:

> A atribuição enfatiza a primazia do outro no processo [...]. Este processo não é pontual, limitado a um só ato [...]. A atribuição é um conjunto complexo de atos que se prolonga na linguagem e nos comportamentos significativos do círculo. Poderíamos falar de uma atribuição contínua ou de uma verdadeira prescrição [...]. Não é a sociedade, portanto, quem atribui sem mediação, mas um pequeno grupo de aliados que se insere no social (pai, mãe, amigo, irmão, sobrinho...). (J. Laplanche, 2003, p. 81).

Desde seu nascimento, sobre a base perceptiva de sua anatomia sexual, à criança será atribuída a categoria "menino", ou "menina" pelo seu círculo imediato. Todo seu destino será, assim, marcado pela atribuição do gênero. Apoiando-se sobre os estudos de gênero[1], Christophe Dejours elaborou uma hipótese de que, atribuindo um gênero à criança, os adultos a inseririam, na mesma ocasião, na relação de dominação do sexo (Dejours, 2003). Ele explica:

> [...] a atribuição não é simples determinação social transmitida pelo adulto à criança. Ela se torna, a partir do adulto que a endereça à criança, uma mensagem de atribuição de gênero comprometida, a começar, por seu próprio inconsciente, através de formas, que se expressam, a maioria delas, sem o seu conhecimento. (p.63).

Ademais desse assunto, em 2007, em sua tese, Valérie Ganem introduziu a ideia de que existiria também, nas famílias guadalupenses e, talvez no seio das sociedades submetidas à escravidão transatlântica, uma atribuição da cor de pele (Ganem, 2006).

J. L. Bonniol (1992), antropólogo, constata que as sociedades originárias do escravismo transatlântico confrontaram uma correspondência original entre o *status* e a aparências física. Esse fato causou um problema inédito de reprodução, marcado pela reminiscência do biológico em relação às evoluções sociais. Mostra-se, de maneira

[1] Ver: Butler, J. (2005). *Distúrbio no gênero* (C. Krauss, trad.). Paris: A descoberta. (Obra original publicada em 1990) e Delphy, C. (2001). *O inimigo principal*, II: "pensar o gênero", Paris: Syllepse.

bastante convincente, que: “a solução residiu no recorrer a uma economia matrimonial bem vigiada: quer dizer que, certamente, houve ‘gestão’ social de traço [...], e, sobretudo, a transmissão desses traços. [...] Por assim dizer, uma ideologia aqui é verdadeiramente encarnada.” (p. 17). Assim, Bonniol mostra que os brancos foram marcados para se casar e se reproduzir com pessoas da mesma cor de pele, enquanto os outros foram marcados para se casar e se reproduzir com pessoas de pele mais clara que a sua, para subir na hierarquia social. As escolhas matrimoniais seriam, então, desde a época da colonização, orientadas pela cor da pele do parceiro, o que já havia sido sublinhado por F. Fanon (1952), em particular.

Valérie Ganem defendeu a ideia, em sua tese, de que, se certos adultos, em sua economia erótica e, sobretudo, matrimonial, dão preferência aos parceiros de cor mais clara que a sua, não seria demais apostar que se passaria o mesmo com seus filhos, se nos referirmos à teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche (1987).

Em Guadalupe, “As barreiras raciais surgidas durante a escravatura foram mantidas após a abolição, continuando a reforçar as hierarquias sociais.” (Bonniol, 1992). Do mesmo modo que existe uma hierarquia social ligada ao sexo, existe uma hierarquia ligada à cor da pele. Em função da cor da pele da criança, vista pelos adultos à sua volta, esses últimos lhe endereçam mensagens estampadas pela ambivalência de suas reações inconscientes à cor da pele. A percepção da cor da pele da criança, pelos pais, não remete a uma classificação objetiva, que seria válida para todos, a exemplo da nuance predeterminada de cores. A percepção da cor da pele de uma criança é relativa àquela de seus pais, ascendentes, ou outras crianças entre os irmãos. A cor da pele dá início, portanto, junto ao adulto, a reações cuja composição é bastante complexa, sempre singular, diferente para cada criança de uma mesma família. É o conjunto dessas reações que se insinua na comunicação entre o adulto e a criança, até nos cuidados com o corpo, sob a forma particular de reações afetivas ao corpo da criança, que comprometem ou contaminam os gestos, antes de tudo, organizados pela autoconservação. As mensagens de atribuição da cor da pele não são menos enigmáticas do que as mensagens de atribuição do gênero. A criança deve, igualmente, traduzi-las. Em função da tradução que a criança fará, ela se “convencerá” de ser negro ou negra, um *chabin*[2] ou uma *chabine*, ou um branco ou uma branca, assim como podemos estar convencidos de ser um menino ou uma menina. Dentro dessas circunstâncias, a cor da pele se revela subjetiva e, portanto, não objetiva. Jean Laplanche insiste sobre o caráter binário da atribuição de gênero. A atribuição da cor da pele é, sem dúvida, mais complexa. De um lado, ela remete a diferenças e não a uma diferença. De outro, essas diferenças são instáveis, pois a atribuição de uma cor de pele a uma criança, em vez de uma outra, é variável de um indivíduo a outro.

Enfim, essas diferenças participam da atribuição em um lugar mais ou menos privilegiado dentro de uma ordem social oriunda da escravatura. Se os adultos são, assim, pouco eloquentes sobre esse aspecto, em particular com seus filhos, é porque eles mesmos não são “bem claros”, ousaremos dizer, sobre a questão da cor da pele. Historicamente, os dois polos, “negro” e “branco”, corresponderam a um *status* de dominado, escravo, ou dominante, de mestre, dentro da sociedade guadalupense. Essa relação de dominação foi preservada na hierarquia social até os dias de hoje. Ainda hoje, a hierarquia social favorece os de pele mais clara. Basta observar a cor da pele dos dirigentes de empresas para se convencer disso. Em função da cor de sua pele, à criança

[2] Qualificativo usual em Guadalupe para pessoas com cor de pele clara.

poderia ser atribuído o *status* de dominado, de negra, e, portanto, de herdeira de pessoas escravizadas por ser vista como sendo de cor escura. Ao contrário, a ela poderia ser atribuído o *status* de dominante, de branca e, portanto, de herdeira de mestre, se ela é vista como sendo de cor clara. O fato de as crianças vistas como negras serem iniciadas muito cedo no trabalho doméstico parece poder, aqui também, exercer um papel no processo de atribuição de um lugar de dominado dentro da hierarquia social ligada à cor da pele, como o papel exercido pelas meninas em relação aos meninos na atribuição de um lugar de dominada na hierarquia social de sexos. O que teria impedido, até agora, todos os autores citados de aceder a essa hipótese de existência desse processo de atribuição psicológica da cor da pele seria o que Laplanche (2003) chama de "adultocentrismo" (p. 78). Senão, é impossível compreender como todas as pesquisas que foram conduzidas sobre as vias da transmissão de raça e dos hábitos que a acompanham jamais levaram em conta a criança e sua relação com os adultos à sua volta.

É importante explicitar que, para as famílias que se consideram como brancas, o processo de atribuição existe igualmente, e o melhor exemplo é, sem dúvida, este dos "*békés*"[3]. Dentro de uma narração de infância de uma mulher *béké*, ela conta, particularmente, como dispõe, desde sua infância, de uma doméstica negra (o que é frequente) que lhe devotou corpo e alma (Alibar e Lembeye, 1983, Vol. 1). Isso coloca essa criança em uma posição de dominante em face aos que ela considera como negros e negras. As propagandas de comunicação organizadas desde o início da colonização, para justificá-la junto aos metropolitanos, teria, finalmente, convencido o povo francês de sua superioridade sobre o indígena de países colonizados[4]. Concretamente, a atribuição de cor de pele consistiria, do lado dos adultos, em fazer diferenças (consciente e inconscientemente) entre as crianças com as quais eles conviveram em função da cor da pele. Essa distinção se faria no nível da linguagem (a criança poderia ser, assim, qualificada de *ti chabin* ou de *ti nèg*, mas poderia também ser dito a uma criança considerada como preta de pele "*ou nwè kon"* (você é preta como seu pai, ou qualquer coisa de cor preta, como o carvão, por exemplo). Um dos participantes, nos estudos de Valérie Ganem (2007, 2012), ainda evocou a ideia de que os adultos se endereçam em francês mais facilmente às crianças mais claras de pele, e em "crioulo" às crianças de pele mais escura. Mas essa diferença existiria igualmente no nível do que a pesquisadora consideraria como o tratamento ou o *status* reservado às crianças e aos adolescentes pelos adultos em função da cor de pele. Esse processo de atribuição é revelado polimórfico, afetando não somente o gênero, mas também a cor da pele e talvez, igualmente, a classe social. Força é constatar que os ricos não educam suas crianças de modo igual ao dos pobres. Assim que uma criança nasce no seio de uma família, os adultos que a cercam sabem bem se ela será rica ou pobre, e, em função dessa convicção, eles não se comportaram da mesma maneira com essa criança, como mostram, entre outras, a obra de Bourdieu[5]. Ela revelou também que essa experiência do bebê, da criancinha, da criança face aos adultos e ao tratamento que esses últimos lhe reservam, no âmbito do que J. Laplanche chamava de "situação antropológica fundamental", foi sua primeira experiência de dominação e iria marcar todas as relações de dominação que essa criança iria encontrar no trabalho, ao se tornar adulta. E isso dentro do prolongamento das pesquisas de C. Dejours, que mostrou a influência dessa dominação sobre a aprendizagem da obediência pelos indivíduos em geral (Dejours, 2009, T2). O exemplo das pessoas com

[3] Nome com o qual designamos os herdeiros de mestres.
[4] Ver nota Nicolas Bancel, Pascal Blanchard, Gilles Boëtsch, Eric Deroo, Sandrine Lemaire (Dir.) (2002) Zoo humanos. Ao tempo de exibição humana. A descoberta & amp; Syros, Paris.
[5] Ver nota Bourdieu, P. e Passeron, J. C (1964, 1970).

as quais Valérie Ganem fez a investigação clínica individual em Guadalupe foi uma demonstração. Jean Laplanche insistia sobre o fato de que são todos os adultos, em torno da criança, que contribuem para a atribuição de gênero, e não somente os pais. Isso também foi bastante evidenciado a partir de seus estudos em Guadalupe, no que diz respeito à atribuição da cor da pele.

Finalmente, o que era preciso ser estudado para compreender a incidência da herança da escravatura sobre a relação subjetiva com o trabalho e sobre a relação com a dominação atual, além da atribuição da cor de pele, era todo o tratamento reservado às crianças pelos adultos de seus círculos. A pesquisadora acabou por levantar uma hipótese de que existia um processo psicológico que ligava as relações entre os adultos e as crianças, e a relação subjetiva delas, ao se tornarem adultos, ao trabalho, bem como sua relação com a dominação, em particular. C. Dejours (2009, T1 e T2) já analisou muito bem esse aspecto, apoiando-se na sustentação do corpo erótico sobre o corpo físico, na ocasião dessas relações entre os adultos e as crianças. Nós não voltaremos a isso. O que iremos descrever se insere, mais particularmente, no mecanismo de atribuição do gênero descrito por Jean Laplanche. Ele se insere na "situação antropológica fundamental", que constitui uma situação de desigualdade fundamental. Aqui, nos interessaremos pelas mensagens enigmáticas transmitidas pelo adulto dentro desse contexto. Será preciso buscar compreender o impacto concreto dessas mensagens enigmáticas sobre as estratégias adotadas pelas crianças com o objetivo de interpretar tais mensagens e de encarar a arbitrariedade adulta. Então, não se trata aqui de questionar o processo descrito por Dejours, mas, ao invés disso, completar um de seus aspectos, aquele que conecta a relação de dominação entre o adulto e a criança à relação que manterá essa criança, depois de adulta, com a dominação no trabalho e na sociedade em geral.

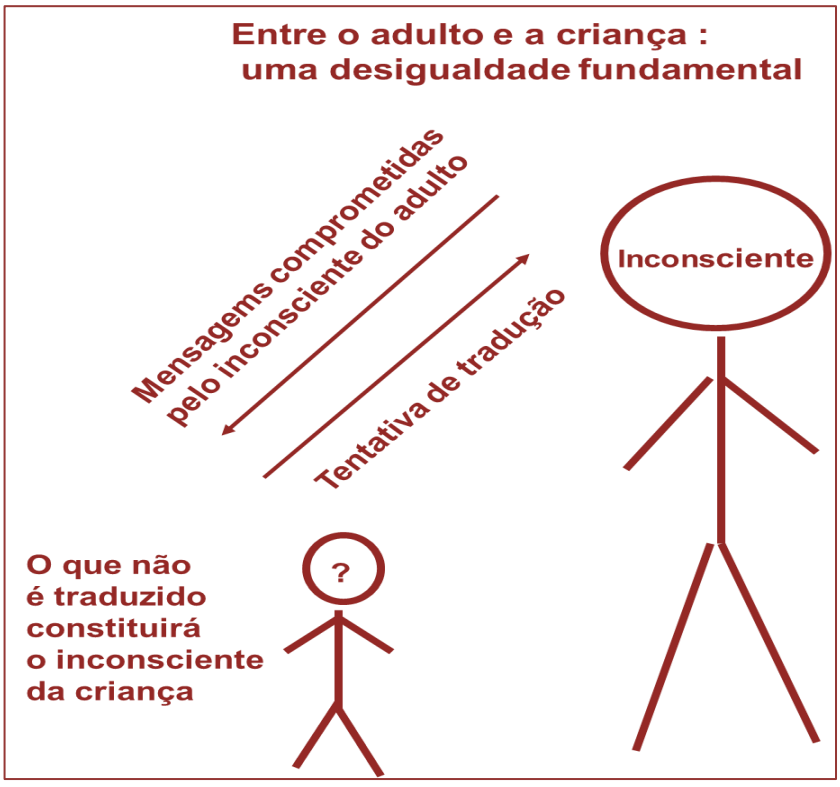
Agora, iremos apresentar, teoricamente, esse processo que religaria as relações entre os adultos e as crianças e a relação ao trabalho e à dominação mantida pela criança depois de adulta, de acordo com a descrição feita por Ganem (2021), em sua dissertação de habilitação para dirigir pesquisa (HDR). Apresentaremos, em seguida, os resultados de uma investigação do tipo clínica, sob a forma de entrevistas individuais conduzidas por Valérie Ganem no Brasil, durante o mês de novembro de 2018 a abril de 2019. Nos alongaremos, em um primeiro tempo, sobre o método que ela utilizou no âmbito dessa investigação individual e apresentaremos, em seguida, seus resultados.

CAPÍTULO

02 Situação antropológica fundamental e relação de dominação

O inconsciente constitui nossa força motriz. Por intermédio de pulsões, ele é, para nós, fonte de energia. O inconveniente é que nem sempre conseguimos controlar essa energia que nos chega sob a forma de uma excitação que será preciso tratar (Freud, 1915). Dada a existência desse inconsciente, nós não somos "mestres em nossa casa" (Freud, 1916).

Segundo Jean Laplanche (1987), nosso consciente é constituído de acordo com um processo que Valérie Ganem esquematizou da maneira como é exposta a seguir (Ganem, 2021).



Então, a "situação antropológica fundamental" constitui uma experiência fundamental de desigualdade, dependência e dominação. A criança pequena é totalmente dependente dos adultos para sobreviver, não tendo, ao início, o aparelho psicomotor necessário para sobreviver sozinha, mas também porque esses adultos têm um inconsciente e ela não. É preciso, mesmo assim, sublinhar desde agora que, dentro dessa situação aparentemente desfavorável à criança, em matéria de desigualdade, todo seu início da vida é condicionado pelo fato de que os adultos responsáveis devem também

"obedecer" à criança para satisfazer suas necessidades vitais. Desse modo, desde o início, se exerce, entre o adulto e a criança, uma relação de dominação e obediência, que não é unilateral nesse contexto da situação antropológica fundamental. Segundo J. Laplanche, todas as mensagens verbais e não verbais transmitidas desde o princípio pelos adultos, incluindo os cuidados higiênico-dietéticos, são enigmáticos para a criança que os recebe, provocando uma excitação que ela vai, então, tentar traduzir com meios muito limitados, que são os seus, sobretudo no início da infância. Tudo aquilo que a criança "hermenêutica" não poderá traduzir, virá a constituir, pouco a pouco, seu inconsciente. Aquilo que não é traduzido, seria, então, próprio de cada criança.

Por meio de mensagens transmitidas à criança pelos adultos, eles lhe atribuiriam um posto na hierarquia social, tanto em termos de gênero (feminino ou masculino) quanto de cor de pele (negro ou branco) quanto de classe social (pobre ou rico). Em outras palavras, isso significa que o *habitus* (no sentido sociológico de Bourdieu), ou toda uma outra teoria de "socialização", não seria suficiente para explicar os incidentes em relação ao gênero, à classe, à cor de pele ao longo de toda uma vida, porque essa relação se enraíza em experiências infantis que mobilizam o desejo inconsciente dos pais e as tentativas de tradução feitas pela criança.

Essas mensagens de atribuição se inserem em todo um sistema de preferências dos adultos diante de diferentes crianças que compõem o grupo de irmãos em uma família. Elas compreendem, especialmente, a ternura e a instauração de um diálogo com a criança, o encorajamento para ser aprovado na escola, a realização do trabalho doméstico e a violência. Nós nos interessaremos mais particularmente por essas mensagens, que são problemáticas para as crianças, pois elas se caracterizam por uma desigualdade não somente entre ela e o adulto, mas também entre as crianças que compõem o grupo de irmãos. Essas diferentes mensagens seriam transmitidas às crianças em função de diversos critérios que se articulam uns com os outros de maneira bastante sutil: o lugar ocupado dentro do grupo de irmãos, a cor da pele e o gênero.

Assim, o inconsciente se faz presente por sua resistência ao longo de toda a nossa vida, obrigando-nos a perseguir a hermenêutica desencadeada durante a infância, a traduzir e retraduzir, de modo a nos emancipar das atribuições das quais fomos sempre o objeto, para existir como sujeito singular. A alienação seria a primeira, e os adultos que nos cercam, a partir de nossa infância, contribuiriam para a reprodução das relações de dominação e de hierarquias na sociedade.

Françoise Héritier nos mostrou muito bem a ligação entre aquilo que ela caracterizava como neotenia (de todas as espécies, nós pertencemos à espécie cujo rebento leva muito mais tempo para ser independente) e a hierarquia que, para a autora, constitui o berço. Ela explica isso pelo fato de que a neotenia "nos acostumou a viver nossa primeira infância, o período decisivo da construção de si, com uma ideia de superioridade daqueles que nasceram antes de nós." (Héritier & Molinier, 2014, p. 178). E por isso, para ela, existem superioridades que nos parecem legítimas.

O estudo conduzido por Valérie Ganem, em Guadalupe, havia mostrado que essas superioridades, às quais somos acostumados desde nossa infância, não estão relacionadas unicamente com a diferença de idade e de gênero, mas também com a cor da pele, e são experimentadas através da diferença entre os tratamentos reservados às crianças do grupo de irmãos pelo adulto, em função desses critérios.

Delanoé (2015) se aproxima de nossa concepção do que ele designa como "dominação parental", cuja prática de punição corporal constitui um elemento produzido

e reprodutor dos traços sociais hierárquicos, desiguais e autoritários.

E mais: o autor assinala que ele adotou, em sua pesquisa, uma "perspectiva antropológica e sociológica" (p. 50), admitindo ter "privilegiado as lógicas sociais em relação às múltiplas lógicas psicológicas subjetivas e intersubjetivas que conduzem à punição corporal, primeiramente se o quadro social e cultural autoriza ou exige." (p. 50). Pelo contrário, a pesquisa realizada por Valérie Ganem incide justamente sobre as lógicas subjetivas e intersubjetivas dos castigos corporais infligidos e, além disso, sobre as lógicas que estão na origem das reações da criança frente a esses castigos corporais. Mas, como dizíamos, é o tratamento reservado às crianças pelos adultos, em função de suas características, em termos de lugar ocupado no grupo de irmãos, ligado à questão da idade, de gênero e de cor de pele e suas lógicas subjetivas e intersubjetivas, o tema no qual nos concentramos aqui.

O trabalho constituiria uma das vias privilegiadas para contribuir com nossa emancipação (Dejours, 2009, Vol. 2), frente às atribuições das quais temos sido objeto por parte dos adultos, pois ele implica confrontar o real da tarefa, as relações sociais de trabalho e o inconsciente:

> Ao se dar conta do que implica o trabalho – a saber: a confrontação com o real da tarefa, a confrontação com o real do inconsciente e o real das relações de gênero –, pode-se observar com alguma precisão o que esse trabalho representa como provocação da subjetividade. (Dejours, 2009, trad. 2012. Vol.1, p. 184-185).

No centro das relações sociais de trabalho, vimos que se necessitaria levar em conta não somente as que estão ligadas ao gênero, mas também as que estão ligadas à cor da pele. As mensagens verbais e não verbais transmitidas pelos adultos e os mais velhos, no trabalho em geral, e em seus trabalhos em particular, assim como a maneira que eles utilizariam para se engajar, representariam também um papel na relação subjetiva que a criança, depois de adulta, manterá com seu trabalho e com a dominação inerente ao trabalho.

> As mãos, os corpos das mães, dos pais de todas essas e todos esses que carregam as crianças cheiram a alvejante, a graxa, a farinha, a poeira dos escritórios, a perfume: são mais ou menos fortes, mais ou menos aptos a ninar, a contar histórias para dormir ou a antecipar mimos, ou então têm pressa em grudar os pequenos na cama para poder descansar ou [...] ligar a máquina de lavar ou ainda terminar de responder aos e-mails de trabalho. Corpos mais ou menos doces, mais ou menos interessados, disponíveis em função da atividade do trabalho. (Gaignard, 2020, p. 7).

Para compreender os processos na emancipação das atribuições, cujo sujeito tem sido a criança, objeto pelos adultos de seu meio desde o nascimento, parece interessante descrever e compreender como a hierarquia, no seio da família, foi interpretada por essa criança. Deve-se analisar igualmente o impacto que isso teria sobre sua maneira de encarar essa hierarquia dos adultos e dos filhos mais velhos dentro da família e também aquilo com que se depararia, em seguida, na sociedade.

Valérie Ganem pôde avançar com a ideia de que essas mensagens de atribuição, que se inserem em todo um sistema de preferências dos adultos, não se apoiariam somente sobre o critério do gênero, mas também sobre aquele da cor de pele das crianças, em Guadalupe (2007). Ela focalizou esse aspecto na interpretação do material clínico colhido nessa ilha durante suas investigações individuais.

Finalmente, feito isso, ela entendeu que seria necessário estudar todo o tratamento dispensado às crianças pelos adultos de seu meio, assim como as diferenças de tratamento que existiam entre as crianças dentro do grupo de irmãos. Isso se tornaria necessário para compreender as incidências da herança da escravidão (que se concretiza, ainda hoje, pela existência de uma hierarquia social da cor da pele na sociedade) sobre essa hierarquia instaurada no centro da família. Ela formulou uma hipótese de que essa hierarquia "familial" teria um efeito sobre a relação subjetiva, com o trabalho e com a dominação, dessa criança quando se tornasse um adulto. Para compreender o que está em jogo na família em torno dessa hierarquia, os elementos mais interessantes para se investigar, segundo o primeiro estudo feito por ela em Guadalupe, diríamos, foram: existência de ternura e de diálogo entre os adultos e as crianças; o encorajamento para bons resultados na escola; a divisão do trabalho doméstico; e a violência, assim como todas as mensagens verbais e não verbais que foram transmitidas às crianças em torno do gênero, da cor de pele e também do trabalho. Em sua obra *O trabalho vivo* (2009, T2), C. Dejours insistia sobre a ligação entre o modo como essa situação antropológica fundamental iria ser vivida pela criança e a relação com a obediência que ela mesma adotaria, mas desenvolveu muito pouco essa ideia. A obediência, que geraria ou não o tratamento reservado à criança pelos adultos, deveria, portanto, também ser levada em conta nas análises.

Para entender melhor os meandros do impacto da herança da escravidão transatlântica nas condutas atuais no trabalho, Valérie Ganem decidiu, após sua tese, analisar a situação no Brasil, onde a escravidão também foi desenfreada e onde, no entanto, os trabalhadores pareciam adotar comportamentos muito diferentes em relação à dominação em particular. Esses comportamentos, ao contrário dos adotados pelos Guadalupenses, pareciam muito submissos no contexto do emprego.

O primeiro encontro de Valérie Ganem com um empregador, nesse país, confirmou essa observação. Era o gerente de um grande hotel no Rio de Janeiro. Ela havia discutido com ele sobre as condutas de resistência e desobediência no contexto do trabalho assalariado em Guadalupe (Ganem, 2012). Ele conhecia bem essas condutas, por ter começado como gerente nessa ilha. Havia sofrido uma grande greve no hotel que administrava e até havia sido sequestrado nessa ocasião. Disse então: "O Brasil é o paraíso do empregador", referindo-se à submissão dos trabalhadores.

Foi assim que Valérie Ganem decidiu usar a abordagem que havia implementado em Guadalupe para analisar a situação no Brasil. Ao embarcar nesse processo, ela se preparava para comparar o impacto da herança da escravidão transatlântica em Guadalupe e no Brasil. Tratava-se de compará-los no sentido de "colocar coisas e pessoas em paralelo para mostrar semelhanças ou diferenças"[1]. Essa tentativa foi inédita na psicodinâmica do trabalho e revelou-se perigosa, pois os levantamentos realizados até então sempre mostraram até que ponto cada situação era singular e merecia ser analisada como tal, sem jamais tentar encontrar em um campo o que pudemos analisar em outro. E isso mesmo, a situação possa parecer semelhante *a priori.* Valérie Ganem também esperava encontrar mais diferenças do que semelhanças, pois o ponto de partida dessa abordagem comparativa foi justamente a observação de diferentes comportamentos de trabalhadores e trabalhadoras frente à dominação (desobediência e resistência em Guadalupe e submissão no Brasil).

[1] https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/comparer/17611 consulté le 30/01/2020

CAPÍTULO

03 Método da investigação clínica individual realizada no Brasil

Esta investigação clínica, baseada nas entrevistas individuais no Brasil, tinha por objetivo compreender como o elo das relações entre os adultos e as crianças operava no processo que religava a história da escravidão e a reação subjetiva ao trabalho e à dominação, hoje, no Brasil. É preciso imediatamente deixar claro que esse tratamento, ligado à questão do fenótipo, já foi muito bem analisado por Elizabeth Hodge-Freeman (2018), em um estudo sobre as famílias afrodescendentes pobres em Salvador, cidade da região nordeste brasileira. Nós faremos referência a essa obra ao longo de toda a análise. Lia Vainer Schuman (2018) também estudou a questão em São Paulo, mas em uma escala menor, e constatou quase o mesmo que Hodge-Freeman. É, portanto, a essa última que nos referimos na análise global das entrevistas, no fim desta obra. De um outro lado, Neusa Santos Souza (1983/2021) estudou muito bem o impacto psíquico que tem o fato de ser negro na sociedade brasileira, herdeira da escravatura. Faremos também referências à sua obra.

3.1. RESULTADO DAS INVESTIGAÇÕES CLÍNICAS SOBRE A RELAÇÃO SUBJETIVA NO TRABALHO DOS AFRODESCENDENTES POBRES

Valérie Ganem (2020) constatou, estudando história da escravidão transatlântica no Brasil, que os escravos manifestavam desejo de liberdade e que eles faziam de tudo para fugir à sua condição de escravo. Eles respondiam às aspirações de seus senhores e senhoras em termos de obediência e de engajamento no trabalho, a fim de que esses proprietários aceitassem liberá-los, ou conseguindo constituir um pecúlio (pé-de-meia) necessário para a compra da própria liberdade, ou ainda fugindo, esperando poder viver se passando por livre ou se refugiando nos quilombos. Essas oportunidades de conquistar a própria liberdade, na época, existiam muito mais no Brasil do que em Guadalupe.

Para melhor compreender a relação subjetiva com o trabalho dos afrodescendentes no Brasil, Valérie Ganem realizou três investigações coletivas do tipo clínico. Duas delas em parceria com Martha Veras Rodrigues, uma junto aos operários de construção, outra junto aos "catadores", e uma última sozinha, junto a funcionários de hotelaria. Essas diferentes pesquisas sugerem que uma estratégia defensiva da “luta pela sobrevivência” se manifestaria entre os trabalhadores e trabalhadoras pobres no Brasil, a partir de quando suas atividades lhes asseguravam somente a sobrevivência, quer dizer, não sofrendo de fome e de sede e tendo um teto, por exemplo.

Essa estratégia viria acompanhada de um desinteresse pelo conteúdo do trabalho e a negação da vulnerabilidade do corpo físico. O desligamento frente ao conteúdo do trabalho se dá em função do dinheiro, necessário à sobrevivência, que ele proporciona. A negligência frente à fragilidade do corpo se expressa nas condutas, como o fato de negar o papel de seu próprio cansaço no advento dos acidentes, por exemplo.

Dentro da situação dos "catadores" – pessoas em grande precariedade social, sem oportunidade de trabalho por perto –, eles são coagidos, paralelamente, a suportar as condições de trabalho e a adotar, para isso, uma outra estratégia de defesa que passa pela alegria nas relações sociais do trabalho. Essa alegria defensiva lhes permitiria suportar a condição de trabalhadores explorados. Longe de ser a expressão que definiria uma alegria de viver "natural", essa alegria seria defensiva e valeria como um encorajamento recíproco a não se lamentar, a suportar e a superar, juntos, a dureza do trabalho. O fato de que tenha sido essa alegria identificada com os "catadores", como uma estratégia de defesa, e o de que ela esteja totalmente ausente nos trabalhadores de hotelaria, mostram bem a que ponto ela não é natural.

Logo que os trabalhadores e trabalhadoras têm outras oportunidades de trabalho por perto, como foi o caso dos empregados da hotelaria, eles usam o sistema rotativo e se consideram de passagem antes de encontrar um melhor salário. Limitando o investimento no trabalho, eles e elas se economizam, por assim dizer, o que, de fato, tenderia a dificultar bastante o funcionamento da organização do trabalho. Entretanto, essa conduta não depende somente da estratégia individual. Se ela foi considerada como uma prática das empresas no setor da construção civil (Ferreira da Cunha, 2015), isso mostra que, na hotelaria, a rotatividade pode advir de uma estratégia de resistência praticada de maneira consciente e deliberada pelos trabalhadores e trabalhadoras.

Mas o principal resultado pode, talvez, não estar aí. O que essa intervenção mostra melhor do que aquela, com os "catadores", é a negação da realidade do trabalho e das condições de vida dos trabalhadores por aqueles que os empregam, ou, em outros termos, a psicologia pejorativa da gestão (Dejours, 1995). De fato, é, no mínimo, surpreendente que a gestão e a direção do hotel não possam compreender, por eles mesmos, que a rotatividade é, antes de mais nada, o resultado de suas políticas de sub-remuneração dos funcionários.

Concordemos com Alain Morice que, no Brasil, nos setores estudados, "manter o salário a um nível ridiculamente baixo provém de um cálculo que é político, antes de ser econômico." (Morice,1989, p. 23). E com Araújo Filgueiras, de que a "gestão do trabalho é predadora" (2015, p. 17). Frente a essas constatações, podemos nos perguntar como os patrões e a gestão em geral podem explorar seus compatriotas sem que isso gere, junto ao quadro, sofrimento ético, por ter de realizar atos que sua moral reprova (Dejours, 1998). Em sua obra *Souffrance en France*, Christophe Dejours (1998) defendia a ideia de que um tal arranjo psíquico poderia ser explicado pela coexistência da estratégia de defesa coletiva do cinismo viril, que consiste em negar o caráter imoral desses atos, e de uma ideologia defensiva do realismo econômico, que consiste em fazer passar o cinismo pelo sentido das responsabilidades coletivas dentro de um contexto de guerra econômica entre as empresas. A partir da obra de Rita Laura Segato, *O édipo brasileiro* (2006), Valérie Ganem (2018) adiantou uma outra hipótese para explicar que, em uma sociedade pós-escravagista como a do Brasil, essa negação (ou seja, reconhecer e negar ao mesmo tempo, ignorando-a) pode abranger não mais somente o caráter imoral dos atos da gestão, mas também a humanidade comum que os membros da hierarquia compartilham com os empregados pobres. Para isso, devemos admitir que a estrutura hierárquica do trabalho fica marcada pela estrutura social e pela matriz ideológica da escravidão. A direção e a gestão são oriundas das classes que se beneficiaram da escravidão, ao passo que a grande maioria dos trabalhadores e trabalhadoras pobres, no Brasil, são descendentes de pessoas que foram escravizadas (Paixão, 2010, IBGE, 2018), embora, na realidade, pela mestiçagem, as nuances de cor de pele desses descendentes sejam bastante estendidas.

Rita Laura Segato (2006) afirma que, no Brasil, as controvérsias atuais mostram a resistência por parte da elite letrada a reconhecer a existência de um sujeito diferentemente posicionado, de um sujeito negro que quer falar de sua negritude e de sua inserção diferencial na sociedade brasileira. Ela defende a ideia de que não levar em conta esse pedido e sua expressão própria encontraria, em parte, suas raízes na relação original, numa função maternal que inclui as amas de leite afrodescendentes, que seriam negadas em seguida. Isso geraria, segundo essa autora, uma impossibilidade original, para essas crianças da elite, amamentadas e criadas por amas-de-leite afrodescendentes, "de instalar, uma vez tornadas adultos, a negritude da mãe [ama-de-leite] no discurso." (Segato, 2014, p. 106). Ela acrescenta:

> O racista amava e – por que não? – ama sempre sua ama negra. Mas ele não pode reconhecer esse apego à sua racialidade além das consequências que ela lhe impõe enquanto sujeito. Se essa racialidade fizesse subitamente uma aparição e reclamasse a ligação de parentesco que lhe é devida, o racista reagiria com uma violência incontrolável. (*Ibid*., p. 106).

Isso transitaria, em parte, pela atitude da mãe, que a autora qualifica como jurídica e biológica, pois ela mesma se recusaria a reconhecer a intimidade entre a criança e sua ama de leite: "A forclusão da ama de leite induziu, simultaneamente, a forclusão do trabalho de reprodução e da negritude." (*Ibid*., p. 91).

Embora o uso da palavra "forclusão", aqui, não tenha o sentido habitual presente na psicanalise, graças a essa análise, Valérie Ganem pôde melhor compreender como era possível que essa elite, mencionada por Segato, da qual fazem parte os dirigentes, gestores e membros da hierarquia das empresas, homens e mulheres, negue, a esse ponto, a humanidade dos empregados negros ainda hoje, no Brasil. Para se construírem como adultos e superarem psiquicamente a separação da mãe negra, "as elites", durante a primeira infância, deveriam negar sua ligação com ela e esquecer essa afeição que eles tiveram por ela. O racismo estrutural no Brasil estaria, então, implantado desde a mais tenra idade, e mesmo dentro do inconsciente psicossexual dos grupos privilegiados. A afeição pela ama de leite é forcluída, diz Rita Segato, no sentido de que ela é não inscrita, imobilizada, e não se pode contestar o conjunto dos indícios, dos sinais, das representações e das práticas sociais que, a cada instante, na sociedade brasileira, mantém a clivagem entre duas humanidades. Uma delas considera, segundo seu próprio padrão, erguido como superior, que a outra tem menos necessidades, "vive diferentemente", etc.

No final desse processo, os dirigentes e os quadros intermediários perdem a capacidade de se identificar e experimentar a compaixão pelas pessoas negras, na esfera social, em geral, e naquela do trabalho, em especial, reforçando ainda mais a manutenção, desde a abolição da escravatura, de uma política de exploração da miséria e da ignorância nos meios do trabalho brasileiro estudado. A negação de uma humanidade comum se expressa, ainda hoje, nesse país, sob formas brutais e sem disfarce. Durante a investigação junto aos operários e operárias da construção, por exemplo, quando Ganem evocou o pensamento dos participantes, com um engenheiro, como parte da análise de demanda, ele gargalhou dizendo: "O pensamento de quem? Dessas mulas? Esses macacos?"

Para fazer a ligação entre estratégias coletivas de defesa de trabalhadores e trabalhadoras pobres no Brasil, mencionadas precedentemente, e a escravidão, tal qual foi praticada nesse país, a citação de Eduardo França Paiva (2009), posta em seguida, parece particularmente pertinente.

> A expectativa da liberdade favorecia o senhor no controle e na manutenção de uma mão de obra ordeira, obediente morigerada, engajada na obtenção de pecúlio para a tão sonhada alforria – visto que "bons serviços" era pré-requisito fundamental para o início de qualquer negociação. Logo, a carta de liberdade significou, para muitos escravos, a forma menos arriscada de obter a supressão imediata do cativeiro, trazendo consigo uma possibilidade, ainda que remota, de ascensão social dentro do mundo dos brancos. Ao mesmo tempo, esta estratégia acabou por elaborar e moldar comportamentos, em certos casos pragmáticos e/ou representativos, tanto de escravos quanto de senhores. (p. 37).

A exploração da miséria e da ignorância de trabalhadores e trabalhadoras pobres, descendentes de escravos, foi processada desde a escravidão pelas elites brasileiras, com o intuito de manter seus privilégios. Essa estratégia patronal mantém uma pobreza estrutural, que mergulha trabalhadores e trabalhadoras dentro da necessidade de encontrar o que comer a cada dia, para eles e para suas famílias. A obediência e a submissão, indispensáveis para obter a liberdade, no tempo da escravidão, se revelam sempre necessárias para uma ascensão social no seio do mundo branco. A necessidade de sobrevivência geraria o foco de energia do sujeito sobre o ganho que pode proporcionar o trabalho e um desinteresse pelo conteúdo do trabalho em si. De certa maneira, os empregados da hotelaria consideram que os patrões têm o serviço que merecem. Essa resistência, mantida coletivamente pelos empregados, não deixa de ter consequências sobre o trabalho, as aquisições do saber-fazer, as possibilidades de criação de uma cultura da profissão, a qualidade do serviço, a eficácia, e, sem dúvida, sobre o valor do trabalho como alavanca social e política, mesmo que não possamos nos aprofundar nesse aspecto das investigações.

A alegria defensiva também seria herdada da escravidão, pois parece que o samba, oriundo da escravidão, celebra frequentemente a alegria.

> As origens do samba remontam à época colonial: os cortejos de Folia de Reis e Congadas que acompanham as cerimônias católicas, mas também os batuques, divertimentos organizados ao longo de um ano pelos escravos à margem de plantações, sempre sem o conhecimento de seus senhores, misturando dança e canto acompanhados de percussão. (Fléchet, 2011, p. 50).

A literatura histórica mostrou que cultivar a alegria era uma estratégia dos proprietários para evitar revoltas, e que essa alegria foi, de fato, apreciada, a partir de então, pelo povo escravizado, para suportar as difíceis condições em que viviam (Reis, & Silva, 1989; Schwartz, 1992).

3.2. MÉTODO UTILIZADO PARA A INVESTIGAÇÃO SOB A FORMA DE ENTREVISTAS INDIVIDUAIS

Valérie Ganem desejava saber em que as relações entre adultos e crianças podiam ter contribuído para a reprodução dessas condutas defensivas. Para estudar essa questão, precisava fazer entrevistas individuais. Em Guadalupe, ela tinha feito essas entrevistas com os participantes das investigações coletivas, e isso era determinante na metodologia "histórico-clínica". A relação de confiança estabelecida com os participantes guadalupenses, depois de muitos anos de intervenção em suas empresas, se revelou indispensável para que os participantes pudessem se expressar a respeito de assuntos tão sensíveis relacionados a suas vivências.

No Brasil, a relação de confiança necessária para a realização desse tipo de entrevista não podia existir com os participantes das investigações coletivas, que ela não via há muito tempo. Consciente da importância do mínimo de aproximação com os participantes, a pesquisadora fez a escolha, no Brasil, de encontrar pessoas que ela já conhecia, ou pessoas por elas indicadas.

Como são pessoas que ela já conhecia ou que foram indicadas, suas características não são distribuídas segundo critérios estatísticos, o que não causa problema algum, visto que não se trata de uma amostra representativa e por este estudo ser qualitativo.

Por outro lado, Valérie Ganem se deu conta, retomando as transcrições de suas entrevistas em Guadalupe, que o fato de estabelecer, de imediato, categorias nas quais os participantes da pesquisa são "distribuídos" de modo equânime, incitava a uma análise quantitativa do conteúdo dessas entrevistas, o que é contrário à aproximação clínica.

O fato de já conhecer essas pessoas ou de que elas fossem indicadas por outras de seu conhecimento foi uma condição indispensável para a realização dessas entrevistas.

Contudo, essa condição tornou a análise suscetível a um viés, razão pela qual não se busca, em nenhum caso, generalizar as experiências, mas, antes disso, discernir, em cada uma delas, as linhas que constituem o nó entre os elementos que são objeto da presente preocupação: a obediência, a violência, o trabalho, o gênero e a cor da pele. Com essa análise, busca-se determinar se existe uma transversalidade nas dinâmicas que ligam esses diferentes elementos, a fim de tentar formular hipóteses a esse respeito.

Esta investigação individual incide sobre pessoas afrodescendentes e, logo, potencialmente, herdeiras das que conheceram a escravidão, a fim de identificar como essa herança marcou ou não as relações entre adultos e crianças e a relação subjetiva, no trabalho e na dominação, em particular.

Finalmente, as pessoas que aceitaram participar desta pesquisa tinham um itinerário profissional um pouco atípico em relação ao que se esperava de pessoas afrodescendentes na sociedade brasileira: o frequentemente chamado "lugar do negro", quer dizer, os ofícios do serviço e o trabalho físico ou manual. Isso nos permitirá ver, na mesma ocasião, dentro dessas relações entre adultos e participantes, quando ainda eram crianças, o que teria sido favorável a esse itinerário um pouco excepcional.

Essa característica dos participantes poderia ser comparada àquela de Chantal Jaquet e Gérard Bras (2018), em suas pesquisas sobre as "transclasses":

> A reprodução não é uma fatalidade, um estado dado desde a eternidade; ela é o produto de uma história marcada por relações de poder e de antagonismo surdo ou aberto entre dominantes e dominados. Do mesmo modo que, na física, o repouso não é o estado primeiro e natural dos corpos, mas o resultante de forças que os mantêm em seu lugar, o imobilismo social é o efeito de causas que ele se presta a determinar. Assim como o repouso e o movimento, o imobilismo e a mobilidade social obedecem a uma dinâmica de forças sempre em trabalho, ainda que elas possam estabilizar-se de maneira momentânea, dando a impressão de inércia e perenidade. E por isso a reprodução social admite o jogo à margem da confissão, mesmo de seus próprios teóricos, Bourdieu et Passeron (1964), como testemunha a existência de transclasses que contrariam o determinismo social sem, contudo, invalidá-lo. (p. 12-13).

A expressão "transclasses" designa, literalmente, os indivíduos que, sozinhos ou em grupos, ficam de outro lado, transitam de uma classe a outra contra todas as probabilidades. Qualquer que seja a amplitude da trajetória, pode ser considerada como uma pessoa "transclasse", em uma dada sociedade, qualquer um que deixou sua classe de origem e viu mudar todo ou parte de seu capital econômico, cultural e social.

Indo mais longe, Jaquet et Bras (2018) destacam que, se os "transclasses" são, na maior parte das sociedades, casos singulares, eles não são casos de exceção. Esses últimos não escapam às regras que eles reconfiguram e combinam de outro modo, sob o efeito de instituições, de afetos e de encontros que modificam suas trajetórias e lhes imprimem um novo rumo. A esse respeito, não há milagre ou exceção, a não ser para os que ignoram as causas do fenômeno e preferem, antes admirar que compreender. Eles acrescentam que a singularidade do "transclasse" pode ser produzida de modo que o indivíduo que muda de classe é somente a parte visível de um processo sociofamiliar que ele não assimila.

Do mesmo modo que os autores o fizeram nessa obra, tentaremos identificar o melhor possível essas trajetórias dos participantes e relatar as diversas formas em que a "passagem de uma classe social é produzida, pensada e testada através da história, tanto a grande como a pequena" (Jaquet et Bras, p. 28, 2018,). Exceto que aqui os participantes passaram precisamente de um lugar que é reservado aos negros, na sociedade brasileira, a um outro lugar que melhor lhes convinha. E isso não pressupõe, necessariamente, para eles, uma mudança de classe social. Dois dos participantes masculinos, por exemplo, permaneceram na classe pobre, mas optaram por atividades artísticas. Essas atividades, nas quais encontramos quase sempre mais afrodescendentes que em outras partes da sociedade brasileira, já constituem, portanto, um primeiro deslocamento em relação ao determinismo oriundo da escravidão: fazer o trabalho doméstico para as mulheres, e o trabalho físico para os homens. Neste estudo, por vezes, um dos pais ou os dois efetuaram a passagem desse lugar para um outro antes do nascimento da pessoa participante. Para resumir, poderíamos dizer que esses participantes são "translugares", ao invés de "transclasses".

O modo de fazer as entrevistas adotado por Valérie Ganem, tanto em Guadalupe como no Brasil, é empírico. Ela o concebeu para encarar a necessidade de dar a palavra aos indivíduos sobre a experiência subjetiva que eles vivenciaram quando crianças, desde o nascimento, com os adultos do meio familiar, e sobre a vivência ligada às relações de dominação, em particular. O fato de realizar uma primeira entrevista, de redigir um relatório dessa entrevista e de validá-lo na ocasião de uma segunda foi inspirado em sua prática de investigação em psicodinâmica do trabalho e entrevistas em psicopatologia do trabalho. No Brasil, essas entrevistas foram realizadas a seus cuidados, em português e

sem intérpretes[1].

Esse método pode ser considerado psicossocial, pois não utiliza transferência e não oferece acompanhamento clínico ao participante. Se essa abordagem e a análise que se faz dela se inspiram na psicanálise, não são, entretanto, entrevistas clínicas clássicas no sentido que geralmente as entendemos. Da mesma forma, essas entrevistas, por esses motivos, não nos permitirão realizar aqui uma análise aprofundada do impacto das situações descritas na psique do participante em questão.

Primeira entrevista

A primeira entrevista foi não diretiva e aprofundada, e durou entre uma e duas horas e meia. A instrução inicial foi: "Que experiência subjetiva você tem dos laços entre violência, trabalho, gênero (feminino, masculino) e cor de pele?". A herança da escravidão não foi propositalmente citada nessa pergunta, mas o objetivo geral da pesquisa foi mencionado no formulário de consentimento assinado pelos participantes sob a seguinte forma: "O objetivo desta pesquisa é analisar as possíveis relações entre a prática da escravidão, as relações entre os adultos e as crianças e a relação subjetiva com o trabalho e a dominação, em particular."

Mesmo que, no curso dessas entrevistas, os participantes tenham sido levados a mencionar numerosos elementos biográficos, elas não constituem, contudo, uma aproximação biográfica (Cabanes, 2002), tal qual aquela compreendida pela sociologia ou antropologia. A pesquisadora não pedia aos participantes que lhe narrassem suas vidas, e os elementos que eles evocavam não eram sistematicamente relatados em ordem cronológica. Faltavam, às vezes, certos elementos biográficos que o participante não julgava necessário evocar ao olhar a questão, de início. A ordem escolhida pelo participante para expor esses elementos biográficos e aqueles que não foram expostos constituíam, para ela, elementos a serem analisados.

O método utilizado é o da entrevista clínica, o que quer também dizer "a mãos nuas, sem instrumentos" (Chiland, 1993). A pesquisadora foi seu próprio instrumento. Tudo que ela fez foi olhar e escutar, e falar para melhor ver e melhor ouvir. É uma entrevista verbal e, portanto, uma comunicação não verbal muito importante acompanha a palavra

[1] Valérie Ganem realizou uma dessas entrevistas em companhia de um jovem doutor francês. Ela foi apresentada a ele na ocasião de seu doutorado, pois ela fazia parte do júri de sua tese, co-dirigida por Pascale Molinier. Uma das participantes foi escolhida por Jan, o que fez com que Ganem realizasse essa entrevista, excepcionalmente, em parceria. No início, pensava em estar acompanhada, durante essas entrevistas, por um outro pesquisador ou pesquisadora, para que essa pessoa pudesse ajudá-la com a língua portuguesa. Depois de ter feito a primeira entrevista com uma participante que também falava a língua francesa, ela sugeriu que fizesse suas entrevistas na língua local, visto o bom nível de seu português. Foi assim que, sozinha, ela realizou sua segunda entrevista com um participante indicado por essa última, cujo resultado foi satisfatório. Ela decidiu, então, prosseguir sozinha com suas entrevistas, exceto aquela com esse jovem doutor, que estava programada. Ela entendeu, também, que sua participação inspiraria confiança à participante que lhe era desconhecida. Ela também decidiu realizar essas entrevistas sozinha, pois acreditava que os participantes poderiam ficar intimidados ao se encontrarem sozinhos e diante de dois pesquisadores franceses. E depois, os franceses possuem uma boa imagem no Brasil, e isso poderia colaborar com as dificuldades naturais que os participantes pudessem sentir no trato de assuntos "pesados", como os que se apresentavam dentro da instrução inicial. Além disso, ela percebeu, já em Guadalupe, que o fato de não dominar perfeitamente a língua nativa dos participantes (o crioulo em Guadalupe) tinha como virtude o efeito de restabelecer um pouco a igualdade entre ela e o (a) participante. Ela era, talvez, pesquisadora, mas como não dominava a língua, isso lhe roubava um pouco do prestígio que normalmente acompanha o *status* de pesquisador. O fato de nem sempre compreender e pedir para os participantes reformularem suas falas os obrigava a desenvolver um pouco mais suas reflexões.

ritmada pelo silêncio. Contudo, ela não teve, à sua frente, um indivíduo que veio lhe pedir um conselho, uma ajuda, uma terapia. Ela mesma havia solicitado um indivíduo escolhido em função de uma série de critérios, e que tinha boa vontade para participar de uma entrevista. A finalidade imediata da entrevista não era servir o outro, o que podia, sim, ser uma segunda finalidade; a pesquisa visava a aprimorar os conhecimentos no campo clínico.

Essas entrevistas de pesquisa foram também do tipo clínico, pois a pesquisadora sempre tinha a preocupação de se deixar surpreender pelas propostas, como os participantes também pudessem ser levados a fazê-lo igualmente. Ao final de uma dessas entrevistas, um deles lhe disse que havia se reencontrado graças a essas entrevistas ("eu me reencontrei"), e, por várias vezes, os participantes eram levados a lhe dizer, durante essas entrevistas, que ouviam, de suas próprias bocas, coisas que antes jamais pensaram. No entanto, ao invés da abordagem clínica tradicional, a transferência na perspectiva psicanalítica não foi usada como objeto de análise nessas entrevistas.

A mira da escuta, nessas entrevistas, estaria próxima daquilo que Thamy Ayouch (2018) descreveu e que ele caracteriza como uma psicanálise menor: "O alvo [nesta escuta[2]] seria como permitir a uma discursividade menor surgir no seio de discursos maiores, às vezes coletivos, e em sua incidência sobre a subjetivação." (p. 110). Do mesmo modo, trata-se aqui de um estudo "de relações de poder e dos efeitos de domínio, subjetivos e coletivos, pelos quais um sujeito se subjetiva se sujeitando." (Ayouch, 2018, p. 119).

As primeiras entrevistas foram gravadas, e os nomes dos participantes foram trocados por outros fictícios, muitas vezes escolhidos por eles próprios.

Entre duas entrevistas

Valérie Ganem realizou 15 entrevistas gravadas e transcritas, sendo três por ela mesma e o restante por uma equipe de "transcritores". Essa equipe foi composta por duas pessoas de São Paulo (seu marido brasileiro e um jovem doutor) e quatro pessoas de Brasília, uma aluna de Katia Tarouquella, professora do curso de psicologia da UNB, e três de seus ex-colegas, psicólogos ou educadores.

A transcrição foi considerada como um trabalho para os "transcritores". Aliás, foi feita uma reunião com todos, *a posteriori*, para discutir sua experiência nesse trabalho.

Cada transcrição foi, em seguida, relida, sendo objeto de uma estruturação. Quer dizer, Valérie Ganem acrescentou, dentro do texto, pequenas sínteses do que foi falado, redigidas em português. É o texto da transcrição estruturada, que foi submetido à avaliação dos participantes durante a segunda entrevista. Desde que os participantes não avaliassem as sínteses que ela propunha, a pessoa tinha a oportunidade de reler a transcrição daquilo que foi dito, para encontrar uma resolução mais adequada.

A segunda entrevista

Durante essa entrevista, o texto foi submetido à avaliação dos indivíduos participantes, diretamente em seu *notebook*. Valérie Ganem lia com os participantes. Eles trabalhavam, mais particularmente, com a validação de sínteses redigidas por ela. Em

[2] Inserido por nós.

função de cada indivíduo, essas segundas entrevistas foram longas, às vezes, mais longas que as primeiras. A grande maioria dos participantes considerou essa avaliação bastante a sério fazendo correções e ajustes. Houve até o caso de uma das participantes entrevistadas, que fez suas próprias modificações.

A justaposição dessas minis sínteses em português, redigidas para cada entrevista, serviu para constituir sínteses gerais, que foram traduzidas para o francês por Valérie Ganem, para facilitar seu trabalho de análise. Para ela, o fato de que as informações foram validadas pelos participantes era mais importante que o conteúdo em si. A pesquisadora preferia ter menos volume, desde que ele fosse aprovado. Validar o relatório com os participantes, individualmente, permitiu também um retorno do trabalho da pesquisadora e uma reparação, em parte, de suas faltas durante esse segundo encontro.

Ela realizou 15 entrevistas no total entre o dia 22/11/2018 e o dia 15/04/2019, mas nesse período não pôde fazer a segunda entrevista com dois dos participantes, o que foi possível somente em julho de 2019, com-um deles. A análise proposta nesta obra diz respeito, então, a 13 participantes.

Perfil dos participantes

O perfil dos participantes correspondia a dois critérios:

- Sua afrodescendência, isto é, o fato de que, ao menos um de seus pais tenha sido diretamente descendente de pessoas escravizadas, mesmo se os participantes implicados possam, às vezes, se considerar brancos.
- Seu itinerário profissional um pouco atípico, o que, para nós, significava não corresponder ao lugar reservado aos afrodescendentes na sociedade brasileira.

As principais características do perfil dos participantes são apresentadas no quadro posto a seguir:

Características dos participantes da pesquisa

Nome	Sexo	Profissão	Idade[3]	CSP[4]	Região
Marieta	F	Funcionária de departamento público	40+	+	Centro-Oeste
Romana	F	Aposentada no serviço público	40+	+	Centro-Oeste
Arnaldo	M	Professor na universidade	40+	+	Centro-Oeste
Filipa	F	Psicóloga	40-	+	Sudeste
Kérubyn	M	Músico	40+	-	Sudeste
Daniel	M	*Cameraman*, ativista cultural	40+	-	Sudeste
Eliete	F	Professora na universidade	40+	+	Sudeste
Janaína	F	Estudante de *marketing*	40-	+	Sudeste
Ailton	M	*Designer*	40-	+	Sudeste
Kehinde	F	Funcionária do serviço público	40-	+	Nordeste
João	M	*Personal trainer*	40-	+	Nordeste
Gabriel	M	Professor de escola publica	40-	+	Nordeste
Gabriela	F	Gerente de um restaurante	40-	+	Nordeste

[3] A pesquisadora escolheu unicamente duas categorias, com pessoas mais ou menos de 40 anos, considerando essa idade determinante pelo fato de já se ter construído uma carreira ou não.
[4] Categoria social e profissional: o que distingue a categoria – da categoria + é o fato de que o sujeito se considera (+) ou não (-) como integrante da classe média.

No Nordeste, os quatro participantes são dois casais de irmãos. Valérie Ganem desejava, desde o início, aproximar-se dos irmãos, no intuito de analisar o impacto do gênero na experiência vivida por eles, ainda crianças, face ao tratamento recebido pelos adultos. Ela conseguiu fazê-lo somente nessa região. Contudo, um desses casais afrodescendentes foi adotado por uma família de classe média branca, que empregava a mãe deles como doméstica. A pesquisadora concluiu que aquilo constituía um itinerário também interessante para ser analisado.

No momento em que fazemos esse tipo de investigação clínica individual em psicologia, somos imediatamente confrontados com a dificuldade de prestar contas. De fato, sempre há o risco de não apresentar uma narrativa em sua integralidade, "retalhando" a clínica, distorcendo-a, interpretando a nosso proveito.

Apresentaremos integralmente cada uma das 13 narrativas, seguidas de um comentário visando a reconstituir e colocar em paralelo os diferentes elementos da instrução inicial presentes em cada narrativa e os elementos que encontramos de uma narrativa a outra.

CAPÍTULO

04 Narrativas de afrodescendentes: "translugares"

4.1. MARIETA: UMA ILUSTRAÇÃO DA COMPLEXIDADE DO PROCESSO DE ATRIBUIÇÃO DESCRITO POR JEAN LAPLANCHE

Marieta é funcionária de um departamento público há mais de 40 anos, e reside no Centro-Oeste. Valérie Ganem lhe perguntou se gostaria de dar uma entrevista e participar de uma pesquisa, vez que sua história era bastante singular pois, seu pai era mestiço, mas ela nasceu com a pele clara. Sua irmã Maria, mais velha que ela quatro anos, tinha a cor de pele bem mais escura que a sua. Valérie Ganem teve a oportunidade de conhecê-las, e seu projeto era poder entrevistar cada uma delas. Foi assim que lhe surgiu à ideia de entrevistar grupos de irmãos.

Infelizmente, algumas semanas antes da chegada de Valérie Ganem ao Brasil para realizar essas entrevistas, Maria faleceu. Apesar da triste ocorrência, Marieta aceitou participar, dando sua entrevista no intuito de testemunhar, um pouco pelas duas, essa experiência de vida.

As duas entrevistas foram em sua casa e duraram duas horas e meia cada uma. Ao escutar a instrução inicial da entrevista – *"Que experiência subjetiva você tem dos laços entre violência, obediência, trabalho, gênero (feminino, masculino) e cor da pele?"* –, Marieta começou dizendo que seu pai combinava machismo e violência. Ela evocou, em seguida, o fato de que havia notado, muito cedo, a importância da cor da pele através dos adultos, que sempre a interrogavam sobre a diferença de cor de pele entre ela e suas irmãs, sempre valorizando a cor de pele clara ou branca.

Em seguida, voltou a falar de seu pai, mecânico de avião na aeronáutica militar, gaúcho e mestiço. Ressaltou que, em sua família, as cores de pele eram muito contrastantes. Para apoiar o que dizia, mostrou uma fotografia que reunia toda sua família nuclear e que ilustrava bem essas nuances de cor de pele.

Ela confessou ter sido poupada da violência e "colocada num pedestal" por seu pai, pois teria respondido às suas expectativas para evitar sua violência. Por exemplo, ela recordava que, ainda pequena, na chegada do pai, ela evitava o contato imediato, para, de longe, perceber o humor dele e saber como lidar.

Acrescentou que sua mãe era frágil, e sempre era sua irmã mais velha que vinha socorrê-la. O medo de sua mãe teria inspirado a violência contra essa última. Ela se refere ao dia em que sua mãe, depois de uma psicoterapia, tinha conseguido domesticar o medo, e seu pai não tinha sido violento.

Quando a pesquisadora lhe perguntou qual era o discurso de seus pais em relação ao trabalho que faziam, ela respondeu que eles valorizavam o lugar aonde chegaram na condição de pioneiros na capital do Estado e os privilégios associados a esse *status*.

Sua mãe, da Paraíba, conseguiu, segundo ela, entrar para o serviço público por ingenuidade. Ela foi até lá pedir um cargo qualquer, um pouco sem malícia e obteve. Ela aprendeu a ler e a escrever em uma escola católica, financiada a preço de ouro por seus pais, que, embora pobres, encontraram uma mina de ouro no fundo do quintal. Isso podia muito bem acontecer na época. A descoberta do ouro representou um grande papel na história desse país.

Quanto ao pai, que sabia se virar muito bem e era reconhecido em sua profissão, entrou sem formação para o serviço militar na Aeronáutica com 18 anos. Sempre ausente, sua mulher vivia sozinha com as filhas e a empregada doméstica Rita, a negra, como Monica, sua irmã mais velha, a chamava.

Ela considerava que existia uma divisão equitativa no trabalho doméstico entre mãe e filha. Cada uma fazia seu trabalho em função das possibilidades ligadas às suas idades.

As nuances de cor de pele foram importantes na família. Ao mostrar uma fotografia com seu pai, ela declarou que estava bronzeada nessa foto, e que seu pai era negro. Nesse momento, sobre a fotografia mencionada, Valérie Ganem perguntou a ela se sua mãe era branca ao que ela respondeu que não era o caso e que sua mãe era “morena”.

Quando a pesquisadora a interrogou sobre sua trajetória escolar e profissional, ela declarou ter tido um percurso profissional e universitário intenso e que começou muito jovem. Ainda que fosse a caçula, foi a primeira da família que cursou a universidade. Em seguida, informou que estudar foi uma das maneiras de responder às expectativas de seu pai, o que reafirmou mais tarde, durante a entrevista.

Para suas irmãs, o medo das pancadas aplicadas pelo pai teria paralisado seus pensamentos. Enquanto ela, testemunha da violência, tinha medo de que o pior acontecesse, cada irmã usava sua estratégia frente à violência do pai: Mônica, a mais velha, o enfrentava diretamente, enquanto Maria, a do meio, enfrentava-o acumulando as transgressões.

A diferença de tratamento recebido entre irmãs estaria mais ligada ao contexto do nascimento que à cor da pele, segundo ela. Ela, a caçula, nasceu em uma capital do Centro Oeste, com todos os privilégios dos pioneiros e um pai que ainda não tinha muitos amigos, enquanto suas irmãs nasceram em Recife, de um casamento ainda sem experiência, no qual o pai bebia bastante com os amigos.

Em seguida, lembrou-se de que seus pais utilizavam apelidos carinhosos e estranhos para chamar as filhas. Ela retomou o assunto não muito tempo depois, e preferia, antes, sublinhar que ela era a preferida de todos. Com o tempo, foi se tornando dependente da afeição de seus familiares. Depois disso, se pôs a revelar os apelidos dados e, em particular, aqueles dados pelo pai. Sua irmã mais velha era apelidada “Cabo Momo”. Cabo designava a patente, dentro da hierarquia militar sugerindo que ela fosse sua subordinada, e Momo para designar seu primeiro nome, Monica. Sua irmã do meio era apelidada “Caxinguelê”, que significava esquilo, mas que, em seu pensamento, queria dizer "macaquinha", pois tinha a pele mais escura. O apelido dado a ela era "Lagartixa", que é o nome feminino dado a esse pequeno réptil quase transparente. Ela se surpreendeu ao se dar conta de que somente seu apelido era feminino.

Em seguida, declarou que, muito cedo, teve de demonstrar autonomia e poder de manipulação. Para ilustrar seu discurso, deu dois exemplos. Primeiro exemplo: com cinco anos, ela escolheu pegar emprestada a saia de sua irmã mais velha, para buscá-la na

escola. No caminho, as outras crianças zombavam dela, mas isso não a preocupava. Para grande surpresa de sua mãe, no dia seguinte, ela ainda queria colocar a saia da irmã, o que, para ela, ilustrava sua autonomia nessa idade. Segundo exemplo: mais ou menos à mesma idade, ela pintou, com pontos vermelhos, o corpo de uma boneca de sua irmã mais velha. Quando sua mãe descobriu aquilo, ficou preocupada com a reação que teria sua irmã, mas Marieta declarou abertamente que não sofreria nenhuma consequência, pois sabia como fazer para que a irmã não lhe dissesse nada, e que bastava chamá-la pelo apelido "mãe Momão" (mãe Momo). Marieta estava convencida de que, assim que sua irmã fosse chamada por seu nome afetuoso, se mostraria compreensiva com ela. Isso ilustrava, segundo ela, seu poder de manipulação sobre sua irmã mais velha, quando era ainda criança.

A divisão do trabalho doméstico, entre ela, sua mãe e suas irmãs, era equitativa. Apoiando-se nessa afirmação, conta que ela e suas irmãs preparavam o almoço para a mãe que trabalhava, e que, muito jovem, ela já fazia bolos para a família, que eram distribuídos na vizinhança. Suas irmãs, que resistiam ao trabalho doméstico, tinham castigos violentos, pois o pai era muito nervoso. Ela não resistia, pois, muito cedo, tinha um pressentimento sobre a necessidade de ser autônoma, que persistiu até os dias de hoje. Para ela, a realização do trabalho doméstico contribuía para desenvolver essa autonomia.

Quando a pesquisadora a interroga sobre o que justificaria esse tratamento privilegiado, do qual se beneficiava, ela declarou que sua irmã Maria pensava ser devido à cor de sua pele, mas não conseguia se lembrar de uma circunstância que a levasse confirmar isso. Valérie Ganem concluiu que era uma lembrança dolorosa, na qual ela preferia não pensar, visto que aquilo devia ser um "sentimento" difícil de descrever. Suas irmãs diziam que esse tratamento privilegiado existia porque ela era a caçula. Quando escutava suas irmãs se lamentarem por seus privilégios, dizia que essas últimas não se davam conta do esforço que ela fazia para isso.

Marieta apresentava, como prova de seu poder sobre o pai, o fato de que sua mãe e as duas irmãs sempre dizerem: "Pergunte a seu pai". Para encarar o pai, potencialmente violento, ela colocou em curso uma estratégia que designava com os termos de "manipulação pela timidez". Ela declarou, em seguida, que tinha utilizado essa estratégia em todas as esferas de sua vida (família, chefes, colegas, usuários), enquanto sua irmã Maria, escolheu ser extrovertida e rebelde. Ela declarou que deixou de fazer uso dessa estratégia de "manipulação pela timidez" atualmente, com seus colegas e chefes, por conta da hipocrisia e da competição que reinava em seu posto de trabalho. Declarou ter escolhido essa estratégia por considerá-la eficaz, visto que a estratégia de sua irmã não funcionava.

No início da segunda entrevista, antes de avaliar as sínteses que iriam estruturar a transcrição, a pesquisadora fez algumas perguntas que lhe ocorreram. Na primeira pergunta, em relação à família de seu pai, a pesquisadora desejava saber se Marieta a conhecia, se conhecia seu avô paterno, por exemplo. Pois lhe havia dito, durante a primeira entrevista, que se parecia com sua avó paterna por ter a pele bastante clara. Ela respondeu que seu avô morreu antes de sua avó e que ele era mestiço e bastante violento, segundo seu pai lhe teria dito. Disse ainda que seus avós paternos eram violentos, assim como seu pai. Seu avô paterno também era militar e músico na orquestra do exército. Também se lembrou que seu pai dizia ter de caminhar muito para chegar à escola pública em que estudava. Disse ainda, na mesma ocasião, que seu pai tinha três irmãs em casa.

Na segunda pergunta em relação à sua mãe, Valérie Ganem quis saber se ela também batia nos filhos. Marieta respondeu que sua mãe, de vez em quando, dava uns pequenos tapas nas três.

No final da segunda entrevista, Marieta disse que tudo isso sempre esteve claro para ela. Que teve de fazer muitos esforços para ser a preferida e para não ser violentada. Ela considerava que essa preferência jamais fora gratuita.

Discussão

No discurso de Marieta, percebemos, através da história de sua mãe, a importância que teve a educação para seus avós maternos, que utilizaram o ouro encontrado no fundo do jardim para pagar a escola particular da filha. Seu pai dá importância à educação, e ela escolheu estudar para corresponder às suas expectativas, o que repete várias vezes durante a entrevista.

Os apelidos adotados por seu pai para se referir às três filhas aparecem como uma mensagem enigmática quanto à sua relação com cada uma delas.

Podemos notar, nesse discurso, que a empregada doméstica Rita, a negra, desaparece rapidamente da "paisagem familiar" descrita por Marieta. Não discernimos muito bem seu papel na divisão do trabalho doméstico, nos cuidados com as crianças dessa família. Isso está de acordo com o que descreve Rita Segato, em sua obra *O édipo brasileiro*. Contudo, a divisão do trabalho doméstico entre crianças parece bastante equânime, segundo o discurso feito por ela, e está mais ligado à idade de cada uma de suas irmãs que a qualquer outro critério. Através de seu discurso, ela insiste sobre o fato de, muito cedo, ter procurado ser autônoma e que o fato de ser capaz de realizar o trabalho doméstico foi um meio para obter essa autonomia.

O que é bastante notório, através da história de Marieta, é que as diferenças de tratamento operadas pelos adultos em relação às suas crianças não dependem somente do gênero, da cor da pele e do lugar ocupado dentro do grupo de irmãos, como Valérie Ganem já tinha analisado quando de sua investigação em Guadalupe, mas igualmente das circunstâncias que rodeiam o nascimento de cada criança, e isso aparece mais claramente aqui. As mensagens transmitidas pelos adultos que criam a criança dependem disso, como a tradução dessas mensagens também. Então, no final desse processo, podemos fazer uma hipótese de que essas circunstâncias do nascimento da criança, sempre diferentes das dos outros irmãos, também terão impacto na constituição do próprio inconsciente dela.

O que também aparece mais claramente no discurso de Marieta é o papel interpretado pela criança na concessão de um tratamento mais ou menos privilegiado pelos adultos. Ela pode buscar ativamente ser a preferida, pagando o preço de renunciar aos próprios desejos, procurando, a todo custo, atender às expectativas dos adultos, como é o caso aqui de Marieta, tentando continuar a se beneficiar de um tratamento privilegiado, embora ele não fosse ligado a seu comportamento, mas aos critérios da hierarquia social (gênero e cor da pele) e às circunstâncias de seu nascimento, como vimos. A criança, pelo contrário, pode ser rebelde ao tratamento que recebe, para dar sentido à injustiça que sente pelo fato de fracassar em ser a preferida, como é o caso de Maria, e alimentar, assim, os tratamentos injustos. Essa repetição do tratamento reservado à criança pelos adultos, sem que o comportamento da criança possa mudá-lo, seria enigmático para a criança e explicaria a repetição das estratégias construídas na infância frente ao tratamento injusto entre irmãos, quando vai encarar, na fase adulta, os tratamentos injustos no trabalho.

Assim, cada criança possui sua estratégia diante da dominação e da arbitrariedade do adulto. Através da narrativa de Marieta, podemos ver que ela é realmente capaz de continuar a adotar essa estratégia, mesmo quando adulta. Ela procura não somente responder, a qualquer preço, às expectativas de seu pai, conquistando seus estudos, mas adota, também, a estratégia de "manipulação pela timidez", para encarar a dominação de seu pai, conservando essa estratégia nas relações amorosas e profissionais. Ela não desenvolve muito as características dessa última estratégia, infelizmente. Em seu caso, podemos ver que, diante do espírito de competição e da hipocrisia que reina em seu meio de trabalho atual, ela perde a perseverança e renuncia a essa estratégia.

Através desse discurso, nos damos conta dos esforços realizados pelas crianças para manter a preferência. A relação de dominação com o adulto constituiria uma espécie "de escola da dominação" para as crianças e marcaria suas relações futuras com as experiências desse tipo.

Ela evoca o fato de que sua irmã, a de pele mais escura, teria considerado que a diferença de tratamento entre elas duas estaria ligado a esse critério, mas Marieta se mostra incapaz de ilustrar essa ideia com um exemplo concreto. Podemos imaginar que esse privilégio, ligado à sua cor de pele, constituiria uma mensagem enigmática que ela não teria conseguido traduzir e que esse "não traduzido", sempre constitutivo de seu inconsciente, não poderia ser mobilizado neste momento da entrevista. Ainda mais que Maria tinha acabado de falecer.

Com referência à cor de pele, Marieta, sublinha, durante a entrevista, que ela pôde captar muito cedo, no discurso dos adultos, a importância da cor da pele, visto que se interrogam frequentemente sobre a diferença entre ela e suas irmãs e valorizam a cor da pele clara. Ao longo da entrevista, Marieta dará uma grande importância às nuances de cor de pele dos diferentes membros da família.

Ela diz ter tido "um percurso profissional e universitário intensivo, que começou quando era ainda muito jovem." Podemos verificar, em seu discurso, que tanto sua mãe como seu pai são formados "no exercício de seus trabalhos", em suas respectivas funções.

Quando a pesquisadora lhe perguntou sobre o discurso de seus pais relativo ao trabalho, ela menciona os privilégios que eles tiveram quando chegaram na capital do estado, mas sem nada dizer em relação ao conteúdo de seus trabalhos.

4.2. ROMANA EMILIANA: ILUSTRAÇÃO DE UM LEGADO CARREGADO DE ESCRAVIDÃO

Romana Emiliana foi apresentada a Valérie Ganem por Marieta. Elas se encontraram pela primeira vez no dia da entrevista, nos alojamentos da cidade universitária da Universidade de Brasília. Romana Emiliana tem mais de quarenta anos e é aposentada no serviço público.

Ao ouvir a instrução inicial da entrevista – *"Que experiência subjetiva você tem dos laços entre violência, obediência, trabalho, gênero (feminino, masculino) e cor da pele?"* –, ela começou dizendo que a firmeza de sua mãe não era violência: era a expressão de seu desejo de livrar os filhos da condição social da família (empregadas domésticas, empregado de fazenda), desse círculo vicioso no qual se encontrava a família.

Ela pensava que nenhum dos filhos de sua mãe tinha sequelas, e contou que eles riam muito, entre irmãos, a esse respeito. Os irmãos achavam que, se seus próprios filhos,

embora ainda fossem muito jovens, fossem filhos de sua mãe, teriam tido mais sucesso. Durante a segunda entrevista, ela acrescentou que eles também riam dizendo que, se os irmãos tivessem sido educados apenas pelo pai (o "doce" da família, veremos), eles também teriam tido menos sucesso.

Romana Emiliana considerava que as piores violências que ela tinha vivido foram as atitudes racistas de seus colegas da escola na zona rural onde morava, na infância, em Minas Gerais. O proprietário da fazenda mantinha essa escola para as crianças de seus empregados. Ela viveu até os 11 anos nessa fazenda. A sala de aula ficava na casa da professora, dentro da fazenda, e misturava todos os níveis do ensino primário. Os irmãos da professora faziam de tudo para humilhá-la, com seus irmãos, chamando-os de urubus, macacos...

Para ela, era horrível, porque, ao mesmo tempo, todos os irmãos eram incitados pelos pais a ir à escola. Isso foi uma tortura, porque ninguém conseguia fazer parar esses insultos, até o dia em que sua avó os salvou dizendo que o cocô do urubu era branco, e sugerindo que eles dissessem isso como resposta, na próxima vez em que fossem tratados por urubus. Assim, enfim, os insultos cessaram, pois pior que ser um urubu era ser o cocô do urubu.

A segunda atitude racista que ela teve de suportar ocorreu na cidade mais próxima à fazenda: Campina Verde. Sua professora a escolheu para desfilar no carro alegórico da escola, em 7 de setembro, porque ela adorava estudar, e sua mãe era costureira. Quando ela e sua professora foram apresentar sua candidatura à diretora da escola, enquanto ela esperava no corredor, ouviu a diretora dizer, levantando-se da cadeira, totalmente indignada: "Você imagina! Nunca na vida uma negra representará a escola! Não! Não! De jeito nenhum!"

Romana Emiliana foi confrontada com uma terceira atitude racista, posteriormente, na Universidade Federal de Rondônia. A professora afirmou que tinha dado tal data para entregar uma tarefa e ela respondeu: "Sim, professora, você disse que era tal data." Um colega da classe então declarou: "Cale a boca, negra! É por isso que odeio a princesa Isabel que, por ter libertado os escravos, agora me obriga a estar em uma sala de aula com uma negra que deveria estar no tronco ou na senzala." Depois disso, ninguém reagiu, e a professora interrompeu a aula. Ela acrescentou, durante a segunda entrevista, que foi esse silêncio, por parte da professora que permitiu que esse primeiro agressor e outros continuassem sua violência racista. Quando ela voltou no dia seguinte, paredes, escadas e portas estavam com cartazes cheios de frases racistas[1] como:

"Você sabe quando um negro é gente? Quando você bate na porta do banheiro e a pessoa dentro responde: – *Tem gente*".

ou ainda:

"Você sabe qual é a diferença entre uma negra grávida e um carro com um pneu furado? Nenhuma. Ambos esperam um 'macaco'".

Ela declarou que lhe foi preciso muito tempo para engolir tudo isso que havia sofrido na faculdade. Para isso, optou por estudar mais, por trabalhar para não deixar que determinassem qual era o lugar do negro (referindo-se ao trabalho doméstico e físico).

Mas acrescentou que sua irmã, que não era feita da mesma "fibra", não conseguiu terminar o Ensino Médio. Seu irmão mais novo só conseguiu um diploma universitário em

[1] Ver Adilson Moreira (2019) "Racismo recreativo". Feminismos plurais. Coordenação de Djamila Ribeiro.

educação física depois que se casou, e o outro só completou o curso de gestão pública aos 50 anos, porque nenhum dos dois havia conseguido superar suas dificuldades antes. O outro irmão não concluiu a faculdade e a outra de suas irmãs se formou em matemática, mas também só depois de se casar. A mais jovem morreu de uma crise epiléptica aos 19 anos.

Então, ela disse que os filhos dos trabalhadores da fazenda começavam a trabalhar muito cedo. Primeiro ajudavam em casa, cuidando dos animais e plantas (milho, mandioca, frutas), e de um enorme quintal. Crescidos, eles ajudavam no plantio e na colheita nos campos do proprietário. Depois de fazer isso como as outras crianças, aos 13 anos, ela foi babá de cinco crianças na cidade mais próxima. Gostava do trabalho, porque foi nessa casa que ela aprendeu a lavar os banheiros, pois não havia nenhum em sua casa, na época. Também gostava porque foi assim que começou a ganhar um salário. No entanto, ela havia ganhado dinheiro antes passando roupas para sua tia-avó por parte de mãe. Gostava muito desse trabalho também, porque consistia em lidar com roupa limpa, vestidos de senhora e ternos, e ela sempre teve gosto pelo luxo. Passou um ano fazendo isso, com a idade entre 12 e 13 anos, e depois foi trabalhar como babá, porque estava ganhando muito pouco com esse trabalho de passar roupa, que tomava muito tempo. Aos 11 anos, saiu de casa para cursar o ensino fundamental em Campina Verde, onde morou com a avó materna, e iniciou seu negócio de passar roupas.

Quando a pesquisadora lhe perguntou como foi sua infância nessa fazenda, ela disse que o proprietário tinha filhos da mesma idade que ela e seus irmãos. Eles brincavam juntos, mas sua mãe sempre dizia: “Eles são os patrões, eles são brancos, eles podem fazer o que quiserem, vocês não.” E ameaçava bater em seus filhos se eles entrassem na casa do dono. O problema era que o filho do patrão não se responsabilizava por seus próprios erros. Por isso, ela pensava, no momento da entrevista, que sua mãe tinha sido muito esperta em não permitir que eles entrassem em casa. Para Romana Emiliana, quando as crianças brincavam com o filho do patrão, viviam praticamente as mesmas relações dos empregados com o patrão. A brincadeira ia bem até que o filho do chefe se via chateado e dizia: “Não! Você vai fazer porque sou eu que mando!”

A casa onde morava, quando criança, era de pau a pique, e seu pai construiu, então, uma casa de alvenaria para os empregados, a pedido do dono da fazenda. O pai dela era muito inteligente, ela disse. Era pedreiro, carpinteiro, agricultor, vaqueiro, e, no final da carreira, até tinha sido gerente... Tinha feito uma casa nova para o dono. Ele era muito bom em matemática, e ainda o era quando tinha 93 anos.

Quando a pesquisadora lhe perguntou se ainda havia senzalas nessa fazenda, ela respondeu que, durante os tempos da escravidão, os escravos eram alojados em porões abaixo de onde as mercadorias eram guardadas. Mas, na época em que vivia nessa fazenda, esses porões não estavam mais em uso. Ela havia sido criada na casa de pau a pique. Quando tinha 13 anos, seu pai construiu uma casa de alvenaria, onde havia banheiro, instalado por ele, com seu próprio dinheiro.

Enquanto criança, era muito claro, para ela, que havia pessoas que tinham privilégios e outras que trabalhavam o dia todo, como era o caso da filha do dono e ela. Os filhos do proprietário tinham brinquedos comprados nas lojas, e ela e os irmãos tinham bonecas de pano e carrinhos feitos de buriti pela mãe. Os caules das folhas do buriti são fáceis de modelar, e sua mãe também fazia móveis de casa de boneca com eles, aviões...

Como esse "monte" de filhos dava muito trabalho em casa, sua mãe lavava, passava e cozinhava enquanto ela ajudava a cuidar dos irmãos. Seu pai estava sempre ausente, indo trabalhar em outras fazendas, construindo pontes e currais de madeira, por exemplo. Todos também participavam da confecção de fumo de rolo à noite, em casa, até 21 ou 22 horas.

Romana Emiliana admitia que, na família, todas as besteiras que se cometiam eram consideradas da responsabilidade do mais velho, ou seja, dela própria. Ela tinha 14 anos de diferença para sua irmã mais nova. Quando sua irmã mais nova nasceu, ela passou três meses sem falar com os pais. Achava um absurdo que pobres tivessem um monte de filhos, quando os ricos tinham, no máximo, dois ou três. Principalmente porque o mais velho não era só quem cuidava de tudo, mas também quem levava as "porradas". No entanto, ela insistiu em deixar claro que não havia tratamento diferenciado de gênero em sua família. Os homens da casa (pai e irmãos) lavavam, cozinhavam, faziam tudo o que as mulheres faziam. Por outro lado, os mais velhos trabalhavam mais que os mais novos, sim. Os pais batiam muito nos filhos mais velhos e depois, mais cansados, se comportavam como avós com os filhos mais novos.

A mãe ameaçava estrangulá-la, e costumava bater nela com um galho de goiabeira, muito flexível, mas que nunca quebra. Seu pai era o mais "doce" da família. A mãe contava, ainda hoje, como foi difícil fazer os filhos entenderem que, se repetissem certos comportamentos, também repetiriam a história da família. Sessenta anos atrás, à sua mãe faltavam argumentos. Era "desobedecer, apanhar..." Simples assim. Hoje, Romana Emiliana considera que, se levava pancadas, era porque estava errada. Para ela, os ricos eram ricos porque não tinham muitos filhos. Ela falava assim: "Se você é pobre e tem muitos filhos, você é um burro".

Sua mãe achava que ela era arrogante, que tinha o coração duro. Um dia, sua mãe a magoou muito quando lhe perguntou: "Qual de seus irmãos e irmãs você quer ver morrer? Já que eles são muitos!..."

Ela percebeu que sua avó materna era capaz de conversar, mas sua mãe, não. Ela admitiu que sempre teve uma resposta na ponta da língua também. Se sua mãe lhe dissesse: "– Você está demorando muito para terminar de lavar essas roupas." Ela respondia: "– Se houvesse menos crianças, não haveria tantas roupas para lavar." Toda vez, ela apanhava.

Aos 13 anos, quando começou a ser babá, sentiu que a mãe deveria ter pagado para cuidar dos irmãos, e a confusão com a mãe recomeçou. Ela cuidou de todos os irmãos. Sua irmã, nascida logo depois dela, foi rapidamente considerada pelos pais como incapaz. Quando adulta, essa irmã foi diagnosticada com TDAH (transtorno de déficit de atenção, com ou sem hiperatividade). Essa irmã sempre fez as coisas à sua maneira, em seu mundo. Os pais economizavam problemas, deixando-a fazer o que queria. Mesmo hoje, ela ainda pensava que era assim. Na verdade, ela pensava que a irmã era muito inteligente, mas, pelo contrário, muito indisciplinada. Cada criança ajudava de acordo com sua idade, mas, no final, ela havia desempenhado o papel de mãe para todos os outros.

Romana Emiliana acreditava que essa infância, essa situação de violência que viveu foi e é ainda hoje a mola que a impulsionou. Mas a principal violência que viveu foi na escola. A escola a tornara uma pessoa sempre alerta: "Se eu perceber uma situação em que haverá um ataque, eu ataco primeiro." Ela disse que estava tentando se desarmar, mas não era fácil, porque, no trabalho, ela também havia vivenciado essas situações.

Depois de ser babá, ela se tornou empregada doméstica. Considerava um absurdo ter de carregar baldes de água para lavar o vaso cheio de fezes dos patrões, quando era ainda magrinha e tinha apenas 16 anos. Um dia, no Pará, embora o contrato previsse que o trabalho não deveria atrapalhar seus estudos, o patrão a obrigou ir à fazenda, pois daria uma festa, sendo que ela teria uma prova naquele dia. Ela deveria ir e faltar à prova. Ela chorou e pediu a Deus que não a tornasse uma doméstica como o resto de sua família. Naquele momento, ela teve a seguinte intuição: "Você lava roupa muito bem, você passa roupa muito bem. Por que você não larga esse trabalho?" E pediu demissão. Então, começou a lavar e a passar roupas em casa, onde morava com seus irmãos. Ela pegava roupa suja de seus clientes e as devolvia limpas. Lavava as roupas de seus ex-patrões e de outras famílias. Conseguiu, assim, pagar um curso de datilografia e, finalmente, conseguiu sair da "senzala".

Então, contou à pesquisadora que, quando ainda era criança, ela e sua família haviam saído de Minas Gerais para o Pará, após um conflito entre seu pai e o irmão dele. Na década de 1970, o regime militar convidou os brasileiros a ocuparem a Amazônia, e os ricos receberam terras do governo. Na cidade deles, um dos patrões havia obtido terras, e seu pai deveria ir gerenciar a fazenda ali. Foi nessa fazenda que ela trabalhou como empregada doméstica. Porque era assim que funcionava: os filhos cresciam e se tornavam empregados do patrão dos pais. E os patrões achavam que os filhos de seus empregados eram ingratos quando não queriam seguir esse caminho, alegando que seus avós eram empregados dos avós deles. Isso não mudou desde a escravidão. O patrão do pai podia vir à casa que ele colocava à disposição da família e obrigar Romana Emiliana a atendê-lo de graça, quando ela estivesse de folga, mesmo que ela não fosse sua empregada doméstica. E seu pai deixava, porque tinha uma autoestima muito baixa e porque acreditava que os brancos tinham mais direitos. Portanto, ele obrigou toda a família (esposa e filhos) a obedecer nesse caso.

A mãe dela era diferente, pois seus antepassados maternos eram da cidade, não da roça. Vendiam coisas. Segundo ela, com a "Lei do Ventre Livre" (de 1871, que declarava livres as crianças nascidas de escravos), as crianças nascidas livres eram jogadas na rua ou mantidas nas casas de enjeitados, trabalhando de graça em troca do favor de não serem jogadas na rua. Essas crianças eram expostas para serem escolhidas, como se fossem bichos. Depois, veio a "Lei dos sexagenários" (de 1885, que libertava escravos com mais de 65 anos), e, assim, foram fundadas as favelas, segundo ela. Considerava que muitos dos negros da cidade vieram dessa história, mas não tinha certeza do que se passara com sua família materna. Pelo que ela percebia da família da mãe, foi bom, porque eles não deviam nada a ninguém. Nessa família, não havia essa espécie de "temor reverencial" existente na família de seu pai.

Romana Emiliana considerava que os escravos que permaneceram nas roças como empregados recebiam em troca muito pouca remuneração, inferior à oferecida a outras etnias e que isso ainda hoje era verdade. Para ela, isso explicava por que havia tão poucos negros em posições de poder. Exemplo, nesse sentido, é o deputado negro que é a sombra do atual presidente. Percebe-se que o papel dele é apenas passar a ideia que o atual presidente não é racista. Ela acrescentou que esse deputado é militar, mas atingiu apenas o posto de subtenente, um posto de subalterno. Ela deu continuidade a essa ideia, dizendo que os escravos haviam sido enviados para a guerra do Paraguai, na infantaria, com a promessa de serem libertados e ingressarem no exército. Ela lamentou que, de fato, muitos morreram sem reconhecimento algum, e os que voltaram da guerra, tendo feito

atos heroicos ou não, foram mantidos escravos. Assim, o império não cumpriu suas promessas.

Sua mãe tinha sido uma empregada doméstica até que montou sua própria tinturaria. Então, se apaixonou por seu pai, que vivia em uma área rural. Antes de se casar e se mudar para a fazenda, deixando seu pequeno negócio, a mãe fez um pacto com o pai: ela não trabalharia mais como doméstica, apenas trabalharia em casa, cuidaria da família. Ela criava galinhas e porcos para vender. Por exemplo, o dinheiro que foi usado para ela fazer faculdade em São Luís do Maranhão, saiu da criação dos porcos de sua mãe. Achava que sua mãe sabia o que ela queria para seus filhos.

Romana Emiliana formou-se em Direito e Administração, e possuía duas especializações na área jurídica. Sua mãe sempre foi de esquerda, sempre teve uma visão de um angulo mais abrangente da vida do que seu pai. Mas ele sempre a acompanhou.

Quando era criança, seu pai, muito orgulhoso, junto com seu "temor reverencial" na frente dos brancos, não queria depender do governo. Como resultado, ele nunca usou serviços públicos. Ao lavar roupa em casa, Romana Emiliana teve de procurar tratamento no hospital público pela primeira vez. Quando ela viu como tinha sido jogada de departamento em departamento, pensou consigo mesma que, finalmente, sabia o que queria fazer como trabalho: seria funcionária pública, para tratar as pessoas de forma diferente. Isso é o que ela acabou sendo até a aposentadoria. Conseguiu seu primeiro emprego no serviço público através do patrão de seu pai, que era prefeito. Ela havia sido contratada como assistente da tesouraria em seu município. Foi um trabalho que a valorizou. Concluiu o Ensino Médio enquanto trabalhava nessas funções, e lá permaneceu até entrar na universidade onde foi admitida, no Nordeste.

Ela fez questão de esclarecer que, no Norte, havia sofrido muito com o racismo por parte dos habitantes, que tinham cabelos lisos e consideravam que os negros deveriam voltar para a África. Ela sempre esteve em conflito com pessoas racistas.

Prosseguiu contando que havia concluído o Ensino Médio quando Ivo Pitangui se tornou o maior cirurgião plástico do Brasil, conhecido no mundo todo. Ela decidiu ser médica, com a ideia de lidar com os ricos e fazê-los pagar. Como resultado, decidiu se preparar para o vestibular para a faculdade de medicina. Nessa universidade, ela havia vivido o racismo à moda brasileira; tinha sido excluída, nunca foi escolhida para participar dos grupos, ouvindo piadas como: "Você ganhou a vaga?" Foi também ameaçada de ser expulsa dessa universidade se denunciasse que fazia o trabalho escolar da classe toda sozinha, enquanto os outros exigiam ter uma nota do grupo de, no mínimo 8 a 10. Coisas assim. Em sua classe, eram apenas duas negras, uma estudante nigeriana e ela.

Por temer ser reprovada no vestibular, que exigia alta classificação, e pelo fato de seus pais não terem meios para bancar sua reprovação, optou por farmácia, e passou na 7ª colocação. Isso a motivou a tentar voltar à medicina no segundo semestre. Então, estudou como uma louca para ser a primeira em farmácia e tentar a aprovação no vestibular de medicina. Até deixou de comer. Por ter sido criada pela avó em Minas, tinha preferências e não gostava da comida nordestina. No final, como resultado dessa dieta pobre, ela contraiu tuberculose dupla e teve de desistir do curso de farmácia, porque era uma doença contagiosa, e voltou para casa dos pais.

Ela, portanto, abandonou as ciências da saúde e tentou seu primeiro concurso no serviço público. Tornou-se, assim, funcionária pública de um órgão denominado: Grupo Executivo de Terras do Araguaia–Tocantins (GETAT), no setor administrativo, iniciando,

assim, sua trajetória de Dom Quixote dos órgãos públicos. Seu projeto era ser útil à comunidade, ser aquela funcionária que, quando surge um problema, faria de tudo para resolvê-lo. Ela ficou nesse órgão por cinco anos e, mais uma vez, vivenciou situações de discriminação velada. Ela declarou com um suspiro: "Você pode se destacar, mas negro não ocupa postos de liderança". Certa vez, um colega lhe disse: "Quem nasce para o Cruzeiro não chega ao Dólar".

Desde o momento em que começou a ser funcionária pública, sempre procurou se destacar. Depois de estudar e se esforçar muito, no final da carreira, conseguiu ocupar o cargo de assistente do ministro do mais importante tribunal do país. Ela considerava que a história de Luislinda Vallois, uma das primeiras juízas negras do Brasil, também mostrava a discriminação dos negros no Brasil. Ao mesmo tempo em que reunia todas as condições para ser nomeada desembargadora, tanto em termos de mérito quanto de antiguidade, havia encontrado tantas resistências, que teve de levar o caso ao poder judiciário para ser nomeada. O procedimento durou três anos.

Quando ainda era funcionária do GETAT, cansada de tentar se destacar sem ter retorno, vira um documentário sobre uma estrada em pavimentação asfáltica que liga São Paulo à costa do Pacífico, no Peru (BR 364). Ela aproveitou as férias para visitar São Paulo, e financiou a viagem com o lucro da venda de mercadorias compradas em São Paulo e vendidas ao longo do percurso até Rondônia. Como gostou de uma cidade do Norte, pediu demissão e mudou-se para lá, onde prestou outro concurso para trabalhar em uma empresa de eletricidade. Enquanto trabalhava, ela se formou em administração na universidade. Em seguida, foi aprovada em outro concurso para ingressar na Justiça. Além da carga horária diária de cerca de 10 horas na empresa de energia, ela frequentava a faculdade à noite e, quando voltava para casa, continuava a estudar por três ou quatro horas para esse concurso. Enquanto esperava ser chamada pelo Tribunal, ela ficou desempregada e iniciou o curso de Direito. Ela esclareceu tudo isso porque Valérie Ganem escreveu originalmente, na transcrição estruturada, que ela "tentou a sorte" no concurso do Tribunal. Ela recusou esse termo porque não acreditava na sorte, mas sim no poder do trabalho. Então, enquanto trabalhava no Tribunal, havia concluído todos os seus estudos universitários e permaneceu nesse Tribunal por 12 anos, antes de solicitar sua transferência para o Centro-Oeste, por motivos de saúde e para ficar mais perto da família. Enquanto morava no Norte, toda a sua família mudou-se para o Centro-Oeste. Seus pais, maiores de 70 anos, haviam seguido os filhos. Apenas uma das irmãs, casada, continuava morando em Belém.

O patrão de seu pai, no Norte, como os anteriores, nunca havia assinado uma carteira de trabalho para ele. O pai sempre aceitou essa situação e, à medida que envelhecia, seu último patrão começou a tirar os benefícios *in natura* ao quais tinha direito. Reduziu seu salário até colocar outro gerente no lugar. Seu pai se sentiu tão humilhado, que saiu sem pedir qualquer indenização. Recebia, na velhice, apenas o mínimo, embora tivesse começado a trabalhar muito cedo. Romana Emiliana explicou que seu pai, ainda criança, trabalhava durante o dia com seu próprio pai, que guardava todo o dinheiro para ajudar a alimentar a família. Aos 11 anos, ele começou a trabalhar por conta própria, à noite, aproveitando a luz da lua. Graças a isso, o pai de Romana Emiliana conseguiu pagar o primeiro par de sapatos. Ele trabalhou como empregado rural até os 76 anos, sem poder usufruir de seus direitos de pensão porque seus patrões nunca cumpriram as obrigações legais. Para ela, isso mostrava que o "temor reverencial" que seu pai sempre demonstrara não conquistara, no final das contas, nenhum respeito de seus patrões. O mais estranho é que, além desse "temor reverencial", seu pai tinha esse orgulho

de não pedir nada a ninguém. Por outro lado, esse último traço de caráter ela declarou compartilhar com o pai.

No dia da segunda entrevista, ela fez questão de contar que as rodas das crianças eram sempre tristes, falando da tristeza dos brancos que vieram ao Brasil sem querer, dos índios maltratados e dos negros escravizados. Como estava com pressa de sair, não deu mais explicações.

Logo após essa segunda entrevista, ela comunicou à pesquisadora seu arrependimento de não ter falado mais sobre a avó materna, com quem morou em Campina Verde. A pesquisadora solicitou-lhe algumas palavras sobre o assunto e ela, em resposta, escreveu: "Minha avó materna lavava roupas de famílias e fazia doces para vender. Gostava de ressaltar o 'cheiro bom dos doutores' e o quanto as roupas dos patrões eram especiais. Dizia para mim: 'Eu sou analfabeta, mas você é inteligente. Nasceu pra ser doutora...' E reafirmava sempre: 'Estou lavando a roupa da doutora Romana Emiliana'. Até hoje, quando preciso de coragem, digo a mim mesma: 'Doutora Romana Emiliana, erga as costas e vá!'"

Discussão

O primeiro elemento mencionado por Romana Emiliana, ao ouvir a pergunta, no início da entrevista, é a violência de que foi objeto quando criança. É especialmente a mãe de Romana Emiliana que usa a violência. Isso toma a forma de ameaça de estrangulamento e espancamento com galho de goiabeira, que ela diz doer muito. Essa violência visa a punir sua desobediência e insolência, muitas vezes ligada à realização do trabalho doméstico. Durante a validação de sua parte nesse livro, Romana Emiliana acrescentou que foi sua mãe que a alfabetizou e que, nesse contexto, ela tomava muita surra também para aprender. Sua mãe falava que tinha de estudar para não ser empregada doméstica. Ela declarou, que, hoje em dia, era muita grata à sua mãe.

Por isso, Romana Emiliana não condena essa violência. Hoje entende que foi, para a mãe, uma forma de incitá-la a sair da condição de empregada doméstica, lugar comum na família. Também declara que a violência que sofreu foi, em última análise, uma fonte de motivação. A firma que nenhum dos filhos de sua mãe ficou traumatizado com a violência; pelo contrário, foi a chave para o sucesso na vida deles. O sentido atribuído à violência com a criança submetida aos adultos parece, portanto, determinar o impacto que ela, a violência, teria sobre essa criança. E isso, apesar do fato de que essa violência ser frequentemente intensa, não vem acompanhada de uma explicação de sua mãe. Esse sentido aqui, segundo Romana Emiliana, é de convencê-los da necessidade de sair de sua condição.

Ao mesmo tempo, sua avó materna não só busca incentivá-la a sair de sua condição, mas também a valoriza e dialoga com ela. Até agora, as mensagens gratificantes dessa avó a ajudam a superar as dificuldades que encontra.

Como aconteceu entre os irmãos de Marieta, no caso de Romana Emiliana, ela é a mais velha, a quem se confiam os trabalhos domésticos. O que é interessante, nessa história, é que sua irmã mais nova, que vem atrás dela, está isenta porque foi acometida por uma doença, posteriormente diagnosticada como TDAH, o que a tornava muito indisciplinada. Assim, ela é rapidamente julgada pelos pais como inadequada para receber cobranças no mesmo nível de exigências aplicadas aos outros irmãos.

Romana Emiliana morou em uma fazenda há quase 50 anos. Então, sua história também nos permite ver como a herança da escravidão foi transmitida nessa instituição, que foi a fazenda, no sistema escravista, bem como as duras condições de vida que perduraram para seus trabalhadores. Eles ainda moravam, há 50 anos, em casas de pau a pique, sem água nem luz.

Também consta, em seu relato, que, há apenas 50 anos, a relação de dominação entre os proprietários brancos e seus empregados negros ainda era muito forte e se perpetuava nas relações entre os filhos. Nessa fazenda, as relações sociais pareciam ser permeadas pelas relações de trabalho decorrentes da escravidão entre os filhos e entre os proprietários e as famílias dos seus empregados (tanto mulheres como crianças). Aqui, a família era obrigada a vir trabalhar gratuitamente para o proprietário se ele o solicitasse, uma vez que vivia na casa dele e no seu terreno.

Ela descreve bem a diferença entre a atitude de seu pai, empregado de fazenda, diante dessa dominação branca, a de sua mãe e da família dela que, por sua vez, trabalhava de forma autônoma na cidade. Na verdade, é esse trabalho independente, de lavadora de roupa, que praticou desde muito jovem com a avó, que lhe permitiu sair da “senzala”, conforme suas próprias palavras.

O "temor reverencial" adotado por seu pai em relação às pessoas brancas não despertou o respeito. Seus patrões nunca o remuneraram nos termos da legislação do Brasil e nem mesmo o respeitaram: idoso, ele foi reduzido a uma condição degradante, como ela relatou na entrevista.

Ela também insiste em outra característica do pai: ele nunca quis pedir nada a ninguém. Ela diz que adotou esse princípio para si mesma.

Finalmente, foi a atitude rebelde da mãe com os brancos, e seu trabalho independente e da família que permitiram a Romana Emiliana sair da condição de empregada, que lhe era destinada como filha de empregado de fazenda. Assim, as crianças, no que diz respeito à atitude dos adultos, escolheriam aquela que lhes parece mais relevante para si mesmas, no que se refere ao que entendem do significado dessas diferentes condutas.

Romana Emiliana diz que sofreu de racismo durante toda a vida. Desde a escola, nós diríamos, mas isso continuou na universidade, onde sofreu com piadas e comentários racistas de outros alunos, e em seu trabalho, onde encontrou muita discriminação e dificuldade de fazer carreira por causa de sua afrodescendência, apesar de ser totalmente comprometida com seu ofício. Para ela, não há dúvida de que esse racismo estrutural e estruturado, que existe na sociedade brasileira atual, tem origem na escravidão. Conta como foi difícil engolir todo o racismo que sofreu. Para enfrentá-lo, havia decidido trabalhar cada vez mais, para não deixar que outros determinassem seu lugar na sociedade, referindo-se, assim, à expressão: “o lugar do negro". Também se declarou sempre alerta e pronta para assumir a defesa e a resistência assim que sentisse que seria atacada.

Quando a pesquisadora perguntou à Romana Emiliana se gostou desse trabalho de babá que fez aos 13 anos, ela respondeu afirmativamente e se justificou pelo fato de ter sido nessa casa que aprendeu a lavar os W.C, que não havia em sua casa, na época. Ela também gostava porque foi lá que começou a ganhar um salário. Assim, como na fala de Marieta, trabalho, dinheiro e o conforto que ele proporciona se amalgamam.

Em seu relato, vemos que ela teve de trabalhar desde muito cedo para ter acesso a bens e serviços não disponíveis na zona rural (TV, colchões de loja...). Teve de desenvolver uma energia considerável para trabalhar e estudar ao mesmo tempo, a fim de sair da condição de trabalhadora de uma fazenda, que é a de sua família.

Vemos também que Romana Emiliana não hesita em mudar de emprego para encontrar um trabalho melhor ao longo de sua carreira, quando se sente "cansada de se destacar sem ter retorno". Compra mercadorias em São Paulo para vender e financiar sua viagem ao estado de Rondônia, que ela deseja conhecer e onde finalmente decide se estabelecer.

4.3. ARNALDO: TORNAR-SE PROFESSOR TENDO NASCIDO NA PERIFERIA

Arnaldo é o marido de uma amiga de Valérie Ganem. Ela já o conhecia bem antes da primeira entrevista.

Ouvindo a questão inicial da entrevista – *Que experiência subjetiva você tem dos laços entre violência, obediência, trabalho, gênero (feminino, masculino) e cor da pele?* –, ele respondeu dizendo que a violência sempre esteve em seu lar desde quando era criança, e hoje com seu filho também. Para ele, é uma maneira de coibir a criança, de colocá-la nos caminhos. Depois, ele contou que seu pai bebia e, às vezes, batia em sua mãe. Durante a segunda entrevista, Valérie Ganem perguntou por que seu pai batia na mulher. Ele respondeu que era em função da bebida. Ele dizia que a comida estava ruim, por exemplo, e jogava a comida fora. Arnaldo indicou também que, para ele, essa violência nunca foi justificada.

Quando era criança, a violência tomava a forma de “chinelada” ou “cintada”, por várias razões: brigas na rua, entrar no quintal do vizinho para roubar frutas, sair no horário de estudo para brincar... Ele achava que foi bom, tanto que ele reproduziu essas atitudes, de uma forma menor, em relação aos filhos, pois achava que havia excesso no modelo dos pais. Ele tentava primeiro dialogar duas vezes, e a terceira vez partia para a chinelada. Em sua época, era chinelada desde a primeira vez. O que os pais queriam passar para ele era que o mundo é violento e não permite erros graves. Precisava disso na época. Ele viu um amigo com quem os pais conversavam muito e que hoje é um marginal e que já matou três pessoas. Apanhar para saber os limites, para ele, na época, foi muito importante. Famílias que criaram os filhos dessa forma foram bons exemplos. Os pais que protegiam muito os filhos, não colocavam limites, tiveram filhos marginais. Ele tentava conversar primeiro, em função da evolução de formas de convencimento pelo diálogo, achando que a conscientização poderia surtir um efeito. Mas, se não dava certo, ele partia para a forma considerada satisfatória. A formação teórica dele também ajudou, e ele viu o pai agredir a mãe sem nunca reproduzir essa forma de violência com suas companheiras.

A educação e o trabalho foram assuntos importantes para os pais: a mãe, professora, com uma formação primaria, alfabetizou-o. O pai levava-o ao trabalho, quando estava de férias, se ele tivesse bons resultados na escola. O pai fazia elogios aos colegas dele, explicava seu trabalho, deixava-o manusear a máquina dele, conversava com as pessoas da gestão diante dele, valorizando o fato de ele estudar para ter um outro trabalho. O que o pai procurava passar para o filho era a busca do melhor em cada atividade, e ele passou isso. O pai sabia ler com dificuldade e assinar o nome, porém era muito inteligente. Ensinava também que os gestores tinham uma vida mais confortável e, hoje em dia, ele tem doutorado em transporte. Foi assim de uma forma inconsciente.

Ele nasceu numa casa de operários do Departamento Nacional de Estrada de Rodagem (DNER), um ambiente de tranquilidade para práticas de lazer das crianças. Nesse bairro, havia muito pouco tráfico de drogas. Segundo ele, as pessoas que viram marginais foram criadas por conta de uma educação com conversa demais.

Nessa fase da entrevista, a transcritora escreveu o seguinte comentário: "O entrevistado racionaliza as violências que sofreu, justificando que, por conta dessas vivências, se tornou uma pessoa com atos que julga corretos para os padrões sociais". Valérie Ganem manteve essa observação no texto, para ser validada por Arnaldo, porque pensava ser possível achar exemplos contrários ao seu. Ela pensou também que não era só a violência que fora importante em sua rota (por exemplo, aprender a ler com a mãe, ir à fábrica com o pai...). Quando ele leu o comentário da transcritora e quando Valérie Ganem compartilhou com ele as reflexões acima, ele afirmou que apanhara dos dois, pai e mãe. Para ele, o importante é que achava essa violência justificada, e os pais explicavam por que lhe batiam. Acrescentou que não doía muito: era mais o sentido do que a violência do gesto que foi importante, no seu caso.

Ele nunca viu o tráfico, mas era muito presente, pois se dizia que tinha muito na escola que ele frequentou, a um quilometro de sua casa. Os moradores das casas do DNER eram a elite do bairro, 10% de sua população total.

Ele chegou nessa escola já alfabetizado pela mãe, e ficava em destaque. Levava "coronhada" dos colegas por ser o "melhorzinho". Tinha dois anos a menos que os outros, sofria de asma e ficava fechado em casa. Assim, pouco a pouco, foi excluído. Ele interagia em algumas brincadeiras apenas. Levava mais "cascudo" até 12 anos. Com essa idade, ele começou devolver os cascudos e perdeu todos os amigos. Com 14 anos, passou a recuperar esses colegas.

Ele achava que a asma, obrigando-o a ficar em casa, ajudava-o. Planejava seu futuro de noite, quando não conseguia dormir por conta da doença. Resolveu não ter filhos antes de 30 anos, quando os outros quase já tinham netos.

Os amigos mais próximos também fizeram faculdade. Seu melhor amigo e um de seus primos fizeram o mesmo curso, na mesma faculdade, incentivados por ele. Esse bairro se situava num raio de ação da Universidade Federal Rural da cidade**.** Assim, as crianças que tinham a sorte de ter, como ele, pais professores, eram incentivadas a cursar a faculdade. No bairro da vila do DNER, apenas 5% das crianças frequentaram essa universidade. Ele e os amigos que conviveram com pais voltados para a educação foram os primeiros a entrar nessa faculdade pública, reservada para a elite e a classe média alta. Depois, ele foi o primeiro a ensinar em faculdade pública. Dois outros seguiram. Sua única irmã, com apenas três anos a menos, nunca quis estudar por conta da epilepsia. Ela tem uma pensão vitalícia do trabalho do pai.

Em relação ao trabalho doméstico, tinha uma contribuição individual, que era arrumar seu quarto, e uma contribuição coletiva, que era varrer o quintal. Em determinado momento, ele queria aprender a costurar, mas a mãe achava que não era um trabalho de homem e não ensinou. Sua irmã, por conta da epilepsia, não fazia nada e reproduziu isso com suas filhas. Ele acha isso ruim. Embora não tivesse feito na casa da mãe, ele aprendeu a fazer tudo na casa. A mãe de sua primeira filha também não fazia trabalho doméstico e não ensinava à filha. Era ele que fazia a cozinha sempre, e isso contribuiu para o desencanto, até que se separou dessa mulher. Para ele, essa participação que cada um tem no condomínio gera cuidado, amor e querer. Ele ensinou isso tanto para

filha como para o filho, porque achava que também gerava autonomia, saber fazer o trabalho doméstico.

Quando Valérie Ganem lhe pediu que falasse um pouco de seus avós, ele começou dizendo que seus avós paternos representavam a união de uma negra, filha de escravos, e de um português recém-chegado de Portugal. Eles tiveram 12 filhos dos quais três negros, três mestiços, três brancos e três loiros. Ele acrescentou que o avô paterno era muito ausente e distante, faleceu com 50 anos e que não o conheceu muito bem. A avó faleceu com 85 anos e, a partir de nove anos, ele foi ser o homem da casa no sítio onde ela morava com a tia, agente de serviços gerais na residência do reitor da universidade. Entre todos os filhos desse casal, eram os brancos que tinham melhores empregos; os loiros faziam trabalho braçal, eram muito humildes e morreram cedo. Durante a segunda entrevista, Valérie Ganem perguntou o que acontecera com os filhos negros e mestiços. Arnaldo respondeu que os tios negros tinham os piores empregos (trabalho braçal e emprego doméstico) e piores condições de moradia. Dois morrerem muito cedo (40 anos mais ou menos), e o último morreu recentemente, precisando de ajuda para sobreviver. A irmã parda, que morava com a mãe, o ajudava. A irmã negra, que tinha uma melhor situação, casou-se com um branco e teve um filho branco, que se tornou supervisor numa empresa de transporte e ajudava à mãe. Esse filho faleceu cedo de diabetes, e o pai também. Os mestiços tiveram uma vida de classe média baixa. Para ele, isso mostrava o quanto é duro para os negros nessa sociedade: nenhum tio ou tia procuraram os descendentes desses tios negros, nem quiseram saber... Seu pai foi trabalhar no DNER com 11 anos e permaneceu toda sua vida nessa empresa, aposentando-se com 45 anos. O outro irmão branco conseguiu ter emprego de gerente, supervisor do setor privado, e a irmã branca não trabalhava, mas se casou com um fazendeiro branco. Os avós paternos moravam entre a baixada fluminense (um bairro horrível) e a Serra. O avô vivia fazendo "bico", bebia muito, não tinha dinheiro. A avó, filha de escravos, analfabeta, incorporava a bondade, a caridade e a humanidade. Ele não sabia nada dos pais da avó paterna; queria ter perguntado para sua tia, que morava com essa avó, mas tinha se esquecido. A avó nunca falou dos pais. Com 11 anos, a avó paterna começou a ter filhos. Ela tinha um filho com outro homem negro antes de conhecer seu avô. Esse tio sempre ficou muito distante. Arnaldo achava que sua avó paterna apagou essa primeira fase de vida dela por defesa, porque foi muito dura. Ele acredita que os avós moravam num lugar para onde iam os que deixavam de ser escravos. Sua avó paterna cuidava de todo mundo, cultivava a terra, e sempre tudo que ela tinha era para doar. Ela mostrou a importância de cuidar de tudo, das pessoas, da terra, do jardim, das plantas, do ambiente. Se ela jamais foi violenta com ele, com certeza foi com suas crianças, porque ela era nascida da violência. Durante a segunda entrevista, ele acrescentou que a violência foi assim, de geração em geração, diminuindo.

Seus avós maternos constituíam a união de um nordestino do Ceará e de uma mineira. Seu avô materno fez o caminho da exploração no Brasil: a borracha (látex) na Amazônia, a madeira da mata mineira, e depois, em São Paulo e Rio, fazendo carpintaria. Ele sempre trabalhou com madeira. Eles se encontraram no Sudeste. Sua avó materna era filha ilegítima e foi entregue a uma família para ser serviçal, com sete anos: uma escrava branca. Os avós maternos eram brancos. Com 15 anos, a avó fugiu de Minas Gerais para se casar com o avô, logo depois que se aproximaram, na ocasião de uma visita de sua família na casa onde ela era escrava nessa cidade. O avô faleceu quando Arnaldo tinha 12 anos, mas ele se lembra das conversas sobre a trajetória da Amazônia onde ele havia estado com o tio, enviado pelo pai, porque não queria estudar. O avô materno trabalhou

como carpinteiro na construção da Universidade Federal Rural, onde Arnaldo estudou. Ele falou uma vez assim: "Meu neto, um dia você vai trabalhar aqui". E assim, ele incentivou Arnaldo e um outro neto que também se formou nessa universidade. Esse avô tinha passado para o neto uma visão mais organizada do trabalho. Ele se deu conta, por exemplo, que gerava mais renda sendo carpinteiro do que cortando madeira bruta. A avó materna não falava da infância. Queria criar um escudo para a criança, acompanhando seu destino universitário, assim como a outra avó.

Ele começou a trabalhar com 11 anos, enquanto estava de férias. Foi com seu amigo ver um fazendeiro que tinha um terreno para capinar. Levou uma semana. Quando eles acabaram, o fazendeiro falou que fizeram em uma semana o trabalho que um homem faria em meio dia, e deu a eles muito pouco dinheiro. Durante a segunda entrevista, ele falou, que, assim, ele entendeu o quanto é difícil ganhar dinheiro. No ano seguinte, resolveu arrumar emprego sozinho: deu aulas particulares em casa; na estrutura da casa da mãe, ele abriu um ginásio (ensino fundamental). Era mais confortável como trabalho, mas queria fazer um trabalho braçal também, como os outros amigos. Então, com 14 anos, começou a trabalhar numa olaria, fazendo tijolos. Para fazer tijolos, é preciso muito esforço, o que foi muito bom para seu preparo físico. Com 18 anos, entrou na universidade construída pelo avô materno e passou a ficar apenas dando aulas particulares em ensino médio. Ele acha que essa vocação de ensinar vem da mãe, ele fazia isso para gerar renda e construir a casa. Com 19 anos, passou num concurso para gestão do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), dando aula no ensino médio oficial à noite, um trabalho registrado. Depois, foi para a direção geral do Instituto. Fez uma habilitação em administração de empresas e em administração pública em três anos, quando a norma era de cinco anos para os dois cursos. Estagiou em grandes empresas estatais, multinacionais. No dia de sua formatura, sentiu-se muito vazio, porque seu foco era finalizar as habilitações na universidade construída pelo avô, que sonhava com isso. Ele se lembrou de um amigo mais estudioso, que apenas estagiava, enquanto Arnaldo já tinha um emprego público, que era o sonho de seus pais. Depois de ter refletido bastante, decidiu que seu sonho era ser professor na universidade. E conseguiu. Dois anos depois, era professor da Universidade Estadual da Bahia. Queria muito se virar sozinho, porque as pessoas da família sempre queriam ficar perto, mas ele não. Ele "queria sair para ver, conhecer, evoluir, buscando esse ideal do avô [materno[2]]". Não foi fácil sair, porque a mãe dizia que a casa não estava pronta, que ela não iria sair da casa do DNER para a casa nova, tudo isso para que ele ficasse com ela. Como funcionário do INSS, ele foi transferido para a Bahia e ficou com os dois empregos lá (professor e funcionário do INSS). Nessa época, conseguiu convencer a mãe a se mudar para a casa nova, e ela foi se acostumando a ficar sem ele. Dois anos e meio depois, pediu demissão e foi para Porto Seguro montar uma loja de informática num *shopping* (curso de informática e venda de computador). Ele fez isso durante sete anos e encontrou sucesso financeiro: tinha carros, casa, prédio de loja próprio, sítio. Gostava desse trabalho, e formou muitas pessoas que não conheciam nada de informática e que, depois, foram abrir empresas nessa área. Mas parou porque tinha problema de tesouraria. No final dos meses de janeiro e fevereiro, não tinha bastante dinheiro para pagar a folha de pagamento dos funcionários, o que o deixava doente (cólica) nesses meses. Parou, vendeu tudo, queria abrir uma faculdade de informática, de gestão e de administração em Porto Seguro, mas precisava ter mestrado. Então, foi exercer ofício de professor, coordenador e diretor numa faculdade pública e em duas particulares em Palmas (Tocantins), para conhecer o funcionamento delas, e fez o

[2] Inserção nossa.

mestrado na UnB. Pronto para abrir a faculdade dele no Tocantins, ele se deu conta de que já existiam muitas outras, e resolveu prestar concurso para ser professor em universidade pública. Como tinha filho pequeno numa capital dum estado do Centro-Oeste, resolveu voltar para essa cidade e evoluir dentro da Universidade Federal, até ser, hoje, coordenador de pós-graduação do seu Departamento.

Agora, queria se aposentar para prestar concursos estaduais na USP, ou na Estadual da Bahia, para aproveitar a praia. Na segunda entrevista, Valérie Ganem perguntou por que na USP? Ele respondeu que era por ser a melhor universidade do país, e, assim, seria um novo desafio.

No final da primeira entrevista, ele afirmou jamais ter sofrido racismo. Foi chamado de “baiano” e, até hoje, acha que é legal. Sempre se autovalorizou e achava que essa valorização vinha de sua família. Terminando a segunda entrevista, ele acrescentou que o fato de sempre procurar estar incluído pelo trabalho e pelo incentivo e apoio dados aos grupos dos quais participava, gerou naturalmente o retorno dessa doação e também o respeito pelo trabalho feito. Ele se acha mestiço, ou pardo, e não saberia dizer se teria mais facilidade se fosse loiro. Mas sabe que, se fosse “negro mesmo”, teria mais dificuldades. Conclui dizendo que ser pardo é uma cor comum no Brasil.

Discussão

O primeiro elemento citado por Arnaldo, em resposta à pergunta do início da entrevista, como foi o caso de Romana Emiliana, diz respeito à violência de que foi alvo quando criança, que se manifestava mais frequentemente na forma de uma "chinelada" ou de uma “cintada”. Seus motivos para apanhar eram mais de desobediência. Também, como Romana Emiliana, ele procurou, desde o início da entrevista, valorizar essa violência. Isso teria sido necessário para lhe dar limites. Tanto é verdade que ele próprio praticou essa violência contra seus filhos, pelos mesmos motivos, embora também tenha procurado, ao contrário de seus pais, no início, dialogar com eles. Defende essa opção de recorrer ao diálogo em um primeiro momento, tendo em vista a evolução das práticas, ocorrida em toda a sociedade, e o fato de ter testemunhado a violência do pai contra sua mãe.

Mas, se essa prática de diálogo com os filhos não funcionava, ele achava útil recorrer à violência, pois, para ele, era um método que "tinha dado bom resultado". Ele não se lembrava o quanto havia sofrido com a violência; no entanto, se lembrava de que era justificável, em sua opinião. Para ele, como para Romana Emiliana, essa violência teria sido uma fonte de motivação. O que teria sido decisivo, em sua educação, não fora a intensidade da violência que sofrera, mas o significado que ela tinha a seus olhos. O significado da violência infligida pelos adultos, tal como é entendido pela criança, surge, assim como para Romana Emiliana, determinando o impacto que teria.

O fato de essa violência vir acompanhada de uma explicação parece ajudar Arnaldo a perceber seu sentido. Esse significado, para ele, é mostrar os limites do que é possível fazer e não fazer, e conscientizar as crianças a respeito da violência que existe na sociedade.

Como os pais de Romana Emiliana e, em menor escala, o pai de Marieta, a mãe de Arnaldo valorizava a educação. Sua mãe, professora primária, o alfabetizou antes que entrasse na escola, e isso parece ter sido decisivo para seu futuro sucesso escolar e

universitário: foi o primeiro do bairro a ingressar na recém-construída universidade da região. E o único a lecionar em universidade pública.

Seu pai, que era quase analfabeto, e costumava, quando Arnaldo tinha boas notas, levá-lo a seu local de trabalho (uma empresa de transportes) para informá-lo sobre o trabalho mostrar as máquinas em que trabalhava. Também teria procurado fazer com que o filho conhecesse colegas mais bem colocados na hierarquia, gerentes, para promovê-lo nos estudos e convencê-lo a obter uma qualificação melhor do que aquela que ele próprio havia obtido. Segundo Arnaldo, isso influenciou "inconscientemente" em sua futura orientação profissional, já que sua indústria preferida era a de transporte.

A construção de uma casa também é muito importante na família. Arnaldo destaca que precisava ganhar dinheiro para poder construir também a casa da família, e, por isso, começou muito cedo a dar aulas particulares.

Como na história de Romana Emiliana, a única irmã de Arnaldo, que teve crises epilépticas, estava totalmente isenta do trabalho doméstico, o que também justificava, segundo ele, o fato de ela não ter estudado. Assim, o desenvolvimento de uma doença poderia constituir uma estratégia para algumas crianças escaparem do trabalho doméstico e, mais genericamente, dos constrangimentos impostos pelos adultos, como o sucesso na escola, por exemplo.

Seu avô paterno era português e sua avó paterna descendente de escrava. Esse casal deu à luz filhos louros, brancos e pretos. Ao relembrar os destinos profissionais de cada um deles, admite que a vida era mais difícil para as crianças pretas, e que elas foram deixadas para trás pelo resto da família.

Quando Valérie Ganem pergunta a Arnaldo sobre sua relação com o trabalho no INSS, ele apenas responde que fez uma boa carreira aí. Como Marieta e Romana Emiliana, ele amalgamava o trabalho e os privilégios aos quais teve acesso.

Arnaldo, como Romana Emiliana, também mencionou ter começado a trabalhar muito cedo. Arnaldo começou a trabalhar aos 11 anos para sustentar sua família e prover suas necessidades secundárias. Além disso, como Marieta e Romana, ele estudou intensamente enquanto trabalhava e fazia estágios. Como resultado, obteve vários diplomas em menos tempo do que o normalmente esperado.

Quando acompanhamos sua trajetória profissional, como foi o caso de Romana Emiliana, percebemos que ele não hesita em deixar um emprego por outro mais lucrativo ou de prestígio, ou porque o trabalho em questão é prejudicial à sua saúde. É o caso quando ele fecha seu negócio de informática, apesar de ser muito lucrativo, porque os problemas de fluxo de caixa que encontra estão lhe causando cólicas...

4.4. FILIPA: SUPERANDO A OBJETIFICAÇÃO DOS HOMENS PELA AFROCENTRALIDADE E O CUIDADO COM AS MULHERES VIOLENTADAS

Valérie Ganem encontrou Filipa pela primeira vez durante a primeira entrevista. Filipa foi indicada pelo amigo, um jovem doutor, de cuja banca examinadora de doutorado ela participou. Ele acompanhou as entrevistas.

Ouvindo a questão inicial da entrevista – *"Que experiência subjetiva você tem dos laços entre violência, obediência, trabalho, gênero (feminino, masculino) e cor da pele?"* –, ela respondeu dizendo que sua família era negra de pele clara, e foi se embranquecendo.

Acrescentou que se reconhecia como mulher negra de pele clara, e tinha feito a transição capilar.

Antes, ela era a morena, com pé na senzala, objetificada. No Brasil, conforme o estereotipo, ela entendia que ser negro é ter a pele retinta e o cabelo crespo, mas ela foi entendendo que existem outras formas de ser negra. Entendeu, nesse período, que sofreu racismo, embora fosse mais clara, e se deu conta de que existe outra forma de racismo também.

Ela conheceu, primeiro, pessoas de militância da causa do gênero, o que a sensibilizou para o movimento afrodescendente. Observou muito um casal afrocentrado debater, depois conversou também com eles, aprendeu muito e foi se apropriando das causas do movimento. Entendeu, assim, que a objetificação dela foi decorrente do racismo. Durante a segunda entrevista, ela acrescentou que foi objetificada por ser uma mulher, mas foi muito mais objetificada por ser uma mulher negra de pele clara.

Assim, entendeu que, dentro do colorismo, existem várias formas do racismo que respingam na mulher negra. Culturalmente, ela entendeu que a mulher negra de pele clara é mais destinada a cumprir os desejos sexuais dos homens, e as mulheres negras de pele retinta são objetificadas também, mas no papel de servir. Ela foi a quinta pessoa de toda sua família a fazer faculdade. A avó negra era analfabeta, e o avô foi assassinado quando seu pai tinha nove anos. Ela tem oito tios negros. Dizem que o avô branco comprou a avó como escrava, arrancada de sua tribo indígena em Minas Gerais, Salinas. Tentando resgatar a história, ela entendeu sua avó era negra, foi violentada na família, fugiu com uma tribo e foi vendida ao avô. Dentro dos oito tios negros dessa família, nenhum tem faculdade. Todos estudaram até a oitava série, são trabalhadores de base. Inclusive o pai dela, com 60 anos, teve de voltar a ser pedreiro para pagar as contas. Seu pai entrou na Universidade Estadual como segurança e acabou diretor da área de compras. Foi muito difícil, para as crianças, ver o pai aposentado voltar a ser pedreiro como ele era quando moleque. Sua mãe trabalhou a vida inteira como publicitária em agências. Depois de ser demitida, foi difícil achar trabalho e começou a trabalhar como *freelancer*. Durante a segunda entrevista, Filipa informou que, hoje em dia, sua mãe estava desempregada.

Sua irmã é professora de Pilates. Com o corpo correspondendo aos padrões da beleza negra, foi difícil para ela ser validada como profissional. Filipa achava que essa irmã assumia uma postura muito rígida. Depois dela, tem um irmão com 22 anos fazendo faculdade de psicologia e uma irmã por parte do pai, com 40 anos.

Na geração do pai, ninguém fez faculdade, começando com sua irmã. Durante a segunda entrevista, falou que tinha descoberto outros primos que fizeram faculdade, mais cinco pessoas da família.

Ela acrescentou que muitas coisas aconteceram entre a partida de Minas Gerais e a chegada nessa capital na região do Sudeste, e se queixava de que ninguém falava disso: era tabu.

Hoje em dia, era psicóloga e cuidava de mulheres que sofreram violência de gênero, numa ONG. Gostava desse trabalho, mas quem fazia o projeto era uma mulher branca, querendo "salvar a pátria", sem entender nada. Para fazer a chefe entender que todas as mulheres não são iguais, Filipa precisa entrar em toda uma estratégia coletiva, e se queixava de gastar muito energia para ser ouvida. Acrescentou que seu meio de trabalho atual era um espaço elitista, onde se usavam muitos termos em inglês, embora ela já houvesse pontuado que não falava inglês. Do mesmo jeito elitista, os gastos eram pagos

do próprio dinheiro dela e reembolsados depois. Isso a prejudicava muito, porque eram importantes os gastos nesse trabalho.

Foi muito difícil, para ela, se inserir no mercado de trabalho. Começou a trabalhar de um jeito informal, com 16 anos, como monitora de *buffet* infantil, por R$ 15,00 cada evento. Os pais passaram fome, mas ela não. Eles conseguiram romper com o ciclo da violência e da pobreza. Ela trabalhou, depois do *buffet* infantil, num *shopping center* sempre para pagar, ao menos, a diversão.

Ela contou que fez escola particular intimista num bairro da periferia e depois esteve numa escola burguesa, o *Anglo*, onde viveu violências de todo tipo. Na escola da periferia, "o grande forte" era o esporte, para a molecada não usar drogas. No *Anglo*, as pessoas eram privilegiadas, de maior nível escolar, e essa diferença de nível foi muito difícil para ela, que era a única negra da sala. Com 16 anos, foi objetificada demais e estuprada pelos professores, do segundo ao terceiro colegial. Lendo a transcrição, a pesquisadora se perguntava se não deveria ter denunciado isso, e essa questão foi registrada no texto para ser validada por Filipa. Na segunda entrevista, ela falou que hoje se dava conta de que alunos de sua época, hoje, são professores e fazem a mesma coisa com as alunas. Ela acrescentou que tinha também o problema da lei, que considerava que relações sexuais com criança menor de 14 anos é sempre um estupro de vulnerável. Como ela tinha mais de 14, tinha de provar a violência. Na época, ela não entendia isso, achava que era um elogio, porque, culturalmente, ser desejada pelos homens mais velhos era isso mesmo. E hoje, não tem como provar a violência e, então, desistiu de denunciar. Ninguém falava desses estupros. Ela não conseguia nem verbalizar isso. Além disso, a diferença de nível entre ela e os outros alunos e a falta de acompanhamento, fizeram com que se sentisse muito "burra", e ficou traumatizada. Ler e escrever, para ela, ficava muito difícil.

Conseguiu concluir, porque havia muitos trabalhos coletivos, em que ela conseguia se sentir mais segura e porque sempre falou muito bem. Durante a segunda entrevista, ela acrescentou que tinha de se preparar muito, porque tinha dificuldade de falar em público.

Se dar conta de tudo isso, hoje, é muito violento para ela. Na época, saindo de uma família embranquecida, ela se achava como as colegas brancas, e não tinha meios de entender que era racismo a maneira como era tratada. Achava que eram coisas pontuais. Exemplo: um dia, ela foi escolhida como um objeto a ser descrito durante uma aula. Hoje, ela vê que era discriminação, e isso é muito violento.

Os professores abusadores falaram que decidiram fazê-la passar no conselho. De toda maneira, ela já tinha prestado exame numa faculdade particular, e eles eram obrigados a aprová-la. Ela queria muito ir para Universidade Estadual, porque os professores do *Anglo* repetiam: "Você precisa passar na USP, senão você não é ninguém!". Para isso, fez o cursinho nesse inferno, mas só conseguiu entrar na Universidade Estadual. Foi difícil para ela se moldar ao padrão do outro estabelecimento do *Anglo*, muito burguês também, onde se dava esse cursinho. Entrar na PUC foi o divisor de águas: foi um espaço onde ela podia se reconhecer em outras pessoas. Filipa contou que, embora criada pelo pai, único filho de família que conseguiu ganhar bem, ela não tinha a renda dos outros alunos. No *Anglo*, sobretudo, ela estava tentando adotar o jeito da elite, mas, na PUC, ela começou a abrir a cabeça e achar um outro jeito de lidar com a elite, debatendo com ela, por exemplo. Para ela, um momento que "mudou a chave" foi também ir ao litoral norte, que é para onde vão as pessoas ricas.

Depois, afirmou que seus pais sempre trabalharam muito e acrescentou que sua avó materna branca foi doméstica a vida inteira, com homens violentos e duas filhas para criar. Num momento, seu avô materno roubou sua filha (a mãe de Filipa), e sua avó materna ficou uma semana procurando a filha e resolveu sumir. Hoje, ela fica muito dura, apenas sendo afetiva no lugar de servir. Pernambucana, chegou na periferia dessa cidade do Sudeste fugindo do avô e também procurando trabalho.

Sua mãe trabalhava na Universidade Estadual também, vindo todos os dias de um bairro periférico, trabalhando e estudando. Sua mãe conseguiu estudar ao preço de ser espancada e trancada todos os dias pelo tio, que tinha uma escola, onde todo o serviço de limpeza era feito por ela.

Seus pais romperam o ciclo de violência e não queriam falar mais disso. Eles não aceitam mais ser colocados de novo em violência. Quando a filha era agressiva, eles diziam: “Você não sabe o que eu vivi, e você não tem o direito de nos colocar nesse lugar”.

Ela experimentou a violência num Serviço de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes logo depois de concluir o curso. Não era a primeira experiência dela, que sempre trabalhou desde o primeiro ano de faculdade como garçonete, em bar, escolas, para se bancar. Filipa tinha um acordo entre ela e a mãe: os pais pagavam R$3.000,00 por mês à faculdade, mas ela não teria direito de ficar em recuperação.

Para ela, o legado dos pais foi a educação e a importância de construir seu próprio caminho. A prova da importância disso é que, hoje, o pai voltou a carregar cimento para pagar a faculdade do irmão. Mas ela se queixou de sempre ter sido uma pessoa muito insegura, e os lugares de educação dos quais ela se aproximou foram sempre muito violentos. Ela sempre sentiu um *gap* entre o nível dela e os dos outros.

Durante a faculdade, ela trabalhou como garçonete numa escola infantil e, finalmente, no setor das RH, onde recebia mais: R$2.000,00 por mês. Na escola infantil, foi horrível: ela era a única negra a não ser faxineira, mas foi colocada para cortar papel e arrumar os espaços. Ela foi embora. No RH, era recrutamento e seleção, mas foi mandada embora também quando indicou uma mulher negra, gorda e lésbica para a Heineken. A chefe falou: “Você não tem entendido o jeitinho Heineken de ser”. Depois, ela selecionou uma menina loira, branca, de olhos claros, e ela falou: “Fil, agora você acertou no jeitinho Heineken de ser.” E somente hoje ela consegue entender que se tratava de machismo e racismo. E, assim que pediu demissão, foi obrigada a voltar a morar na periferia e a se levantar muito mais cedo (4h30min ou 5h). Terminou a graduação na casa dos pais, a mãe pagando tudo.

Uma vez graduada, muito insegura, ela prestou vários concursos, fez curso de aprimoramento antes de viajar. Viajando, ela soube que passou no aprimoramento de Saúde Coletiva. Recebendo apenas R$950,00 por mês, foi obrigada a fazer um outro trabalho numa ONG que realizava ações voluntárias. Nesse espaço, ela sofreu um racismo institucional gigantesco. Essa ONG tinha 98 % de brancos, três negros apenas, dos quais apenas um homem era ouvido. Depois de muitas experiências negativas, quando uma mulher negra foi demitida, ela falou que foi racismo, e foi convidada a se retirar do espaço.

Depois ela trabalhou no SAICA – *Serviço de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes* –, que trabalhava com “uma política para pessoas vulneráveis; nesse caso, significava para pessoas pretas, pobres, periféricas. Mas eles não investiam realmente nessa causa”. Demorou muito para que a pesquisadora entendesse esse raciocínio, porque lhe pareceu totalmente contraditório. Mas Filipa e o jovem doutor lhe explicaram que isso

era comum no Brasil, onde parece que não há investimento real nessas pessoas, a não ser quando o público em questão é da classe média branca, como pode ser o caso, no contexto da prevenção da AIDS, por exemplo. Era uma equipe de trinta funcionárias, todas negras. O único homem e branco era o faxineiro, que foi contratado por iniciativa dela para poder dar outro exemplo aos jovens. Ela achava que foi muito bom poder trabalhar com as crianças negras, fazê-las enxergarem o racismo: "Falar da importância do cabelo como forma de se colocar no mundo".

Ela relatou que, quando mudou o cabelo, não foi mais aceita em alguns espaços, e a avó branca, racista, falava: "Você vai sair com o cabelo desse jeito?" Ela não ficou no SAICA, porque sofreu um assédio moral por parte da chefe negra. Ademais do assédio moral, era um lugar onde havia muita violência interna. Ela, que foi criada por pais que eram contra a violência, acabou ficando doente e resolveu sair de lá.

Foi para o Centro Oeste, morar com seu companheiro atual, se cuidar, vivendo uma vida de rico. Depois, foi chamada para onde trabalha até hoje. No processo de seleção, ela não passou, mas foi chamada depois. E descobriu, olhando os critérios anotados, que fora selecionada por ser uma mulher negra no contexto de uma política de diversidade. O problema era que a diretora era branca, rica, e formada fora do Brasil... A mulher branca, acima dela, tinha dificuldades para levar em conta a condição da mulher negra: era "o privilégio cegando". Tinha de estar sempre na resistência, e era difícil ser ouvida. No Rio, nessa organização, as duas mulheres negras de pele retinta conseguiam mais ser ouvidas. Porque as chefes cuidavam de não parecer racistas, evitando pedir que trouxessem o cafezinho, por exemplo. E também porque essas mulheres, sendo "obviamente" negras, tinham denunciado isso como racismo. Para ela, de pele mais clara, era mais difícil fazer a correlação. Filipa falou depois que o que lhe faltava era segurança interna. Ela sempre precisava de alguém para assegurá-la de seu potencial.

Na escola, odiava a atividade denominada "Arvore genealógica", porque não sabia nada da família dos avós e tataravós. O pai não sabia contar a história dos tios dele, a história da própria mãe.

O trabalho doméstico era todo feito pela avó, durante muitos anos contratada por sua mãe. Hoje, a avó, aposentada, não era mais contratada, e os pais se viravam sozinhos.

Um dia, a avó se fingiu de morta, depois de pedir: "Pare de fazer bagunça, senão eu vou morrer!" Apanhou também da avó. Para a avó, essa era a única opção de dar limite à criança. Mas, nesse caso, o pai sempre falava: "Com meus filhos não." Ela apanhou do pai uma vez, mas da mãe nunca: "Ela nem sabia bater". A mãe apenas conversava. A mãe, ao conversar, gerava culpa, responsabilidade pela ação: "Quando bate, você não lida com o negócio". Os primos, que apanhavam de forma mais violenta, não tinham esse espaço de conversa.

A escolha de seu pai de não bater nos filhos era entendida pelos irmãos como reflexo do fato de serem os "riquinhos" da família. Os oito tios e tias batiam nas crianças. As irmãs cuidavam da casa e dos irmãos. Uma delas pegou o lugar da mãe. Ela era e é, até hoje em dia, muito afetiva. O pai de Filipa representa o papel do pai na sua família.

Criança, ela nunca fez o trabalho doméstico: a avó fazia tudo. Servir era "o jeito de cuidar" dessa avó. Por isso, a avó foi sempre ajudada por uma mulher, quando ela começou a se debilitar. A casa ficou grande demais para que ela cuidasse sozinha. Hoje, sem empregada doméstica, sua mãe diz: "Não dá mais para pagar. Todo mundo tem de fazer." E é o que acontecia.

Na verdade, Filipa contou que foi também a irmã mais velha quem cuidou dela. Essa irmã mais velha foi odiada pela avó materna. O irmão mais novo foi o reizinho da família, assim como é hoje o sobrinho. De fato, o irmão ficava dispensado do trabalho doméstico.

Com esse irmão, que era afeminado, eles tentavam mostrar ao sobrinho outra forma de ser homem e mulher. Ele tinha como referência um pai machista e violento, e uma avó paterna violentada.

A irmã mais velha foi a mais envolvida no trabalho doméstico, e ela é também a mais negra dos irmãos. Essa irmã teve bem menos privilégios, porque os pais eram pobres quando ela era pequena, e sofreu racismo na escola. Essa irmã sofreu a solidão da mulher negra: nunca foi amada, foi limitada nos espaços, sempre teve como referência o servir, vivendo relações abusivas. Hoje, ela se tornou uma mulher mega independente, como "mãe solo" (a única responsável pelo cuidado da criança, tanto solteira como numa relação).

Ela e essa irmã sofreram por ter pelos no corpo, o que normalmente não é aceito pela sociedade. Ela foi uma criança violenta, fazendo como o tio violento falava: "Fecha a mão bem forte e mira no nariz". Foi uma forma de resposta aos espaços de violência que ela vivenciava. Embora a irmã tivesse o cabelo liso, por causa da pele escura não conseguia ser aceita nos espaços.

Sua família não se reconhecia como negra, e não falava do assunto, embora, no papel, o pai era pardo, e, para ele, pardo não é negro. A avó paterna negra foi ensinada que embranquecer a família era bom, e, nesse sentido, ela preferia os namorados mais claros. A namorada de um primo dela e uma tia sofreram muito com isso. A única tia negra bem acolhida foi uma que se colocava no lugar de servir.

Segundo ela, seu pai teria rompido o ciclo de violência no esporte, e também porque viu muitos amigos morrendo. O pai era um outro estereotipo de negro: "boêmio do samba", jogava futebol e tomava cerveja no samba. Em meio às tias negras, uma ocupa o espaço do servir, enquanto a outra é caracterizada com o estereótipo da "preta barraqueira".

Criança e adolescente, ela odiava tudo que era negro em seu corpo. O cabelo, sobretudo, que a mãe não sabia cuidar, embora fizesse esforços para aprender. Entrando na PUC, ela viu mulheres como ela lidando muito bem com isso e aprendeu um outro jeito de ser mulher com o feminismo. Parar de, obrigatoriamente, depilar as pernas, por exemplo, e aprender outra forma de se comportar no mundo, mais compatível com o que ela é, realmente.

Foi uma feminista branca que abriu a porta ao "colorismo", quando Filipa lhe disse "Eu, enquanto mulher branca..." Ela se deu conta, assim, que expressou racismo. As pessoas de pele mais clara levam ainda mais tempo para entender, porque conseguem disfarçar e ocupar lugares de brancos. Ela, que foi objetificada pelos brancos, enquanto "morena", vive uma outra situação de respeito com o companheiro atual, numa relação *afrocentrada*. Ter um relacionamento *afrocentrado* lhe traz um respaldo, embora gere mais racismo institucional: ser barrada no aeroporto, por exemplo.

Ela sabe que é embranquecida, precisando conhecer os lugares *afrocentrados*. É verdade que, no Brasil, ser negro é "estar na mira da bala", e é preciso estar sempre bem arrumado. Geralmente, as pessoas não entendem que viajar, estudar, falar inglês também pode ser o lugar do negro.

Criada na cultura da música negra, os pais quebraram todos seus CDs de *rap*, música da periferia, dizendo, quando ela estava com os amigos da "quebrada": "Você não vai morar na favela". Segundo ela, é bonita a cultura negra, mas não é bonito ser negro.

Nos espaços onde cresceu, a questão social era comentada, mas não a questão racial. Os que falavam disso eram os primos mais violentados da família. Com aquela violência, ela não tinha contato direto, só tinha contato indireto. A casa dela era um refúgio. Os tios também não falavam de racismo. Eles estavam apenas tentando sobreviver.

Ela foi envolvida numa mistura de espiritismo e umbanda por parte da mãe. O espiritismo é embranquecido. A umbanda e o candomblé são religiões de matriz africana. O cuidado com a terra era uma questão "afro", bem presente em sua família. Demorou a pensar que não existe oposição entre a ancestralidade e a modernidade. Hoje, ela vai ao terreiro se dizendo: "Fil, acalme o seu coração! [...]. É possível você respeitar a sua ancestralidade, trabalhando...". A avo paterna transmite valores "negros" como o cheiro da chuva. Ela trançava o cabelo das netas... O sonho realizado de seu pai é ir para o mato. Para ajudar a família, hoje, ele vai e volta de *bike* para economizar gasolina e faz trabalho de ajudante de pedreiro, com 60 anos. A vida dela, quando criança, foi na cidade, mas ela adorava quando, em alguns fins de semana, toda família ia na casa da avó, no interior. Na família do pai, havia afetividade, mas não era manifestada por beijos e abraços... Seu pai mudou com o tempo, sabendo, por exemplo, que o único filho dele é *gay* e, sobretudo, quando sua mãe faleceu. O pai de Filipa sempre ocupou o espaço de servir, enquanto a mãe ocupava o espaço da inteligência.

Tudo já é bem ilustrado no desenho de sua infância sobre o *Sitio do pica-pau amarelo*: a tia Nastácia, negra que serve todo mundo...

Seu pai não falava de racismo, mas tinha expressões que usava frequentemente como: "Um negro sabe qual é o carro que pode andar..." E usava uma outra expressão com muita frequência: "Gente como a gente precisa andar com todos os documentos..."

Discussão

Ouvindo a pergunta inicial, o primeiro assunto abordado por Filipa foi o da cor da pele. Ela disse que sua família tinha pele clara, e sempre procurava se *embranquecer*. No momento da entrevista, ela se considerava uma negra de pele clara, e admitiu que demorou um pouco a admitir isso, porque sua família nuclear jamais falava sobre questões raciais. Seu pai foi registrado como pardo pelo IBGE. No entanto, segundo ela, no Brasil, ser "pardo" dá uma falsa impressão de que não significa ser negro. A prova é que, hoje em dia, no IBGE, ele se registra como negro.

Como negra de pele clara, foi objetificada e sexualizada, como costumava acontecer com as mulheres com sua cor, ao contrário das mulheres de pele mais escura, como sua irmã, que só eram consideradas boas no trabalho doméstico, e ela sabia disso. Também podia ver isso através de sua única tia de pele escura, que fora aceita na família colocando-se a serviço dos outros. Outra de suas tias, entretanto, sistematicamente, respondia à violência com violência, assim como alguns de seus tios, e Filipa tinha tendência a reproduzir esse tipo de comportamento.

O que lhe permitiu pensar em si mesma como uma mulher negra, apesar de sua pele clara, foi seu cabelo. Ela admitiu que, quando criança e adolescente, odiava qualquer

coisa que revelasse sua descendência africana, seu cabelo, em particular, de que ninguém de sua família sabia cuidar. Além disso, ela notou que, desde o momento em que decidiu assumir os cabelos e deixá-los naturais, ela não foi mais admitida em determinados lugares e que, sobretudo, sofreu represálias de sua avó materna.

Dentro de sua família "branqueada", ela dedicou tempo para tomar conhecimento dos afrodescendentes. E isso afetou muito sua capacidade de pensar sobre as situações de racismo que teve de suportar, no colégio *Anglo*, em particular, onde se tornou um objeto sexual para os professores, quando era a única afrodescendente. Ela tinha conseguido o reconhecimento de seus descendentes negros dentro dos movimentos feministas. Tinha sido muito violento admitir essa realidade do machismo e do racismo, mas assentiu que era crucial para sua sanidade. Embora pensasse que ser negra era ter pele escura e cabelos crespos, ela percebeu que havia outra maneira de ser negra. Assim, ela fez a escolha de constituir um casal afrocentrado e declarou que isso lhe permite um relacionamento mais saudável.

O racismo de que tinha sido alvo nesse colégio tinha deixado vestígios, e lamentava não ter confiança em si mesma para tudo que dizia respeito às atividades intelectuais, pois precisava sempre ser tranquilizada por outros sobre suas capacidades nessa área. Ela também afirma que o preconceito que existe na sociedade brasileira, sobre modernidade e "branquitude", lhe gerou uma grande dificuldade em admitir que não existia oposição entre ancestralidade e modernidade e que poderia, por exemplo, praticar o candomblé tendo uma forma moderna de vida.

Em sua família, é a avó materna, empregada da filha (nesse caso, a mãe da Filipa), quem faz todo o trabalho doméstico. Como resultado, esse trabalho doméstico parece ser mais bem reconhecido e mencionado com mais frequência neste relato do que no caso de Marieta. Filipa considera que, para a avó, servi-los foi uma forma de cuidar deles. Quando a avó estava cansada demais para cuidar de toda a casa sozinha, os pais contrataram outra empregada para ajudá-la. E, quando não podem pagar, a mãe decreta que eles devem viver sem empregada. Mas Filipa admite que nunca se envolveu muito no trabalho doméstico.

Salienta ainda que foi o pai, afrodescendente, que cuidava mais deles. Ele sempre ocupou o espaço do serviço, enquanto a mãe ocupava o da inteligência. Nas famílias de Guadalupe, onde nenhum dos casais parentais dos participantes era “misto”, essa situação não foi encontrada. Nessa história de Filipa, na distribuição do trabalho doméstico dentro do casal, a cor da pele prevalece sobre o gênero. É o homem que o realiza por ter a pele mais escura. Por outro lado, o irmão mais novo de Filipa ficará totalmente isento do trabalho doméstico, enquanto a irmã mais velha, a de pele mais escura, é também, mais do que todos os seus irmãos, trazida para o trabalho doméstico.

Filipa conta que os pais optaram por não maltratar os filhos, para “romper com o ciclo da violência”. Para os irmãos de seu pai, que abusaram de seus filhos, o motivo de seu pai fazer essa escolha seria explicado pelo fato de que ele foi o mais bem-sucedido na vida. Filipa também dá como explicação o fato de seu pai ter testemunhado, com demasiada frequência, as mortes violentas de seus amigos. Ela não explica, no entanto, por que sua mãe não era violenta; apenas diz que não poderia ter feito isso. No entanto, a avó materna batia nela, às vezes, porque pensava que essa era a única forma de dar limites aos filhos.

Segundo Filipa, quando sua mãe conversava com ela, isso gerava um sentimento de culpa, uma vez que ela se via obrigada a assumir a responsabilidade por seus atos. Quando apanhava, contudo, não tinha como se questionar.

Filipa admite que a irmã mais velha cuidava bastante dela, como Romana Emiliana, que cuidava bastante dos irmãos. Essa última também era, mais do que os outros, obrigada a fazer trabalhos domésticos, como dissemos. Filipa descobriu que sua avó materna não gostava de sua irmã mais velha, cuja pele é mais escura e também nasceu em uma época em que a situação econômica de seus pais era menos favorável que a do nascimento dela e de seu irmão mais novo. Podemos ver claramente, através da história da irmã mais velha de Filipa, como foi o caso com Marieta, como existem questões referentes ao lugar dos irmãos, que envolvem gênero, cor da pele e as circunstâncias do nascimento, e podem se combinar na concessão de um lugar mais ou menos privilegiado entre os irmãos, na família.

Se, na família do pai, os homens não eram muito afetuosos com as pessoas próximas, Filipa diz que o pai aprendeu, com o tempo, a ser mais afetuoso. Para ela, descobrir que seu único filho era *gay* contribuiu para a transformação de seu pai tal, como o falecimento de sua mãe. Podemos ver, por meio desse exemplo, que a influência dos adultos sobre as crianças não é unilateral, e elas também podem levar seus pais à mudança.

Em relação à cor da pele e ao racismo, Filipa lamenta que não tenham sido temas de discussão na família, onde apenas a questão social foi abordada. Por outro lado, ela conta que, desde criança, esteve imersa na cultura musical afrodescendente, principalmente no samba. Sobre esse assunto, ela também ressalta que, no Brasil, assim era: as pessoas apreciavam a música do negro, mas não o fato de ser negro. Se o pai dela não falava diretamente da questão racial em casa, ele tinha frases prontas sobre o lugar apartado dos negros.

Seus pais também não se preocupavam com a história da família, e ela lamentava nada saber sobre seus avós e ancestrais. Por meio de questionamentos mútuos, ela acabou por descobrir que existem várias narrativas sobre o encontro dos avós paternos, sem saber quais são as certas.

Lembrou também que ela e sua família visitavam, de vez em quando, sua avó paterna negra, no campo, e que ela adorava. Cuidar da terra era, para ela, típico da cultura afrodescendente, e esse aspecto, por outro lado, estava muito presente em sua família. Essa avó lhe ensinou a ser sensível a isso, e seu pai também gostava muito de ir para o campo, onde tinha terras que cultivava.

Ao narrar suas diferentes experiências profissionais, Filipa falou sobre algo que revela o quanto o racismo está presente na sociedade brasileira. Segundo ela e seu amigo, o jovem doutor, que compareceu a sua entrevista, o dinheiro público destinado a ajudar as pessoas vulneráveis da sociedade, predominantemente negras (Paixão, 2010; IBGE, 2018), seria desviado para o serviço dos brancos.

A história de Filipa é interessante por ser uma "negra de pele clara", como ela diz, e, como resultado disso, experimentará uma forma muito particular de racismo: a objetificação sexual. Vemos que ela consegue olhar o trauma causado por esse racismo de uma forma mais cuidadosa, ao compreender que o vivenciou por causa de seu *status* muito especial na sociedade e ao tomar consciência e assumir a responsabilidade por sua negritude. Paradoxalmente, foi no movimento feminista que ela ganhou essa consciência, mas é preciso dizer que, no caso dela, as discriminações ligadas à cor e ao gênero são particularmente intrincadas.

Começou a trabalhar em diversos setores a partir dos 16 anos, para pagar suas distrações, enquanto seus pais pagavam a faculdade particular que frequentava. Os pais também tiveram de trabalhar e estudar intensamente para poder sair do "círculo vicioso da violência e da pobreza", como ela diz.

Ao longo da sua jovem carreira, Filipa, tal como Romana e Arnaldo, não hesita em mudar de emprego porque testemunha racismo, ou porque o trabalho faz mal à saúde. O trabalho que ela desempenha, no momento da entrevista, parece ser adequado, pois ajudar mulheres vítimas de violência doméstica faz muito sentido para ela.

De maneira mais geral, vemos, por meio de seu discurso, que seu trabalho lhe dá a oportunidade de ajudar outras pessoas a se conscientizarem de sua afrodescendência e a combater o racismo sempre que ele se encontrar presente.

4.5. JOSE CARLOS DOS SANTOS (KÉRUBYN): NASCIDO NA PERIFERIA, ELE SE CONSTRUIU GRAÇAS À MÚSICA

Através de seu marido, Valérie Ganem, conheceu Kérubyn, de quem também se tornaria amiga. Seu percurso lhe interessou, pois ele escolhera, como atividade profissional, tocar música na rua. Ele mora na zona sul da periferia de São Paulo e percorre, todas as noites, a distância entre sua casa e a avenida Paulista, usando o transporte público ou o *Uber*, para fazer um *show* nessa avenida, como muitos outros músicos, porque está autorizado há alguns anos.

Ouvindo a questão inicial da entrevista – "*Que experiência subjetiva você tem dos laços entre violência, obediência, trabalho, gênero (feminino, masculino) e cor da pele?*" –, respondeu dizendo que existem pessoas que querem ganhar em cima do artista, mas ninguém se dispõe a ajudar o artista de verdade, como o projeto *Artista de Rua* (um programa da TV Globo que o colocou na frente, em um momento, deixando-o logo depois). Durante a segunda entrevista, ele relatou que esse programa o ajudou a divulgar seu trabalho naquele momento.

Depois, se queixou de que existem lugares onde as pessoas o olham com repugnância, por conta da cor da pele. Por exemplo, "... em *shopping* ou em alguns ambientes onde você é o único negro, as pessoas parecem se questionar: 'Por que aquele cara está aqui? Pelo fato da cor da pele, da falta de dinheiro...'". Ele acredita que esse olhar existe mais por causa da pobreza do que da cor da pele. Na verdade, "você chega no caso de que o negro, o nordestino em si, é pobre mesmo..."

Quando Valérie Ganem perguntou a ele se tocar música era um lugar onde ser negro poderia ser favorável, ele respondeu que sua família toda fazia música. Mas afirmou que o "lance mesmo de tocar" foi por sua conta. Depois, a pesquisadora queria saber se ele se arrependia dessa escolha de tocar música. Ele respondeu: "De jeito nenhum! Se arrepender da música, jamais!" E relatou que é dela que ele tira o sustento dele e das pessoas a seu redor.

Depois, ele se lamentou que o mundo da música fosse uma "fábrica de músicos", que dá muito valor ao dinheiro rápido. Então, segundo ele, a música brasileira mostrada nos outros países era falsa, e ele "estava fora". Era uma música sem informações, que não ia acrescentar algo. Seu pai tocava música nos bailes e trabalhava de dia na metalúrgica. Ele começou a cantar e a tocar, fazendo do balde de água da mãe um tambor, desde os nove anos. Com seu sucesso na família, começou a querer ser artista, como Gilberto Gil,

entre outros. Fez vários trabalhos, não somente em música: entregador de pão (entre nove e dez anos), vendedor de sorvete, de bolo e de cafezinho, engraxador de sapatos, vendedor na feira, cabeleireiro, metalúrgico, ajudante de pedreiro. Estudava e trabalhava até o segundo colegial. Trabalhava para ajudar à família. Dava todo dinheiro dele para a mãe. Voltava do colégio à meia-noite, e tinha de acordar 5h 30min da manhã, para ir trabalhar na indústria metalúrgica, quando já era adulto. Quando criança, estudava de manhã e vendia as coisas à tarde. Estudou até a oitava série, depois fez o supletivo até o segundo colegial. Quando começou tocar na noite, não dava mais para estudar. Ganhava mais fazendo música do que na indústria metalúrgica. Quanto à sua mãe, ela virou dona de casa depois de ter sido empregada doméstica e diarista. Quando começou a tocar, o pai falou: "Você vai ser vagabundo". Mas não o impediu. Os pais respeitaram a vontade dele, mas sem incentivá-lo a ser um profissional da música, com medo de que ele se tornasse vagabundo.

Seu pai bateu nele uma vez só, quando quis sair sozinho e ele insistia em acompanhá-lo. Sua mãe o reprendia mais, mas era pela dificuldade de cuidar de muitos filhos (seis), do marido e da casa, segundo ele. Ela ficava nervosa com a desobediência dos filhos e dava algumas palmadas por isso. As razões exatas da impaciência da mãe ele não se lembra. Antigamente era assim, e ela foi criada assim: uma educação rígida.

Seu pai veio de Minas Gerais, e foi para o interior de São Paulo trabalhar como eletricista, e lá encontrou a mãe dele. Ele não sabia dizer como eles chegaram nessa capital no Sudeste**.** Durante a segunda entrevista, Kérubyn informou que tinha cinco meses de idade nessa época. Seu pai veio com 13 anos de idade para vencer, conhecer o mundo, e aprendeu sozinho o trabalho de eletricista. E encontrou sua mãe em Piracicaba. Quando chegaram nessa cidade, ele era o único filho. Seu pai trabalhou em metalúrgica, foi cobrador de ônibus, pedreiro. Tudo isso o pai aprendeu sozinho.

Quando criança, queria ajudar os pais, comprar muita carne, pois comiam muita couve com fubá. Ele passou um pouco de fome. Queria até viajar com os pais, porque "a vida não é só trabalhar", mas o pai faleceu, não deu tempo. Ele se dá bem com todos os irmãos. Sendo o mais velho, dava banho, cuidava de todos os irmãos. Todos foram criados de modo igual, mas cada um seguiu um caminho, um pensamento. Mas, na família não existe nenhum marginal, justamente pela educação dos pais.

Ele gostava de ir aos bailes *black.* Encontrava-se com traficantes, mas sempre teve a posição de não se envolver. Essa capacidade de fugir dos traficantes vem da educação dos pais e também do fato de ver tantos amigos morrerem (20 a 30). Tocar no centro da cidade o fez "viajar nas ideias musicais" e prosperar. Nos finais de semana, também vendia artesanato feito por ele… E ainda trabalhava na indústria metalúrgica.

Com esse seu trabalho de música, agora, consegue manter a si e a sua família (mãe, pai, irmãos), mas não é um trabalho de sucesso. O trabalho e o dinheiro vêm juntos, mas há mais trabalho do que dinheiro. Ele não pode parar de tocar para trabalhar em qualquer projeto musical, porque precisa pagar as contas, sobreviver. Há um círculo de necessidade: para resgatar dinheiro você precisa de dinheiro...

O projeto dele, agora, é de acabar a construção da casa da família (ele está construindo mais quartos) para a mãe. Depois, queria viajar: pegar um dinheiro lá fora, em outros países, como alguns de seus amigos.

Discussão

Em reposta às instruções iniciais para esta entrevista, Kérubyn começa evocando as dificuldades do trabalho artístico e o fato de, muitas vezes, se encontrar como o único negro nos eventos que se organizam no meio artístico do centro da cidade.

No início, a pesquisadora pensou que essa escolha pela música tinha sido judiciosa, por ser um ambiente onde havia muitos negros e, portanto, potencialmente mais acessível que outras profissões reservadas à elite. Mas ele não confirmou, de forma alguma, essa hipótese, ao afirmar que, nas festas (subentendido: organizadas pelo "mundo da música") aonde ia, muitas vezes, era o único negro. Nessas festas e nos *shoppings* também, ele diz que os outros olham para ele com nojo, parecendo se perguntar o que ele está fazendo ali, mas afirma que isso estava relacionado tanto à cor de sua pele quanto à sua condição social, que acabam se tornando uma coisa só, pois, segundo ele, na sociedade brasileira, há uma hierarquia social ligada à cor da pele. Esse foi o único momento da entrevista em que ele fez referência ao racismo que sofreu.

Embora não mencione o fato de seus pais transmitirem mensagens particularmente relacionadas à importância do trabalho, ele enfatiza o fato de que o deixaram fazer o trabalho que desejava, mesmo que temessem que a profissão de músico o levasse a ser um vagabundo. Parece que, nessa família, o que mais se valoriza é comer bem e construir uma casa. Ele não o diz expressamente, mas isso transparece quando diz que, quando criança, queria poder comprar muita carne para seus pais, porque lhe faltara na infância. E ainda no fato de que, antes de poder realizar os seus próprios projetos (viajar para o estrangeiro), pretende terminar de construir, para a sua mãe, os quartos adicionais na casa da família.

Valérie Ganem não discutiu a questão dos avós com Kérubyn, talvez pelo fato de ele já ter tido grande dificuldade em reconstituir a história dos pais. Ela também não abordou a questão da distribuição do trabalho doméstico dentro da família. E isso, apesar de ter tido a oportunidade de perceber a ausência desse assunto na transcrição e de falar sobre ele na segunda entrevista. Porém, pelo relato dele, pode-se imaginar que foi sua mãe quem fez de tudo, ajudada por ele, o mais velho, para a educação dos filhos. Sobre a violência a que foi submetido, diz que era principalmente a mãe que os reprendia; ela lhes dava palmadas. Ele não consegue se lembrar bem o porquê, mas justifica a violência de sua mãe pelo fato de ser difícil para ela cuidar da casa, do marido e de seis filhos. Após uma consideração cuidadosa, concluiu que era por causa da desobediência deles que ela batia nos filhos. Ele também acrescentou que era assim naquela época: era costume os adultos baterem nos filhos.

Quando Valérie Ganem lhe perguntou sobre sua relação subjetiva com o trabalho de músico, que escolheu, ele respondeu que isso lhe permitiu sustentar a si mesmo e a sua família. Como todos os participantes anteriores, com exceção de Filipa, Valérie Ganem observou, na fala de Kérubyn, que, em sua mente, o trabalho se amalgama com os benefícios materiais que ele busca, e ela explorou essa questão com ele. Ele confirma que trabalho e dinheiro andam de mãos dadas, mas lamenta que haja mais trabalho do que dinheiro. A necessidade de encontrar o dinheiro todos os dias para sustentar a si e a sua família o leva a um trabalho insatisfatório. Ele não consegue, por exemplo, focar sua energia em nenhum projeto musical e, por isso, é obrigado todos os dias a ir tocar na rua. É o que ele chama de "um círculo de necessidade". Isso o teria impedido, segundo ele, de ter sucesso na vida e lembra a estratégia defensiva da luta pela sobrevivência, colocada em evidência com os operários da construção civil.

Além disso, como assinalam Marieta, Romana e Arnaldo, ele e o pai aprenderam, desde muito jovens, os diversos ofícios que faziam, "no trabalho". Como todos os outros participantes precedentes, paralelamente a seu trabalho, ele estudou até o segundo colegial, até que seu trabalho como músico o impediu de continuar.

4.6. DANIEL LUÍS ALEXANDRINO: NASCIDO NA PERIFERIA, ELE CRESCEU NO MUNDO ARTÍSTICO

Valérie Ganem conheceu Daniel através de seu marido. Foi um encontro muito superficial, alguns dias antes da primeira entrevista, quando ela o conheceu mais de perto.

Ouvindo a questão inicial da entrevista – *"Que experiência subjetiva você tem dos laços entre violência, obediência, trabalho, gênero (feminino, masculino) e cor da pele?"* –, ele respondeu dizendo que o negro, no Brasil, é deixado abaixo da linha da pobreza. Daniel fundamentou essa ideia no fato de que ele sempre teve salários e cargos menores. Acrescentou que o negro não pode se dar conta de que "estão em dívida com ele", que é ele quem sustenta o patrão, pegando duas horas de transporte para chegar ao trabalho todos os dias.

Depois, afirmou que, para a mulher, era ainda mais difícil, com o machismo presente tanto na classe alta e na média, quanto na classe baixa: "... a diferença entre a violência doméstica na classe baixa e na classe média é só a grossura da parede". Ele se lembrou de que a violência é mais exposta na periferia, onde cada família mora geralmente num terreno de 10 *x* 25 m^2. Nesse terreno, segundo ele, a família vai crescendo, vão aparecendo os netos, e as pessoas não têm para onde ir, e não conseguem comprar seu próprio imóvel. Acha que os primeiros moradores de rua e a primeira criança de rua foram os escravos "liberados" pelas leis do "Sexagenário" e depois a do "Ventre Livre". Ele reclamou que essa realidade muito dura do negro ainda permanece, e que os brancos não poderiam se identificar com os negros. O racismo no Brasil é naturalizado, segundo ele. E acrescentou que existem negros que são contra as quotas na universidade, porque eles não querem esmola. Diante do fato de que até o cargo de gerente da padaria da esquina lhe é recusado, o lugar dele é limpar o chão e lavar o banheiro.

Daniel contou que era o melhor vendedor de todas as lojas de audiovisual onde trabalhou. Mas tinha um conflito muito grande com os clientes por causa de seu fenótipo. E informou que era filho de mineira com baiano.

Depois, se referiu a problemas da sociedade brasileira, lembrando que a "Escola sem partido não existe", e que a melhor alternativa era a Uniafro. Reclamou que a história da África e dos índios não é ensinada, e de que a História do Brasil é ensinada de forma muito distorcida.

Ele se referiu ainda à sua experiência profissional. Na loja do *shopping*, onde trabalhava, ocorriam problemas com o gerente, que considerava seu perfil inadequado ao lugar. Contou que não entendia muito, na época (com 34 anos), o que isso significava. Trabalhava porque precisava sustentar a família, e conseguia boas vendas. Mas, mesmo assim, o gerente insistia sobre o fato de que ele não tinha o perfil. Foi depois que entendeu essa atitude como de racismo, considerando que ele não tinha a cara certa para atender a clientes brancos e ricos. E foi embora fazer seus próprios trabalhos. Nessa loja, os clientes também eram racistas. Um dia, um deles falou assim de um *shopping* situado na periferia: "Você já viu as pessoas que frequentam o *shopping* Interlagos? Você acha que eu vou lá?! ". Daniel respondeu: "Já! Eu, minha mulher, minha filha, minha mãe, qual é o problema que

você tem com essa gente?" E pediu demissão sem se arrepender, porque já não queria mais trabalhar com "esse povo". No começo, ele trabalhou na metalurgia, depois foi carteiro. Durante a segunda entrevista, Valérie Ganem perguntou por que ele deixou a metalurgia. Daniel respondeu que se dava bem com os colegas, mas nunca gostou desse tipo de trabalho. Começou a vender numa loja de utensílios domésticos: respondeu a um anúncio e já foi empregado. Mas ficou três meses só, porque surgiu uma vaga de auxiliar de venda numa loja de fotografia, e esse produto lhe interessava mais. Assim, ele começou trabalhar como vendedor numa loja de fotografia, de que ele gosta muito, até hoje. E então, ele pulou para outras lojas, com salários melhores. Gostava da remuneração comissionada, que dependia da energia que colocava nas vendas. Durante a segunda entrevista, relatou que se incentivava muito mais o trabalhador com o lucro participativo na empresa. Foi assim, até chegar no *shopping*. Mas, embora seja um grande vendedor, ele nunca conseguiu ter o cargo de subgerente, e acha que isso é racismo.

Depois dessa história no *shopping*, ele se desgostou da vida, se cansou muito, e não mais lhe agradou trabalhar dessa forma, pois via esse trabalho como humilhante. Pediu demissão da loja e se separou da primeira esposa, mãe de sua filha: ele queria ser outra coisa. Começou um trabalho autônomo, por falta de opção, pois tinha de comer todo dia. Fazia instalação de som de *home theater.* Um dia, um amigo o chamou para fazer um trabalho de vídeo. E ele começou como assistente e passou a trabalhar como cinegrafista (*cameraman*). E nunca mais olhou para a sua carteira de trabalho...

Durante a primeira entrevista, Daniel falou que precisava de dinheiro, não de trabalho. Como essa relação entre trabalho e dinheiro intrigava Valérie Ganem, ela fez uma pergunta sobre essa relação, e Daniel reformulou dizendo que ele precisava de dinheiro e de trabalho, mas não de emprego, com toda essa formalidade. Se ele tivesse dinheiro, poderia fazer filmes sobre assuntos que lhe interessavam, não propaganda publicitária ou política. Ele já fez um documentário financiado pela prefeitura sobre o bairro onde mora. Esse filme pode até não ser bonito, mas tem a sua cara. Isso foi muito gratificante para ele. Ganhava mais no *shopping,* mas era mais feliz hoje, fazendo coisas de que gostava. Entretanto, também teve de fazer coisas de que não gostava, para pagar as contas. Mas sempre foi mais gratificante do que vender no *shopping*, porque ele gostava de seu trabalho.

Chegou nesse bairro, Grajaú, onde morava no dia da primeira entrevista, numa condição muito ruim em sua carreira de cinegrafista e com o nome "sujo", devendo aluguel ao proprietário do apartamento onde morava antes, no centro da cidade. Uma amiga lhe falou que tinha um barraco no Grajaú, que podia lhe emprestar. Ele foi muito bem recebido no Grajaú, fez amigos e tudo mais. Os trabalhos começaram a surgir, ele mudou para uma casa melhor e se casou de novo. Sempre fez um trabalho com arte e cultura na periferia. No bairro onde nasceu, foi ator numa peça de teatro chamada "Negro 13", pelo centenário da abolição da escravidão, e ganhou um prêmio de melhor ator.

Quando foi para Grajaú, fez uma proposta de organizar um sarau de poesia (um encontro de artistas). Antes, os saraus eram feitos só pela elite, em lugares luxuosos. Mas, um dia, as pessoas da periferia começaram a entender que elas poderiam se apropriar da arte, e poetas surgiram. Os poetas são pessoas comuns, como motoristas, pedreiros... O objetivo do sarau é dizer às pessoas da periferia: "Você pode escrever, cantar, fazer". Os saraus começaram com o poeta Sergio Vaz, há 20 anos. Ele diz que as pessoas da periferia vão, assim, melhorando a poesia, e a poesia vai melhorando as pessoas. O sarau do Grajaú começou timidamente no bar mais "cachorro" da região, e colocou poesia na cachaça dos

bêbados. No começo, eram sete pessoas; hoje, envolve até 200 pessoas, e os poetas vão surgindo.

O sarau vai mexendo na autoestima das pessoas. Elas ficam esperando, tendo orgulho de morar no Grajaú, onde o sarau acontece. Surgiu um espaço com microfone aberto, livre, um trabalho independente. Para mostrar o empoderamento gerado pelo sarau, ele contou a história de um dos poetas, que é manobrista num estacionamento de ricos. Um dia, ele estava mostrando seus textos e rindo com os colegas, lendo o manuscrito de um livro de poesia que estava procurando publicar. Uma cliente perguntou por que eles estavam rindo, e ele explicou. A cliente falou: "Então, você quer ser poeta?" E ele respondeu: "Não, poeta eu já sou, quero publicar meu livro..."

Quando a pesquisadora lhe propôs falar um pouco de sua família, ele contou que era de uma família de seis crianças, vinda de Viçosa, Minas Gerais. Só ele e a irmã mais nova nasceram nessa capital na região do Sudeste**.**

O que ele sabe da história velada da família: o pai trabalhava na roça em Viçosa, na terra dele, e foi expulso por um fazendeiro que comprou todas as terras em volta por um preço muito baixo.

A mãe era dona de casa. O pai faleceu há 20 anos, com 61 anos, e a mãe há 5 anos, com 72 anos. Os dois de doença. Os pais não falavam da história deles, e a criança feliz não perguntava nada. Ele tem a lembrança que tinha muito sorriso na cara o tempo todo na pequena casa com pé de abacate no quintal. "A gente esquentava as coisas no fogão de lenha, nessa época nem tinha luz elétrica. O pé de abacate era muito generoso. Era também um lugar onde a gente brincava. Com o tempo, as construções (casas, loja de sorvete) foram tirando toda aquela festa do quintal."

Chegando a São Paulo, seu pai começou sendo servente de pedreiro e depois começou a ser ferramenteiro numa empresa onde trabalhou o resto da vida. Sua mãe foi sempre dona de casa, fazendo sorvete e lavando roupa na casa. Com sete anos, ele entregava a roupa limpa para os clientes do bairro. Foi seu primeiro trabalho.

Os pais tinham uma preocupação muito grande com a alimentação dos filhos. Foi uma batalha muito grande para alimentar todo mundo. Depois, veio a construção da casa. Ele foi criado num canteiro de obras, porque a construção demorava, por falta de dinheiro.

Como os pais não frequentaram muito a escola, eles queriam que os filhos se dessem muito bem no estudo. Essa era outra preocupação da mãe. Mas as preocupações principais do pai, segundo Daniel, eram ter orgulho de ver os filhos alimentados e construir a casa. Ele jamais sofreu de fome, mas achava que provavelmente fosse o caso dos pais, embora eles jamais tivessem falado disso. Eles não falavam do que era difícil. O pai sabia falar de trabalho, e só.

Ele achava que sua educação foi muito rígida. Os pais tinham uma preocupação grande sobre o que seria deles, no futuro; da parte da mãe, principalmente. O pai, uma vez a casa já construída, começou aproveitar a vida, e largar um pouco a vida de escravo.

A mãe, com medo das más companhias, punia os filhos por qualquer coisa. Por exemplo, uma vez, um amigo dele emprestou uma pulseira da equipe de futebol Palmeiras pelo qual ele torcia. Ele queria que a mãe comprasse a mesma para ele. Quando ele mostrou, ela falou: "Você roubou isso de quem?" E lhe deu uma surra de chinelo. Ela desconfiava o tempo todo, castigava sempre, e ele se doía moralmente com essa incompreensão, essa intolerância da mãe. Ela era muito brava, batendo neles se falavam

palavrões. Daniel achava que ele apanhava mais que os outros, embora os outros apanhassem muito também. Perto dela, ele tinha o sentimento de que tudo que fazia estava errado. Como ele era mais novo, talvez, a mãe não tivesse mais paciência.

Eles são todos da mesma cor, mas só ele se acha negro. Nunca teve, na educação, uma valorização das coisas de negros. A mãe, católica, era contra o candomblé. Ela escolheu uma educação que gerava um sentimento de sempre estarem errados. Para ele, não foi uma boa formação. A mãe não se achava negra, embora fosse uma mistura de índio e negro, segundo ele. Ele era mais contestador, questionava mais, porque se relacionava com negros no futebol, perto da casa, onde havia uma umbanda. A mãe falava: "Não vai lá [no centro de Umbanda], que lá só tem macumbeiro". Ele tinha um bom amigo desse centro e se perguntava: “Porque ela fala assim?”.

Depois, ele contou que, na família, trabalhar era “pegar peso”. Para os outros da família, vendedor não era um trabalho. A mãe falava: “Daniel não gosta de trabalhar”. O que ele faz hoje, os irmãos também acham que não é um trabalho. Mas ele não se importa – ele gosta de seu trabalho.

A mãe fazia todo o trabalho doméstico da casa; ela queria ajuda, mas ele não fazia nada, era preguiçoso. Até hoje, ele briga com a esposa sobre esse assunto. Portanto, ao contrário de sua mulher, que era professora, ele não tinha horário, local, dia... Reconhecia que tinha mais tempo para cuidar da casa, mas não o fazia. O que ele gostava de fazer era a comida, e só. Segundo ele, o fato de a mãe cobrar muito pelo trabalho doméstico fez com que ele o fizesse sem prazer, por obrigação, sem entender a necessidade. Todos os dias, eles tinham obrigação de fazer algum trabalho doméstico. Quando tinha de enxugar e guardar a louça, se ele se enganasse de lugar, rolava uma briga. A distribuição do trabalho cotidiano entre ele e as irmãs (os irmãos trabalhavam já) era a seguinte: ele tinha, sobretudo, de varrer o quintal, e elas arrumavam a casa.

Mas a mãe também estava muito preocupada com os estudos. Um filho reprovado na escola seria um desgosto muito grande para ela. Mas apenas uma irmã conseguiu fazer faculdade. Essa irmã foi atropelada indo à escola, e depois passou a ter uma atenção maior, por conta da escola. Como ela bateu a cabeça, foi chamada de louca pelas outras crianças (inclusivo ele) e se dedicou muito à escola.

Ele concluiu a primeira entrevista dizendo que os saraus do Grajaú criam espaço para que a arte da periferia se manifeste. Mas não vai dar casa própria, nem repostas prontas para ninguém.

Discussão

Escutando a instrução inicial desta investigação, Daniel começou falando sobre a sociedade brasileira em geral, a violência e o racismo que aí reina. Imediatamente estabeleceu uma ligação entre esse racismo e a escravidão.

Daniel relutou em falar sobre sua família. Pelo que podemos perceber, através de sua fala, suas relações com a mãe e os irmãos nem sempre foram fáceis.

Em relação ao trabalho doméstico, ele diz que sua mãe exigia sua participação, inclusive no trabalho da casa, mas resistia muito.

Na introdução da entrevista, Daniel destacou que a violência doméstica está muito presente no Brasil, mesmo que ele não a mencione em relação à própria família. Por outro lado, ele evoca a violência de sua mãe, da qual foi objeto. Ao contrário dos participantes

anteriores, que consideravam a violência reservada aos filhos mais velhos, Daniel, que estava entre os mais novos, considera que foi o mais maltratado pela mãe, por ser um dos filhos mais novos. Acreditava que sua mãe não tivesse mais a paciência que tivera com seus irmãos mais velhos. Ele não encontra outra justificativa para essa violência e lamenta.

Como Filipa, Daniel lamenta não saber muito sobre a história de seus pais e as dificuldades que eles podem ter encontrado em suas vidas. Os pais nunca conversaram sobre isso, e ele admite que os filhos também não fizeram perguntas. Se ele e seus irmãos não passaram fome, ele presume que seus pais sim**.** Não falou dos avós, mas ele já sabia tão pouco sobre a vida dos próprios pais, que se presume que ele não sabia nada a respeito dos avós.

Em relação à cultura afrodescendente, Daniel lamenta que, em sua educação, nunca tenha havido nada que valorizasse o negro. Por causa dessa falta de reconhecimento de sua afrodescendência na família, ele lamenta ter demorado muito para entender as situações de racismo que havia sofrido. Por exemplo, não entendia o que significava "não ter o perfil certo" para trabalhar em uma loja de um *shopping*, aos 34 anos. Só depois disso, ele começou a entender que, como afrodescendente, era discriminado na sociedade e, portanto, decidiu trabalhar por conta própria, do que nunca teve de se arrepender.

Se foi o único da família a ter consciência de sua afrodescendência, isso estava, segundo ele, ligado ao fato de, quando criança, ter convivido com negros ao jogar futebol com eles perto do centro de Umbanda. Eram seus amigos, e ele se perguntava, quando criança, por que sua mãe falava deles de forma pejorativa, e já protestava quando ela tratava essas pessoas assim. Para ele, foi nesse terreno que sua consciência afrodescendente pôde surgir.

Se Daniel relutava em falar sobre sua infância e sua família, por outro lado, ele se debruçou sobre seu trabalho, especialmente seu projeto atual, o sarau no distrito de Grajaú, na periferia dessa capital no Sudeste, que tem muito significado, porque ajuda a democratizar a arte nas periferias e, assim, melhorar a autoestima de seus habitantes. Observamos que ter feito a escolha de trabalhar no setor audiovisual, de forma independente, foi concomitante com sua compreensão das relações de dominação entre brancos e negros.

No discurso de Daniel como no da maioria dos outros participantes, existe uma amálgama entre trabalho e dinheiro. Durante a primeira entrevista, ele declarou que precisava mais de dinheiro do que de trabalho, mas, durante a segunda, insistiu em substituir a palavra “trabalho” por “emprego” e explicou que a falta de dinheiro, por vezes, o obrigava a um trabalho que, a seu ver, não fazia sentido, como comerciais ou propaganda política. De qualquer forma, ele queria ressaltar que esse trabalho de cinegrafista, que estava fazendo agora, era muito mais adequado do que seu trabalho como vendedor que, no entanto, lhe rendia mais.

Como Romana, Arnaldo, Filipa e Kérubyn, teve de começar a trabalhar desde muito cedo para ajudar a família e prover suas necessidades secundárias. Começou aos sete anos, entregando roupas limpas, lavadas por sua mãe. Depois, trabalhou também na metalurgia. Como Arnaldo e Filipa, não hesita em trocar um emprego por outro, por sempre ser vítima do racismo ou por não valorizar o tipo de trabalho (como a metalurgia), ou, simplesmente, na esperança de ganhar mais dinheiro. Tal como aconteceu com Romana, o trabalho autônomo é uma parte importante de sua trajetória profissional, pois lhe permite escapar do racismo e dar sentido à vida.

Observa-se que Daniel e Kérubyn, nascidos na periferia, optaram por trabalhar no mundo artístico. É interessante ver como essa escolha pela arte permite que ambos saiam do caminho que lhes fora proposto, a metalurgia, e que se realizem em seu trabalho. Ambos começaram a primeira entrevista falando sobre a questão do trabalho. O que lhes permite fazer essa escolha permanece um mistério. Parece que só devem a si mesmos, é o que diz Kérubyn, embora seu pai também fosse um músico ocasional. Segundo Kérubyn, foi a música que entrou em sua vida e o fortaleceu na caminhada. Daniel, por outro lado, nunca gostou de trabalhar na metalurgia e, desde muito cedo, se orientou na área de vendas. Optou por apostar na fotografia porque preferia vender esse produto em vez de utensílios domésticos, o que é compreensível. Sua escolha de deixar as vendas por atividades mais culturais decorre de uma experiência humilhante em seu trabalho como vendedor. Desde muito jovem, entregava roupa limpa para as clientes da mãe, e talvez isso tenha também a ver com sua escolha de trabalhar como vendedor.

4.7. ELIETE: TORNAR-SE PROFESSORA, NASCIDA NA PERIFERIA

Eliete é uma colega e amiga de Valérie Ganem. Elas se encontraram na Universidade Sorbonne Paris Nord, durante o doutorado "sanduíche" de Eliete. Ela tinha motivado seu irmão a participar da pesquisa. Mas, como ele não teve condição de fazer a segunda entrevista, optamos por não dar sequência à sua primeira entrevista para este livro.

Ouvindo a questão inicial da entrevista – *"Que experiência subjetiva você tem dos laços entre violência, obediência, trabalho, gênero (feminino, masculino) e cor da pele?"* –, ela respondeu dizendo que foi educada para ter de fazer duas vezes melhor do que um branco, para conseguir chegar à mesma vaga que ele, e evitar colocar a foto no currículo, por não ter a "boa aparência" requerida. Achava que sua subjetividade foi construída com muitas feridas, de muitos senões... Por quê? Ela informou que relacionar-se fazia parte desse mesmo contexto.

Seus pais, pessoas muito humildes, cresceram na roça, num sítio. A bisavó de sua mãe foi escrava. Seu avô materno era um homem muito enérgico, chegando a ser em muitos momentos grosseiro e violento com os filhos. Sua avó materna era uma pessoa muito simples também, que trabalhava na lavoura. Segundo ela, no tempo de sua mãe, todo mundo era muito preconceituoso: "o negro é negro, o branco é branco". Ela acrescentou que os escravos foram livres, mas a sociedade continua dividindo as pessoas entre a elite branca e os negros. Ela não se lembrava bem, mas o avô era dono de seu pequeno sítio, e por qual processo isso passa, ela não sabia. E a mesma história da parte do pai dela. Eles também trabalhavam na roça, num estado da região do Nordeste do Brasil. O avô paterno trabalhava muito na terra para ajudar a avó a criar os 14 filhos. A mãe contou que era um povo muito atrasado, muito preconceituoso, mas tinha comida, e não faltava nada.

Sua mãe ficou muito com as tias que trabalhavam como cozinheiras num convento, em uma capital do Nordeste. Na cidade, ela convivia com pessoas bem-educadas, aprendeu a escrever, ensinava crianças pobres a escrever também. Quando sua mãe voltava ao sítio, sofria muito com a simplicidade da família. Ela gostava de viver na cidade com as tias, na escola. Sua mãe se casou com seu pai com 26 anos, numa cidade vizinha, apresentados pelos primos. Seu pai era muito simples, trabalhava no sítio, uma pessoa muito esforçada, que gostava muito do comércio. Se casaram, passaram muitas dificuldades, e ele resolveu ir para uma capital do Sudeste trabalhar, deixando a esposa lá

com dois filhos. A mãe fazia roupas, e ele já estava fazendo a casa e vendendo sapatos na região. “E ele vem para essa capital para continuar fazendo sapatos para vender...”. Quando ele se casou com ela, juntos, deixaram a agricultura e compraram uma casa no Nordeste, antes de vir para essa capital do Sudeste. O pai já tinha um irmão nesse lugar. Mesmo sem saber onde iria morar, viajou trazendo um empregado para trabalhar com ele. O pai ficou numa casa muito pequena na periferia, fazendo sapatos e então trouxe a mãe dela com as três crianças.

Os pais começaram a vida fazendo e vendendo sapatos, valorizando muito a educação. Eles estudaram apenas até o quarto ano do Ensino Fundamental. A mãe escrevia e lia muito bem, e o pai muito bom em matemática, contava muito rapidamente. E chegaram a comprar um terreno para construir uma grande casa. Eles sempre acharam muito importante a educação: “Olhe, dizem que negro é ruim. Então você não vai ser ruim, você vai ser melhor, porque a gente é melhor, olhe como a gente é. Eles não têm razão, mas não faça errado, porque senão eles terão razão”.

Seus pais eram muito legais, com filhos advogados, bibliotecária, professoras... Portanto, ficavam no lugar do negro com deferência ao branco. Foram os filhos que, quando crescerem, os levaram a vários lugares, ajudando-os a se posicionar de forma diferente. Grande parte das famílias não tiveram essa história de vitória familial, que se contrapõe ao lugar que o imaginário brasileiro coloca os negros. Seus pais sempre falavam aos filhos para não terem vergonha de aparecer, de não se esconderem, de falarem. Seu pai ia em feiras e viagens internacionais apresentar os sapatos dele, voltando indignado: “Não vi um negro lá! [...] Será que, nesse Brasil, deste tamanho, não tem um negro que tenha uma loja de sapato pra ir lá?” Ao mesmo tempo, o pai dizia, quando ela saía com meninas brancas: “Não faça o que elas estão fazendo não; se elas começarem a fazer bagunça, saia de perto.”

Ela tinha ficado, assim, com medo. Hoje, suas colegas não sabiam como lidar com uma negra como ela, acostumadas a lidar com negras na cozinha. Os colegas se achavam melhores e faziam tudo para pisar nela, mas de maneira muito delicada. Por exemplo: querendo convencê-la a achar que não é adequada para ocupar o lugar que ocupa em postos de trabalho. Segundo ela, nesse contexto, era muito difícil ter a confiança do chefe ou dos colegas, na condição de negra. Em terapia, ela trabalhava o que tinha a ver com esse “negro preguiçoso” do imaginário brasileiro. Fazer de conta que não se percebe o racismo gera um esquecimento, ao ser questionada. Segundo ela, isso era um movimento protetivo para conviver, embora essa realidade do racismo, nas relações com os brancos, fosse insuportável. Na sala de aula, já aconteceu de alunos e pais que tinham muitas dificuldades para respeitá-la. Porém, se ela realmente parasse para ouvir o que diziam, colocava-se no lugar da menina medrosa que não podia falar alto. Mas acrescentou que há alguém da família falando: “Não, você grita sim. Você está de pé sim. Você não vai se esconder...”. Ela reclama que a grande maioria dos negros brasileiros não tinha essa matriz. Essa relação de poder está estabelecida, segundo ela, no Brasil.

Finalmente, ela achou um exemplo mais concreto do racismo que sofria no seu trabalho. No seu local de trabalho seria necessária a contratação de uma coordenadora; foi combinado com a equipe que seria ela. Entretanto, a chefe não assumiu a própria escolha, e perguntou às demais colegas: “Quem gostaria de fazer essa tarefa?” Depois que ela falou que queria, uma outra colega branca, que nem tinha a formação específica para a tarefa, respondeu: “Eu também”. E a chefe lavou as mãos e falou: “Fiquem conversando, então...” E foi embora. Seu marido, também concordou: “É adequado que seja você, e não ela.” Mas, para ela, na hora de dispor as peças, a branca sempre procura sutilmente ocupar

o lugar do poder na relação. Rapidinho, assim, você pode chegar a pensar: "Eu não sou capaz de ser a chefe". Durante a segunda entrevista, ela contou que continuou dizendo que queria, que tinha todos os direitos de ocupar esse lugar, e conseguiu ocupá-lo.

O marido é uma pessoa importante em sua história. Nascido em um país do continente africano, vindo de uma cultura familiar onde não existe pele diferente, muito seguro de seus valores, ajudou-a lidar com os seus próprios arranhões. Mas, no Brasil, ele também começou a sofrer. Eles moravam numa cidade conservadora, onde se fala que os habitantes são descendentes de europeus. Nesse lugar, o marido também sofreu preconceito, quando chegou na universidade. Os colegas faziam piadas, brincadeiras racistas. Por exemplo, ao entrar na sala, diziam, batendo em seu ombro, de forma pejorativa: "E aí, fala aí, ó negão!" O marido, nesse caso, sempre se colocava na postura de pensar: "Eu não sou empregado dele".

Ela viveu também essa situação quando empregadas domésticas não gostavam de ser mandadas por uma negra. Quando ela ia a agências, procurar empregadas, já lhe davam a ficha para ela trabalhar. Nos hotéis, quando viajava, ao chegar à recepção, de vez em quando alguém perguntava se ela podia atender: "Meu quarto está precisando de papel higiênico..." São inúmeras coisas. Segundo ela, isso mostra em que ponto a relação de poder fica muito marcada no Brasil.

O pai falava: "Não se esconda, não tem que se esconder, vá lá pedir, vá fazer!" A mãe reforçava: "Não se abaixe, não se rebaixe não!". As outras mães chamavam o cabelo das filhas de ruim, mas a mãe dela não. Nunca dizia como outras mães: "Nossa, por que nasceu com essa cor?" Sua avó paterna, que tinha a pele um pouco mais clara, queria clarear a família e não aceitou que o filho se casasse com uma mulher negra. Sua mãe falava que a família do lado do pai era muito ignorante, e que, pelo menos, ela frequentou a escola. O pai ficou morando longe da família dele, e foi o que teve a melhor situação financeira, ele e o irmão, com quem ele chegou nessa capital do Sudeste. Sua mãe evitava conviver intimamente com a família de seu pai, que geralmente era muito hostil, não a tratava bem, falava mal dela. No final das contas, 3 tios, em 14, repetiram o modelo do pai: de se casarem com pessoas negras. O sucesso financeiro fez com que o pai, embora não fosse o mais velho, cuidasse muito de sua própria família, e isso melhorou o olhar da família mais ampla sobre ele. A mãe não era intima, mas jamais se opusera ao convívio do marido com a própria família. Tanto que, quando ele faleceu, em 2013, várias pessoas, irmãos, adoeceram profundamente. Para sua mãe, tudo isso era ignorância. Ela sofreu muito no tempo dela, dizia que nasceu no tempo errado, mas não queria que os filhos sofressem do mesmo jeito. Ela era uma mulher sempre muito à frente nas ideias, embora tivesse sido criada na roça, com um pai muito machista e, às vezes, violento.

Sua mãe batia no bumbum das crianças para educar, como se fazia na época, mas o pai nunca... Porém, tinha tanto medo dele que, para repreendê-la, ele precisava apenas olhar. Sua mãe era muito nervosa, talvez por ter tantos filhos e uma vida dura. A vida dela não foi a que ela sonhava. A mãe batia porque ela estava na rua e não avisou, porque brigou com irmãos...

A educação dela foi muito valorizada como a penúltima filha. As irmãs mais velhas estavam na faculdade, comprando livros para ela, conversando com amigos na frente dela, um primo a levava no teatro aos domingos... Ela viveu um momento privilegiado dessa família, não viveu aquele início pobre. Era a filha do dono da fábrica de calçados, com uma mãe cansada de cuidar de todos na ausência do marido viajando, mas com irmãs para cuidar dela. O pai parou de viajar quando ela tinha oito anos mais ou menos.

Entre os irmãos, os que quiseram ir à faculdade foram; os outros optaram por não ir. As duas irmãs mais velhas foram para um colégio de freiras, e o pai as levava de bicicleta a essa escola. O único filho também foi. Ele recebeu um tratamento muito privilegiado e não estudou; casou-se com uma mulher branca.

Desde os nove anos, ela trabalhava no comercio deles, mas nunca foi vista como trabalhadora pelo pai, embora trabalhasse mais que o irmão. Entrou na faculdade de fisioterapia com esse conflito, decidida a levar a vida dela. Progressivamente, não foi mais trabalhar no comercio. Mas conhece muito bem o ramo de vendas, embrulhar, tudo isso... O pai queria que o filho assumisse esse lugar, mas tudo começou a ficar complicado quando o pai começou a ficar financeiramente prejudicado.

O irmão "não era obrigado a limpar, ele não era obrigado a lavar louça...". Tinha apenas de cuidar das irmãs menores (ela e a caçula). Quando todas as irmãs ficaram moças, o trabalho doméstico foi dividido entre elas. Havia uma tabela para saber quem vai fazer o almoço do domingo pelo pai; por exemplo, limpar a cozinha depois do jantar na semana... Quando a caçula era pequena, elas faziam juntas a parte dela. Depois, quando ela tinha 14 anos, chegou Selma, uma empregada doméstica que trabalhou durante 30 anos na família. Tudo isso estudando, trabalhando ou ajudando nas empresas da família também: a fábrica e a loja.

Ela ficou mais na loja. Quando era criança, o pai a colocava sentada na caixa para olhar os empregados, e ela os denunciava, se fosse necessário. Com 20 anos, ela começou a ser professora, mas, obrigada pelo pai, trabalhava sábado na loja, sem ser remunerada. Ela tinha tudo de que precisava, mas precisava prestar contas. Sua mãe sempre se movimentou para ajudá-lo, fazendo também o trabalho doméstico. Ela não se lembra de ter apanhado por não fazer tais serviços, mas a irmã mais velha sim, também porque ela não queria estudar, apenas brincar. Segundo ela, não havia diferença de tratamento ligada a cor da pele, por conta desses pais, que se aceitavam. Ainda assim, uma das irmãs era um pouco mais clara.

Para pagar a faculdade, começou fazer o curso de magistério a fim de ser professora de crianças. Nessa formação, ela se interessou muito pela fisioterapia. As irmãs a ajudaram a encontrar fisioterapeutas para falar antes de escolher essa profissão. Até, hoje ela não se vê fazendo outro curso. Os pais sempre incentivaram os filhos a estudar o que queriam. Ela passou bem nos concursos públicos, graças a seu *curriculum vitae*: professora em escola pública, educadora num projeto estadual para cuidar de crianças cujas mães trabalhavam fora da periferia. Seu marido a ajudou também a entrar na última faculdade, onde ele trabalhava há muitos anos. Mas procurar emprego nas agencias sempre foi difícil. Depois, ela foi praticando fisioterapia no consultório e ajudando na loja. Em seguida, não teve mais problema para arranjar empregos, graças aos diplomas e às relações. Sempre foi uma branca que a indicou para os três trabalhos que desenvolveu como fisioterapeuta. Quando ela saiu da função de educadora de crianças, com o dinheiro da empresa, foi fazer um curso de especialização e de inglês nos Estados Unidos. Quando o dinheiro acabou, ela foi dar aulas de religião num colégio, trabalhando a religiosidade da criança sem dogmas e doutrinas e com muita arte (teatro, música). Ela adorava esse trabalho, pois ele a ajudou a concluir seu mestrado. Depois de ser mestre, uma colega do colégio a convidou para dar aulas livres na faculdade. Seu marido a incentivou muito a focar sua energia para fazer mestrado e doutorado, embora ela não acreditasse em sua capacidade: pensava que estudar e trabalhar numa universidade pública não era um lugar para negros. Foi o marido também que levou um livro, com os professores da maior universidade da capital, para que ela escolhesse uma orientadora, e a incentivou a fazer

contato. E a orientadora a acolheu muito bem. E então, veio a relação de poder: a orientadora a mantinha nesse lugar de serviçal, falando que ela escrevia muito mal. Depois de muita terapia, ela resolveu: "... ou ela me assume [no doutorado], ou eu vou embora.". Assim, ela foi fazer a prova em outra instituição e foi quase aprovada; faltava-lhe apenas um orientador. Quando a orientadora dela soube disso, achou uma vaga, e ela passou. Hoje em dia, ela e a orientadora têm boas relações.

Durante a segunda entrevista, Valérie Ganem perguntou se ela tinha sofrido racismo na escola e na universidade, por parte de outros alunos ou dos professores. Eliete respondeu que sofreu por ser chamada de "cabelo duro" e "neguinha" pelos outros adolescentes na rua, na escola, mesmo na escola pública. Ouvia piadas de mau gosto na rua, quando estava com meninas brancas. "Ah gostosa, bonita!" para a branca, e, para a negra, diziam: "A outra não. Carvão queimado eu não quero!". Um professor, se referindo à luz, mas olhando para ela, falou: "O preto não é cor." Havia negros na escola onde ela foi, mas não muitos. No geral, nunca se sentiu mal. Foram mais coisas pequenas e frequentes, mas comuns. Na faculdade, havia o silencio: ela tem certeza de que havia preconceito, mas ele não era formalizado. Todo mundo era amigo, mas ninguém se aproximava dela para namorar.

Discussão

Ao ouvir as instruções iniciais, Eliete evocou sua educação. O pai a aconselhava a ter cuidado, como já havia dito outro pai quando sua filha saía com as meninas brancas: "Não faça o que elas fazem. Se elas começarem a fazer besteira, vá embora!"

Na família de Eliete, como na da maioria dos outros participantes, a educação é muito valorizada. O pai dela levava as duas irmãs mais velhas de bicicleta para a escola católica onde elas estudavam. Mas as irmãs mais velhas e o primo também permitiram que ela vislumbrasse a importância de educação.

O trabalho também foi valorizado nessa família, pois foi graças a ele que seus pais conseguiram alcançar uma condição melhor: possuir uma fábrica e uma sapataria, construir uma casa grande... Como Arnaldo, ela diz que seu pai a levou muito cedo para trabalhar com ele na loja, aos nove anos.

Foi assim que ela decidiu ser financeiramente independente, e foram suas irmãs novamente que desempenharam um papel em sua decisão de ingressar na fisioterapia. Ela também enfatiza que seus pais não se opuseram a essa escolha, pois eles incentivavam os filhos a estudar sem lhes impor uma área ou outra, como foi o caso de Kérubyn também.

Eliete diz ainda que os pais sempre a valorizaram, dizendo-lhe para falar, não se esconder e que isso a ajudou a superar as dificuldades que encontrou na vida. Eles nunca desvalorizaram seu cabelo ou a cor de sua pele, como costumava acontecer nas famílias daquela época. Assim, ela sempre se reconheceu como mulher negra e consciente do racismo existente no Brasil.

No que diz respeito ao trabalho doméstico, na família de Eliete, as meninas faziam tudo de acordo com a idade. Ela diz que havia uma divisão no quadro de trabalho entre as irmãs. Posteriormente, seus pais contrataram uma empregada doméstica, mas, como aconteceu com Marieta, Eliete não deu detalhes sobre sua contribuição para o desempenho do trabalho doméstico e do cuidado dos filhos.

Embora uma de suas irmãs tivesse a pele mais clara do que as outras, Eliete considerou que a cor da pele nunca foi um critério que justificasse um tratamento diferenciado entre os filhos que compunham o grupo de irmãos. Sua mãe tinha sofrido com essa situação, e o casal provavelmente também não queria reproduzir essa situação com os próprios filhos.

Como Marieta sublinhou, as circunstâncias de seu nascimento lhe foram favoráveis, e Eliete também admite, de fato, que teve uma infância privilegiada, em comparação com a de seus irmãos mais velhos.

Ela, finalmente, enfatiza que seus pais permaneceram por muito tempo no "lugar do negro", em deferência aos brancos, e que foram seus filhos que os levaram a se posicionar de forma diferente, levando-os a lugares diferentes daqueles geralmente reservados aos negros. Podemos ver, como foi o caso da família de Filipa, que os filhos também são suscetíveis de promover a evolução dos pais. De outro lado, através da narrativa de Eliete, podemos ver que a expressão "o lugar do negro" não é entendida no seu sentido aplicado ao trabalho apenas, mas também no sentido de lugares físicos reservados aos negros na cidade, no mundo. Filipa também falava desses lugares reservados.

Por meio da história de Eliete, percebemos que ela sofreu muito com o racismo. Conta que, muitas vezes, foi confundida, na idade adulta, com as criadas nos espaços reservados à classe média branca para a qual ela ascendeu. Experimentou o racismo desde a infância, na escola, principalmente advindo de outros alunos que zombavam de sua cor de pele ou de seu cabelo, e uma vez também por um professor. No entanto, ela não mencionou esse racismo na escola espontaneamente. Somente quando Valérie Ganem a questionou sobre esse assunto específico ela o mencionou, afirmando que nunca havia se sentido realmente mal nessas situações. Na universidade, ela sofria de racismo velado dos outros alunos. Ao contrário de Romana, com quem o racismo era mais agressivo, esses últimos eram amigáveis, mas nunca a abordavam para flertar. Seu diretor de pesquisa também demonstrou um racismo velado em relação a ela, ao tentar mantê-la a seu serviço, sem lhe dar, espontaneamente, a oportunidade de fazer um doutorado. Nos locais de trabalho por onde passou é que Eliete parece ter sofrido mais com o racismo. Sofreu discriminação na contratação, teve de ter cuidado para não colocar sua foto no currículo e teve de contar com o apoio de mulheres brancas para conseguir os empregos que ocupava, apesar de ter um bom *curriculum*. Uma vez contratada, para fazer carreira, voltou a enfrentar a discriminação, como apontaram Romana Emiliana e Daniel. Também como esses dois últimos, ela faz uma ligação direta entre a existência desse racismo na sociedade brasileira e a história da escravidão no país.

Para enfrentar esse racismo que sofreu, Eliete admite que teve de negá-lo. Ela percebeu quando Valérie Ganem lhe pediu exemplos concretos do racismo que ela havia vivido. Não encontrou nenhum. Ela percebeu, nessa ocasião, que, se tivesse de levar em consideração todas as situações em que teve de suportar o racismo, não poderia mais continuar a conviver com os brancos devido ao caráter racista das relações, o que lhe era realmente insuportável. Para resistir, apesar de tudo, considerou um privilégio poder contar com o sucesso dos pais e com a educação que lhe reservaram, repetindo que devia falar, não se esconder. Se não tivesse contado com esta "matriz" e com a presença do seu marido africano, "seguro de seus valores", admite que, muitas vezes, poderia ter duvidado de suas habilidades nesse contexto. Mas, graças a isso, ela aprendeu a enfrentar o racismo, persistindo contra todas as probabilidades, não se deixando ser pisada, sendo bem-sucedida financeiramente, como seus pais.

Arnaldo e Eliete são dois filhos da periferia que se tornaram professores na universidade. Se nos perguntarmos sobre as condições favoráveis para alcançar essa carreira na universidade, podemos constatar que os dois têm a sorte de ter uma mãe alfabetizada. Não sabemos se é coincidência, mas ela e Arnaldo também iam, muito jovens, ao trabalho do pai, e tinham contato com funções de supervisão e gerência.

Ao contrário de Arnaldo, que se tornou professor como ela, possivelmente por ter um tom de pele mais escuro e talvez, também, por ser mulher, Eliete teve de lidar muito com o racismo em sua trajetória de vida. Vemos também, em sua história, a importância de ter podido aproveitar a atenção e o exemplo de suas irmãs mais velhas, que foram para a universidade. De forma mais geral, ela admite, como Marieta, que as condições favoráveis de sua família, quando ela nasceu, foram decisivas para seu sucesso profissional.

4.8. JANAÍNA: UMA MENINA SOZINHA, SOFRENDO RACISMO DENTRO DA CLASSE MÉDIA

Valérie Ganem se encontrou com ela pela primeira vez no dia da entrevista e foi indicada por um outro participante. Ouvindo a questão inicial da entrevista – *"Que experiência subjetiva você tem dos laços entre violência, obediência, trabalho, gênero (feminino, masculino) e cor da pele?"* –, respondeu dizendo que, como mulher negra, ela tinha vivido o racismo desde criança na escola até o dia da primeira entrevista para emprego. A primeira vez que deu de cara com o racismo mais agressivo foi com sete anos, na escola. Uma menina chamou-a de macaca, enquanto o irmão dela tentava agredi-la. Janaína contou que sempre frequentou escola particular, onde era a única aluna negra da sala e sofria com o comportamento dos outros que pegavam seu cabelo e bagunçavam... Acrescentou que foi exposta ao ridículo por parte de professores, que ignoravam os alunos negros, dizendo que eles não tinham capacidade. Mas destacou que o racismo podia ser mais camuflado, como o de seus conhecidos brancos vindos em sua casa e dizendo: "Não acredito que uma neguinha como você tenha uma casa dessas!".

Frente a esse racismo, ela, num primeiro momento, tentou se desvincular do fato de ser negra, mas não havia como. E demorou muito para entender que ela era uma mulher negra e que tinha de enfrentar isso além dos traumas. Ela achava que tinha de ter muita saúde mental para lidar com isso, sobretudo enquanto era criança.

No Ensino Fundamental, ela era muito rebelde e não frequentava as aulas de uma professora de ciências, que era muito racista. Quando mudou a professora, ela começou a tirar dez em ciências. Então, achava que esse tipo de acontecimento tinha consequências sobre o destino de uma pessoa. Essa professora ignorava seus comentários, falava que ela não iria chegar a lugar nenhum, e duvidava de suas boas notas. Para ela, foi um racismo camuflado. De seu ponto de vista, na universidade pública, as pessoas eram mais conscientes, e ela nunca sofreu isso nesse meio, nem dos alunos, nem dos professores.

As tentativas de se desvincular de ser negra consistiam, por exemplo, em alisar o cabelo, ou em preencher "parda" na questão "Qual é sua cor?" no questionário do IBGE. Houve uma época em que ela, com 12 ou 13 anos, até reproduzia o racismo, rindo, por exemplo, do Dia da Consciência Negra, falando: "Feliz dia dos pretos!". Nas escolas de brancos, ela tinha sofrido racismo e tentava fugir, mas o reproduzia. Admitiu que tinha a cabeça confusa, nessa época.

Lendo livros, na *internet*, ela, com 16 anos, começou a entender melhor o que significava ser uma mulher negra, a importância das cotas na universidade e o que significava o que a mãe falava: "Janaína, não entre em uma loja se você não for comprar, não coloque a mão em nada.". E o que o pai falava: "Se você é negro, você tem de ser duzentos por cento, não cem por cento, porque todo mundo vai duvidar de sua capacidade todo o tempo." Mas reabrir essas feridas era muito complicado. Ela tinha começado a se engajar nesse tema no segundo ano do Ensino Médio, numa escola onde havia poucos alunos negros. No Ensino Fundamental, ela era muito fechada e não falava disso nem com os pais.

Tinha estudado sempre em escolas particulares, porque os pais se esforçavam muito para que ela tivesse uma educação melhor do que a deles. Sua irmã, mais clara e que cresceu em escola pública de referência, tinha uma outra história. Como mulher negra de pele clara, ela foi mais sexualizada.

Seu pai era contador, e sua mãe psicóloga na área de recursos humanos, formada já quando era dona de casa. Ela contou, durante a segunda entrevista, que, desde a primeira entrevista, sua mãe havia pedido demissão, porque não concordava com as atitudes das pessoas na empresa (uma nova gerente chegou e começou a furtar o dinheiro da empresa). Sua mãe tinha crises de ansiedade nesse contexto e era sobrecarregada também, tendo de trabalhar nos fins de semana. E, desde então, não conseguia se reposicionar no mercado de trabalho, provavelmente por ser uma mulher negra, com 55 anos de idade. Ela e a irmã a ajudaram financeiramente. Isso atrapalhava seus projetos acadêmicos, de fazer um intercâmbio, por exemplo. Frente essa situação, ela observou que a sociedade fazia realmente tudo para impedir as pessoas negras de ascenderem socialmente, mas ela não desistia, portanto, de tentar fazer seu próprio caminho.

Os pais trabalhavam muito, e ela era muito sozinha. Introvertida, ficava em casa estudando, jogando videogame. A irmã, oito anos mais velha, já estudava e trabalhava.

No momento de escolher o que fazer na universidade, ela tinha resolvido fazer um cursinho para ingresso em engenharia, numa universidade estadual. No meio do caminho, os pais se separaram. Nesse contexto, seu pai tentou matar sua mãe. Depois disso, acabou tudo: ela tinha ido trabalhar num *call center*, e a faculdade foi ficando para trás. Dois anos depois, ela foi para o setor da gastronomia. Lá, do ponto de vista dela, o negro é visto como um escravo de dentro, está lá para servir ao chefe branco. Ela se sentiu na obrigação de ir embora, mesmo sendo uma profissão que adorava.

No momento de retomar a universidade, tinha a escolha entre direito, publicidade ou *marketing*, nada muito ligado ao que queria fazer. Desistiu do curso de direito, pelo fato de ser muito pouco criativo e escolheu *marketing*. Passou na FATEC, onde podia estagiar e ganhar um pouco de dinheiro para ajudar os pais a bancarem os custos.

Sabendo que iria passar, no segundo semestre, ela começou entregar *Curriculum vitae,* e a formar-se em cursos *on-line*, conseguindo um estágio. No momento da primeira entrevista, ela estava lá, fluindo. Ela adorava trabalhar nesse prédio, nessa empresa "famosinha", onde nenhum negro trabalhava, a não ser os que faziam a limpeza. Ela vivia o racismo, mas estava com um olho treinado, ligado no fato de que tinha sofrido racismo a vida inteira.

Tinha observado, por exemplo que a outra estagiária, branca e rica, era tratada muito diferentemente dela. Os colegas tratavam a outra estagiária como uma adolescente – "Ai, que fofa... Ai, que lindinha..." –, enquanto ela era tratada mais secamente. Ela se

colocava numa relação mais adulta, para se fazer respeitar. Como mulher negra, ela não abaixava a cabeça, falava com qualquer chefe olhando no olho. No momento da segunda entrevista, ela se deu conta que a outra menina não tinha tanta experiência da vida real e se comportava, realmente, como adolescente.

Achava que o meio corporativo era um pouco mais aberto, mais consciente que o da gastronomia, que reproduzia sutilmente coisas do período da escravidão. Na gastronomia, ela sentia que estava reproduzindo o papel da mulher negra escrava, sem possibilidade de crescer. Sua colega, um pouco mais clara, de cabelo liso, chamou uma outra colega de "cão preto", depois de subir de cargo. A branca falava assim porque a colega negra era muito brava, por ter muitos problemas na vida (divorcio, LER...). Para ela, era um estereotipo da mulher negra, porque ninguém via as dificuldades por que a colega estava passando. Esse evento tinha feito com que ela resolvesse sair dessa profissão, onde o papel do negro era muito fechado.

Seu pai era muito violento quando bebia. Um dia, ele lhe deu um soco na cara que a deixou com um olho roxo, presa em casa, para que ninguém visse. Seu pai foi criado com mais dez irmãos. Eram muito pobres, com um pai caminhoneiro muito ausente. Ele teve até de pedir esmola para comer. Sua avó paterna tinha problemas mentais, e, então, os irmãos mais velhos criaram os menores, sofrendo muito racismo. A família por parte do pai sempre morou em bairro popular dessa capital do Sudeste. Era uma mistura de negros, indígenas e portugueses. O bisavô era português e a bisavó filha de escrava: a tradicional formação do Brasil, segundo ela. Os bisavôs paternos eram vindos de uma outra região do Sudeste. O bisavô nasceu em Portugal e encontrou a bisavó. Seu pai falava que as relações entre eles foram tranquilas. O pai foi criado parcialmente por eles, antes que falecessem.

Sua bisavó materna faleceu cedo, e o bisavô ficou cego por causa da sífilis. Então, a avó se criou sozinha e se casou com o pai de sua mãe, que Janaina não conheceu, porque fora espancado até a morte num bar, quando sua mãe tinha três anos. Ele tinha problema com o alcoolismo. Aí a avó se casou de novo com a pessoa que ela considerava seu avô. Eles tiveram mais dois filhos e uma filha, que se suicidou e ninguém se perguntou por quê. Tal avô, vindo do Nordeste, começou a trabalhar como pedreiro e foi crescendo, virou mestre de obras e comprou um apartamento. A condição foi melhorando. A avó sempre foi empregada doméstica e finalizou o ensino básico quando Janaína era criança.

Sua mãe era costureira e seu pai funcionário público de uma ferrovia quando eles se casaram, com 20 e 22 anos. Trabalhavam muito juntos para pagar a faculdade do pai e comprar o apartamento onde ela cresceu. Depois, a mãe fez curso técnico em nutrição e começou a trabalhar num hospital. Em seguida, saiu do emprego para cuidar dela, com nove anos e da irmã adolescente. Seu pai estava com salário muito bom. Mais tarde, a mãe cursou a faculdade de psicologia, quando Janaína tinha 15 anos. Seu pai já tinha se tornado contador, trabalhando em grandes empresas, até na Espanha, onde morou um período. Ao mesmo tempo, ia tocando serviços à parte, no próprio escritório.

Foi depois de adulta que ela soube a história difícil da família. Na verdade, seu pai já pediu esmola na rua para um homem, sem saber que esse homem era seu próprio pai, que ele não via há muito tempo. Trabalhava (registrado desde os 14 anos) e pagava seu colégio. Ele e a mãe estavam sempre na frente, querendo sair de tal condição. Seu pai passou no processo seletivo da rede da ferrovia com 14 anos, começou de baixo e foi crescendo nessa empresa. Ela não sabia com que profissão o pai começou. Ele fez o Ensino Fundamental na escola pública e depois cursou numa escola pública de contabilidade, e dizia que achava que essa profissão poderia dar dinheiro.

Eles a incentivaram muito a estudar. Seu pai ensinou-a a ler com um livro sobre música brasileira. Ao mesmo tempo, deixavam muito claro que ela era privilegiada. Ela estudava muito bem, a não ser nas aulas com a tal professora racista. Também foi muito incentivada pela irmã. Faltava, mas nunca repetiu. Contudo, para ela, escola era mais uma obrigação do que um presente.

Sua irmã exerceu um papel muito importante durante a adolescência. Ela ficava isolada, embora tivesse seu grupo de amigas, todas fora dos padrões, cuidando uma das outras. Em relação à droga, ela não chegava perto, porque sabia que, se tivesse uma amiga loira, de olho claro, que usasse cocaína, a culpa ia ser sua.

Cresceu dentro da igreja, e, por isso, essa etapa foi mais calma. Deixou de ir à igreja com 16 anos, porque tinha muitas críticas. Mudou totalmente nessa época, mas achava que a igreja a tinha ajudado muito: fez muitos amigos e fez muito serviço voluntario para a favela, universo que não conhecia.

Com sua mãe, ela tinha um relacionamento meio frio, que se aqueceu depois que tudo isso aconteceu. Mas tinha liberdade de falar com ela, que considerava muito inteligente e talentosa. Ela e sua mãe gostavam de cozinhar juntas e, no trabalho escolar, também havia essa proximidade.

Também apanhou da mãe (chinelada e cinto), mas menos que a irmã, que gostava de sair escondida. As razões da violência de sua mãe contra ela eram ligadas ao fato de que ela era "respondona". Por exemplo, se ela tinha de jogar o lixo e não o fazia, e sua mãe reclamasse, ela respondia: "Por que que você não faz então?". Depois que sua mãe a aceitou como lésbica, elas se aproximaram ainda mais.

A mãe fazia todo o trabalho doméstico, mas lhe ensinou a lavar a própria roupa. Ensinou a se cuidar, mas não a cuidar da casa. A limpeza foi sempre o trabalho de sua mãe, numa casa grande, com duas cachorras, acordando as 4h da manhã. Por isso, vivia muito cansada e se queixava de ter se tornado a empregada doméstica da casa. Seu pai, que pagava as contas, e considerava que a mãe não trabalhava, estudava apenas; então, não tinha necessidade de empregada doméstica. Hoje, ela se arrepende de não ter ajudado mais sua mãe.

Ela tinha um gênio muito forte. Com quinze anos, saía com amigas na rua, colocava *piercings*, apenas informando os pais. Depois, os pais entraram num processo de violência, antes e depois da separação, e ela ficou no canto. Tinha de ir ao médico sozinha e se sentia livre para fazer qualquer coisa com um grupo de amigos antigos do teatro.

A violência do pai aumentou no momento da separação. Nesse momento, começou a beber muito e, quando bebia assim, se tornava muito violento. O soco que lhe deixou o olho roxo foi porque ela estava assistindo a filmes no quarto, com fone de ouvido, e não o ouviu pedindo para que ela dormisse. Uma violência machista nunca justificada, segundo ela. O trabalho doméstico não feito podia ser uma causa possível de violência nessa família. Seu pai convidava desconhecidos para sua casa e gritava quando a casa não estava bem arrumada.

Sua mãe resolveu entrar na faculdade para se qualificar, se separar do pai e viver a vida dela. Nessa época, a mãe estava muito estressada, enquanto ela estava sempre no meio dos conflitos entre os pais. Apesar de tudo isso, ela considerava que seus pais deram a ela uma base muito boa para sua vida: "Sempre faça tudo muito bem-feito, dê seu melhor e procure ser melhor que o outro". Também tinha de "não se arriscar, com limites". Para seu pai, isso significava, por exemplo, que, na condição de filha de pobre, não podia fazer

teatro, na hora do vestibular.

Seu pai sempre estava falando também: “Eu não estou criando vocês para dependerem de homem!”. Deu certo. A irmã mais velha era casada e engravidou do terceiro filho. Contudo, ela sustentava a casa, e o marido cuidava das crianças.

Ela achava que essa autoconfiança, essa capacidade de “se virar” que ela tinha, tão úteis no trabalho, foram também transmitidas pelos pais. Ela e a irmã foram criadas de uma maneira independente, mas nunca passaram necessidade. Os pais ensinaram às filhas a se virarem na vida, a não ficarem paradas frente ao primeiro obstáculo. Ela achava que não era como essas pessoas brancas, ricas, criadas com babá, com empregada doméstica, que não sabiam “se virar”, como essa menina com quem trabalhava em seu estágio.

Janaína declarou que as histórias da infância dos pais também tiveram um papel importante para a formação de sua consciência. Durante a segunda entrevista, a pesquisadora pediu que lhe desse exemplos de histórias assim. Ela falou do pai, que trabalhou ainda criança, do fato que os irmãos mais velhos cuidavam dos pequenos, e que os vizinhos falavam que eles iam se tornar bandidos, nessa época.

Para concluir a primeira entrevista ela falou: “Na vida, é preciso sempre dar um passo depois do outro, sempre tendo consciência e orgulho das origens”.

Discussão

Ao ouvir a questão inicial, Janaina evocou primeiro o racismo que sofreu na sociedade, diz que o sofreu muito jovem, nas escolas privadas que frequentou, onde, muitas vezes, era a única aluna negra. Afirmou que, no ambiente universitário, as pessoas são mais abertas, como também tinha sublinhado a Filipa.

Na escola pública de referência que frequentou, a irmã mais velha, de pele mais clara que a dela, sofria de outra forma de racismo: era sexualizada. Assim como Filipa, Janaina conhece bem o lugar reservado às mulheres, de acordo com a cor da pele, e o aprendeu em família, nesse caso, pela vivência da irmã de cor da pele diferente.

Janaina sabe que, se frequentou escolas privadas, foi porque seus pais se esforçaram muito para lhe proporcionar uma educação melhor do que aquela que tinham recebido. Janaina admite, aliás, que estudava mais por obrigação, para ir ao encontro das expectativas dos pais, do que pelo gosto de estudar.

A mãe também gostava de cozinhar com ela, e isso pode ter influenciado o gosto que, mais tarde, ela desenvolveria pela profissão de gastronomia.

Entre as mensagens que seus pais lhe transmitiam, Janaina retinha o fato de que era preciso saber como sobreviver, e não parar no primeiro obstáculo. Ela acha que isso lhe serviu na vida, e que essa é uma vantagem em comparação com outras crianças privilegiadas, que têm pouca formação para lidar com as dificuldades da vida. Também aponta que seu pai fez com que ela e sua irmã não dependessem de um homem em sua vida futura, e descobriu que isso funcionou para ela e sua irmã que trabalhou enquanto o marido se ocupava dos filhos. A participante que não fez a segunda entrevista também apontou isso.

Janaina, assim como Marieta e Arnaldo, testemunhou a violência doméstica que existia em casa. Como Marieta e Arnaldo, ela é muito crítica a essa violência do pai, que

considera machista e injustificada. A separação violenta entre seu pai e sua mãe acabará, pontualmente, com suas aspirações à universidade, lançando-a, brutalmente, no mundo do trabalho.

Ela mesma teve de sofrer com a violência do pai. Sua mãe, às vezes, também batia nela e em sua irmã, dando chineladas ou cintadas. Essa violência da mãe, como muitas vezes acontecia também com os outros participantes, podia ser relativa à desobediência. A irmã, por exemplo, apanhava porque gostava de sair às escondidas. Para Janaina, como para Romana Emiliana, foi sua insolência que a mãe quis corrigir dessa forma. Assim, o trabalho doméstico não realizado ou mal executado poderia gerar violência em sua família, como foi o caso dela, mas também foi o caso de sua mãe, que poderia ser agredida pelo marido se a casa não estivesse bem arrumada. Foi o que aconteceu também com a família de Arnaldo. Assim, a violência doméstica estaria mais presente quando o pai consome álcool, e está vinculada ao trabalho doméstico em famílias onde não há empregada doméstica e onde é a mãe quem deve cuidar desse trabalho.

Na família de Janaína, questões relacionadas à cor da pele e ao racismo não são mencionadas. Seus pais, afrodescendentes, tiveram de enfrentar a pobreza. Mas também não ficavam falando sobre esse período de miséria que conheceram. Por outro lado, dizem a ela para sempre ser prudente em relação à sua afrodescendência, pois não teria nada de "mão beijada".

Eles também a alertaram de que ela devia estar com desempenho sempre em 200%, porque os outros sempre iriam duvidar de suas habilidades, como os pais de Eliete também a fizeram perceber. Também a fazem perceber que é privilegiada por pertencer à classe média.

Só depois de adulta Janaína soube da difícil história familiar. Percebe-se que, assim como Arnaldo e Filipa, ela tem, entre os ancestrais, esse famoso casal que ela caracteriza como típico do Brasil, composto por um português e uma filha de escrava.

Mas essa falta de discussão sobre as questões da cor da pele na família e sobre a difícil história vivida por seus antepassados afrodescendentes vai gerar uma grande confusão a respeito de sua identidade e, tal como Daniel e Filipa, ela demorará a se reconhecer como uma pessoa negra.

Janaina conta que também sofreu e testemunhou racismo nos locais de trabalho por onde passou. Ela empreende uma espécie de estudo comparativo do racismo existente nesses diferentes círculos. Assim, declara que as piores situações de racismo que presenciou foram nas ocupações gastronômicas. Uma profissão que ela aprecia particularmente, mas que acabará por abandonar devido à discriminação que aí reina, que a condena, como mulher negra, ao mesmo papel de escrava, segundo ela, sem possibilidade de evolução. No mundo corporativo, ela afirma que o racismo praticado é mais velado, e acaba preferindo esse setor onde é uma das únicas negras que não faz a limpeza

Ressalta que a agressividade frequentemente adotada pelas mulheres negras não é natural, mas uma reação às difíceis condições de vida que, muitas vezes, lhes são impostas na sociedade brasileira. Filipa também evocou, em sua narrativa, essa opção da mulher negra de ser agressiva face ao racismo, como alternativa a ser "servil". Romana Emiliana, tanto quanto ela, apresentou uma explicação sobre essa conduta que ela mesma adotou: "Se eu perceber uma situação em que haverá um ataque, eu ataco primeiro".

Para fazer face a esse racismo que tem sofrido ao longo da vida, declara, por sua vez, ter um "olho treinado". Graças à educação de que se beneficiou, afirma poder olhar para qualquer interlocutor olho no olho e não ficar impressionada. E também declara não se deixar intimidar pelos primeiros obstáculos, passando a considerar ser essa uma vantagem que tem sobre os outros. Como é o caso dessa colega branca e rica, que recebe mais atenção e afeto dos colegas, mas que, em última análise, parece ser menos equipada para a vida.

Em relação ao trabalho, como a maioria dos participantes, ela diz que seus pais têm investido muito para melhorar sua condição, principalmente seu pai, que começou a trabalhar e a estudar na mesma época, aos 14 anos.

Como Arnaldo, Daniel, Filipa e Romana, ela não hesita em largar um emprego por outro quando se depara com o racismo. Sua mãe fez o mesmo aos 50 anos, porque sentiu que o trabalho estava prejudicando sua saúde, pela ansiedade que lhe geravam os desvios de fundos feitos na empresa.

O que é interessante para esta pesquisa, na história de Janaina, é que, quando nasceu, seus pais, ao preço de um enorme esforço, conseguiram alcançar a classe média, já que vinham de uma classe pobre. Mesmo assim, isso não impediu que ela sofresse racismo ao longo da vida.

Também se vê, nessa entrevista, que o lugar conquistado com muita luta pelos pais é precário, a partir do exemplo de sua mãe desempregada. Consciente disso, não acreditava que essa fosse uma razão para desistir de lutar também, do mesmo modo que seus pais.

Acréscimos feitos em dezembro de 2021

Depois de três anos, ela continuou passando por situações de racismo no trabalho, o que lhe desenvolveu um sentimento da importância de ter colegas pretos no ambiente de trabalho. E se deu conta de que isso depende das políticas de inclusão das empresas. Assim, ela foi estagiar numa das maiores empresas de novas tecnologias, que faziam propaganda da sua política de inclusão. Mas, na verdade, isso só funcionava assim para os cargos de nível mais baixo. Nessa empresa, ela se sentia também muito limitada e controlada, e resolveu sair por todas essas razões. Sobretudo porque tinha achado outro emprego com nível sênior, numa agência de publicidade, onde também não ficou por não ter nenhuma outra colega preta, além da baixa remuneração. Saiu de lá já com um emprego arranjado no setor de tecnologia. Nesse novo emprego, tinha uma boa remuneração. Era a “bandeira” da diversidade adotada pela empresa, mas, ao mesmo tempo, era maltratada pelos gestores, até o dia em que foi chamada de “burra”. Nesse momento, ela procurou uma empresa onde pudesse realmente trabalhar e ser respeitada pelo que era. Levou cinco meses procurando e encontrou a empresa em que trabalha até agora. Essa empresa tem uma verdadeira política de inclusão de pessoas negras e homossexuais, e ela se sente feliz nesse local, com o sentimento de realmente fazer parte dela.

Paralelamente, sua mãe também encontrou um trabalho onde consegue se desenvolver profissionalmente. E já planeja entrar para a faculdade pela terceira vez e cursar contabilidade. O pai, de sua parte, não bebe mais e está resolvendo seus traumas com a psicanálise. Tudo isso depois de uma conversa séria com ela. Nessa ocasião, seu pai falou mais com ela sobre sua história e tudo por que passou. Assim, conhecer melhor sua

própria origem foi um fator terapêutico para ela também. Agora que seu pai se aposentou, quer ir morar na praia e fazer turismo, se dando conta do fato de que esse trabalho de contabilidade foi escolhido por necessidade mais do que por gosto.

4.9. AILTON: JOVEM, HOMOSSEXUAL, BEM-SUCEDIDO, FILHO DE POLICIAL, NATIVO DE UM BAIRRO PERIFÉRICO

Ele é um amigo da família do marido de Valérie Ganem. Ela resolveu entrevistá-lo por causa de sua trajetória particular. No momento da primeira entrevista, ele estava se preparando para partir a Barcelona, no contexto de um intercambio universitário.

Ouvindo a questão inicial da entrevista – *"Que experiência subjetiva você tem dos laços entre violência, obediência, trabalho, gênero (feminino, masculino) e cor da pele?"* –, ele respondeu dizendo que, em 11 anos de carreira, não sofrera grandes situações problemáticas, mas teve a sorte de nunca ter de trabalhar para ajudar a família. Ele começou como estagiário na faculdade. Isso lhe deu a oportunidade de escolher onde queria trabalhar. Começou a trabalhar aos 19 anos, numa agência de publicidade, fazendo simulações das propagandas. Foi muito bem recebido. Vindo de uma família humilde, foi esse seu primeiro contato com o mundo corporativo, onde as pessoas têm dinheiro. Ele não sabia como se vestir, como se comportar. Em todos os outros empregos onde esteve depois, sempre foi muito bem tratado, inclusive chegou a ser bem tratado demais e ver pessoas de todo tipo, trabalhando com ele, serem maltratadas. E isso não aconteceu só em um lugar. Não sabe se isso ocorre pelo fato de ele não ter um comportamento de submissão, ou por chegar com bastante confiança nos lugares. Ele acha que, no mercado de trabalho, as pessoas se aproveitam da fragilidade. Mas isso nunca aconteceu com ele. Se foi agredido pelo trabalho foi psicologicamente, pela pressão, mas nada que fugisse ao trabalho, nada de pessoal. Mas tinha muito receio dessa questão da violência, porque sabia que precisava de dinheiro. O que poderia fazer se fosse o caso?

Seu pai, policial, era muito compreensivo, embora, quando crianças, ele e o irmão tinham muito medo dele. Até para pedir algo para ele, pedia à mãe que o fizesse. Foi com 16 anos que percebeu que essa postura magoava o pai. Quando percebeu isso, começou a falar com o pai, o que melhorou muito a relação. Ele sempre o apoiou muito. Quando ele assumiu ser *gay*, com 19 anos, todos tinham medo da reação de seu pai. Mas, quando Ailton lhe falou, o pai respondeu: "Oh... Você decide o que você faz de sua vida desde os 14 anos. Quando você escolheu a escola onde você queria estudar, foi lá, fez a prova, e passou. Não vai ser agora que eu vou decidir por você o que fazer de sua vida. Só tome cuidado, porque você confia demais nas pessoas, e nem todo mundo merece sua confiança".

Ailton achava sua família legal, mas o entorno dela já era um pouco mais problemática (alcoolismo, gritos, brigas). O tio materno morava na parte de baixo de sua casa. Não trabalhava, era marginalizado por ser alcoólatra. O pai de Ailton odiava esse cunhado, que falou de modo inconveniente apontando a barriga de sua mãe gravida. Ailton nunca pôde sentir amor por esse tio. Em sua família, só o pai trabalhava de maneira formal. A mãe parou de trabalhar quando engravidou, e não voltou. A avó era aposentada. O tio e a tia faziam trabalhos informais para "ganhar um dinheiro". Cresceu envolvido num ambiente de trabalho informal, embora com um pai policial, uma profissão que combatia isso. No final das contas, o que ele queria era ter mais dinheiro para não viver a vida daquela forma. Por isso, sabia que tinha de trabalhar para ganhar dinheiro. Como nunca precisou dar dinheiro em casa, podia sempre pensar no que queria.

O pai lhe ensinou a respeitar todo mundo: “Seja seu chefe, ou pessoa abaixo de você, porque você não sabe quando vai precisar daquela ajuda”. Ailton achava que a obediência não passa, necessariamente, pelo respeito. Pode-se obedecer a ordens ruins. Ele sempre viu a obediência como negativa: “Aceitar calado tudo que mandam você fazer sem poder questionar se está certo, ou sem poder sugerir uma nova forma de fazer”. Acreditava que cada um tem uma forma de realizar uma tarefa. Aprendeu isso numa faculdade bem criativa de *design* gráfico e não aceita muito a obediência cega. A única vez que teve de obedecer cegamente, saiu da empresa. Estava envolvido num projeto bem legal, estava combinado de colocar cartazes em determinados lugares, e uma pessoa que não estava envolvida no projeto entrou e lhe disse que deveria retirar os cartazes. Ele reclamou dessa pessoa para seu chefe, mas foi obrigado a retirá-los. Além do mais, à noite, depois da celebração do evento, ele foi envolvido, sem querer, num episódio com drogas que acabou por convencê-lo a sair dessa empresa. No dia seguinte, contou para o pai, pediu ajuda e partiu em busca de um novo trabalho. O pai apoiou, ele pediu demissão, e tem consciência do privilégio de poder fazer isso.

Na transcrição estruturada, Valérie Ganem escreveu que estava muito surpresa com a capacidade de os participantes desta pesquisa saírem de um emprego ruim, e ela se perguntava onde eles encontravam força para fazer isso, num meio onde não havia redes sociais para buscar apoio. Perguntou a Ailton como ele poderia explicar isso. Lendo esse comentário e essa questão, Ailton falou que, se ele se obrigava a respeitar todas as pessoas, como seu pai lhe ensinou, ele não podia se submeter à falta de respeito. O fato de seu pai tê-lo apoiado, dessa vez, foi coerente com sua mensagem de respeito, e o encorajou a tomar essa decisão.

Ele entrou no mercado do trabalho estagiando nos setores escolhidos, o que também ajudou. Mas, no dia da primeira entrevista desta pesquisa, ele estava estudando de novo, numa outra área. Embora gostasse muito do *design* gráfico no começo, ele se desiludiu porque se pagava muito pouco e havia muita gente nesse mercado de trabalho. Também não dava tempo para pensar – tudo era para amanhã – e ele começou a não gostar mais. Para ganhar dinheiro naquela área, segundo Ailton, era preciso dar a alma para as agências, deixar de ter uma vida. Um ambiente toxico, que promovia depressão. Quem estava acima era grosseiro, tratava mal e, por isso, ele sempre trabalhou, dentro de empresas, na área cultural…

Hoje, ele gostaria de trabalhar com produção de eventos, mas não era um sonho. O estilo de vida dos pais não tinha deixado que ele tivesse muitos sonhos: tudo era muito voltado para a falta de dinheiro. Conseguiu fazer faculdade porque ganhou uma bolsa. Na faculdade, foi um choque de realidade, porque o *campus* era no Morumbi, muito longe de sua casa, que era na zona leste. Ele trabalhava no estágio nove horas por dia e estudava à noite, chegando em casa uma hora da manhã. A vida nessa faculdade foi comum, mas não o trabalho de conclusão, que ele repetiu duas vezes, por querer fazer algo incrível: em relação aos *gays* saírem do armário o primeiro, e o segundo sobre a escritura no corpo. Nesse último assunto, ele tinha um orientador bem conservador, que falou para outra turma que o trabalho dele era uma piada. Sabendo disso, ele foi até sua sala, e jogou todo o trabalho já feito na cara desse professor, dizendo: "Eu me recuso a me formar com seu nome no meu trabalho, e espero nunca mais te encontrar na minha vida". Foi uma situação muito complexa ser menosprezado assim por alguém superior. Na transcrição estruturada, dessa vez também, Valérie Ganem registrou a pergunta: onde ele encontrou força para fazer isso? Ele respondeu que talvez viesse de novo da lição do pai sobre o respeito, mas relatou que, dessa vez, foi um impulso: não teve tempo de pensar. E

acrescentou que foi sempre respeitado por adultos, quando criança.

Já no terceiro ano da faculdade, sabia que não ia durar muito tempo nessa profissão, na qual as pessoas estão o tempo todo no computador, e ele gostava muito de lidar com pessoas. Escolheu *marketing*, porque sua última experiência foi num departamento de *marketing*, e tinha gostado de participar de eventos. Então, resolveu fazer faculdade nessa área e passou em primeiro lugar no vestibular de uma faculdade estadual pública: FATEC. Ele tinha começado em fevereiro 2018.

As matérias não eram aquelas que ele esperava, não havia nada sobre eventos, mas ele já tinha conseguido um estágio nessa área, em abril 2018, numa empresa francesa de pesquisa de opinião. Gostou de pesquisar e ver os resultados. Mas o diretor italiano da empresa era muito diretivo: quem mandava era ele. Chamava as pessoas de "burras", num tom de brincadeira... Embora esse diretor aparentemente sempre o respeitasse, com o tempo, ele se deu conta de que ele era um pouco homofóbico, e racista de uma certa forma. Incentivado pelas colegas, um dia, ele foi pedir para ser efetivado, e esse diretor respondeu que ele não estava preparado ainda, que seria algo a conversar daqui a um ano. Durante esse tempo, conseguiu uma bolsa na universidade para viajar à Europa e foi pedir demissão. Nesse momento, o diretor falou que era uma pena, porque uma vaga tinha surgido, mas sem falar de dinheiro, dizendo: "Você precisa pensar na sua carreira, independentemente de dinheiro." Mas ele ficou com a ideia de viajar, porque era bom para sua carreira também. A partir desse momento, esse diretor passou a dizer o tempo todo: "Ah, mas com essa bolsa que você vai ganhar, você vai passar fome, vai viver de pão e água". E acrescentou "Oh! Pelo menos você vai voltar mais magro, né, porque não vai ter dinheiro para comer...". Mas Ailton já tinha morado na Europa com pouco dinheiro e tinha voltado. Ele não tinha medo disso. Irritado nos últimos momentos, o diretor não falava mais com ele. A regra da empresa era que homens não vestissem camiseta, mas não havia essa regra para as mulheres, e só na sexta feira os homens tinham mais liberdade. Então, na última sexta-feira em que esteve nessa empresa, foi de camisa e de saia longa. O diretor disse para uma outra pessoa: "Em Barcelona ele vai ver: usar saia na rua e apanhar na cara...".

Ailton achava que não encontrou racismo porque sempre fez seu trabalho muito bem, sempre tratou muito bem as pessoas e não tinha traços de negro. Tinha a cor da pele clara, o nariz fino, e seu cabelo não era crespo. Em sua família, não existia essa discussão. Depois, Ailton descreveu seu pai como moreno escuro, dizendo que essa palavra "moreno" era horrível e que era uma maneira de suavizar a cor negra da pele, torná-la mais aceitável. A mãe dele era descendente de italianos. Só a avó paterna era negra, e ela já havia falecido. Então, não existia a cultura negra em sua família. Tanto que ele negava ser negro na escola.

No começo, falava: "Não sou negro, não vejo com bons olhos ser negro". Foi uma amiga que teve a paciência de ensiná-lo a ser negro. Foi mais difícil para ele "sair do armário" como negro do que como *gay.* Foi doloroso olhar o sofrimento que acontece e que ele não sofreu. Era porque morava apenas com brancos, fora o pai, e nunca ouviu xingamentos em relação à cor do pai. Foi muito difícil descobrir que, no mundo do trabalho, pessoas podem não ser empregadas por ser negras, por ter "cabelo ruim", essas coisas... Sobretudo porque ele demorou muito tempo para aceitar o próprio cabelo... O pai raspava o cabelo dele no quartel da polícia. Descobriu que tinha cachos no cabelo com 15 ou 16 anos. A falta de conversa sobre o assunto de raça, na família fez com que ele crescesse como branco e se posicionasse no trabalho como branco. Tinha o privilégio de nunca estar com medo de não ser contratado por ser negro.

Sua preocupação, nas relações trabalhistas, foi mais ligada ao fato de ser *gay.* Nas entrevistas profissionais, no começo da carreira, ele simulava a heterossexualidade. Desde os quatro anos, ele foi chamado de g*ay*, então se acostumou e aprendeu, dependendo do lugar onde estava, a se comportar de maneira menos afeminada. Enquanto *gay*, no trabalho, as pessoas entram na sua intimidade, e a pessoa tem de ser sempre o palhaço da festa. É cansativo: o armário nunca acaba. O homossexual estava abaixo da mulher, na hierarquia social, segundo ele. Com isso, as mulheres colocavam sobre os *gays* o peso da opressão que elas sofriam. Cresceu acostumado a deixar passar, internalizando as piadas. Mas, uma vez, foi uma mulher negra que fazia parte da alta hierarquia quem falou para um chefe à sua frente: "E aí, Ricardo? Tá contratando *Restart* (grupo de música considerado *gay*) pra trabalhar?". Dessa vez, ele não deixou passar e se queixou para seu chefe. Ela veio pedir desculpas, e ele aceitou. Era muito orgulhoso de si por ter se colocado naquela posição, pois era a primeira semana de trabalho, e ele precisava muito daquele dinheiro. Na transcrição estruturada, Valérie Ganem formulou as seguintes perguntas: “Por que reagiu dessa vez?” E, de novo, a mesma questão: “Onde encontrou força?” E “Teria a ver com o fato de que foi uma mulher negra?”. Ailton respondeu que o fato de ter sido uma mulher negra deixou-o ainda mais perplexo. Reagiu assim porque queria muito trabalhar nessa empresa, e, sendo de um nível hierárquico muito maior, se deixasse que essa mulher o desrespeitasse, ninguém iria respeitá-lo.

Sempre foi muito maduro: não era intimidado por pessoas mais velhas ou com mais poder. O irmão dele não tinha isso. Ailton era o primeiro filho, neto e sobrinho de sua família a nascer. Então, ele realmente recebeu uma atenção extra. Além disso, com 16 anos, descobriu que os pais foram obrigados a abortar um filho antes que ele nascesse, porque a mãe engravidou antes de se casar, e o pai estava estudando na academia da polícia militar, em outra cidade, sem poder sair de lá. Ele ficou muito bravo quando descobriu isso. Depois, virou um admirador do relacionamento dos pais. Ele nasceu três anos depois do casamento, foi muito esperado. O irmão nasceu três anos depois, e sempre se sentiu um pouco diminuído em relação a ele, e não teve tanto sucesso como ele na vida. Ailton sempre teve muita liberdade também, porque tinha vizinhos mais velhos, nos quais o pai confiava e que o levavam a todos os lugares. Ele foi muito cuidado e cuida muito dos outros hoje. Sempre foi cuidadoso e sempre teve muita liberdade até de falar as coisas e foi levado a sério quando criança. Graças a isso, hoje tem uma retorica muito boa e muita segurança para falar com qualquer pessoa. Seu irmão não falava muito. O que aconteceu também é que não precisou de ser cobrado para estudar, porque ele gostava. Então, quando os pais cobravam do irmão, ele achava injusto e reclamava, e os pais desistiam.

O fato de seu pai ser policial tinha um peso implícito. A obediência era o básico, e a imagem do policial para a criança fazia com que não houvesse outra opção. Mesmo que, às vezes, fosse por medo, existia o respeito e o limite. De outro lado, o pai sempre foi um pai incrível, muito amoroso.

Às vezes, sua mãe batia nele, mas sem agressividade – uma chineladinha, um tapa na boca... Seu pai lhe bateu de cinta uma vez só, pois a mãe não deixava. Ele se lembra de uma vez em que apanhou do pai porque, descendo uma escada, o pai apertou seu ombro por brincadeira. Como doeu, sua reação desequilibrou o pai que caiu e machucou a perna. Dessa vez, o pai chorou três dias por ter batido nele. Foi marcante para ele. Fora isso, as razões de apanhar eram: demorou demais para entrar, respondeu mal. E era um tapa na bunda... Mas ele não achava isso uma agressão.

Ailton tinha, frequentemente, uma resposta firme e direta para o pai, assim como no trabalho, e nenhum castigo funcionou para calá-lo. Certa vez, ele foi tocado por uma situação que não foi de violência física. Estava assistindo TV de madrugada, em seu quarto, e o pai não gostava disso. Dessa vez, o pai arrombou a porta, que não estava trancada, e o chamou de "vagabundo". Disse que era ele quem pagava as contas, porque Ailton não trabalhava. E que o filho tinha de respeitar os horários de seu pai. Ele se sentiu muito ofendido de ser chamado de "vagabundo", pois sempre conseguiu tudo com o seu estudo e tinha acabado de começar a faculdade. Achou que foi a pior violência vivida em relação a seu pai. Eles nunca conversaram sobre isso, mas ele conseguiu um emprego na semana seguinte. O pai e o irmão eram pessoas que não se desculpavam, e, por isso, tinha vontade de sair de casa desde adolescente. Mas conseguiu sair de casa sem brigas, aconselhado pela mãe. Hoje, tinha conseguido também entender o comportamento do pai nesse dia, e acha que era ligado ao trabalho difícil que ele estava fazendo.

Mas o pai cuidou muito bem dos filhos, e ele achava que carregava isso nos ambientes de trabalho por onde passou. Importava-se mais com o bem-estar das pessoas do que com trabalho bem-feito. Foi por isso também que desistiu da carreira de *designer*, para trabalhar mais com pessoas. Acha que a compreensão é a chave pra bons relacionamentos. A regra dele, para não ter problemas com pessoas, era "conseguir entender o que o outro está passando e dar tempo para que as coisas se resolvam".

O que o afetava muito também era ser chamado de gordo, porque queria ser o melhor, e isso virava um problema, principalmente nas relações afetivas. Sentia muita falta de não ser olhado, de ninguém se apaixonar por ele. Ainda existe essa insegurança muito grande com seu corpo. Mas ele tinha melhorado, pois foi convidado a fazer um ensaio nu recentemente, e foi.

No final das contas, nessas várias questões de gênero, de sexualidade, de peso e de posição profissional, ele se sentia caminhando à beira do abismo: "Eu sei que eu sou bom, eu sei que o que as pessoas dizem não importa, mas elas ainda dizem." A qualquer momento, podia dar errado de novo. Ele se lembrava de um namorado negro, muito bem resolvido consigo mesmo. Todas as pessoas sempre lhe perguntavam: "E você, enquanto negro? Enquanto *gay*?" Ele achava que, quando o indivíduo não é hétero, branco e magro, as pessoas não o deixam se esquecer disso. Além disso, as pessoas sempre duvidavam se ele não estava exagerando a situação de discriminação vivida.

Não tinha passado por discriminação racial, mas tinha sofrido muito de saber que isso acontecia e que poderia até piorar com o governo atual. Ele tinha muito medo do quanto esse governo podia estragar a vida de gente que lutava tanto para ter o mínimo de dignidade, de respeito (negros, indígenas, LGBT...).

A mãe dele sempre fez todo o trabalho doméstico na casa. Os outros não faziam absolutamente nada. Ele achava um absurdo, e se queixava de nunca ter como reparar isso para a mãe. O pai foi um marido difícil de argumentar com ele. A mãe nunca teve muita voz em casa. Hoje, ele se indagava se a mãe tinha sido e era feliz, mas não tinha coragem de perguntar. Estava preocupado com ela porque o pai era aposentado, e eles ficavam o dia inteiro sozinhos. No dia da segunda entrevista, relatou que os pais tinham achado atividades para fazer juntos (academia, viagem) e isso o tranquilizava.

Seus pais não tinham amigos, e isso sempre foi um problema para Ailton. Não tinham vida fora de casa, e ele achava que era por isso que tinha tantos amigos. Ele se achava muito diferente de seus pais – tinha feito o contrário. Ele lhes ensinava a ver seus próprios preconceitos, para sair disso. Procurava conscientizar as pessoas em todos os ambientes por onde passava, inclusive no trabalho, mas sempre com carinho e paciência.

Estava vencendo na vida com carisma, e isso vinha de seu pai, que era muito carismático. Estava sempre tentando achar positividade nas coisas. Uma vez, entrou em depressão e não queria mais acreditar no ser humano, na vida. Mas conseguiu sair disso. A religião o ajudou muito. Sempre foi muito religioso. Com 10 anos, pediu à mãe para levá-lo à escola de catecismo. Foi coroinha, e se tornou coordenador do grupo de jovens. Durante 10 anos, participou de tudo o que era possível na igreja. Quando entrou na faculdade, começou a estudar sociologia e a viver como *gay* também, mas os dogmas católicos não se encaixavam. Tentou ser ateu, mas não deu certo e, um dia, encontrou a umbanda e se tornou umbandista. Fazia 10 anos já. A religião o levou a ter muito senso de comunidade.

Nessa família, ele próprio ficou até os 14 anos sem fazer parte de um grupo de amigos. Fez toda sua escolaridade em estabelecimentos públicos e, como *gay*, foi excluído, mas também porque se achava superior aos outros. Sabia conversar com adultos, e sua família tinha um pouquinho mais de condição financeira também. Começou a ter amigos de verdade quando entrou no curso colegial, onde todos outros alunos passavam pela mesma prova, e onde ele não podia mais ter esse complexo de superioridade.

Sua segunda chefe foi também uma mulher maravilhosa e a grande responsável por ele ter aprendido a conviver num ambiente de trabalho. Ele teve muitos encontros que lhe ensinaram a olhar a vida de um jeito mais equilibrado entre os seres humanos, e continua tentando transmitir esse ensino para o próximo. Na transcrição estruturada, Valérie Ganem tinha pedido mais informação sobre as práticas dessa chefe. Então, Ailton informou que ela era uma pessoa muito livre, muito inteligente, viajada, uma profissional muito reconhecida: “Me incentivava a ser livre. Sempre me respeitou muito, me tratando como igual. Ela me valorizava muito em todos os lugares, e minha viagem à Europa foi muito inspirada por ela.”

No dia da primeira entrevista, ele achava que, socialmente, a mulher branca estava acima do *gay*, mas a mulher negra não. Entretanto, no dia a dia, ele achava que qualquer mulher sofria mais de violência, por exemplo. Tudo isso dependia do contexto.

Discussão

Ao ouvir as instruções iniciais, Ailton se apressou a apontar que, em seus 11 anos de carreira, nunca havia se deparado com uma situação problemática. Considerou que isso tinha a ver com a educação que recebera em família.

Como aconteceu com os demais participantes, os pais de Ailton atribuíram grande importância à educação, o que ele entendeu pelo fato de cuidarem dele sem que precisasse trabalhar, para que pudesse se concentrar nos estudos. Ailton se lembra de que se beneficiou de circunstâncias favoráveis ao nascer, sendo o primeiro filho, neto e sobrinho de sua família extensa, como também foi destacado por Marieta, Eliete e Filipa, que consideraram ter se beneficiado de circunstâncias mais favoráveis que as irmãs mais velhas. Considerou que havia recebido mais ternura e cuidado do que seu irmão mais novo, e isso teve um grande impacto no sucesso que encontrou na vida, ao contrário de seu irmão. Sempre foi levado a sério pelos adultos, quando criança, e desfrutou de grande liberdade de ação e expressão. Sentiu que a liberdade de expressão de que gozava na família permitiu desenvolver sua retórica, que foi muito útil em sua vida, especialmente no trabalho.

Além disso, em sua história, ele dá grande ênfase à importância que seu pai atribuía ao respeito pelos outros. Para ele, o fato de sempre ter sido respeitado quando criança e o fato de seu pai sempre ter mostrado respeito pelos outros em sua presença foram muito úteis para ele saber como se comportar com os outros em geral, e no trabalho, em particular. Segundo ele, foi isso que lhe deu forças para demonstrar essa exigência de respeito nos locais de trabalho por onde passou e para sair de locais de trabalho onde não pôde usufruir desse mesmo respeito. Acrescentou que seu pai foi capaz de apoiá-lo nessa decisão de partir, e que isso também o ajudou a fazer essa difícil escolha. Esse respeito que seu pai inspirava e manifestava pelos outros também estava ligado à sua profissão de policial. A seus olhos de criança, isso gerou nele uma atitude obediente sem que seu pai tivesse de adotar uma atitude coercitiva, pois sempre foi muito amoroso com ele. E essa obediência que Ailton sempre tinha mostrado não era obediência cega, e disse que nunca soube ou quis demonstrá-la, o que poderia levar a fazer coisas que sua moral desaprovava.

Como Filipa apontou, para ele também o abuso verbal podia ser pior do que o abuso físico. Disse que a pior violência que já sofreu foi quando seu pai o chamou de "vagabundo", porque ele ainda estava assistindo à TV de madrugada, e seu pai odiava isso... Ele ficou muito mal com esses comentários, porque os considerou injustos, já que estava indo bem na escola, o que seu pai lhe pedia em troca de não ter de trabalhar para se sustentar.

Como seu pai, Ailton optou trabalhar por dinheiro, e não ser marginalizado como o resto de sua família. Como vimos com Romana Emiliana, as crianças podem ser levadas a escolher entre os comportamentos adotados pelos adultos à sua volta, aqueles que lhes parecem mais relevantes. Ailton também diz que seus pais não tinham amigos e que ele sofreu com isso quando criança. Tanto é que, ao crescer, sempre procurou estar rodeado de muitos amigos. Portanto, a história de Ailton ilustra que as crianças, às vezes, também podem escolher fazer o oposto do que os adultos a seu redor fazem.

Ele também tinha a mente mais aberta do que seus pais e os ensinou a enfrentar seus preconceitos e deixá-los ir. Como nas histórias de Filipa e Eliete, vemos, novamente, que os ensinamentos entre adultos e crianças não são unilaterais.

Lamenta, porém, que a questão racial nunca tenha sido discutida em sua família. Afirmou que ela se considerava branca, inclusive o pai, que era “moreno”, termo usado para entender eufemisticamente a cor da pele como “parda”, palavra usada nos relatos de Arnaldo e Janaína, em particular, e que Ailton admite também. Como resultado, há muito ele se considerava branco também, devido ao fato de não ter muitos traços de sua afrodescendência e de seu cabelo ser um tanto cacheado, em vez de crespo, e ter sido raspado por seu pai no quartel, até ser um adolescente. Assim como Daniel, Filipa e Janaína, ele demorou a se reconhecer como negro, e afirma que foi até mais difícil para ele do que se reconhecer *gay*. Foi uma amiga que lhe permitiu ter acesso a esse reconhecimento, mas ele beneficiou menos do que esses últimos o impacto desse autorreconhecimento na sua saúde mental, porque, ao contrário deles, Ailton não tinha realmente sofrido de racismo em sua vida. O que havia sido uma fonte de sofrimento para ele, ao assumir esse reconhecimento, foi ver como os afrodescendentes eram vítimas de racismo, e ele não precisava sofrer tais situações. Então, a história de Ailton mostra que foi a experiência do racismo que gerou a importância para a saúde mental do sujeito reconhecer-se enquanto Negro ou Negra, para entender esse racismo e deixar de se culpar acreditando que os maus-tratos são ligados a si mesmo e não ao racismo estrutural.

Mas, no final de contas, ele sentiu que, por muito tempo, se considerar branco lhe havia dado o privilégio de não sentir medo da discriminação numa entrevista de emprego. No trabalho, para não ter problemas no relacionamento com os outros, ele diz que sempre se esforça para fazer seu trabalho muito bem e sempre trata muito bem as pessoas com quem convive. Também conta que a chefe, durante sua segunda experiência profissional, foi ótima: ela sempre o respeitou e valorizou muito quando eles passaram a trabalhar juntos no meio profissional. Para ele, a atitude dela, sua superiora hierárquica, foi decisiva para ensiná-lo a se comportar também no local de trabalho e na escolha de ir estudar na Europa.

4.10. KEHINDE: A IRMÃ DE JOÃO, DA CLASSE MÉDIA, CRIADA PELA MESMA FAMÍLIA NA QUAL A MÃE É EMPREGADA DOMÉSTICA

Valérie Ganem conheceu Kehinde antes de fazer a primeira entrevista. Ela tinha vindo à França com sua mãe, que a pesquisadora tinha encontrado em Salvador anteriormente, e a amiga dessa última também. Valérie Ganem e Kehinde tinham se encontrado duas vezes nessa ocasião e tinham simpatizado uma com a outra. E esse laço não foi desfeito desde então. Tem a particularidade de ser uma mulher jovem, afrodescendente, acolhida e criada em uma capital no Nordeste, por família branca de sua madrinha. Mas tinha podido se beneficiar da criação de sua mãe também, que era a empregada doméstica dessa família. Valérie Ganem resolveu fazer entrevistas com ela e seu irmão, cuja história apresentaremos logo depois, com o objetivo de poder, assim, investigar as eventuais diferenças da vivência subjetiva das crianças nas relações com os adultos que estão a seu redor, com relação ao gênero, sem ocultar também a importância do lugar ocupado entre os irmãos.

O começo da gravação da entrevista com Kehinde é muito ruim, e não se ouve quase nada, porque um ventilador estava ligado perto do gravador. Felizmente, a pesquisadora se deu conta disso e o ventilador foi mudado de lugar depois de 13 minutos e 14 segundos. Esses primeiros minutos da entrevista foram reconstituídos a partir das notas.

Ouvindo a questão inicial da entrevista – *"Que experiência subjetiva você tem dos laços entre violência, obediência, trabalho, gênero (feminino, masculino) e cor da pele?"* –, ela respondeu que não sentiu limitação ou dificuldade alguma em relação ao fato de ser uma mulher negra, no contexto do trabalho. Logo que se graduou em psicologia, fez um intercambio no Canadá, antes de ser professora de francês na capital do nordeste onde ela morava ao momento da entrevista. Depois, participou de um projeto de reabilitação de um bairro histórico dessa cidade, indicada pela amiga de sua madrinha. Para ela, foi uma experiência de cinco anos, rica em aprendizagem. Adquiriu experiências desafiadoras em termos pessoais: falar em público, coordenar reuniões, estar na frente, por exemplo. Um dos consultores era francês e trabalhava no SIRCHAL (Seminários Internacionais sobre a Revitalização de Centros Históricos da América Latina e Caribe). Aprendeu muito com ele sobre metodologia e organização do trabalho, bem como sobre planejamento estratégico das atividades do projeto. Nessa experiência, também não sofreu discriminação. Segundo ela, rapidamente demonstrou ser uma pessoa responsável e muito educada, gerando respeito. Pessoas preconceituosas existem, mas jamais foi afetada por elas. Participava de reuniões com governadores e diretores, onde também não experimentou discriminação. Ela destacou que havia uma coordenadora ótima, que a levava com uma colega mais jovem e as apresentava como "braço direito". Essa valorização, feita *a priori* pela coordenadora,

gerava, a *posteriori*, a valorização delas pelas outras pessoas. Essa coordenadora as incentivava muito, deixando que apresentassem o projeto em várias reuniões. Assim, ela recebeu um prêmio de melhores práticas em gestão local, da Caixa Econômica Federal, na presença do presidente Lula.

O fato de ter um cargo comissionado e de não ser servidora pública efetiva gerava problemas de instabilidade. Então, resolveu parar com esse trabalho e tentar concursos públicos. Esse trabalho, na reabilitação do centro antigo, foi um posto precário e mal pago em relação ao trabalho requerido. Com a idade, o desejo de estabilidade se instalou.

O serviço público lhe aparecia como a melhor maneira de ter estabilidade e salário digno no Brasil. Nunca trabalhou com psicologia, mas gostou de estudar essa área e as relacionadas. O que lhe interessava mais era a clínica psicossocial da psicose, depois de estagiar nessa área. Sua trajetória não foi pré-planejada, mas aproveitou as oportunidades que surgiram. Depois de uma formação em psicologia que abriu sua cabeça, e de uma experiência no setor da cultura, que abriu muitas perspectivas, ela tinha acabado de passar nos concursos públicos.

Fez um curso preparatório privado. Nesse momento, apareceram vários concursos para o Tribunal onde ela trabalha hoje. Então, resolveu focar nessa área, sem saber exatamente como ela funcionava de fato. Fez seis concursos em diferentes estados, e passou em todos, inclusive no seu estado do Nordeste. Fez as provas de técnico e de analista, e passou como analista, nesse estado. Numa capital do Sudeste, ela passou como técnico. Então, a decisão de voltar para sua casa não foi difícil de tomar, porque foi chamada primeiro nessa capital. Bem classificada em todos os concursos, ela esperava ser chamada por todos antes de ser por sua região de moradia. Desempregada, ela foi a essa capital do Sudeste trabalhar, onde foi chamada primeiro. Gostou muito da cidade, dos amigos, de todos os lugares. No começo, morava na casa de um casal, um apartamento enorme de três quartos num bairro maravilhoso, a 30 minutos a pé do trabalho. Segundo ela, era uma cidade inclusiva, cosmopolita e cultural que lhe dava uma sensação de liberdade.

Do trabalho ela não gostava. O Tribunal Regional, onde trabalhava, era o pior do país. Sentia muito assédio institucional, uma forma de organização do trabalho que gerava sensação de opressão. Quando Valérie Ganem, lhe perguntou o que significava "assédio institucional", ela respondeu que era uma pressão subjacente, vinda de todas as partes (colegas e superiores). Felizmente, ela tinha bons colegas. Mas, num certo momento, um diretor ruim chegou, um "cara todo enquadradinho", muito rígido e que achava que o técnico tem de realizar tarefas mais simples, sem poder crescer, enquanto o analista deveria realizar as tarefas mais intelectuais e complexas. Ela, como técnica, com esse diretor, fazia todo dia uma coisa que detestava: pegar petições. Montanhas de petições para olhar, encartar, numerar. Um trabalho muito chato. Tinha de procurar o processo físico para colocar a petição dentro dele, e muitos estavam perdidos. E ele cobrava muito: "Tem de diminuir o bolo". Ela fazia um trabalho repetitivo, muito monótono, em que não aprendia nada. O diretor dividia as tarefas de uma maneira muito rígida. Mas ela não tinha muita angústia, porque sabia que não ia ficar lá. Uma juíza nova chegou, levando algumas pessoas, a vara ficou cheia, pois possuía um número máximo de servidores (13). Sendo assim: alguém tinha de sair. O diretor a designou, junto com outra colega, sem avisar previamente. Foi um colega que avisou a Kehinde que o diretor iria falar com ela um dia depois. Na conversa com o diretor, ela fingiu não saber, e ele se mostrou muito hipócrita e despreparado. Ela enviou uma mensagem para a outra colega que devia sair da Vara, porque, no mesmo dia, elas tinham de achar um lugar sem conhecer nada dele. Nesse

momento, ela se perguntou: “E agora? Vou para onde?” Isso gerou muita agonia, porque, em algumas Varas, o juiz e o diretor assediavam os servidores. Ela conhecia pessoas no setor de distribuição do Tribunal, que indicaram algumas Varas onde ela poderia procurar uma vaga. Ela foi nas duas Varas indicadas e, na segunda, a moça falou: “A gente está precisando de gente”. Ela caiu na Vara X que, apesar de ser muito desorganizada, permitiu que ela aprendesse outras coisas. Nessa Vara, os servidores dividiam as tarefas entre si. Ela ajudou à colega que estava na mesma situação a achar uma outra Vara também. Elas foram escolhidas pelo diretor para sair, porque eram técnicas. O único técnico que ficou foi um servidor antigo, que sabia realizar todos os serviços, e ela tinha pouca experiência, pois só juntava as petições e a colega fazia trabalhos mecânicos. O diretor era preconceituoso sobre essa questão do *status* (técnica ou analista), mas não tinha nada a ver com cor da pele. Existia uma divisão teórica das tarefas entre técnico e analista, mas, na verdade, todo mundo fazia tudo: “Qualquer pessoa é capaz de aprender”. Ela, por conta do preconceito desse diretor, ficou numa caixinha, sem aprender nada.

Depois, acrescentou que, dentro do Tribunal dessa cidade, o ambiente de trabalho era terrível. Havia caso de suicídios de pessoas que pularam dos andares, “e a gente passava lá embaixo! No primeiro dia, quando foi tomar posse, uma colega tinha se suicidado assim, uma semana antes. Ela trabalhava das 11 às 18h, batendo ponto, o que era muito chato também. Alguns meses depois desse episódio, um cidadão pulou alguns instantes antes de sua chegada no lugar. Nesse dia, o Tribunal suspendeu o expediente do trabalho e determinou que todos os servidores saíssem do prédio. “No dia seguinte, todo mundo foi trabalhar”. Depois que ela deixou de trabalhar nesse Tribunal, outros casos de suicídio ocorreram incluindo um pai com seu filho. Depois desse acontecimento, ela não passou mais por esse lugar, com medo de ser machucada por um corpo caindo. O Tribunal se recusou a colocar uma simples tela de proteção, embora tenha sido feita uma petição assinada por todos os funcionários e juízes pedindo que fossem tomadas providências para evitar esses casos. Todo mundo queria ir embora desse Tribunal.

Felizmente, o Tribunal do Nordeste a convocou. Ela teve de providenciar com urgência todos os documentos para sua posse, e teve de deixar o apartamento que havia acabado de alugar. Gostou muito da cidade. Foi locada no interior do Estado, numa cidade a duas horas da capital. Se instalou para morar sozinha nessa cidade, ajudada pela madrinha, e elas compraram um carro. Morava a seis minutos de carro do Tribunal. Essa cidade era perigosa e, por isso, era mais seguro circular de carro. Nessas novas funções, ela aprendeu o trabalho, tudo do zero. Alguns colegas se tornaram amigos, inclusive a diretora, e fez outros amigos também. Ela se divertia muito: ia para restaurantes e bares com colegas, fazia churrasco, ia à feira. Foi assaltada pela primeira e única vez lá, num bar, quando saiu com os colegas. A única vez em que foi roubada antes foi quando teve seu celular furtado em uma reunião do projeto de reabilitação do centro antigo. Nessa cidade, ela gostava do trabalho, mas não das relações interpessoais no meio de trabalho. As pessoas confundiam ambiente de trabalho com relações pessoais. Eles pirraçavam os outros, segurando informações e falando mal. Quando algum colega cometia um erro num processo, eles tinham o hábito de expor o erro para tudo mundo ouvir. Havia lugares reservados para cada equipe na sala de alimentação. Por outro lado, eram pessoas muito carinhosas e solicitas. E ela conseguiu se impor no ambiente de trabalho e evitar esses comentários constrangedores. Houve uma situação em que um colega sofreu assédio, e ela o aconselhou a não dar margem para isso acontecer. Apesar dessas situações desagradáveis, ficou muito emocionada quando teve de partir. A equipe era composta por pessoas brancas e negras e, durante o tempo em que trabalhou lá, não vivenciou

experiência alguma de racismo. Durante a segunda entrevista, ela acrescentou que, contudo, isso não queria dizer que aquelas pessoas não eram preconceituosas, pois, em determinado momento, ouviu uma colega negra proferir uma frase racista enquanto estava em um bar: "Porque preto tem de ser cheiroso". Após um ano e meio trabalhando nessa cidade, foi chamada pelo Tribunal da capital do estado, e foi removida para a Vara Y. Segundo ela, nenhuma Vara era idêntica, de um Tribunal para o outro, porque os sistemas internos, os procedimentos mudavam. Dependia também do entendimento próprio de cada juiz. Nessa Vara, havia um ambiente mais profissional, onde, apesar de as pessoas serem mais distantes, elas trabalhavam mais rápida e seriamente. O diretor era maravilhoso, sabia dividir as tarefas objetivamente. Ela conseguiu fazer teletrabalho dois dias na semana, embora, no começo, não houvesse teletrabalho nessa Vara, e o diretor tivesse certa resistência em implantar essa modalidade. Para fazer o teletrabalho, o diretor colocou, como condição, que os servidores fizessem todas as coisas que estavam acumuladas, ou seja, zerar todos os processos físicos. A equipe era muito responsável nessa Vara. Algum tempo depois, a juíza titular da Vara faleceu, e teve início um "concurso" interno para nomear novo Juiz. Um outro juiz chegou com sua equipe e, por isso, colegas tiveram de sair, gerando, mais uma vez, muita instabilidade e ansiedade. Durante um mês e meio, foi uma "onda de atitudes equivocadas por parte do Tribunal, do setor de RH e da nova equipe que chegou". O novo diretor da equipe não possuía muita experiência com Varas, foi inábil ao lidar com a equipe, e isso gerou o receio de executar ordens erradas. Todo mundo quis sair da Vara. Mas ir para onde, nesse jogo de xadrez? A única opção: uma das piores Varas do Tribunal, pois tinha acúmulo de trabalho e muitos erros para corrigir. Uma nova juíza tinha chegado nessa Vara, e estava precisando de uma equipe boa para tirar a vara do "buraco". No final de contas, ela foi para essa vara com um colega, e a adjunta da diretora também, para fugir das coisas que estavam acontecendo na vara Y. Até agora, ela está nessa vara Z, organizando-a num ambiente legal: "Dei sorte de novo!". No dia da entrevista, sua meta de vida era trabalhar 100% em casa. Não tinha relação de apego com as pessoas, nem com aquele ambiente. Para ela, tudo era passageiro.

Quando a pesquisadora solicitou a Kehinde que falasse em relação à sua infância, assunto no qual não tinha tocado até agora, ela respondeu que, em relação a sua infância, tinha mais coisas para falar sobre a questão da cor da pele e da autoaceitação.

Tinha crescido na década de noventa, quando, em sua memória, não existiam tanto, como agora, no quotidiano, discussões sobre essa questão de reivindicar direitos dos afrodescendentes. Na época, o cabelo afro não era valorizado como hoje. Era tido como algo feio, inferior, e não havia salão especializado para o público negro, por exemplo.

Nas escolas particulares que frequentava, a moda era o cabelo liso. O colégio para onde foi era um estabelecimento religioso. Gostava muito das aulas de religião, onde se falava de ajudar o outro, aceitar as diferenças... No Ensino Médio, fora os pardos de sua turma, os negros eram ela e um colega.

A partir de 14 anos, começou usar produtos para alisar o cabelo. Assim, ficava com cabelo cacheado, não liso, pois o cabelo dela não dava para alisar. Não foi por conta dos colegas do colégio nem da família, pois ninguém falava mal de seu cabelo. Ela não gostava de ter o cabelo cheio e volumoso, apesar de sua família achar bonito. Durante a segunda entrevista, ela realçou que os outros membros da família não tinham o mesmo cabelo e, provavelmente, era por isso que ela não gostava, por não ter uma referência e, por consequência, não criava uma identidade. Sua mãe fazia tranças, e ela gostava mais do que do cabelo solto, cheio. Durante a segunda entrevista, ela acrescentou que, todas as vezes em que tinha de pentear o cabelo, sofria um pouco, apesar dos cuidados da mãe. Era um

momento considerado como chato e dava trabalho aos adultos. Eles não sabiam como cuidar do cabelo dela como os adultos sabem agora, pois, hoje em dia, há muito mais informações. Segundo ela, na adolescência, escolheu usar produtos para alisar o cabelo, porque era o padrão de beleza das celebridades, das revistas e da TV: um referencial de beleza branca. Para ilustrar, ela me mostrou fotos de Xuxa, a "Rainha dos Baixinhos", e de suas bailarinas, todas ruivas com cabelo liso.

Relatou que a família que a criou era branca também, mas, segundo ela, "tudo dependia das pessoas que estão a seu redor, do jeito que elas interpretam e valorizam você". Achava que sempre tinha sido incentivada e elogiada, o que tinha gerado autoestima. No fundo, ela se sentia muito protegida. Sempre elogiada como aluna, sempre tinha orgulho de si mesma. Em determinado momento da vida adulta, revisando suas notas, percebeu que não eram tão boas, mas não se lembra de comentários negativos dos familiares sobre isso.

Sua mãe não era tão negra como ela e seu irmão. Era a empregada doméstica que trabalhava, há muitos anos, na casa dos pais de sua madrinha: os avós dela hoje. Sua mãe engravidou, e Kehinde foi adotada pelos avós, que não tinham netos. Ela foi criada como neta dos avós desde a origem. Muito unida à avó, ela tinha a convicção de ser sua neta, apesar de as pessoas questionarem as relações familiares por causa da diferença de cor de pele. Segundo ela, era a ausência de dúvida da família adotiva e de sua mãe que teria gerado essa certeza. Ela foi criada, assim, única neta de uma família da classe média, durante seis anos. Até João nascer... Ele foi acolhido do mesmo jeito que ela.

Aos sete anos, foi morar na casa da madrinha com a mãe dela. Não ficou triste com a mudança, mas chateada pela ausência de tudo da casa da madrinha (sofá, TV, brinquedos...). Mas tinha muitas crianças no prédio, e a madrinha lhe apresentou algumas. Nesse prédio, ela fez a melhor amiga da infância. E logo a madrinha comprou sofá e televisão: eles a civilizaram. A chegada do irmão gerou briga entre eles: ela não queria levá-lo nos lugares para brincar. Contudo, foi muito bom para ela morar nesse prédio.

A violência que vivenciou foram as palmadas da mãe. Ela não se lembrava as razões, e achava que devia ser quaisquer besteiras. Ela acha que foi criada por "um conjunto de pessoas boas", cuidada por quatro mães: a avó, a mãe, a madrinha e a tia. Os valores importantes para ela hoje vieram da madrinha. Ela não batia na criança. Essa madrinha era muito incisiva falando em um tom ríspido, gerando medo. Mas era muito coerente, e frequentemente tinha razão. Ela achava que sua madrinha a criou como ser humano. Sua madrinha os criara com muita sabedoria: valorizando, incentivando a sair, a não dar reposta grosseira... Mesmo se Kehinde ficasse chateada, obedecia, porque sabia que a madrinha falava assim porque ela estava errada. Sua madrinha cultivava a noção de respeito também. Ela dizia: "Tem de saber como entrar e sair dos ambientes". Hoje, ela admitia não ter a paciência de sua madrinha. Até hoje, sua madrinha era a única pessoa que, quando fazia críticas e (ou) dava conselhos, ela imediatamente considerava, sem ficar questionando muito. Outras mensagens importantes transmitidas: "Sempre falar a verdade, sempre se responsabilizar por seus atos".

O castigo infligido pela madrinha era refletir um tempo, sentada em seu quarto. As razões: fazer besteiras e, sobretudo, seu mau humor. Geralmente, era obediente. "A gente tinha muito liberdade, mas também era aconselhada a ter cuidado." Com os amigos, ela era aquela pessoa chata, falando "Eu não vou", quando a situação era arriscada. Era muito ajuizada. Hoje em dia, ela é mais expansiva, mas era mais tímida quando adolescente. Sempre foi mais de ouvir do que de falar, observando as coisas.

A segunda entrevista demorou muito, e não deu tempo de continuar. Então, foi resolvido que Kehinde enviaria por e-mail, as repostas às próximas perguntas da pesquisadora. O que foi feito.

– *Você gosta de seu trabalho? Você está feliz de tê-lo escolhido? Por quê?*

– Sim, eu gosto de meu trabalho, na medida do possível. Eu adoro ser servidora pública federal e ter um emprego estável. Me sinto economicamente segura e posso fazer os planos que eu quero para minha vida, pois, financeiramente, me sinto confortável e amparada. Eu não gostaria de trabalhar na iniciativa privada nos tempos atuais, pois o sistema econômico e as relações de trabalho estão muito deteriorados, e as pessoas têm de trabalhar demais. Acabam adoecendo e perdendo a qualidade de vida. Meu objetivo na vida é viver com qualidade, e o trabalho como servidora pública me permite isso. Apesar de eu ter um horário "fixo" de trabalho, tenho a liberdade para chegar até 10h da manhã e sair às 17h. Durante dois dias, eu trabalho em casa (teletrabalho) e posso dividir minhas férias em três períodos. Isso é maravilhoso, me deixa bem satisfeita. Quando eu me comparo com amigos e conhecidos da iniciativa privada que, apesar de fazerem algo de que gostam muito, se sobrecarregam de trabalho, eu não vejo vantagem e gosto de onde estou. No entanto, não estou dizendo que meu trabalho é maravilhoso. Em termos operacionais, eu acho um trabalho bem chato e repetitivo, não se usa muita criatividade, e são basicamente procedimentos burocráticos e processuais do mundo do Direito. É uma escolha pessoal. Eu posso usar de meu tempo livre para fazer planos e projetos de que eu goste. Atualmente, é muito difícil viver no Brasil. As pessoas se submetem a condições precárias de trabalho e ganham mal. Eu me sinto "salva" quando lembro que sou servidora pública!

– *Nesse momento da entrevista, cortei sua fala! Você não conseguiu dizer finalmente o que você queria dizer sobre o impacto de ter um referencial branco. Poderia dizer mais sobre esse assunto?*

– Apesar de ter tido um referencial mais "branco" em termos de cor de pele, por ter sido criada por minha madrinha (que é parda) e minha mãe, que também é parda (apesar de ter traços negroides), eu sempre me senti muito protegida por essas figuras parentais. Sempre fui muito incentivada na escola e valorizada também. Minha família sempre considerou lindo meu cabelo crespo e volumoso, por exemplo. Eu não gostava muito e imagino que seja porque os padrões de beleza da época não eram esses de ter cabelo crespo e volumoso. Mas não foi algo que partiu da minha família.

– *Por que você apanhava de sua mãe biológica? Você não se lembra de jeito nenhum? Quais foram as mensagens que lhe foram transmitidas por ela?*

– Isso de minha mãe dar umas palmadas ocorreu muito pouco ao longo de minha infância e eu não lembro nenhum fato específico relevante, provavelmente quando eu não queria fazer algo que ela pedia. Quando eu desobedecia. Minha mãe é uma pessoa de outro nível socioeconômico. Ela tem baixo grau de escolaridade e, consequentemente, os valores dela são mais "limitados" em termos formais. Ela tem um pensamento mais tradicional de ver o mundo e que é bastante influenciado por sua visão religiosa. Ela é protestante, o que a gente chama de crente, no Brasil. Quando eu era pequena, eu ia na igreja com ela, mas porque ela queria e meio que me obrigava a ir. Eu não gostava muito não, mas tinha de ir. Achava chato e não me identificava muito com essa religião. Só quando eu cresci é que eu pude me libertar e dizer que não iria. Atualmente, eu tenho mil críticas a fazer sobre essas religiões protestantes que usam da boa-fé das pessoas para

ganhar dinheiro, mas eu não digo isso a minha mãe, pois seria muito ofensivo. Não vale a pena.

– Como o trabalho doméstico era dividido na família? Você sentiu uma diferença de tratamento entre você e seu irmão da parte dos adultos que estavam ao redor? Se foi o caso, o que você estaria sentindo nessa situação?

– Em casa, sempre tínhamos de cuidar de nossas coisas. Meu irmão e eu tínhamos de fazer nossa cama, guardar os brinquedos e colocar os pratos na pia após as refeições. Não havia diferença entre meu irmão e eu no tratamento que nos deram em relação às tarefas domésticas. Graças a Deus, minha madrinha nunca fez essa diferença boba que as pessoas fazem em dividir tarefas como de menina ou de menino. Inclusive, nós brincávamos de tudo o que queríamos quando éramos menores, desde jogos ditos de menina quanto ditos de menino. Eu tinha muitas amigas, mas também brincava com os garotos de bola, carrinho, polícia e ladrão etc.

Discussão

Ao ouvir a instrução inicial, Kehinde começa falando sobre sua trajetória profissional, durante a qual afirma, repetidamente, que nunca experimentou dificuldades ou limitações relacionadas ao fato de ser negra. Ela então detalhou sua carreira profissional.

Se Kehinde nunca foi confrontada com o racismo no ambiente de trabalho, ela considera assim porque sempre procurou mostrar que era uma pessoa responsável e bem-comportada, e isso bastava para ganhar o respeito dos outros. Ela acrescentou que, durante uma de suas primeiras experiências profissionais substanciais, pôde contar com o apoio de uma superiora hierárquica que a valorizou muito, apresentando-a como seu "braço direito" e, muitas vezes, dando-lhe oportunidade de falar em reuniões. Isso também havia despertado o respeito de seus interlocutores que, por vezes, eram da elite e que, em outras circunstâncias, teriam provavelmente mostrado desconfiança em relação a ela. Como também para Ailton, a atitude de seus superiores hierárquicos, durante as primeiras experiências profissionais, parece decisiva para aprender a inspirar respeito, apesar do racismo estrutural existente nos círculos profissionais percorridos.

Depois disso, Valérie Ganem lhe perguntou sobre sua infância, que ela ainda não havia mencionado. A esse respeito, ela imediatamente comentou sobre a questão da cor da pele e da autoaceitação durante esse período. Então, passou para a questão de seu cabelo, de que não gostava quando era criança e adolescente. Também usou tratamentos químicos, desde muito jovem, para torná-lo mais flexível. Ela diz, porém, que sua família sempre valorizou seu cabelo, por dizer que era bonito. Embora muitas vezes fosse uma das poucas crianças negras nas escolas particulares que frequentava, diz que também nunca teve de sofrer as críticas de seus colegas de escola sobre isso. Após reflexão, ela considera que não gostava de seu cabelo por dois motivos principais. A primeira é que ninguém de sua família branca sabia como cuidar dele. A mãe biológica fazia suas tranças, e ela diz que preferia isso a ter o cabelo solto. Mas, de qualquer maneira, sentia, quando criança, que seu cabelo dava trabalho aos adultos e que doía quando sua mãe o trançava, embora ela tomasse muito cuidado para evitá-lo. O segundo motivo é que, na época de sua infância e adolescência, ainda não existiam, no Brasil, movimentos de autoestima dos afrodescendentes. Em programas de TV e revistas para adolescentes de que ela gostava, eram os cabelos loiros e lisos que se valorizavam.

Mas insistiu no fato de ter recebido muitos elogios dos membros de sua família adotiva, tanto em relação à sua aparência física quanto aos resultados escolares, por exemplo, e que isso contribuiu diretamente para gerar nela uma grande confiança, Sempre teve orgulho de si mesma, apesar do fato de não gostar de seu cabelo.

Também destaca, como Marieta, Eliete, Ailton, e Filipa em menor grau, a importância das circunstâncias que envolvem o nascimento de um filho. Ela admite ter se beneficiado de circunstâncias favoráveis durante seis anos, como Ailton, pois era filha única, neta e sobrinha de sua família adotiva. Como resultado, pôde se beneficiar da atenção especial dos adultos que a cercaram quando criança.

Conta que, quando criança, foi muito próxima da avó que a adotou. Tanto que estava realmente convencida de ser sua netinha, apesar de outros adultos expressarem regularmente dúvidas sobre essa filiação devido à diferença de cor de pele entre ela e sua avó. Ela acha que chegou a essa convicção pelo fato de que sua avó e o resto de sua família nunca expressaram qualquer dúvida. Isso ilustra, em nossa opinião, a força de convicção que conduz o processo de atribuição descrito por Jean Laplanche. Nessa fala, vemos, como foi o caso de Marieta também, que os outros adultos perguntam muito sobre as diferenças de cor da pele dentro duma família. Então, eles jogam também um papel nessa atribuição, embora seu poder de convicção seja menos forte.

Em relação a essa questão da cor da pele, Kehinde, usa o termo "parda" tanto para designar sua madrinha, que ela também qualificou como branca, quanto para designar sua mãe biológica, que, por outro lado, ela reconheceu como afrodescendente. Como apareceu nas histórias de Arnaldo, Filipa, Janaína e Ailton, essa cor “parda” parece ser a mais consensual do Brasil, independentemente da cor da pele dos interessados.

Ela também insiste no fato de que sua madrinha, em particular, lhe deu muita liberdade, recomendando-lhe que tomasse cuidado, o que ela sempre teve. Graças a isso, esforçou-se para evitar situações que poderiam ter sido perigosas para ela. Também insistiu que sua madrinha, em particular, sempre a fazia contar a verdade e ser responsável por seus atos, não a punindo quando ela fazia algo estúpido. Por outro lado, ela usava um tom muito firme para impor suas regras, e isso, somado ao fato de que essas regras, muitas vezes, eram pertinentes, foi o suficiente, na opinião de Kehinde, para fazê-la obedecer. Também ressaltou que sempre ouviu a madrinha e sempre respeitou seus julgamentos, mesmo quando adulta. A única punição que ela temia era ter de ficar em seu quarto por um tempo, para pensar sobre seu comportamento. Segundo Kehinde, era sobretudo quando ela demonstrava mau humor que sua madrinha a punia dessa forma. Tudo isso contribuiu para torná-la uma adulta responsável por seus atos.

Kehinde também destaca a noção de respeito que sempre lhe foi transmitida pela madrinha, tanto por meio de mensagens verbais quanto pelo exemplo, no dia a dia, sempre demonstrando muito respeito pelos outros. Isso foi sublinhado por Ailton também. Eles insistem sobre o fato de que o respeito foi ensinado pelas mensagens verbais, mas também pelo comportamento respeitoso adotado pelo adulto. Nessas duas histórias, há uma relação entre a importância e a autenticidade do respeito nas relações entre adultos e crianças, bem como a ausência de experiência do racismo, de um lado, e presença da autoestima, do outro.

Na família de Kehinde, é sua mãe biológica, empregada doméstica da família, quem faz a maior parte do trabalho em casa. Já as crianças só têm de arrumar o quarto e os brinquedos e colocar os pratos sujos na pia após a refeição.

Ela não sofreu muita violência dos adultos em sua volta. Apenas sua mãe biológica, em algumas raras ocasiões, lhe deu palmadas. Tinha dificuldade de lembrar os motivos pelos quais havia levado tapas de sua mãe. Depois de muito pensar, ela realmente não trouxe um exemplo concreto, mas pensava que fosse pelo fato de ter desobedecido a sua mãe. Além disso, sempre sentiu que tinha sido tratada da mesma forma que seu irmão. Considerava que os adultos não tinham feito diferença entre eles.

Como Filipa, Eliete e Ailton, nessa família, as crianças teriam ajudado a desenvolver os adultos que cuidaram delas. Kehinde considerou que ela e o irmão contribuíram para o desenvolvimento da madrinha, a "civilizaram", segundo ela, incentivando-a a equipar sua casa com uma TV, um sofá...

A história de Kehinde e João é muito interessante e também atípica. Adotados pela família na qual a mãe é empregada doméstica, eles se beneficiaram de uma dupla educação: da família adotiva, que cuida de sua saúde e educação, e da mãe, que continua trabalhando na família e, portanto, também convive com eles no cotidiano. Ressalte-se que a família que os acolhe não tem outros filhos e mostra grande engenhosidade na forma como os educa. Primeiro, há o exemplo da avó, que se mostra tão convencida dessa ligação entre ela e Kehinde, que continua convencida disso mesmo quando outros adultos expressam dúvidas a respeito. Através da fala de Kehinde, percebemos também que essa família valorizava muito essas duas crianças “adotivas”, o que visivelmente os ajudava a ter autoconfiança e os impedia de sofrer quaisquer atitudes racistas que pudessem ter encontrado, as quais, na verdade, acabam sendo muito raras em sua fala. Além disso, sua mãe sabe como trançar o cabelo, o que é importante para ela, que não gosta de deixar o cabelo solto, embora todos em sua família o achem bonito.

Quando Valérie Ganem lhe pergunta sobre sua atual relação subjetiva com o trabalho, ela admite que aprecia muito ser funcionária pública, pela estabilidade financeira que esse *status* lhe oferece, enquanto lamenta que seu trabalho, por outro lado, às vezes seja um pouco restritivo e repetitivo. Lamenta ainda que não exija muita criatividade. Em suas falas, como Marieta, Romana, Arnaldo e Kérubyn, o trabalho e o conforto material que ele proporciona estão associados.

Para alcançar esse *status*, que lhe oferece um conforto material que ela aprecia, estudou bastante para passar nos concursos públicos que fez. Como a maioria dos participantes, ela não hesita em deixar o emprego que tinha anteriormente para se dedicar aos estudos, e obter o *status* de funcionária que tanto almeja, adquirindo, assim, maior estabilidade financeira, embora as atribuições que desempenhava antes fossem mais criativas e atraentes.

Acréscimos de Kehinde – dezembro de 2021

Lendo meu relato, percebo que, em minha história de vida, de fato, eu não sofri, diretamente e de forma incisiva, violência racial. Todavia, percebo que o racismo estrutural esteve presente em minhas relações e nos espaços que ocupei na vida. Minhas ações e conquistas sempre foram ratificadas e valorizadas por pessoas brancas, e isso, com certeza, contribuiu para minha inserção nos meios de trabalho. A título de exemplo de como o racismo pode ter me afetado, eu diria que, de forma velada e sutil, as pessoas sempre se surpreenderam com minha capacidade intelectual e com as conquistas que realizei. A sensação é que, enquanto eu não me posicionava, falava ou me expressava, passava desapercebida. No momento, em que percebiam que eu era inteligente, bem

articulada, falava três idiomas e era de classe média, as pessoas, em geral brancas e pardas, começavam a me ver com outros olhos e a valorizar o meu fazer, sempre em tom de surpresa. "Uau! Você fala francês? Como assim?" Passei a vida respondendo a essa pergunta. Pensando bem, agora percebo que, provavelmente, isso tem a ver com o racismo estrutural, pois, na sociedade brasileira, uma preta, em geral, não ocupa espaços de destaque e de poder. Então, quando eu me mostrava uma mulher inteligente e articulada, as pessoas se surpreendiam. Ainda falando sobre minha percepção sobre como o racismo atravessou minha trajetória, eu, em muitos momentos da vida, fui abordada em lojas de *shoppings*, por exemplo, por pessoas me perguntando informações sobre produtos da loja, me confundido com vendedores. Por eu ser negra, as pessoas pressupõem que sou subalterna ou empregada dos estabelecimentos, e não uma cliente em potencial.

Um ponto importante em minha trajetória e que eu gostaria de mencionar é minha relação com meu cabelo. Quando criança, eu não gostava de ter o cabelo volumoso e muito crespo, pois os padrões de beleza eram embranquecidos. No último ano, 2020, eu comecei a entrar em contato com conteúdo antirracistas, sobretudo em redes sociais. Tenho visto e seguido muitos *influencers* negros e negras que abordam a questão racial e enfocam temas importantes sobre o racismo estrutural como colorismo, branquitude, privilégios, solidão da mulher negra etc. Esses conteúdos me permitiram perceber nuances que eu não via antes e a entender como o racismo velado se apresenta no Brasil e como também, nós, negros, acabamos reproduzindo estereótipos racistas e negamos nossa negritude em prol de nos enquadrar nos padrões de beleza vigentes, por exemplo. Esse novo olhar sobre o racismo e uma grande gama de *influencers* negros exaltando a cor e a beleza da população negra, em suas diversas formas, me fizeram crer, gostar, admirar ainda mais a mim mesma. Durante a pandemia, no ano de 2020, com o enclausuramento forçado, eu passei a fazer transição capilar, deixando meus cabelos naturais crescerem e removendo a química aplicada neles. Foi um longo processo e, hoje em dia, meus cabelos são totalmente naturais. Assumi meu *black power* para o mundo e estou amando meu novo eu. Me sinto linda com os cabelos curtos e cheios. Quando quero, deixo eles mais *black* e crespos. Em outros momentos, os deixo mais cacheadinhos.

Esse novo olhar sobre as questões raciais me fez, também, mudar minha concepção de beleza. Atualmente, eu acho lindo cabelos crespos, volumosos, e acho pessoas negras muito mais bonitas do que pessoas brancas. Comecei a achar brancos sem graça e a ver que o negro é infinitamente mais bonito. Meu referencial de beleza mudou e acho isso maravilhoso. Cabelos crespos, lábios carnudos e grandes, narizes largos e peles retintas são belíssimos. Também fiquei menos tolerante com falas e piadas de cunho racista proferidas pelas pessoas em tom de "ingenuidade". Quando ouço alguma frase racista ou piada racista, eu interpelo a pessoa e digo pra ter cuidado com o que fala, pois são racistas, por tal e tal motivo. Não deixo mais essas coisas passarem naturalmente, pois, se a gente não mostra para o outro o equívoco, ele continuará cometendo infinitamente.

Outro ponto que mudou na minha percepção é de identificar a presença ou ausência de pessoas negras em lugares públicos. Em todos os lugares que frequento, eu observo quase imediatamente se há ou não negros frequentando.

Por fim, eu concluo que minha vida e trajetória são o exemplo perfeito de que o que falta ao povo preto e pobre no Brasil são as oportunidades e os direitos preservados. Eu tive acesso à saúde privada, educação de qualidade, diversão de qualidade, tive muito amor e carinho de minha família e apoio nas minhas iniciativas também. Quando a criança negra é valorizada e lhe é dada oportunidade de se desenvolver, ela voa alto e brilha.

Então, a luta antirracista é fundamental, necessária, urgente, para que oportunidades sejam dadas ao povo preto, sobretudo no campo educacional.

4.11. JOÃO: O IRMÃO DE KEHINDE, DA CLASSE MÉDIA, CRIADO PELA MESMA FAMÍLIA NA QUAL A MÃE É EMPREGADA DOMÉSTICA

Foi Kehinde quem incentivou João, seu irmão, a participar da pesquisa. Antes da primeira entrevista, Valérie Ganem foi apresentada a João durante um evento familiar.

Ouvindo a questão inicial da entrevista – *"Que experiência subjetiva você tem dos laços entre violência, obediência, trabalho, gênero (feminino, masculino) e cor da pele?"* –, ele respondeu dizendo que tinha escapado da classe pobre, teria escapado à condição de herdeiro de escravos. Acrescentou que as relações de gênero eram desiguais também, mas que havia uma conquista de relações mais igualitárias em curso. Ao invés disso, a conquista dessa igualdade era quase impossível pelos negros, por causa das falhas da escola pública, segundo ele. Hoje em dia, ele pensava ter conquistado essa igualdade frente aos brancos nos meios onde vive.

Depois, reclamou do fato de que existe uma associação entre negro, violência e assalto, o que gerava pequenos preconceitos frequentes. Exemplo: criança, na fila de um "pula, pula", e o responsável deixou passar uma criança branca na frente dele, injustamente. Portanto, ele afirmou que não sofreu por ter sido objeto de insultos, mas sim de brincadeiras de mau gosto que não o ofenderam: "Ah, você não pode, você não pode falar nada, porque você é preto." "A Lei Áurea foi assinada pela princesa Isabel de lápis". Dizendo isso, ele banalizou essas piadas racistas, associando-as com piadas machistas de mau gosto que podiam ser ditas também por qualquer homem.

Quando a pesquisadora perguntou se ele foi alvo de tais piadas na escola, ele respondeu que ele sempre foi minoritário na escola, mas não excluído. Fez amizades na escola, que permaneceram até hoje. João acrescentou que essas brincadeiras racistas não geraram sentimento de ser menosprezado, porque, na época, quando criança, ele não via o racismo nessas brincadeiras.

Gostava da educação recebida, que não usava de violência para obter obediência, mas sim do merecimento. Era uma troca: estudar na escola *versus* diversões. Ele tinha um sentimento de gratidão por conta dessa educação privilegiada que recebeu, tendo consciência dos investimentos feitos em seu futuro. Sempre procurou responder às expectativas de sua mãe de coração, que sempre cuidou de sua qualidade de vida.

Na verdade, nessa situação, ele tinha duas mães: sua mãe de coração, que o adotou, e sua mãe biológica. Sua família de coração era constituída de três mães de coração: sua mãe, sua avó e sua tia. Sua mãe biológica, empregada doméstica da família, não foi muito à escola e tinha delegado a educação de seus filhos a essa família, pelo bem deles. Ele tinha também um sentimento de gratidão por essa mãe, que tinha a humildade de reconhecer que os filhos teriam um melhor futuro criados por outros. A preocupação comum dos adultos ao redor dele era sua saúde e sua educação. Acrescentou que não era próximo de sua família materna. Em reposta a essa educação, ele deu o melhor dele mesmo na escola. Era aluno regular no meio da turma, não por negligência, mas por dificuldades, às vezes. Sua educação foi mais explicativa que baseada na autoridade que gera a obediência.

Ele era responsável por pagar e guardar as contas da casa, como trabalho doméstico. Adolescente, prestava contas do ano e fazia compras desde pequeno. Como

adolescente, ele classificava esse trabalho como chato, mas, depois. Reconheceu como importante. Lembrou-se de que, em certo momento, desejava um cachorro. Ele o obteve em troca de ser responsável pela criação do animal. A manutenção e a limpeza da casa eram realizadas por sua mãe, doméstica, e compartilhada entre todos na ausência dela. Assim, ele adquiriu capacidades dentro do trabalho doméstico e as reconhecia como úteis na vida adulta.

Hoje em dia, ele é graduado com as duas habilitações em educação física, numa universidade particular. Ele era *personal trainer,* uma escolha da qual não se arrepende. O melhor desse trabalho, segundo ele, era "ver a melhora da qualidade de vida de seus alunos". O que ele gostava menos era da busca do corpo perfeito esteticamente, embora tivesse reconhecimento também nesse trabalho. Tinha dificuldades ligadas à instabilidade financeira no trabalho de *personal trainer* autônomo. Seus clientes foram conquistados de "boca a boca". Teve uma experiência como empregado de uma academia, onde sofreu com salários baixos e com a ausência de possibilidade de carreira. Trabalhar como autônomo lhe permitiu ganhar mais dinheiro em relação à academia. Ele foi sobrecarregado e desmotivado nessa academia pela falta de compromisso dos outros e pela falta de enquadramento e de reconhecimento de seus esforços. Era um meio de trabalho onde havia muitos negros e onde o racismo não era frequente. Nunca sofreu situação de racismo nesse contexto de trabalho. Os preconceitos dos clientes seriam mais ligados à sua juventude, que poderia ser interpretada como falta de experiência. Trabalhar de forma autônoma na profissão que ele gostava superava a questão da instabilidade financeira. O fato de ter de guardar o dinheiro da casa, na infância, serviu como experiência útil para lidar com a instabilidade ligada à independência. Trabalhar sem ter férias era outro inconveniente da profissão. Ele acrescentou que ter guardado o dinheiro da casa tinha gerado também senso de responsabilidade e capacidade de viver sozinho.

Quando a pesquisadora insistiu para saber se sofreu ou não de discriminação, ele falou que sofreu preconceitos velados, como "fazer você sentir que você não está em seu lugar". Exemplo: num restaurante onde era o único cliente negro, ele chegou sem ter tido tempo de se arrumar muito e interpretou o olhar dos outros, sem que ninguém tenha dito nada, assim: "O que é que esse cara está fazendo aqui?". Resolveu encarar essas situações que não vão acabar e não se privar de fazer coisas por conta disso. Aconteceu também que uma mulher segurou a bolsa, por exemplo, confundindo-o com um ladrão andando a pé na rua. Ele tinha menos problemas desde que estivesse andando de carro. Mas sublinhou que sentir-se fora de seu lugar era uma experiência rara no Nordeste, a região mais negra do Brasil. De qualquer forma**,** segundo ele, sua condição social lhe permitia escapar da maioria dos preconceitos, muito baseados na renda.

Antes de concluir a primeira entrevista, a pesquisadora perguntou se ele falou de todas as experiências profissionais que tinha tido. Ele respondeu que tinha feito um primeiro estágio antes de tudo isso. Nesse contexto, ele tinha tido a experiência amarga de aprender, do dia para noite, que ele não iria voltar a trabalhar.

Durante a segunda entrevista, a pesquisadora perguntou se ele tinha sentido uma diferença de tratamento entre ele e sua irmã da parte dos adultos ao redor. Ele respondeu negativamente, antes de se lembrar que as contas eram só dele.

Discussão

Ao ouvir as instruções iniciais, João evocou a educação privilegiada que recebeu, o que lhe permitiu escapar da condição de herdeiro de um escravo que lhe era destinado e obter certa igualdade nas relações sociais, nos meios em que evoluiu.

Ele assegura que a principal preocupação dos adultos, ao redor, era sua saúde e educação. Em troca desse investimento feito pelos adultos em sua educação, ele declara ter feito um grande esforço para atender às expectativas de sucesso na escola, como foi o caso de Marieta, Janaína, Ailton e Kehinde. Também disse que precisava fazer um bom trabalho na escola para poder se divertir em troca. Essa educação de que se beneficiou e que diz ainda valorizar muito hoje, foi baseada no mérito, na troca, nas explicações, mas nunca na violência. Isso, segundo ele, foi o suficiente para desenvolver nele um comportamento obediente como Kehinde sublinhou também.

João declara ainda que o fato de ter cuidado das compras e da gestão do orçamento, por conta da sua família nuclear, quando criança, desenvolveu nele um sentido de responsabilidade que ainda hoje lhe é muito útil, porque era um desportista independente, treinador. Mas, de maneira mais geral, ele insiste no fato de que sua mãe de coração, no fundo, sempre procurou torná-lo responsável. Ele ilustra bem isso com o exemplo do cachorro que queria ter e que obteve, mas, em troca, teve de cuidar do animal.

Quando se trata de trabalho doméstico, como disse sua irmã, sua mãe biológica, empregada de sua família adotiva, fazia quase tudo. No entanto, destaca que, em sua ausência, todos tiveram de dar uma contribuição e reconhece que aprender a fazer o trabalho doméstico dessa forma lhe foi útil na vida de solteiro, como foi o caso de Arnaldo.

Embora tenha dito, no início da entrevista, que tinha conseguido uma relação de igualdade com os brancos em seu meio familiar e profissional, João admitiu, na entrevista, que, às vezes, sofria racismo. Quando era criança, na escola, seus amigos faziam piadas sobre ele, que, na época, não considerava racistas, mas que, retrospectivamente, admitia, tinham esse caráter. Porém o fato de não as perceber como tal o salvou, segundo ele, de se magoar com essas piadas de mau gosto. Também conta que percebeu o medo dos brancos em relação a ele às vezes, quando corria para pegar um ônibus, por exemplo. Conseguiu, como Kérubyn, perceber olhares hostis dos brancos nos espaços reservados para eles, principalmente quando não estava suficientemente arrumado. Na história do restaurante contada por João, como foi dito por Filipa, também se vê a importância de se arrumar para sair, quando se é negro, para não ser mal olhado. Mas ele diz que isso nunca o impediu de frequentar esses espaços se quisesse. Na universidade, ele não cita nenhuma experiência de racismo. No trabalho, João diz que nunca teve de passar por situações de racismo. Ele explica isso pelo fato de muitos negros também exercerem sua profissão de técnico esportivo.

Nem João nem Kehinde mencionaram dificuldades em se reconhecer como afrodescendentes, embora tenham sido criados por uma família branca. Talvez porque fossem, no entanto, extremamente valorizados e respeitados quando crianças pelos adultos. Não mencionam o fato de essa questão ter sido realmente discutida em família. Tampouco mencionaram discriminação no trabalho. Podemos levantar a hipótese de que a valorização e o respeito que um indivíduo recebe quando criança é favorável a que se autovalorize, e que, dessa forma, evite ter que enfrentar a discriminação. Porém temos um contraexemplo, através da história de Eliete, que também foi valorizada e respeitada

quando criança e, ainda assim, teve de enfrentar o racismo em seu trabalho. Sem dúvida, também depende do ambiente de trabalho em questão. O mundo acadêmico em que Eliete evoluiu, por exemplo onde os negros são particularmente poucos em número, sem dúvida lhe foi desfavorável. Por outro lado, o alto nível social em que Kehinde e João foram criados provavelmente também contribuiu para o fato de não terem sofrido discriminação. O racismo, é mais presente nessa capital do Sudeste onde mora Eliete do que na capital no Nordeste onde moram Kehinde e João, e isso pode ter sido igualmente desfavorável a ela.

João banalizou, por duas vezes, as relações de dominação entre brancos e negros, comparando-as à relação de gênero, em que se encontra "do lado direito da manga". Ele não menciona problemas com o cabelo, ao contrário de sua irmã, embora se deva destacar que os usa muito curtos.

Seu único privilégio, embora não tivesse vivido dessa forma na época, é ser responsável pelas contas da casa. Isso é algo que Valérie Ganem achou muito engenhoso por parte de sua mãe de coração, como ele diz – que sua irmã chama de sua madrinha –, por confiar ao filho mais novo essa responsabilidade. Presumivelmente, tal atitude lhe deu coragem para enfrentar a autonomia, apesar de toda a instabilidade que isso gera. Isso é importante porque lhe permite deixar a academia em que começou, onde o trabalho não o satisfazia, e se estabelecer como treinador esportivo independente. Ele valoriza melhor seu trabalho atual e ganha uma vida melhor.

4.12. GABRIEL: O IRMÃO DE GABRIELA, DA CLASSE MÉDIA QUE NAVEGA ENTRE A PERIFERIA E O CONGRESSO

Valérie Ganem encontrou com Gabriel no dia da entrevista. Ele foi incentivado a participar dessa pesquisa por sua irmã Gabriela, cuja história será apresentada logo em seguida.

Ouvindo a questão inicial da entrevista – *"Que experiência subjetiva você tem dos laços entre violência, obediência, trabalho, gênero (feminino, masculino) e cor da pele?"* –, ele respondeu dizendo que os outros parecem pensar que sua trajetória, no mestrado em História e como professor, não é um *script* aguardado para ele. Mas informou que esse tipo de preconceito era menos frequente no Nordeste do que nas outras regiões do Brasil, aonde ele vai por força de suas atividades sindicais atuais. Nesse contexto, ele acrescentou que, em Curitiba, ele tinha ido prestar solidariedade a Lula.

Quando a pesquisadora lhe perguntou que tipo de pessoa podia manifestar essa surpresa em relação à sua trajetória, ele respondeu que era um racismo velado e apresentou um exemplo disso: o medo do branco ao vê-lo, à noite, num bairro nobre. Segundo ele, esse tipo de atitude podia existir, a depender de onde se está e das ferramentas de que o indivíduo dispõe ou não. Ele tinha construído uma "forma de agir no mundo muito defensiva, por saber que essas coisas existem".

Em Salvador, "você encontra negros em locais da classe média", mas, segundo ele, Recife era muito mais racista: lá ele sentia o segurança observando-o sem parar. Achava que, fora de Salvador, "você percebia que fugia ao padrão, os outros olhando você", até alguém perguntar se ele era artista ou jogador de futebol.

Ele era professor e funcionário público numa capital do Nordeste, onde sempre existem afrodescendentes. Segundo ele, a existência de uma aristocracia operaria nessa

cidade era ligada ao desenvolvimento do petróleo. Nessa cidade, na verdade, ele achava que sua profissão de professor na escola pública era "o lugar do negro e das mulheres".

Ao invés disso, no sindicato em que ele tinha se envolvido recentemente, a maioria dos atores eram homens brancos. Quando ele falou assim, a pesquisadora se mostrou surpresa que uma maioria de pessoas negras estivesse elegendo representes brancos. Segundo ele, isso tinha a ver com um processo histórico de concentração de poder de famílias. Ele achava que "política é muito legado aqui no Brasil". Tudo dependia "de onde você vem, quem é que o coloca, quem o expõe". Não era o problema do povo que vai eleger, segundo ele, mas o problema do candidato. Ele informou que as campanhas eram muito caras. Para ilustrar essa ideia, ele explicou que uma campanha para ser vereador de um município da periferia custava R$40 000,00. Mas indicou que o mundo do sindicato é outra coisa, apesar da existência de sindicatos submetidos ao patrão.

Quando a pesquisadora voltou a questionar sobre suas experiências de violência ligadas à cor da pele, ele afirmou que sua estratégia era não dar margem à possibilidade de que a violência relacionada à cor da pele acontecesse. Depois, deu um exemplo: ele já chegava no banco assim, tirando tudo o que ele tinha, ele não ficava questionando. Ele tinha vivido *blitz* somente duas vezes, em 12 anos dirigindo. Afirmou que nunca tinha tido problema com a polícia. O pai dele, afrodescendente, sempre o advertiu sobre essas coisas: "deixe esse cabelo cortado", para evitar problemas. Ele contou que, quando adolescente, ele queria virar *black power* e parou de cortar o cabelo, mas desistiu por causa da natação. Com o cabelo cortado e a barba crescida, ele falou que foi confundido com árabes, na França.

Depois, explicou que a capital onde mora tinha mudado muito em 34 anos. Na época de seu pai, tinha menor mobilidade social. Seu pai tinha sido criado numa família composta da mãe e dos cinco filhos, vindos de Ilhéus (interior da Bahia). Na época, seu pai tinha um colega branco rico, e isso ilustrava, segundo ele, que a cidade gerava menos segregações do espaço nessa época, apesar da pouca mobilidade social.

Sua avó paterna era ajudante de enfermagem num hospital na capital do Nordeste onde Gabriel mora hoje. O que ela tinha feito antes, em Ilhéus, ele não sabia. Essa avó tinha aprendido sua profissão "do nada", tinha conseguido entrar e tinha começado a trabalhar. Seu avô paterno trabalhava no hospital também. Gabriel o via de vez em quando. Segundo ele, seu avô e seu pai eram "pessoas duras na queda", que não ficavam falando de racismo. Seu pai fazia parte da aristocracia operaria e era casado com uma advogada.

Assim, ele foi criado num mundo branco, de classe média com "a cara de poucos amigos". Estudou em escola particular. Como sempre, em todos os lugares da classe média nessa capital, segundo ele, a maioria das pessoas eram brancas, "com negros no local". Gabriel contou que não viveu qualquer situação agressiva nessa escola.

Depois, ele fez uma espécie de estudo comparativo entre grandes cidades do Brasil. A diferença entre Salvador e Brasília ou São Paulo, segundo ele, era que sempre há um número significativo de negros de classe média em Salvador. Em Brasília, ele tinha a sensação de que as pessoas o olhavam como uma espécie rara. Ele achava que São Paulo era mais cosmopolita, ainda mais que o Rio de Janeiro. Para ele, nada era pior que Recife ou Fortaleza: onde havia poucos negros e brancos hostis.

A pesquisadora perguntou se essa atitude prudente que ele adotou tinha a ver com as mensagens transmitidas pelos pais quando era criança. Nesse momento, repetiu que

aprendeu a não dar espaço para certas inconveniências, por saber que o mundo era racista.

Depois acrescentou que, vivendo num mundo protegido, ele não precisava pensar sobre isso quando criança, e foi a faculdade que o fez ter essa compreensão. Nesse mundo protegido onde ele cresceu, não se misturava, andava de carro, não ia nas instituições públicas. Seus pais se matando de trabalhar para fazer com que os filhos "não vivessem as tristezas do nosso povo". Até que podia virar uma vantagem ser negro, por não ser assaltado como brancos da classe média. Em Brasília, também, todo arrumadinho, atraiu atenção das mulheres.

Portanto, discriminação tinha tudo a ver com o caráter fenotípico. Para provar o que estava dizendo, lembrou-se de que, na periferia, uma pessoa podia ser executada pela polícia por isso. Alguns alunos dele tinham medo da polícia, por serem "aviãozinho" dos traficantes de droga, para ganhar um "troco". Ele informou que era professor num bairro pobre. Os alunos adultos eram frequentemente empregados domésticos, porteiros... E acrescentou que esses os adultos, em geral, eram alunos mais interessados.

Sua mãe era formada em direito pela Universidade Federal, enquanto seu pai começou bancário, estudou química e acabou como operário do Polo Petroquímico. Ele se lembrou de que, nos anos 70, só se podia trabalhar em banco com Ensino Médio concluído. Sua mãe estudou em escola particular. Era filha de uma família que era dona de fazenda em Juazeiro, com uma mãe professora. Sua avó materna era professora de história, como ele, por acaso. Seus avós maternos não tinham gostado da decisão da mãe de casar-se com um afrodescendente, segundo ele. Os pais se conheceram numa festa na casa de uma tia. Gabriel foi o primeiro filho, depois de três abortos espontâneos.

Quando a pesquisadora perguntou quais foram as mensagens importantes transmitidas pelos pais, ele respondeu: respeito, estudo e trabalho. Segundo ele, os pais foram trabalhadores. Achava que tinha sido muito bem cuidado e cobrado por suas ofensas aos valores do trabalho e do estudo ao mesmo tempo.

Gabriel contou que era punido quando infringia esses valores. E havia um outro valor: "não querer nada das pessoas". Foi impedido de ir brincar com os amigos, por estar de castigo, e isso era horrível para ele. Era castigado por tirar uma nota baixa, por desrespeitar alguma regra. Mas foram castigos leves, segundo ele, no máximo uma palmada leve ou uma chinelada na bunda. Um dia, ele jogou uma pedra no telhado do outro e recebeu uma "porrada" ainda maior, "além do sermão e da conversa pesada". Mas foi merecido, segundo ele. Afirmou que preferia o castigo a ficar ouvindo reclamação da mãe. Ele se lembrou de que, um dia, ela tinha falado assim: "Seu pai está lá, se fodendo naquele trabalho, para você ficar aí sem estudar". Segundo ele, tomar um tapa era melhor do que ouvir isso. Seu pai, quanto a ele, falava mais: "Rafael as coisas são caras, você tem de estudar... Existe um esforço sendo feito..."

Tendo alcançado a classe média, o pai não evocava sua pobreza com os filhos. Mas dizia: "Vocês não vão ter legado. Então, vão ter de trabalhar. E vocês podem, inclusive, ter mais do que eu tenho. Custa dinheiro, custa trabalho, e, para vocês terem isso, a primeira coisa que têm de fazer agora é estudar".

Depois, contou que as empregadas domésticas não ficavam a serviço de sua família porque sua mãe era muito rigorosa. Quanto a ele, nunca teve de fazer o trabalho doméstico, e se lembrou de que ter uma doméstica era muito barato na época; no prédio onde sua família morava, todo mundo tinha. Sua família empregava diaristas que não

dormiam na casa, pois sua mãe não gostava de gente em casa. Ele repetiu que todo mundo tinha, e que as leis trabalhistas do PT melhoraram as coisas. Hoje, sua família não tinha mais, se ajustava levando a roupa para lavar fora. Nesse contexto, eram os pais que estavam fazendo o trabalho doméstico, e ele não. Ele justificou a ausência de sua participação com o fato de estar saindo da casa.

Em relação à escolha da profissão de professor, ele afirmou que foi inspirada por um de seus professores de um outro padrão financeiro. Assim, resolveu ser professor, depois de querer ser advogado. Por outro lado, queria se colocar politicamente um dia. Mas reclamou que a política, hoje em dia, tinha um surto conservador. Ouvindo isso, a pesquisadora perguntou se os políticos eram as figuras da fazenda, da escravidão. Ele respondeu: “Existe até mesmo uma vinculação de causa e efeito”. Mas, segundo ele, não significava por isso, que o Ronaldo Caiado, proprietário de fazendas e Governador de Goiás, fosse herdeiro de um dos donos da escravidão.

Era graduado em história e em comunicação social. Depois disso, fez um intercambio na França. Durante seu mestrado em história, ele era professor de escola pública. Depois do mestrado, passou em concurso para ser professor nesse bairro pobre onde ficou. Hoje, estava querendo fazer doutorado. No momento da primeira entrevista, fazia um ano que ele estava liberado por estar na direção de um sindicato. Admitia que defender os professores, neste momento, dava muito trabalho e havia perigo. Atuando como sindicalista, ele tinha falado no Congresso Nacional havia pouco tempo.

Comentários

Durante a segunda entrevista, Gabriel fez algumas correções e comentários aos registros, dizendo que era fiel ao que ele havia dito. Num momento, ele pegou o computador para corrigir algumas pequenas coisas, em particular, erros de ortografia na transcrição. Ao validar a transcrição, percebemos que uma passagem dela era incompreensível, e foi excluída.

Discussão

Ouvindo a instrução inicial, Gabriel falou sobre seu mestrado em história e seu trabalho como professor do Ensino Médio, ressaltando que não era o lugar que os outros esperavam que ele estivesse. Provavelmente, se referia, implicitamente, à expressão "o lugar do negro", que implica trabalho doméstico e físico. Mas ele diria, mais tarde, na entrevista, que o Ensino Médio é o lugar das mulheres e dos negros na capital no Nordeste onde ele mora hoje.

Como a maioria dos demais participantes, Gabriel enfatiza que tanto os estudos quanto o trabalho eram valores que seus pais estimavam. Tanto seu pai quanto sua mãe constantemente o incentivavam a estudar e a trabalhar duro para ter sucesso na vida. Estava ciente de que seus pais haviam "se matado no trabalho para garantir que ele não experimentasse a tristeza de seu povo".

Assim como Ailton e Kehinde, enfatiza que o respeito também foi um valor importante para os pais, além de nunca esperar nada dos outros, como também destacou Romana Emiliana.

Além disso, como Marieta, Ailton, Filipa e Kehinde, também especifica a importância das circunstâncias que envolveram seu nascimento, sem fazer qualquer

ligação direta, como essas últimas, com o fato de ter vivido uma infância privilegiada. Ele ressalta que é o primogênito depois que sua mãe abortou três vezes.

Na família, ele conta, como foi o caso de Marieta, Kehinde e João, que o trabalho doméstico era feito por uma faxineira. Como também foi o caso de Marieta, e isso não é mencionado em relação ao cuidado dos filhos. Ele apenas enfatiza o fato de que sua mãe era muito exigente com as empregadas domésticas e não queria que elas vivessem na casa. É novamente uma reminiscência das palavras de Rita Segato sobre a ocultação da ama de leite pela mãe biológica.

No momento da entrevista, ele esclareceu que sua família não tem mais empregada doméstica, mas ele nunca teve de participar desse trabalho até agora. Justifica essa situação hoje pelo fato de estar prestes a deixar a casa da família. Não lamenta a não participação nos afazeres domésticos, ao contrário de Ailton, Janaína, Marieta, Arnaldo e João. Portanto, não percebe o ganho de autonomia que essa prática pode gerar.

A respeito da violência a que foi submetido quando criança, Gabriel especifica que isso se deu na forma de tapas com chinelos ou palmadas. Ele se lembra de ser punido assim porque não seguia as regras de sua casa, principalmente por ter notas ruins. Mas não parece ter experimentado mal essa violência. Como Filipa e Ailton, ele até mesmo enfatiza que preferia isso às discussões pesadas que às vezes tinha de suportar de sua mãe, em particular, que um dia o censurou por sua falta de dedicação aos estudos, enquanto seu pai se matava de trabalhar para que eles pudessem estudar.

Como a maioria dos participantes anteriores já havia apontado, Gabriel afirma que seu avô e seu pai eram “pessoas duras na queda” e não evocavam o tema do racismo, que gera a pobreza entre os afrodescendentes, embora, muitas vezes, fossem afetados durante a vida. Ele conta ainda que os pais de sua mãe, de família branca e rica, não acolheram bem o casamento da filha com um afrodescendente de origem pobre, embora isso não gerasse nenhum escândalo real.

Conforme foi apontado por Romana Emiliana, Janaína e Eliete, ele diz que seu pai o alertou para sempre ter cuidado, como afrodescendente, dizendo, por exemplo: "Mantenha o cabelo curto para evitar problemas". Ele acatou bem esse conselho e diz que evita o racismo sendo sempre cauteloso. Por isso, segundo ele, nunca teve problema com a polícia.

Ele admite ter sido criado em “um mundo protegido que não se mistura”. Já que seu pai e seu avô também não falavam sobre essas questões de racismo, ele não teve de pensar sobre elas quando criança. Segundo ele, foi o mundo universitário que lhe permitiu começar a fazer perguntas a respeito.

Sua condição social parecia tê-lo protegido do racismo. O fato de usar cabelos muito curtos, aconselhado pelo pai, também poderia ser uma explicação, como afirma sua irmã Gabriela (em seguida).

Se Gabriel não teve de sofrer muito com o racismo, reconhece que esse fenômeno está muito presente no Brasil e diz que experimentou um racismo velado.

Como a maioria dos demais participantes, ele conta que seu pai, afrodescendente, começou a trabalhar no banco, se formou no trabalho, ao mesmo tempo em que estudava química, e fazia parte de uma “aristocracia operária”.

Hoje Gabriel gostaria de entrar na política, mas explica que é muito difícil para os afrodescendentes no Brasil principalmente porque é muito caro e que pela hierarquia

social ligada à cor da pele a maioria dos Negros não tem dinheiro para isso. Considera ser por isso, em um estado como a Bahia, onde a maioria da população é negra, que os eleitos são brancos, ao contrário de Guadalupe, por exemplo. Embora admita que o poder político está concentrado nas mãos de poucas famílias e é passado de pai para filho no Brasil, ele se recusa a ver um vínculo direto com a escravidão, há muito tempo abolida no Brasil.

4.13. GABRIELA: A IRMÃ DE GABRIEL, DA CLASSE MÉDIA, PROCURANDO UM TRABALHO CERTO

Gabriela é ume amiga de Kehinde, e Valérie Ganem a encontrou antes da primeira entrevista. Ela imediatamente se apresentou como voluntaria para participar desta pesquisa. Ela é a irmã de Gabriel e quem o incentivou a também participar.

Ouvindo a questão inicial da entrevista – *"Que experiência subjetiva você tem dos laços entre violência, obediência, trabalho, gênero (feminino, masculino) e cor da pele?"* –, ela avisou que teria um pouco de dificuldade de relatar sobre a sua trajetória de vida, pois, profissionalmente, ainda não tinha tido um vínculo empregatício formal. Ela tinha uma primeira experiência estagiando e ensinando apenas no meio universitário, sem viver nenhuma discriminação.

Durante a segunda entrevista, ela se deu conta de que não falou de duas experiências de trabalho que teve, uma durante a graduação e outra durante o mestrado. A primeira foi uma prestação de serviços para o Ministério da Educação (órgão do governo federal do Brasil). Existe um programa do Ministério da Educação direcionado para jovens e adultos, entre 18 e 29 anos, que ainda não concluíram o Ensino Médio, chamado PROJOVEM URBANO. Esse programa era avaliado periodicamente e, para que essa avaliação ocorresse, eram contratadas pessoas para treinar aplicadores das provas, que enviavam o material para o Ministério da Educação. Ela foi uma das pessoas que fez esse trabalho. Para isso, viajou para o Acre, um estado onde quase ninguém vai fazer turismo. Esse trabalho durou cerca de uma semana. A segunda experiência foi durante o mestrado, em um complexo de hotéis próximo a Salvador. Esse trabalho foi durante um grande evento internacional que aconteceu nos hotéis do complexo. Ela trabalhou na recepção, dando suporte aos participantes, já que falava inglês e espanhol. Esse trabalho também durou cerca de uma semana. Ela explicou por que não citou essas duas experiências antes: durante o primeiro encontro, ela se preocupou em falar sobre as experiências em uma sequência lógica na qual os fatos estivessem diretamente relacionados, e optou por falar da carreira em psicologia, achando pouco relevante citar prestações de serviço pontuais que aconteceram no meio do caminho. Ela considera essas experiências relevantes e importantes para a sua formação profissional, mas não foram determinantes para a sequência dos fatos em si.

Depois de concluir o mestrado em psicologia organizacional e do trabalho, teve uma primeira experiência em sua área, trabalhando na administração de uma clínica. Uma cadeia de pizzarias solicitou o atendimento da clínica por causa de dificuldade de atendimento aos clientes. Ela organizou um *role play* de situações de atendimento, com diversos tipos de clientes, propondo que eles fizessem o melhor e depois o pior atendimento possível. Em seguida refletiram sobre as cenas feitas.

Ela tinha gostado dessa experiência, mas um mercado de trabalho fraco incitou sua busca por concursos públicos. Segundo ela, nessa capital no Nordeste, os salários eram menores, com cargas horárias grandes e tinha menos empregos também. Ela acrescentou

que a situação atual dessa cidade foi herdada da escravidão. Todos os ricos partiram para o sul. Ela também queria morar em São Paulo, mas não foi aprovada nos processos seletivos que fez. Assim, resolveu ficar nessa capital e fazer concursos públicos. Trabalhar na área dela aqui significava, selecionar, demitir, gerar encargos e salários e ganhar pouco dinheiro. No entanto, trabalhar com intervenções pelo desenvolvimento das pessoas era uma atividade de que ela gostava, mas faltava oportunidade. Os concursos públicos lhe pareciam a única opção diante de um mercado de trabalho muito fraco em todos os setores.

Não vendo racismo em seu percurso profissional e universitário, ela abordou a questão de sua infância, onde tinha episódios de racismo para contar. Seu pai era negro e sua mãe branca com alguns traços afrodescendentes. Ela levou um tempo para entender, mas só percebeu depois de adulta, pois a mãe negava, de maneira sutil, a "negritude" dos filhos. Começou, desde criança, a perceber essa "negritude" na relação com seu cabelo, principalmente porque ninguém em casa sabia cuidar dele. Segundo ela, era um problema específico de mulheres. A prova, segundo ela, era que seu irmão não tinha problema, porque sempre teve o cabelo cortado curto. Para ela, de cabelo longo, era outra coisa: não podia sair com cabelo livre, tinha de ajeitá-lo, penteá-lo... O pai negro sabia cuidar melhor de seu cabelo, mas muito pouco.

Criança e adolescente, foi confundida com negra pobre em diversos espaços. Quando criança, na festa do São João em Campina Grande, foi barrada pelo segurança do local. Ela achava que aconteceu duas vezes com ela em Pernambuco, mas que acontecia sempre com negros pobres em qualquer outro lugar. Uma outra vez, em Recife, com 20 anos, uma pessoa fugiu gritando quando ela pediu uma informação. Essa experiência foi terrível. Concluiu falando da "cor negra da violência" no Brasil e contou que até cachorro sentiria o medo do dono no caso de um encontro com um rapaz negro, segundo pesquisa científica.

Quando a pesquisadora lhe popôs falar um pouco mais da sua experiência enquanto criança com seus pais e avós, sobre suas mensagens, os valores que esses transmitiram, Gabriela respondeu que tinha pouca relação com os avós em geral, pois as avós morreram antes de ela nascer, e, com o avô materno, ela conviveu até os nove anos de idade, quando ele morreu. O avô paterno está vivo, mas ela não tinha proximidade, por ele não ter criado seu pai. Por outro lado, tinha uma proximidade com tios e tias paternos. Eles eram unidos ao redor da mãe, independentemente dos diferentes pais das crianças. Sua mãe era de família rica e seu pai de uma família pobre, que chegava a compartilhar sapatos para ir à escola. Sua família paterna era muito unida por tudo, mais que a família materna, que, inclusive, estava dispersa geograficamente por todo o Brasil.

Seu pai, caçula, era o único a ter feito universidade graças à solidariedade das irmãs mais velhas, que já estavam trabalhando. O trabalho e o dinheiro eram valorizados por todos, tanto do lado paterno como do lado materno.

Durante a segunda entrevista, ela explicou que gostaria de remover essa expressão que ela utilizou na primeira entrevista: "família muito boa", ao falar da família materna. Pois o que ela quis dizer não tinha nada a ver com bondade de seres humanos ou das famílias, e sim com poder aquisitivo de cada família. Foi estabelecido um paralelo entre as famílias de seus pais, sendo a do seu pai uma família pobre e a da sua mãe uma família rica. Ela quis dizer que, independentemente do poder aquisitivo das famílias, tanto o pai quanto a mãe, ambos souberam incorporar esse valor do trabalho, de ser trabalhador e econômico.

Depois, na primeira entrevista, ela demonstrou ter uma grande consciência do fato de ser privilegiada. Segundo ela, essa consciência social foi desenvolvida por ela mesma, influenciada pelo irmão, ele mesmo influenciado pelo pai. Sua mãe, quanto a ela, era liberal, em favor da meritocracia. Mas Gabriela informou sua mãe a influenciou inicialmente.

Começando a faculdade, ela tinha de tomar uma decisão difícil de assumir para os pais, de que deixaria o curso de química para entrar no curso de psicologia. Uma escolha da qual ela não se arrependeu, apesar das reticências dos pais: sua mãe ficou brava e seu pai preocupado. Ela acrescentou que esses padrões de seus pais (brava e pacífico) existiam desde a época de escola. Seu pai sempre falava para ela de "não chorar o leite derramado", enquanto sua mãe se aborrecia muito com tudo. Segunda ela, essa mensagem do pai ajudou-a a manter sua decisão de mudar de curso. Ela achava que os comportamentos de seu pai e de sua mãe eram influenciados pela própria história de cada um. E escolheu viver como seu pai vivia. Sua mãe, por outro lado, lhe transmitiu seu senso de economia. Quanto à importância do trabalho e dos estudos, esse valor foi transmitido pelos dois. Para ilustrar, ela contou que, quando era criança, com oito ou nove anos, fez uma birra dizendo que não queria ir mais à escola, e a mãe reagiu concordando, mas explicando que, nesse caso, ela iria trabalhar assim que completasse 18 anos.

Segundo ela, no seu lar, a violência verbal era mais presente que a física, por parte de sua mãe, por exemplo quando ela tirava notas baixas. Contudo, as raras notas baixas não eram por rebeldia, pois ela sempre teve consciência da necessidade de estudar. Portanto, achava que a impaciência de sua mãe gerou nela um gosto por desafios, e não uma baixa na autoestima. Contou que tinha aplicado muito esse gosto por desafios, passando no vestibular de psicologia, ou quando perdeu 20 kg em cinco meses. Sua mãe a achava a pessoa mais inteligente de todos os conhecidos.

Seu irmão mais velho foi sua fonte de inspiração em relação a seu pensamento político de esquerda. Sua mãe era de direita, sozinha contra todos da casa.

A violência física de sua mãe era aplicada principalmente por meio de chineladas. Mas ela nunca apanhou de cinto, por exemplo, como outras amigas. Porém isso não a traumatizou (não a marcou). Foi impossível lembrar-se das razões dessa violência. Durante a segunda entrevista, ela acrescentou que foi provavelmente por desobediências raras, mas nada extremo, ou que envolvesse mentiras. Ela sempre foi uma criança obediente, que não mentia.

A família tinha muitos problemas com empregadas domésticas, inclusive com algumas que roubavam. Na ausência de empregada, os pais faziam tudo. Mais o pai do que a mãe. Ele fazia a cozinha, e ela achava que ele tinha aprendido em sua família. Durante a segunda entrevista, ela retificou essa parte, depois de falar com o pai, dizendo que, na verdade, o pai não aprendeu a cozinhar na família dele, mas depois que se casou. Antes, ele tinha as irmãs e a mãe que faziam quase tudo. Mas o irmão de Gabriela nunca tinha querido aprender. Seus pais nunca solicitaram aos filhos que fizessem trabalhos domésticos ou envolveram as crianças, pensando em cuidar deles, segundo ela. Uma escolha que gerava arrependimento hoje em dia. Achava que essa escolha pode ter gerado baixa tolerância à frustração por parte de seu irmão. Ela não tinha absorvido essa característica de ter baixa tolerância à frustração, mas acredita que não tinha a ver com um tratamento diferenciado em relação ao gênero. Se a diferença de gênero acontecia, era unicamente ligada à questão do cabelo, que ele cortava sempre curto.

Seu pai também foi vítima de racismo, ao ser confundido com um ladrão em seu

próprio prédio, em um bairro nobre da cidade onde morava. Apesar de ter contado essa história, em geral, a ideia do racismo não era comentada em casa e associada a essa história. No começo, em sua cabeça, ser negro era uma cor específica, não tinha vínculo com afrodescendência. Ela se achava morena, e o pai marrom. Ela não era vista como negra e não se via como negra.

Em um dado momento, uma aluna negra foi maltratada pela professora na frente de todos, na escola. Hoje, ela faz relação desse fato com a cor da pele da criança, mas, na época, foi a injustiça que a chocou. Ela acrescentou que, quando a mesma professora a maltratou, sua mãe foi reclamar. Mas, no final de contas, ela contou que nunca tinha sofrido assédio. Tinha um grupo de amigos, todos mais claros do que ela, e se conheceram quando tinham cinco anos. Segundo ela, essa situação era causada pela estatística: a maioria dos alunos tinha a pele mais clara que a dela. Ela achava que era uma questão de nível social também, pois o dela era maior; provavelmente, alunos pretos não estudavam na mesma escola ou tinham de desistir por questão de dinheiro.

Quando era adolescente, alisou o cabelo, incentivada pela mãe. Ela era muito insatisfeita com seu cabelo, pois o achava feio. Nessa época ninguém sabia cuidar do cabelo afrodescendente. Uma das únicas opções era o cabelo trançado pelo pai. Suas tentativas de alisar o cabelo geravam insatisfações também, porque ele não ficava liso, apenas menos inchado. No meio da graduação de psicologia, ela resolveu assumir os cabelos naturais. O jogo se inverteu: agora, ela sabe cuidar do cabelo e arrumá-lo do jeito de que gosta e tanto ela quanto os outros acham-no lindo. Aprendeu cuidar do cabelo na internet, usando óleos naturais. O ambiente da psicologia, na universidade, a ajudou, mas não foi uma outra menina afrodescendente que lhe mostrou isso. Durante a segunda entrevista, ela explicou que o fato de assumir os cabelos não tinha relação direta com a psicologia, ou o lugar onde estudou, mas ao contexto geral da sociedade e as mudanças que aconteceram: o valor maior que foi dado aos afrodescendentes e a seus cabelos. Como a pesquisadora comentou que, na psicologia, havia estudantes negros e perguntou se isso ajudava, ela concordou, porém não via uma conexão direta entre esses fatos.

Durante a segunda entrevista, dois meses depois, aconteceu uma mudança na vida profissional da entrevistada. Ela foi contratada como gerente de um restaurante. Nesse trabalho, ela tinha uma equipe de pessoas para gerir e tomava conta de todos os processos internos e externos do restaurante. Relatou que estava muito realizada profissionalmente nesse novo trabalho, pois estava tendo a chance de aplicar praticamente todos os conhecimentos da sua formação em psicologia organizacional e do trabalho. A parte difícil, para ela, era a carga horária um pouco extensa e diferenciada dos trabalhos comuns, por se tratar de um trabalho de gerente em um restaurante que funcionava à noite e em finais de semana.

Comentário

Na segunda entrevista, Gabriela fez várias considerações sobre o documento inicial. Ela até acabou usando seu computador e fazendo as correções ela própria.

Discussão

Ao ouvir a instrução inicial, Gabriela se questionou sobre suas possibilidades de responder a essa pergunta, pois tem pouca experiência profissional e nunca sofreu racismo no ambiente de trabalho.

Em sua história, ela enfatiza que a educação e o trabalho foram de grande valor tanto para sua mãe quanto para seu pai, embora ambos tivessem origens sociais diferentes.

Ela se lembra de seus pais tiveram uma atitude muito diferente diante das dificuldades da vida: sua mãe ficava zangada "na primeira oportunidade", enquanto seu pai sempre dizia para ela “não chorar o leite derramado”. Explicou essas diferentes atitudes por meio da história de infância singular de cada um. É a atitude mais "pacífica" de seu pai que ela opta por adotar para si mesma e declara que foi essa "filosofia" que a ajudou a manter sua decisão de mudar de curso na universidade. Escolha da qual ela nunca teve de se arrepender. Enfatiza que também manteve o caráter muito econômico de sua mãe. Assim como Romana Emiliana e Ailton em particular, vemos que, realmente, a criança observa e analisa os comportamentos dos mais velhos e escolhe aquele que lhe parece mais relevante, como a psicologia clínica já demostrou.

Embora a mãe sempre tenha sido exigente, principalmente no que diz respeito aos estudos, afirmou que ela, assim como o pai, sempre a valorizavam. A mãe dizia, por exemplo, que ela era a pessoa mais inteligente que conhecia, e isso lhe permitiu, segundo ela, ter sempre uma autoestima elevada, como Romana Emiliana, Eliete, Ailton e Kehinde também destacaram.

Gabriela diz que sempre foi preparada para dizer a verdade, como Kehinde também destacou, e, por isso, ela nunca mentia.

Em relação ao trabalho doméstico, era uma faxineira quem cuidava de sua casa. Mas sua mãe, como disse Gabriel, era muito exigente com elas e, portanto, muitas vezes tinha de dispensá-las. Nesse ínterim, seus pais cuidavam do trabalho doméstico. Tal como a Filipa se referiu, no casal, era principalmente o pai quem cuidava dessa necessidade. Nesse caso, era ele quem cozinhava. Encontramos, assim, uma distribuição do trabalho doméstico ligada à cor da pele dentro do casal, o que foi pouco colocado em evidência até agora.

Mas, em sua casa, as crianças não faziam nada. Para Gabriela, era uma forma de os pais cuidarem dos filhos, mas ela disse que se arrependia. Segundo Gabriela, essa é a explicação para a baixa tolerância do irmão à frustração. Ela não conseguiu explicar, no entanto, por que não desenvolveu essa atitude em relação à frustração, pois ela também não fazia o trabalho doméstico. A única diferença que via entre ela e seu irmão, em relação a isso, foi que ela tinha sofrido mais racismo do que ele na sociedade, por causa de seu cabelo muito encaracolado. Quanto a seu irmão, ele tinha a possibilidade de usar o cabelo muito curto, o que permitia escapar, mais do que ela, ao racismo existente na sociedade.

Sobre a violência dos pais, quando criança, a princípio, Gabriela diz que não sofreu. Mas ela ainda se lembra de ter recebido chineladas ocasionais de sua mãe, mas nunca uma surra de cinto, como costumava acontecer com seus colegas de classe naquela época. Não conseguia se lembrar de um exemplo de situação que gerasse esse tipo de violência, mas, após refletir, como foi o caso com a maioria dos outros participantes, ela disse que deve ter sido relacionada a alguma desobediência. Insistiu no fato de que a exigência que a mãe sempre lhe fazia tinha gerado o gosto pelo desafio.

Em sua fala, Gabriela dá grande ênfase às nuances da cor da pele das pessoas de sua família. A princípio, ela disse que o pai é negro e a mãe branca com traços afrodescendentes. Ela então acrescentou que, em sua cabeça, a princípio, ser negra era ter uma certa cor de pele, mas não fazia associação desse traço com a afrodescendência. Para ela, o pai era pardo e ela "morena". Não era vista como negra, nem se via como tal. Sua mãe, acima de tudo, negou a negritude dos filhos.

O que a levou perceber sua negritude foram os cabelos, dos quais ninguém, em seu núcleo familiar, sabia cuidar. Para ela, o cabelo afrodescendente era um problema específico das mulheres, pois bastava o irmão cortar o cabelo bem curto para resolver.

Ela passou a aceitar seu cabelo graças aos movimentos de autoestima que se desenvolveram entre os afrodescendentes na sociedade brasileira, quando ela se preparava para a licenciatura em psicologia. E aprendeu a cuidar do cabelo consultando *sites* que explicam como fazer isso na internet. Por isso, na época do estudo, ela já considerava seu cabelo lindo e os outros concordavam.

Como a maioria dos participantes deste estudo apontou, Gabriela lamentou que seu pai, afrodescendente, nunca tivesse falado mais do que anedoticamente sobre as situações de racismo que ele enfrentou em sua vida. Seu pai, como a maioria dos participantes afrodescendentes, viveu, no entanto, em condições muito difíceis quando era criança. Por exemplo, afirma que os irmãos do pai tiveram de dividir os sapatos para ir à escola.

Como Janaína e Filipa em particular, ela afirma ter plena consciência de ser privilegiada como afrodescendente por pertencer à classe média. Declara ter adquirido essa consciência graças a seu irmão Gabriel, e ele mesmo, segundo ela, teria alcançado essa consciência graças a seu pai.

Embora Gabriela tenha dito, no início, que não havia vivenciado o racismo nos locais de trabalho por onde passou, admitiu ter vivenciado o racismo nas relações sociais em geral. Para sintetizar seu pensamento, ela evoca "a cor negra da violência no Brasil".

Nas escolas particulares que frequentou, declara não ter sofrido racismo, mas diz que o presenciou numa situação que não associou com racismo, mas se sentiu indignada com a injustiça.

Se Gabriela admite ter sofrido, na época, as situações de racismo que teve de passar nas relações sociais em geral, não cita nenhum trauma que essas situações teriam gerado e que ela precisasse superar. Parece que a parte mais difícil foi lidar com o cabelo, e ela acabou fazendo isso sozinha, beneficiando-se das mudanças positivas geradas pelos movimentos de autoestima dos negros que se desenvolveram na sociedade.

Vemos, pelo caso de Gabriela, que sua condição social, a de classe média, não a protege totalmente do racismo nas relações sociais, mesmo que dele se proteja no mundo do trabalho e da escola.

CAPÍTULO

05 Discussão baseada nos relatos das 13 pessoas entrevistadas

Ao realizar este estudo, Valérie Ganem procurou responder às seguintes questões:

1. Como se concretiza, a articulação entre "situação antropológica fundamental" e "relação de dominação" nos relatos dos participantes?
2. Que circunstâncias favoreceram a saída do ''lugar do negro'' e o itinerário atípico dos participantes?
3. Como os impactos da herança da escravidão transatlântica nas atuais condutas de trabalho são transmitidos entre adultos e crianças?

A abordagem clínica usada neste estudo evita qualquer proposta de generalização. Pelo contrário, nesse tipo de abordagem é antes a singularidade que se destaca através das histórias individuais. O que buscaremos destacar aqui são as dinâmicas que apareceram transversais a essas diferentes narrativas e que, portanto, provavelmente, seriam encontradas em circunstâncias semelhantes.

Como Neusa Santos Souza, em sua obra *Tornar-se negro* (1983/2021), que nos apresenta 10 relatos, escreveu: "Nível de compreensão este que, obviamente, não me permite conclusões a serem generalizadas, mas me possibilite a elaboração de hipóteses que poderão vir a ser testadas por outros pesquisadores ou por mim mesma, num outro momento." (p. 109).

Mas a pesquisa clínica sempre nos encorajou a ter cautela nessa área. O que tem precedência é a complexidade e a singularidade da cadeia de circunstâncias para cada indivíduo.

1- COMO SE CONCRETIZA, A ARTICULAÇÃO ENTRE "SITUAÇÃO ANTROPOLÓGICA FUNDAMENTAL" E "RELAÇÃO DE DOMINAÇÃO" NOS RELATOS DOS PARTICIPANTES?

Valérie Ganem levantou a hipótese de que o que ligaria a situação antropológica fundamental às relações de dominação na sociedade seria a existência, dentro das famílias, de uma hierarquia que seria o reflexo das hierarquias sociais ligadas ao gênero e à cor da pele existentes na sociedade. Isso se manifestaria em todo um sistema de preferências dos adultos em relação a seus diferentes filhos. Esse sistema seria composto por diferentes mensagens distribuídas de acordo com a localização dos irmãos, o gênero e a cor da pele dos filhos e o que seria enigmático para eles. Todas essas mensagens atribuíam um lugar a cada criança na hierarquia familiar e social. Os elementos constitutivos desse sistema de preferências estudados aqui são: o diálogo, o incentivo ao sucesso escolar e a ternura, a vigilância dos movimentos e dos amores, por um lado, e o trabalho doméstico e a violência, por outro. Esse sistema de preferências sempre é

complexo e enigmático, no qual a criança tenta desempenhar um papel ativo, apesar da falta de possibilidade de entender, interpretar, traduzir esse sistema, o qual é suscetível de vir a constituir seu inconsciente e de marcar sua relação com a dominação quando se torna um adulto.

Através do relato de Marieta, pudemos identificar que as diferenças no tratamento dos adultos com suas filhas pareciam depender de toda uma série de fatores: sexo, cor da pele e lugar ocupado entre as irmãs, como Valérie Ganem já havia observado durante sua investigação em Guadalupe, mas também se incluem as circunstâncias que cercam o nascimento de cada criança. Isso foi relatado por Filipa, Eliete, Ailton, Kehinde e Gabriel.

O que também emergiu com mais clareza é o papel desempenhado pela criança na concessão de tratamento mais ou menos privilegiado pelos adultos. Parece que ela não se submeteria passivamente a essa atribuição e a esse sistema de preferência estabelecido pelos adultos entre os irmãos. Cada criança teria sua estratégia diante da arbitrariedade do adulto. Em particular, ela poderia buscar ativamente permanecer a favorita à custa de renunciar a seus próprios desejos, enquanto procuraria, a todo custo, atender às expectativas dos adultos. Ao contrário, ela pode ser rebelde ao tratamento que recebeu para dar sentido à injustiça que sentiria por não alcançar ser a favorita.

A doença também poderia desempenhar um papel nessa estratégia, e isso havia sido mencionado em Guadalupe. No Brasil, Romana Emiliana contou que sua irmã havia desenvolvido uma doença que a isentava dos afazeres domésticos, por exemplo, e Arnaldo relatou o mesmo fato em relação a sua irmã.

Essa estratégia adotada pela criança, diante da arbitrariedade do adulto, provavelmente continuaria a ser adotada por ela na idade adulta. Este estudo confirmou, portanto, a ideia de que essa primeira experiência de dominação que a criança experimenta em relação aos adultos que contribuem para sua educação é fundadora e marcará todas as relações de dominação que posteriormente manterá na idade adulta. Valérie Ganem levantou a hipótese de que a hierarquia social poderia ter penetrado na psiquê da criança no contexto dessa relação entre adultos e crianças por meio de uma hierarquia familial. Segundo ela, a hierarquia familial refletiria a hierarquia social. E ela marcaria a relação subjetiva com o trabalho e com a dominação das crianças que se tornaram adultos. Essa hipótese foi consolidada por esta pesquisa.

Os participantes, às vezes, explicam o comportamento de seus pais em relação a eles por sua própria história de infância, e dizem que escolheram adotar esse ou aquele comportamento deles com base no que lhes parecia relevante. Seu comportamento também pode ter mudado depois de conhecer outro adulto. Assim, não haveria previsibilidade do comportamento que acabará por ser adotado pela criança que se torna um adulto.

Também contaram o que seus irmãos e irmãs puderam oferecer aos pais em troca do tratamento que lhes fora reservado: uma maior tolerância em relação à homossexualidade, por exemplo, ou à possibilidade de evoluir em espaços reservados para brancos, em que os adultos não se aventuraram antes. Isso mostrou, mais do que no estudo em Guadalupe, como o gênio das crianças atuava nas relações que elas mantinham com os adultos que contribuíam para sua educação.

Presença e ausência de mensagem transmitida por adultos em relação à cor da pele

Muitas vezes, os adultos silenciam a respeito da hierarquia social ligada à cor da pele, como se observava em Guadalupe, mas seu silêncio também se estende aqui a seu difícil passado de afrodescendentes. Neusa Santos Souza (1983/2021) identificou isso também em sua obra *Tornar-se negro*, num subtítulo à p. 105: "C. Não falar no assunto". Assim, usando a teoria de Jean Laplanche, cabe entender esse silêncio como uma mensagem enigmática a ser traduzida para as crianças.

Enquanto isso, uma das participantes destacou que, para ela, a cor da pele negra não estava associada aos afrodescendentes na infância. Como Hodge Freeman (2018) também observou:

> Embora os participantes entendam que a escravidão existiu e que os negros foram escravos, o lugar de origem desses escravos e sua relação com essa história não está claro para eles. Embora a indústria do turismo seja baseada na conexão entre a Bahia e a África, muitas famílias não entendem e não percebem totalmente a relação. (p. 183).

Para as crianças, essa questão permaneceria enigmática e não as ajudaria a se reconhecerem como afrodescendentes, quando esse autorreconhecimento parece ser decisivo para sua saúde mental. Esse fenômeno não havia sido observado em tal escala em Guadalupe.

Reconhecer-se afrodescendente, muitas vezes, é decisivo para a saúde mental dos participantes que sofreram racismo, pois permite que se libertem da culpa, percebam que os maus-tratos a que foram submetidos foram injustos e vinculados ao racismo estrutural e não a qualquer falha de sua parte. Esse é especialmente o caso em famílias em que os pais não reconhecem seus descendentes negros (Filipa, Daniel), mas nem sempre. Ailton, por exemplo, não vivenciou o racismo. Então, a falta de discussão sobre a questão dos afrodescendentes em família não parece ter representado um problema psicológico para ele. É o caso de todos os participantes que afirmam não ter sofrido de racismo (Marieta, Arnaldo, Neide). O que magoa Ailton, quando ele passa a se reconhecer como afrodescendente é o racismo sofrido por outros afrodescendentes. O fato de se considerar branco, o fato de manter poucos traços fenotípicos de sua afrodescendência e a falta de discussão sobre o assunto em sua família permitem que Ailton se posicione como branco nas relações sociais e que não tenha medo de ser discriminado como afrodescendente. Isso explicaria, disse ele, por que não teve de suportar o racismo.

Então a história de Ailton mostra que seria a experiência do racismo que gera a importância para a saúde mental do sujeito de se reconhecer como negro para entender esse racismo e deixar de se culpar, acreditando que os maus-tratos são ligados a si mesmo, e não ao racismo estrutural.

Portanto, a existência de uma hierarquia social ligada à cor da pele e o racismo estrutural que a acompanha obrigam os indivíduos a se identificarem como negros para compreender o racismo de que são objeto injustamente e se livrarem da culpa e da vergonha que isso gera. Porém, para suportar esse racismo sistêmico, às vezes, é preciso negá-lo, como faz Eliete.

Na obra *Tornar-se negro* (1883/2021), a autora chega mais ou menos à mesma conclusão:

> A possibilidade de construir uma identidade negra – tarefa eminentemente política – exige como condição imprescindível a contestação do modelo advindo das figuras primeiras – pais ou substitutos – que lhe ensinam a ser uma caricatura do branco. Rompendo com esse modelo, o negro organiza as condições de possibilidade que lhe permitirão ter um rosto próprio. A outra alternativa, possibilidade impossível, em última instancia, frágil utopia que reduz o negro a se modelar segundo o figurino do branco, é aquela que, ao lhe acenar com um ideal inalcançável, engendra no negro uma ferida narcísica por não cumprir esse ideal. (p. 115-116).

Os participantes desta investigação, no Brasil, puderam acessar esse autorreconhecimento por diversos meios que também parecem ter sido decisivos: o fato de estar ao lado, quando criança, de companheiros que se reconhecem como tal; o fato de conhecer as histórias de seus pais afrodescendentes; bem como os movimentos feministas e a autopromoção de afrodescendentes que atualmente se desenvolvem no Brasil.

Hodge-Freeman (2018, p. 116) nota o surgimento, no Brasil, de um movimento estético “afro”, que representa um esforço ambicioso para criar novos modelos de beleza negra, a fim de resgatar a negritude, estabelecendo a África e as culturas africanas como objeto de orgulho, em vez de um objeto de vergonha.

Ao discutir a questão da hierarquia social relacionada à cor da pele, os adultos buscariam transmitir aos filhos mensagens sobre o fato de que os afrodescendentes precisam lutar mais e sempre ter cuidado na sociedade brasileira. O que foi identificado como estratégia de ascensão por Neusa Santos Souza (1983/2021, p. 103 e 105) também. Quando essas crianças são da classe média, os adultos tentariam fazê-las entender que são privilegiadas também. Além disso, alguns participantes se lembram de que a avó negra era aquela que sabia cuidar da terra e das plantas e era sensível ao meio ambiente e aos demais.

A cor da pele, se não for objeto de tratamento diferenciado dos pais, continua muito importante para os adultos em geral, aos olhos desses participantes, quando crianças. Principalmente suas nuances, que costumam designar as pessoas a partir da cor de sua pele. Já que os adultos nem sempre se reconhecem como negros e também não reconhecem seus filhos como negros, a cor "parda" e, em menor medida, "morena" parecem mais aceitáveis.

Elisabeth Hodge-Freeman (2018) ilustra o fato de que é pejorativo usar os termos "negro" e "negra" para designar uma pessoa. Um dos jovens participantes de seu estudo a esse respeito, sobre ela, que tem pele preta e outros traços fenotípicos de sua afrodescendência, assim como o marido, assim se expressa:

> Não, não, você não é preta, Elisabeth, você não é negra. Você é morena (ele faz uma pausa, olha para os meus braços, meus cabelos e meu rosto). Bem... Você é morena escura, mas você não é negra. Agora seu marido (pausa), ele é um pouco negro (ele se inclina, baixando a voz, e junta seus dois dedos em pinça). Mas você não é negra Elisabeth! Preto é a cor de... Preto é a cor de alguma coisa assim (apontando para meu caderno de anotações). Você não é assim, não é preta. (p. 183-184).

Hodge-Freeman adota o ponto de vista de Edward Telles (2004, p. 99) para explicar esses propósitos: “Os brasileiros buscam evitar ofender as mulheres de pele

escura de *status* elevado ao classificá-las como negras [...]. Referir-se a uma mulher como preta é sobretudo depreciativo e quase inconcebível no caso de uma mulher de *status* elevado". Hodge-Freeman declara, em seguida, qualquer que seja a pessoa mulher, homem ou criança, os termos "negro" ou "negra", para designá-la, são sempre julgados pejorativos.

A tonalidade da cor denominada "parda" foi utilizada pelos participantes deste estudo para denotar pessoas de cor de pele muito variada e, em menor extensão, a tonalidade "morena". Tendo em vista o conflito subjacente existente entre negros e brancos na sociedade brasileira, parece mais consensual usar esses tons de pele "parda" ou "morena" para todos, inclusive os brancos, quando eles têm um mínimo de consciência dos privilégios associados à branquitude, na sociedade brasileira. Essas tonalidades também são categorias utilizadas pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em suas estatísticas sobre a cor da pele da população. Pelas estatísticas de 2008 desse Instituto, a categoria "parda" é escolhida cerca de duas vezes mais que a de "negra" em todos os estados, incluindo a Paraíba (região Nordeste, onde a população afrodescendente é maior), três vezes mais no Distrito Federal (Brasília) e um pouco menos no Rio Grande do Sul, onde 63,5% dos entrevistados optaram por assinalar a alternativa "branca". "Morena" é usada com mais frequência, exceto no Distrito Federal (https://downloads.ibge.gov.br/downloads_estatisticas.htm, acessado em 18/05/2019 às 9h).

Filipa e Janaína evocam, em suas narrativas, a opção da mulher negra, face ao racismo, de ser "dura" a ser "servil". Paralelamente, elas sabem que esse lugar de servir doméstico é o lugar reservado à mulher de pele retinta na sociedade brasileira, quando o lugar da mulher negra de pele clara é o do servir sexual. Assim, Filipa e Janaina conhecem bem o lugar reservado às mulheres de acordo com a cor da pele e aprenderam isso em família, nesse caso, pela vivência da irmã de cor de pele diferente.

O cabelo das meninas é uma marca de sua afrodescendência, e os adultos pouco sabem cuidar dele

Entretanto, além da cor da pele, outra característica física dos afrodescendentes surgiu como problemática: a textura dos cabelos, principalmente para as meninas. Neste estudo, o cabelo é um grande problema para a maioria das meninas. Aqui, novamente Hodge-Freeman (2018, p. 110) já havia ressaltado esse aspecto, ilustrado pelas expressões "cabelo bom" e "cabelo ruim", essa última usada para o cabelo com textura afro. Assim, ela cita uma das participantes de sua pesquisa depreciando os cabelos de textura afro, ao falar abertamente sobre os da pesquisadora: "Cabelo ruim é o seu cabelo. Seu cabelo é ruim. O cabelo das pessoas negras é assim". Depois, valoriza cabelo liso: "O cabelo bom é bem liso, o cabelo das pessoas brancas". Para Hodge-Freeman, "o uso dessa terminologia é uma extensão das dicotomias históricas e rígidas de preto e branco, cacheado ou liso, africano ou europeu, selvagem ou civilizado". Ela acrescenta que é difícil ignorar as conexões diaspóricas, já que essas construções de *cabelo bom* e *cabelo ruim* são encontradas na língua inglesa com *good hair* e *bad hair*, e em espanhol como *pelo bueno* e *pelo malo*, todas baseados na ideia de inferioridade africana. A este respeito, deve-se admitir que essa distinção não é feita de forma tão clara, do que nós sabemos, em francês. Em Guadalupe, os participantes não a mencionaram. Um deles zombou, pelo contrário, dos intelectuais que falavam de racismo, mas tinham cabelos lisos.

O cabelo das meninas é, portanto, um problema para elas, especialmente porque não há adultos a seu redor que realmente saibam como cuidar dele. Quando sabem fazer, muitas vezes, isso consiste em trançá-lo. Uma das participantes disse que também percebeu o trabalho que isso exigia dos adultos e acrescentou que os prejudicava, quando era feito. As participantes desta pesquisa com os dois pais afrodescendentes e com mais de 40 anos (Romana Emiliana e Eliete) não mencionaram essa questão.

Esse problema do cabelo, para essas meninas afrodescendentes, também poderia ser explicado pelo fato de que o padrão de beleza vigente, em sua adolescência, era o dos brancos e, portanto, com preferência por cabelos lisos e loiros[1]. Vemos novamente, por meio de seus depoimentos, a importância desempenhada pelos movimentos de autoestima que atualmente estão sendo desenvolvidos por e para os afrodescendentes.

O trabalho doméstico raramente recai sobre as crianças, apesar da autonomia que ele gera

No Brasil, o trabalho doméstico é mais frequentemente realizado por uma empregada doméstica. O cuidado dispensado por ela às crianças está muito pouco presente nas falas dos participantes. A única que faz referência explícita a isso é Filipa, cuja avó materna era empregada doméstica, paga por sua filha, a mãe de Filipa. Isso está de acordo com a hipótese defendida por Rita Laura Segato em seu livro *O édipo brasileiro*.

Na ausência de uma empregada doméstica, esse trabalho é feito pelos pais, nessas famílias, muitas vezes apenas pela mãe ou, às vezes, pelo pai quando ele tem pele mais escura. É interessante notar aqui que o critério da cor da pele se aplica à distribuição desse trabalho entre o casal, mais do que entre os filhos, que muitas vezes são poupados dele. Os adultos que fizerem essa escolha a verão como uma forma de cuidar de seus filhos. Quando o trabalho é feito por crianças, pode ser dividido de acordo com o sexo. Na maioria das vezes, os meninos não fazem nada, ou apenas cuidam do jardim, enquanto as meninas cuidam do interior da casa. Muito raramente, o trabalho é distribuído entre irmãos com base na cor da pele das crianças, segundo os participantes. Só Filipa menciona esse fato, em relação à irmã mais velha, associando-o também à circunstância de a situação econômica dos pais ter ficado mais difícil quando a irmã nasceu.

O trabalho doméstico, por outro lado, é frequentemente distribuído entre os irmãos de acordo com a idade de cada um. Assim, o trabalho doméstico não implicaria, tanto como em Guadalupe, o tratamento reservado às crianças pelos adultos. Por outro lado, para quem tem de fazê-lo desde criança, ou que aprende por conta própria depois, saber fazer o trabalho doméstico aparece como uma fonte de autonomia, o que também se observou em Guadalupe. Um dos participantes acrescentou que a falta de trabalho doméstico, quando criança, pode levar a uma baixa tolerância à frustração.

Violência e seu significado

No Brasil, a violência infligida às crianças parece menos intensa do que em Guadalupe, nas famílias desses participantes. Na realidade, a prática de "castigos corporais" muito citada, especialmente a "chinelada na bunda", não parece gerar muita

[1] Ver, em *Tornar-se negro* (1883/2021): “é a autoridade da estética branca que define o belo e sua contraparte, o feio, nesta nossa sociedade classista, em que os lugares de poder e a tomada de decisões são ocupados hegemonicamente por brancos.” (p. 59). Ver também as pesquisas sobre branquitude.

dor, se quisermos acreditar nos participantes. A prática de golpes de cinto também parece bastante frequente, mas não muito presente, no caso dos participantes. A mais velha dos participantes (65 anos) testemunha uma violência mais intensa, mencionando o uso do ramo de goiabeira e ameaças de estrangulamento. No Brasil, as razões para a violência física seriam mais raramente relacionadas ao não desempenho do trabalho doméstico do que em Guadalupe. Aqui, a violência seria mais ligada à desobediência em geral e, em menor medida, à insolência.

Percebeu-se a importância do significado que é dado à violência pelos adultos e a importância de fazer com que as crianças a ela submetidas reconhecessem esse significado. Essa questão foi explorada com mais profundidade durante essas conversas no Brasil.

Filipa e Gabriel, que sofreram violência dos adultos à sua volta, embora apenas ligeiramente, disseram preferir essa violência às explicações dos adultos, que geram a culpa e os colocam face às suas responsabilidades, enquanto a violência física que sofreram poupa-os de questionamentos e reflexões. Vê-se bem, aqui, a contradição que existe entre violência e pensamento.

O significado da violência no Brasil acabou sendo diferente daquele que havia sido destacado em Guadalupe. O que justifica a violência dos adultos, segundo os participantes, é o desejo de vê-los sair de sua condição e lhes dar limites. O que mais frequentemente provocava violência por parte dos adultos era a desobediência das crianças ou, em menor medida, sua insolência, mais do que o trabalho doméstico (como era o caso em Guadalupe). Lembremo-nos de que, na maioria das vezes, as crianças ficam isentas desse trabalho nessas famílias, pela presença de uma empregada doméstica ou pelo fato de os pais pensarem que cuidarão melhor de seus filhos assumindo todo esse trabalho.

Nas falas dos participantes, raramente existe menção a tratamento diferenciado das crianças fora do critério de idade para a distribuição do trabalho doméstico e para o uso da violência em menor grau. Isso não significa que esse tipo de tratamento privilegiado não exista na sociedade brasileira. Outros autores recentemente mostraram muito bem a existência desse fenômeno em famílias brasileiras (Hodge-Freeman, 2018; Vainer Schucman, 2018). Isso significa que não foi mencionado pelos participantes e que, portanto, não poderemos avançar aqui na análise desse fenômeno ligado à cor da pele.

2- QUE CIRCUNSTÂNCIAS FAVORECERAM A SAÍDA DO ‘‘LUGAR DO NEGRO’’ E O ITINERÁRIO ATÍPICO DOS PARTICIPANTES?

Para colocar de uma forma um pouco caricata, trata-se de uma questão de entender, aqui, como os participantes conseguiram sair do “lugar do negro”, estabelecido dentro da sociedade brasileira, entendido como vinculação ao trabalho doméstico e ao trabalho braçal.

Através da narrativa de Eliete, podemos ver que a expressão “o lugar do negro” não é compreendida no sentido de trabalho apenas, mas também no sentido de espaços físicos reservados aos negros nas cidades, no mundo. Filipa falou também desses lugares reservados.

Frequentemente, são os pais dos participantes que fizeram a transição do “lugar do negro” para outro mais adequado às suas aspirações. Parece que a maioria dos adultos dá muita ênfase à importância da educação e do trabalho para vencer na vida. Hodge-

Freeman (2018) também observou isso sobre a educação: "Em todas as famílias, a educação formal é altamente valorizada como a chave para a mobilidade social e o sucesso futuro." (p. 232). A autora até usa a frase "educação é salvação" como subtítulo. Porém, para os mais pobres, a primeira preocupação é alimentar os filhos e construir uma casa.

Ailton e Kehinde insistem sobre o fato de que o respeito foi ensinado com mensagens verbais, mas também pelo comportamento respeitoso adotado pelo adulto em relação aos outros. Nessas duas histórias, existe uma relação entre a importância e a autenticidade do respeito nas relações entre adultos e crianças, e a ausência de experiência do racismo, de um lado, e a autoestima do outro. A liberdade que experienciaram parece também cumprir um papel importante nesse processo, segundo eles.

A existência de um superior que lhes dê autoconfiança parece desempenhar um papel também para esses dois participantes. Assim como os adultos que os cercaram quando crianças, a atitude dos superiores hierárquicos, durante as primeiras experiências profissionais, parece decisiva para aprender a inspirar respeito, embora o racismo estrutural exista nos círculos profissionais percorridos.

A partir das histórias de Ailton, Kehinde, João, Gabriel e Gabriela, podemos levantar a hipótese de que a valorização e o respeito que um sujeito recebeu quando criança é favorável a que se autovalorize tal como ele é, e que, dessa forma, evite ter de lidar com a discriminação. Porém temos um contraexemplo através da história de Eliete, que também foi valorizada e respeitada quando criança e, ainda assim, teve de enfrentar o racismo em seu trabalho. Sem dúvida, isso também depende do ambiente de trabalho em questão. O mundo acadêmico em que Eliete evoluiu, por exemplo, onde os negros são particularmente poucos em número, sem dúvida lhe foi desfavorável. Por outro lado, o alto nível social em que Kehinde, João, Gabriel e Gabriela foram criados provavelmente também contribuiu para o fato de não terem sofrido discriminação dentro dos meios de trabalho. O racismo, mais presente na região Sudeste do que no Nordeste, também pode ter sido igualmente desfavorável contra Eliete.

Também foi visto, sem surpresa, que o fato de os pais deixarem seus filhos escolherem o trabalho que desejam, sem julgamento, é favorável a seu destino atípico.

Sempre fazer bem o seu trabalho e ter uma postura profissional (Arnaldo, Ailton, Kehinde) também parecem constituir uma condição favorável para não sofrer de racismo nos locais de trabalho por onde passam, bem como o fato de não apresentarem muitos traços fenotípicos de sua afrodescendência (Marieta, Arnaldo, Ailton). O fato de pertencer à classe média (Marieta, Kehinde, Gabriela, Gabriel) também cumpre seu papel. Mas pertencer à classe média não protege Janaína, que guarda mais traços fenotípicos de sua afrodescendência. Vemos, através desses relatos, como Hodge-Freeman sublinhou, que existe uma verdadeira “traçocracia” (p. 294) em andamento no Brasil com seu impacto sobre a vida das pessoas.

Por meio das falas de diversos participantes, pudemos perceber que não apenas os pais podem desempenhar um papel no destino profissional de seus filhos, mas também os mais velhos, em geral. Nesse caso, podem ter sido avós e irmãos mais velhos.

Além das mensagens de cautela ligadas ao racismo, alguns adultos transmitem também mensagens a seus filhos com o objetivo de torná-los adultos que se valorizem, que sejam responsáveis, que enfrentem as adversidades, não mintam, respeitem os

outros, sem esperar nada deles. Se seguirmos o que dizem os participantes, geralmente isso surtirá o efeito desejado e estará diretamente ligado à originalidade de seu itinerário.

O respeito que os adultos demonstram pelos outros e pelos filhos gera neles uma autoconfiança muito útil para enfrentar a dominação da sociedade, em geral, e do local de trabalho, em particular. Isso promove uma atitude obediente aos adultos, mas não uma obediência cega.

O trabalho aparece, ao lado dos estudos, como único meio de escapar "do lugar do negro"

Três participantes, de origem mais pobre do que os demais, mencionaram que o trabalho autônomo lhes dava a possibilidade de escapar do "lugar do negro". Vemos a conservação do potencial emancipatório que esse tipo de trabalho tinha para os "escravos de ganho" e para os escravos recém-libertos.

O trabalho aparece, junto com os estudos, como a única forma possível de ascensão na hierarquia social da cor da pele, ou, dito de outra forma, de escapar do lugar reservado aos negros na sociedade brasileira. Todos os participantes e seus ancestrais mobilizaram muita energia para isso, o que vai contra o "imaginário brasileiro", que considera os afrodescendentes como preguiçosos. Pelo contrário, os participantes ou seus antepassados e avós, especialmente os nascidos pobres, são forçados a trabalhar muito cedo, alguns a partir dos sete anos, para se dedicar a qualquer trabalho, incluindo os mais explorados, para ajudar as famílias e (ou) para satisfazer a suas necessidades secundárias. Os mais velhos aprenderam o ofício no trabalho e estudaram, ou, na maioria das vezes, ainda estudavam enquanto trabalhavam, simultaneamente. Em Guadalupe, a escola obrigatória até os 16 anos implica, sem dúvida, o fato de o trabalho infantil (além do trabalho doméstico) não ser mencionado.

3- COMO OS IMPACTOS DA HERANÇA DA ESCRAVIDÃO, NOS ATUAIS COMPORTAMENTOS DE TRABALHO, SÃO TRANSMITIDOS ENTRE ADULTOS E CRIANÇAS?

Há uma hierarquia social ligada à cor da pele, herdada da escravidão, bem presente na sociedade e no ambiente de trabalho. É um dos traços mais concretos e objetivos da herança da escravidão, na sociedade brasileira, como ocorreu também em Guadalupe e em todas as sociedades herdeiras da escravatura[2].

Alguns participantes fizeram uma ligação entre o racismo existente no Brasil e a prática da escravidão, de um lado, e a hierarquia social ligada à cor da pele, de outro. A história de Romana Emiliana permite-nos ver como se transmitiu a herança da escravatura numa instituição como a da fazenda, que emergiu do sistema escravista.

Em seu livro *Tornar-se negro*, Neusa Santos Souza (1982, 2021), como Hodge Freeman (2018), insiste sobre a herança da escravidão na sociedade brasileira afirmando:

> A sociedade escravista, ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões

[2] Ver colorismo: Walker, A. (1983) In Search of our Mothers' Gardens: Womanist Prose. New York: Harcourt Inc.; Hugues, M & Hertel, B. (1990) The significance of colour remains, Social Forces, vol. 69, n°1, p. 1105-1120.

> de interação com o branco, e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior.
>
> Convém explicitar que raça aqui é entendida como noção ideológica, engendrada como critério social para distribuição de posição na estrutura de classes. (p. 48).

Mas ela não insiste o bastante, a nosso ver, sobre o fato de que isso gera também uma distribuição do trabalho. Podemos até fazer uma hipótese de que foi para justificar essa distribuição injusta do trabalho que foi criada essa noção horrível de raça.

Isso é muito significativo no Brasil, e muito bem ilustrado pela expressão "o lugar do negro", que corresponde ao trabalho que era realizado por escravos na época (trabalho doméstico para as mulheres e físico para os homens). Hodge-Freeman (2018) o identifica com o trabalho feminino: “esse tipo de trabalho [empregada doméstica] é desvalorizado como um trabalho de mulher negra e ligado a uma história de escravidão” (p. 146).

Neusa Santos Souza (1983/2021 o identificou para o trabalho masculino:

> Resquício do período escravista, em que o negro era a “besta de carga”, sua decantada resistência física está associada a um destino mítico que lhe garante a necessária competência para as tarefas árduas. (p. 61).

Essa intensidade de racismo, na sociedade e, em particular, no trabalho, contribuiria para o que os adultos considerem preferível ensinar os filhos a adotarem uma atitude irrepreensível, para sofrer menos, do que ensiná-los a resistir. E isso, na esperança de subir na hierarquia. Poderia ser uma reminiscência da conduta de escravos obedientes em sua procura por alforria.

O trabalho em si, a forma como é discutido nas famílias e o racismo que reina no local de trabalho têm recebido muito pouca atenção de Hodge-Freeman e Neusa Santos Souza. No entanto, ele esteve muito presente neste estudo.

O racismo está bastante presente na sociedade brasileira[3]. Os participantes brasileiros costumam se referir a ele, mais do que os participantes da sociedade de Guadalupe, ao que parece. Um exemplo é particularmente marcante: no Brasil, os políticos são brancos, inclusive em regiões onde a população é predominantemente negra. Esse fenômeno é quase inexistente em Guadalupe.

O racismo está muito presente na vida dos participantes, tanto nas relações sociais, na escola, na universidade (embora em menor escala) e no trabalho. Pode assumir uma forma velada ou agressiva. Se os negros são malvistos no Brasil, certos aspectos culturais ligados a eles (música, gastronomia, por exemplo) são bem-vistos, o que é confuso e teria permitido que o mito da democracia racial existisse e perdurasse na sociedade.

Elisabeth Hodge, em sua obra *A cor do amor* (2018, p. 25), destaca que, desde muito cedo, no discurso dos dominantes, a modernidade era associada à branquitude dentro dessa população mestiça, que foi a sociedade brasileira desde a escravidão. Para isso, ela faz referência a Nancy Leys Stepan (1991): “Os apelos para guiar a nação rumo à

[3] Segundo estudo 2018 do IBGE sobre as desigualdades sociais, segundo a cor e a raça, 68,6 % das funções de gestores são ocupadas por brancos, e somente 24,4 % dos deputados federais eleitos são pardos ou pretos.

modernidade ressoaram na elite branca, mas ela teve medo de não o ser devido ao fato de sua própria mestiçagem" (p. 45) e a Santos e Hallewell (2002):

> Suas elites, usando discursos que ligavam a modernidade à branquidade, atribuíam o subdesenvolvimento de sua nação à "barbárie africana", acreditando que faltava motivação à população "parda" e negra para manter uma forma de vida civilizada. (p. 64-65).

Na mesma linha, uma das participantes atesta que lhe foi difícil poder ir ao terreiro e, ao mesmo tempo, levar uma vida moderna.

O racismo, frequentemente, gera sofrimento para a maior parte dos participantes, e eles sempre demoram muito para superar esse sofrimento e para continuar, apesar de tudo, a buscar um modo de escapar do lugar que é reservado aos negros na sociedade brasileira. Essa busca envolveria o reconhecimento de si mesmo como afrodescendente, digamos. Mas, de forma mais concreta, as seguintes estratégias têm sido evocadas como objeto de transmissão dos adultos: o fato de "branquear" a raça favorecendo parceiros de cor de pele mais clara, de persistir contra todas as probabilidades, de não se deixar ser pisoteados, de ter sucesso financeiro, de responder à violência com violência...

O racismo também se manifesta, nesta pesquisa, pelo fato de que todos esses participantes, ou pelo menos um de seus ancestrais afrodescendentes, tiveram de se submeter a condições de vida muito difíceis.

Um amálgama entre o trabalho e o conforto financeiro que ele proporciona

Quando perguntei a Romana Emiliana se gostava desse trabalho de babá, que fazia aos 13 anos, ela respondeu afirmativamente e justificou-se pelo fato de ter sido nessa casa que tinha aprendido a lavar os sanitários, não existentes em sua casa na época. Ela também gostou do trabalho porque foi assim que começou a ganhar um salário. Assim, ela amalgama trabalho e dinheiro. Muitos, entre os participantes desta investigação, farão o mesmo. Os mais pobres explicavam isso pelo fato de que o trabalho era sua única forma de sobreviver e que, às vezes, os prendia em um trabalho insatisfatório. Isso tem tudo a ver com a estratégia de defesa da luta pela sobrevivência colocada em evidência com os operários da construção civil.

A capacidade de deixar um emprego insatisfatório transmitida dentro das famílias

Vimos que Romana Emiliana não hesita em mudar de emprego para encontrar um melhor, ao longo da sua carreira. Por exemplo, quando "cansada de se destacar sem retorno", ela compra mercadorias em São Paulo para financiar sua viagem ao Norte do país, que deseja explorar. Ela decide se estabelecer por lá, finalmente. Essa também é uma característica muito encontrada nos participantes desta pesquisa, que não hesitam em abandonar o trabalho por vários motivos, porque estão sujeitos ao racismo, ou porque esse trabalho põe em perigo sua saúde, por exemplo, e isso ocorre embora saibam da falta de segurança social no Brasil para os desempregados. Eles não parecem estar preocupados se encontrarão um emprego novamente, embora, para alguns, essa atitude possa colocar em risco sua sobrevivência e a de suas famílias. Isso vai de encontro a todos os dados clínicos coletados na França, no campo da saúde mental no trabalho, na época

deste estudo, em que os assalariados tendem a permanecer no emprego, embora ele cause doenças.

É obvio que essa atitude tem a ver com a existência de mais oportunidades de emprego no Brasil, no momento da pesquisa. Tem a ver também com a forte exploração dos trabalhadores no Brasil. Mas queríamos, aqui, colocar a hipótese de que essa atitude frente a situações inaceitáveis no emprego poderia também ser herdada da escravidão transatlântica, tal como era praticada no Brasil, em particular, com a prática da fuga das pessoas escravizadas para obter sua liberdade. Mas não temos nenhum fundamento que o comprove. Para isso, seria necessário que fosse feito um inquérito coletivo com os trabalhadores que praticam essa "rotatividade" quando não há possibilidade de emprego na região, como era o caso dos indivíduos escravizados, que fugiam das plantações sabendo que sua sobrevivência, como fugitivos e fugitivas, seria extremamente difícil de manter.

Ao final desta pesquisa no Brasil, podemos levantar a hipótese de que os adultos ensinariam a seus filhos que, para sair do lugar reservado aos negros na sociedade brasileira, seria necessário estudar e trabalhar incansavelmente e se comportar bem no trabalho. Assim, por meio de esforço, eles poderiam ter esperança de encontrar um emprego mais satisfatório e subir na hierarquia social ligada à cor da pele, como foi o caso das pessoas escravizadas, que esperavam, assim, obter sua alforria e ganhar um lugar para si na sociedade branca. Portanto, os adultos preferem ensinar seus filhos a obedecerem, recorrendo à violência para fazê-lo, quando necessário. Esses adultos também lhes ensinariam a não ter medo de sair quando a situação de trabalho não fosse mais sustentável. Assim, as crianças aprenderiam, pelo exemplo de adultos, que são capazes de mudar de emprego quando necessário e (ou) pelo apoio que os adultos à sua volta podem lhes dar se tomarem a decisão de deixar seus trabalhos.

CAPÍTULO

06 Conclusão

A escravidão transatlântica está intimamente ligada às origens do capitalismo, à industrialização, à criação de sistemas bancários e de seguros. Aurélia Michel mostrou isso claramente em seu último livro *Un monde en nègre et blanc*. Estaríamos, portanto, interessados em entender melhor como ambos os lados se defenderam face ao sistema de gestão da mão de obra original do capitalismo e aos vestígios que permanecem na relação subjetiva com o trabalho atual.

Esse aspecto dificilmente foi explorado pelo lado dos dominantes, herdeiros dos proprietários de escravos, e constitui uma importante via de pesquisa a ser explorada. Em relação aos trabalhadores e herdeiros de pessoas reduzidas à escravidão, por outro lado, várias formas de estratégia de defesa coletiva têm sido destacadas:

- Desobediência e resistência no contexto do trabalho assalariado em Guadalupe.
- Estratégia de defesa da luta pela sobrevivência e da alegria defensiva nas relações sociais de trabalho no Brasil.

Essas estratégias de defesa são específicas e eficazes, mas são objeto de preconceitos pejorativos por parte de empregadores e gestores. O outro inconveniente é que, como todas as estratégias de defesa coletiva, elas reduzem o pensamento sobre o que causa sofrimento. O destaque dessas estratégias de defesa tem contribuído, muitas vezes, para a implementação de certas transformações necessárias na organização do trabalho nessas áreas de intervenção.

A hierarquia social ligada à cor da pele, herança direta e objetiva da escravidão na sociedade atual, pode repercutir até mesmo nas famílias. Isso foi mostrado em Guadalupe (Ganem, 2012) e Hodge Freeman (2018) e Vainer (2018), em particular, o mostraram no Brasil. Essas repercussões se manifestam na forma de uma hierarquia existente nas famílias, entre os filhos da família extensa. Também diz respeito ao gênero.

Por causa da neotenia, não nos acostumamos apenas com a superioridade dos idosos e dos homens sobre as mulheres. Também estamos nos acostumando com a superioridade dos brancos sobre os negros.

Essa hierarquia familiar se materializa em um tratamento diferenciado das crianças pelos adultos a seu redor, próximo à atribuição de gênero descrita por Jean Laplanche. É, cada vez mais, uma experiência particular, pela singularidade de tal mensagem enigmática, referente à singularidade do inconsciente tal e qual a do adulto, e à singularidade da reação ou tradução da criança. A atribuição da cor da pele ocorre cada vez de forma diferente em cada relação entre o adulto e a criança.

Essa hierarquia existente nas famílias, que é o reflexo da hierarquia existente na sociedade, gera um sistema de preferências entre os diversos filhos, entre os irmãos, que os prepara para as relações de dominação na sociedade. As estratégias que os filhos

desenvolverão para enfrentar esse sistema são susceptíveis de marcar sua relação com a dominação na sociedade e no trabalho, em particular, quando atingem a idade adulta. A introdução da cor da pele como critério de preferência ajudou a mostrar isso.

Assim, no que diz respeito ao gênero, o ponto de partida da atribuição, no sentido de Jean Laplanche, seria o sexo observado da criança. À criança seria, assim, atribuído um lugar na hierarquia social ligada ao gênero, em que o homem está no topo e a mulher na parte inferior.

Em relação à raça, o ponto de partida para a atribuição seria a cor da pele observada e outros traços fenotípicos afrodescendentes estigmatizados pelos colonizadores. À criança seria também atribuído um lugar na hierarquia social ligada à cor da pele, em que o branco está no topo e o negro na base.

Ao ler o livro *Le monde en nègre et blanc* de Aurélia Michel, compreendemos que, na realidade, essas hierarquias foram constituídas, no início, por uma questão de trabalho, para justificar uma certa distribuição nesse âmbito.

Em relação ao gênero, o trabalho doméstico e o trabalho de cuidado eram atribuídos às mulheres, enquanto os trabalhos físicos, intelectuais e de liderança eram reservados aos homens. O que justificou essa divisão do trabalho é a alegada superioridade dos homens sobre as mulheres na hierarquia social.

Quanto à raça, o trabalho doméstico, o trabalho de cuidado e o trabalho físico foram atribuídos aos negros, enquanto o trabalho intelectual e o de liderança foram reservados para os brancos. Da mesma forma, o que justificava essa divisão do trabalho era a alegada superioridade dos brancos sobre os negros na hierarquia social.

Assim, a centralidade do trabalho, defendida pela psicodinâmica do trabalho, seria tanto mais relevante quanto a análise histórica proposta por Aurélia Michel. A desconstrução das hierarquias sociais implicaria, portanto, buscar distribuir, de forma equitativa, o trabalho e, em particular, o doméstico e o físico. No Brasil, o lugar do negro, o trabalho mais árduo, em todos os momentos, esteve reservado aos designados como inferiores na hierarquia social, para justificar essa distribuição favorável aos dominantes.

Neste livro, não abordamos a questão dos quilombos, e a relação com o trabalho como ali se transmitiu desde a escravidão. No entanto, esse é um objeto de pesquisa fundamental para quem deseja compreender uma outra forma oferecida aos afrodescendentes de conquistar sua liberdade.

Entretanto, se admitirmos que a escravidão transatlântica está na origem da industrialização e dos sistemas bancários e de seguros, temos o direito de pensar que a análise da relação subjetiva com o trabalho, tal como se transmite nos quilombos, pode ser útil a todos no combate contra a exploração de que somos objetos nos locais de trabalho, ainda, no mundo atual.

REFERENCIAS

[1] Adilson Moreira (2019). Racismo recreativo. Feminismos plurais. Polen: São Paulo.

[2] Alibar, F & Lembeye, P. (1983). Le couteau seul…Sé Kouto sèl… La condition féminine aux Antilles. (Vols.1-2). Paris : Editions Caraïbéennes.

[3] Araujo Filgueiras, V. (2015). Saúde e segurança do trabalho na construção civil Brasileira In A. Da

[4] Ayouch, T. (2018). L'hybride, le psychique et le social : pour une psychanalyse mineure. K. Revue trans-européenne de philososphie et arts,1, 2/2018, 106-123. En ligne https://revue-k.univlille.fr/data/images/Numero-1/9-Psychanalyse%20mineure%201.pdf

[5] Bonniol, J-L. (1992). La couleur comme maléfice. Une illustration créole de la généalogie des Blancs et des Noirs. Paris : Edition Albin Michel.

[6] Cabanes, R. (2002). Travail, famille mondialisation. Paris : Karthala.

[7] Chiland, C. (Ed.). (1993). L'entretien clinique. Paris: P.U.F.

[8] Dejours, C. (1995) . Le facteur humain. Paris : P.U.F « Que sais je ? ».

[9] Dejours, C. (1998). Souffrance en France. Paris : Seuil.

[10] Dejours, C. (2003). Pour une théorie psychanalytique de la différence de sexes. In A. Green, I. Grubrich-Simitis, J. Laplanche, J.G. Schimek; C. Chabert, C. Dejours & J.C. Rolland (EDs.). Sur la théorie de la séduction (pp. 55-68). Paris : In press.

[11] Dejours, C. (2009). Le travail vivant. Travail et émancipation (Vols. 1-2). Paris : Payot.

[12] Delanoë, D. (2015). Les châtiments corporels de l'enfant, une forme élémentaire de la domination. L'Autre, 16, 48-58.

[13] Fanon, F. (1952) Peau noire, masques blanc. (2è éd.). Paris : Points.

[14] Ferreira da Cunha, S. (2015). Perfil do mercado de trabalho brasileiro e dos trabalhadores na construção civil. In A. Da Silva, J. Lima de Souza, I. Fonseca de Souza, L.A. Scienza, M. Coifman Branchtein, S. Ferreira da Cunha, V. Araujo Filgueiras (Org.) & W.R. Simon, Saude e segurança do trabalho na construção civil brasileira. Document on publié, Ministério Publico do Trabalho. Procuradoria Regional do Trabalho da 20e Região – Sergipe.

[15] Freud, S (1915). Œuvres complètes. 1914-1915. Métapsychologie. Pulsions et destins des pulsions (Vol. XIII). Paris : PUF, 1994

[16] Freud, S (1916). Œuvres complètes. 1915-1917. Leçon d'introduction à la psychanalyse (Vol. XIV). Paris : PUF, 2000

[17] Gaignard, L. (2020). Le travail n'est pas une affaire personnelle. La cure psychanalytique non plus. Paris : d'une.

[18] Ganem.V. (2006) Un processus d'assignation peut en cacher un autre. Travailler, 16, 171-182.

[19] Ganem, V. (2007) Le rapport subjectif au travail en Guadeloupe. Analyse des incidences de l'héritage de l'esclavage sur les conduites actuelles des salariés dans l'hôtellerie. Thèse de doctorat de psychologie non publiée, Ecole doctorale Entreprise Travail Emploi, Paris. https://hal.science/tel-01423428

[20] Ganem, V. (2012). La désobéissance à l'autorité. L'énigme de la Guadeloupe. Paris : P.U.F.

[21] Ganem. V. (2018) Spécificités de stratégies de défenses de travailleurs pauvres au Brésil, Nouvelle Revue de Psychosociologie, 26, 155-166.

[22] Ganem, V. (2019). L'enquête de psychodynamique du travail canonique : prescription et réalité. Travailler, 41, 61-74.

[23] Ganem, V. (2020). Héritage de l'esclavage transatlantique et conduites actuelles des travailleurs pauvres au Brésil. Travailler, 44, 53-70.

[24] Ganem, V. (2021). Aux Frontières du Travail : Analyse des incidences de l'héritage de l'esclavage transatlantique sur les conduites au travail actuelles. De la Guadeloupe au Brésil. (Mémoire de synthèse en vue de l'obtention du diplôme d'Habilitation à Diriger des Recherches) Université Sorbonne Paris Nord. https://hal.science/tel-03213229

[25] Héritier, F. & Molinier P. (2014). La valence différentielle des sexes, création de l'esprit humain archaïque. Nouvelle revue de psychosociologie, 17, 167-176.

[26] Hodge-Freeman, E. (2018). A cor do amor. São Carlos : EdUFSCar.

[27] Jaquet, C & Bras, J. (Eds.). (2018). La fabrique des transclasses. Paris : P.U.F.

[28] Laplanche, J. (1987). Nouveaux fondements pour la psychanalyse (2è Ed.). Paris : P.U.F.

[29] Laplanche, J. (2003). Le genre, le sexe, le sexual. In A. Green, I, Grubrich- Simitis, J. Laplanche, J.G. Schimek, C. Chabert, C. Dejours & J.C. Rolland. Sur la théorie de la séduction (pp. 69-104). Paris : In press.

[30] Michel, A. (2020). Un monde en nègre et blanc. Paris: Seuil.

[31] Miller, A. (1981). C'est pour ton bien (3è éd.). Paris : Aubier.

[32] Morice, A. (1989). Les travailleurs du bâtiment a João Pessoa (Brésil). Document non publié. Rapport de recherche intermédiaire.

[33] Paiva, E.F (1995). Escravos e libertos nas Minas Gerais do século XVIII, estratégias de resistência através dos testamentos (3è ed.). São Paulo, Anablume, Belo Horizonte, PPGH/UFMG.

[34] Paixão, M. (2010). Relatorio anual das desigualdades raciais no Brasil 2009-2010. Rio de Janeiro : Garamon, Ltda

[35] Régent, F. (2021) Du préjugé de couleur au préjugé de race, le cas des Antilles françaises. Revue d'histoire moderne & contemporaine, 3: 64-90.

[36] Reis, J. & Silva, E. (1989) Negociação e conflito. A resistência negra no Brasil escravista. São Paulo : Compania das letras.

[37] Sainton, J-P. (2018) Les vecteurs de la continuité en Guadeloupe et Martinique: présences de l'esclavage dans les structures sociales et dans les représentations esclavagistes. In: A. Charles-Nicolas & B. Bowser (eds.) L'esclavage : quel impact sur la psychologie des populations? Paris: Idem Editions.

[38] Santos, A. D. S., & Hallewell, L. (2002). Historical roots of the "whitening" of Brazil. Los Angeles, Latin American Perspectives, 20, 1, 61-82.

[39] Santos Souza, N. (1983). Tornar-se Negro, Edição Zahar, 2021.

[40] Santos, S. A.; Hallewell, L. (2002). Historical roots of the "whitening" of Brazil. Latin American Perspectives, v. 20, n. 1, p. 93-113.

[41] Schimek, C. Chabert, C. Dejours & J.C. Rolland. Sur la théorie de la séduction (pp. 69-104). Paris : In press.

[42] Schwartz, S. (1992) Escravos, roceiros e rebeldes. São Paulo : EDUSC.

[43] Segato, R-L. (2014). l'Œdipe noir (Léa Gauthier, trad.). Paris : Payot. (Œuvre originale publiée en 2006).

[44] Sjöberg RL & Lindblad F (2002). Limited disclosure of sexual abuse in children whose experiences were documented by videotape. American Journal of Psychiatry. 159, 312-314.

[45] Silva, J. Lima de Souza, I. Fonseca de Souza, L-A, Scienza, M. Coifman Branchtein, S. Ferreira da Cunha, V. Araujo Filgueiras (Org.) & W.R. Simon. Saude e segurança do trabalho na construção civil brasileira. Document non publié,Ministério Público do Trabalho. Procuradoria Regional do Trabalho da 20eRegião – Sergipe.

[46] Stepan, N. L. The hour of eugenics: race, gender, and nation in Latin America, 1890-1916. Ithaca, Cornell Université Press, 1991.Telles, E. E. Race in another America: the significance of skin colour in Brazil. Princeton: Princeton University Press, 2004.

[47] Vainer Schucman, L. (2018). Familias inter-raciais. Salvador : EDUFBA.

www.poisson.com.br
contato@poisson.com.br

@editorapoisson

https://www.facebook.com/editorapoisson